



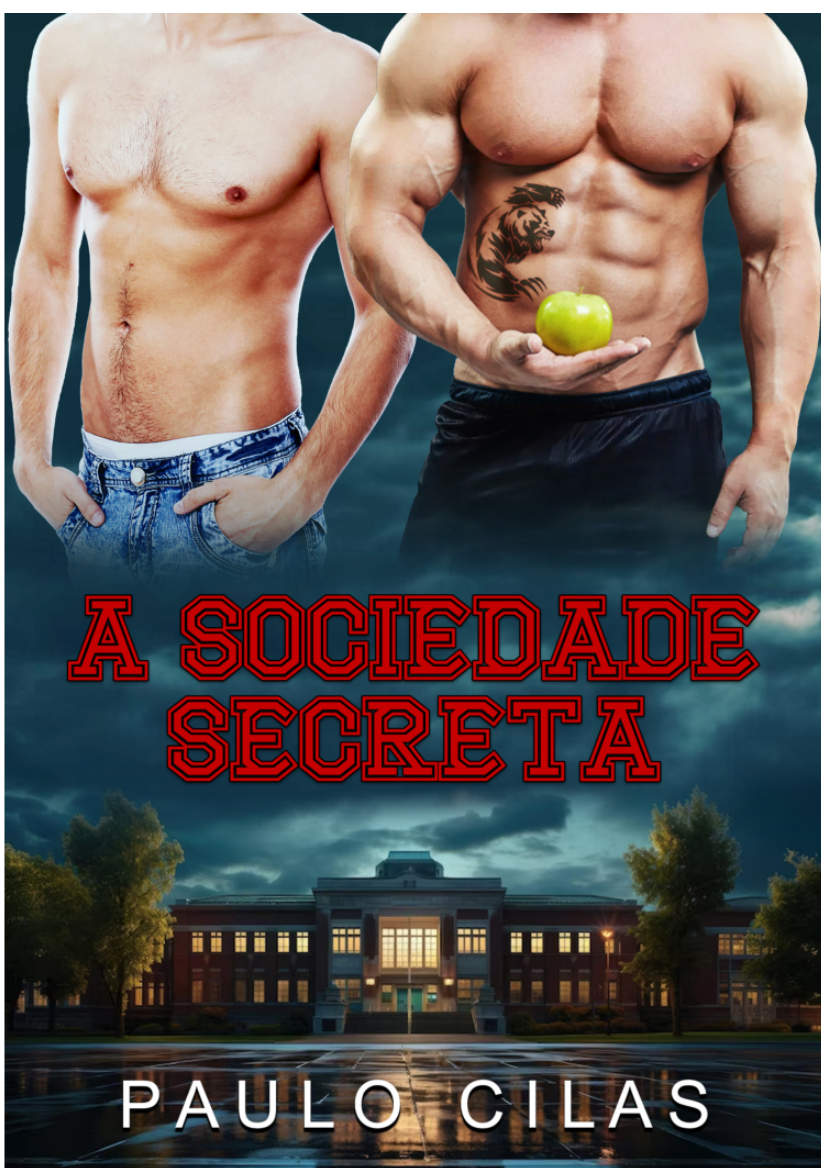
A SOCIEDADE SECRETA



PAULO CILAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A SOCIEDADE SECRETA

PAULO CILAS

Copyright © Paulo Cilas, 2023

Diagramação: Paulo Cilas

Capa: Paulo Cilas

Revisão: Paulo Cilas

Revisão gramatical e ortográfica seguindo o Novo Acordo Ortográfico de 2009.

1ª edição, 2023.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados a Paulo Cilas

Classificação Indicativa: 18 +

Contém cenas de romance entre homens, possíveis gatilhos com homofobia, operações policiais com tiros, violência e vítimas fatais.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real serão mera coincidência.

Esse livro é dedicado a todos os leitores que procuram se encontrar nas histórias que leem. Foi para me encontrar que comecei a escrever.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

CONHEÇA TAMBÉM

PRÓLOGO



Mateus Fortes estava ansioso. Fazia pouquíssimo tempo que tinha se formado no curso de letras e já havia conseguido seu primeiro emprego como professor de literatura em uma pequena escola. Aquela era uma oportunidade incrível, com a qual ele sonhara a vida inteira. Sempre quis inspirar mentes jovens a seguirem seus sonhos. E estando perto daquelas pessoas, também conseguiria atrair algumas delas para o seu novo projeto.

No fundo, ele não se sentia completamente feliz. Tinha mandado uma mensagem para os pais, contando as novidades, mas não obteve nenhuma resposta. Nem sequer um recado, desejando boa sorte. Eles não aprovavam sua escolha de profissão, assim como não aprovavam nada mais em sua vida.

A única coisa que alegrara sua mente nas últimas semanas era aquele projeto em que vinha trabalhando, mas não podia compartilhar isso com ninguém. Se a *Sociedade* viesse a conhecimento do público, podia acabar chamando a atenção das pessoas erradas, e isso era exatamente o que ele não queria. Já bastava no ano anterior, quando teve que enfrentar a fúria de um homem que o culpava pelos desaparecimentos contínuos de sua filha.

Agora ele trabalharia com adolescentes e as coisas não podiam sair do controle. Se algum pai de mente fechada descobrisse o que ele fazia, poderia ter problemas até mesmo com a polícia e isso não seria nada bom para sua imagem de professor. Não podia estragar tudo em seu primeiro emprego de verdade.

Mateus estava sentado à mesa do café, terminando de preparar uma aula no notebook, quando a barista se aproximou pela quinta vez de sua mesa.

— Deseja mais alguma coisa? — ela perguntou.

— Não, eu estou bem — disse ele.

— Tem certeza? Acabei de tirar croissants do forno e eles estão quentinhos, tenho certeza de que iria gostar.

— Talvez mais tarde, tenho que terminar isso aqui primeiro.

— Tudo bem, me avise se mudar de ideia.

Aquela garota definitivamente estava tentando flertar com ele, mas Mateus não estava interessado. Não que ela fosse feia, muito pelo contrário, era uma beldade de pele negra em idade universitária. Provavelmente trabalhava ali para pagar os estudos. Mas a questão é que ele simplesmente não se interessava por mulheres de maneira geral.

Essa tinha sido a origem de seus problemas com os pais. Eles agora já toleravam o assunto, mesmo que ainda não aprovassem. Mas os primeiros anos após Mateus revelar que era gay tinham sido difíceis. A família Fortes não teria herdeiros da parte dele, era o que diziam. O que as pessoas da alta sociedade iam pensar ao saber que o filho de uma família tão importante era homossexual? Para ele, isso não faria a menor diferença, porque nunca gostara daquelas pessoas. Nem mesmo de Stefano, seu namorado de adolescência, que agora era casado com uma mulher para preservar as aparências.

Mateus estava perdido em pensamentos e olhando pela janela quando ele apareceu em seu campo de visão. O cara mais bonito que Fortes já tinha visto em toda sua vida. Ele passou pela sua frente e entrou no café, indo direto até o balcão.

O garoto devia ter dezoito ou dezenove anos e era simplesmente magnífico. Pele clara, cabelos e olhos escuros. Magro, meio desengonçado no jeito de andar, mas lindo. Enquanto fazia seu pedido, o rapaz sorria para a barista como se fossem velhos amigos. Em nenhum momento sequer desviou os olhos dela, devotando sua total atenção para a garota. Talvez ele estivesse a fim dela, isso era totalmente provável.

Fortes salvou o arquivo em que vinha trabalhando e guardou o computador em sua bolsa estilo carteiro. Ele precisava sair dali e ir para casa tomar um banho frio. Fazia um longo tempo desde seu último encontro e ele tinha noção de que não era nada saudável ficar encarando estranhos dentro de um café. Esperou o rapaz ir embora e foi até o balcão.

— Mudou de ideia quanto aos croissants? — perguntou a barista.

— Hoje não, quero só a conta, por favor — disse ele.

— Ah, que pena.

Enquanto ela somava o valor do que ele havia consumido, Mateus Fortes deu uma última olhada para a porta do café, por onde aquele cara lindo e interessante tinha acabado de sair. Então soltou um suspiro, sabendo que sua curiosidade tinha levado a melhor e que ele era um caso perdido.

— Aquele era seu namorado? — perguntou para a garota.

— Quem?

— Aquele rapaz que saiu daqui agora.

— Ah, o Lucas? — Ela perguntou dando uma risada. — Não, ele definitivamente não é meu namorado, é apenas um cliente amigo.

— Ela parecia mesmo bem amigável.

— Ele frequenta o café desde que comecei a trabalhar aqui, mas ultimamente só tem comprado alguma coisa e levado para casa — ela explicou. — Antigamente, ele sentava e ficávamos conversando quando o local estava vazio, mas ultimamente acho que ele está estudando demais.

— Entendi — disse ele.

Mateus sabia que agora a barista ia pensar que ele também estava interessado nela, mas planejava não voltar ali, mesmo sabendo que aquele rapaz era um frequentador assíduo. Lucas, ele gostava desse nome. E o rapaz era estudioso, definitivamente um aluno universitário. Fortes ficou curioso para saber o que ele estudava.

Saiu do café e pegou o carro que tinha estacionado ali perto. Quando parou em um cruzamento a duas quadras de distância, viu novamente o rapaz. Ele estava atravessando a rua distraidamente, como se não tivesse nenhuma preocupação na vida.

Talvez fosse coincidência ou fosse o destino dando uma segunda chance para Mateus, mas ele não ia parecer um maníaco perseguindo um cara que nem conhecia pela rua. Se o destino quisesse, eles iam se encontrar de novo em algum momento. Então acelerou o carro e foi para casa, esquecendo completamente daquilo.

A aula no dia seguinte formaria a primeira impressão que os alunos teriam dele. Não queria passar a imagem de um carrasco, mas também não seria um desses professores bobos com quem os alunos fazem o que querem. Tudo na vida depende de equilíbrio.

Estava deitado na cama, terminando seu plano de aula, quando o celular começou a tocar. Era Diego, um amigo que tinha feito por causa da *sociedade*.

— Fala, Dieguito — disse ao atender.

— Mateus, você está animado, aconteceu alguma coisa?

— Só estou empolgado para o trabalho amanhã.

— É por isso que liguei — disse o amigo. — Para desejar boa sorte e muita merda, é assim que a gente fala no teatro.

— Obrigado, já estou sentindo o frio na barriga.

— Vai dar tudo certo, tenho certeza. Olha o que você fez com a

gente, éramos um bando de pessoas sem rumo e você nos deu amigos, família, um lar.

— Você sabe que sempre seremos uma família, Diego. O que une nosso grupo muitas vezes é mais forte que os laços de sangue.

— E eu não sei disso? — perguntou Diego. — Por isso, tenho certeza de que vai dar tudo certo amanhã. Vá até lá e salve aqueles adolescentes rebeldes de si mesmos. E na formatura deles, vou estar presente para te ver receber o troféu de melhor professor.

— Você sabe dizer exatamente o que estou precisando.

— E é por isso que sou seu melhor amigo. Mas agora tenho que ir, estou no intervalo, só liguei mesmo para dizer isso.

— Muito obrigado e vê se não some.

— Claro que não, a gente se vê essa semana na reunião.

Fortes encerrou a ligação e foi para o chuveiro. Estava se sentindo encorajado e confiante após a ligação. *Que se dane a família*, pensou ele. Tinha amigos que supriam essa necessidade de apoio que sentia desde criança. Amigos que valiam a pena.

Sua intenção ao escolher a carreira de professor era justamente mostrar para os alunos que eles podiam ser o que quisessem, que nada devia impedir seu sucesso. E ele tinha que ser a prova disso. Nem mesmo pais abusivos e sua sexualidade foram barreiras para que não seguisse seu sonho, então os dramas de adolescentes normais talvez fossem fáceis para ele lidar.

Mateus Fortes estava certo de que o dia seguinte seria um sucesso quando deitou a cabeça no travesseiro. Diego tinha razão, ele encontraria um laço com os alunos, seria rígido, mas não os trataria como se fossem apenas números na sala de aula. Afinal, ensinar era sua paixão e ele estava extremamente empolgado para isso. Só não esperava que fosse encontrar uma dificuldade tão grande em seus primeiros minutos na escola.

Lucas ainda era pequeno quando a mãe foi levada pelo véu da morte. Por muito tempo, ele e o pai sofreram e, na verdade, ainda lamentavam o acontecido, como se nunca pudessem superar. Seu pai, o delegado da cidade, nunca mais conseguiu ser totalmente completo, nem encontrou novamente o amor nos braços de outra mulher. Lucas só tinha um amigo no mundo, Igor, e foi nele que encontrou estruturas para superar o que vinha acontecendo.

Estavam prestes a começar a frequentar o último ano de ensino

médio da escola preparatória, ansiosos para se tornarem alunos notáveis, ao contrário do que tinham sido desde então. Lucas era bem magro e desajeitado, o que o impedia de se destacar muito nos esportes, mas Igor e seu amigo Fernando vinham provando desde o Ensino Fundamental que tinham algum potencial para a coisa.

Quando Lucas acordou, o pai já tinha saído para o trabalho; ele sempre saía mais cedo que o garoto. Igor passaria em sua casa para caminharem juntos até o colégio, como tinham feito durante todos aqueles anos. Mal tinha acabado de tomar o café da manhã, quando ouviu o barulho da campainha.

— Chegou cedo — disse quando atendeu.

— Estou ansioso, quero começar logo.

— Dizem que o primeiro dia de aula define se seu terceiro ano vai ser bom ou ruim durante todos os meses, espero que a gente comece com o pé direito.

— Não vamos conseguir se você continuar enrolando dentro de casa. Vamos logo, Lucas.

Os dois saíram da casa e não demoraram muito para chegar ao colégio, que não ficava muito longe dali. Logo na entrada, foram pegar os horários para saber quais seriam as aulas do dia. Ainda não sabiam como seria cursar tantas disciplinas mais avançadas e estavam preocupados com isso.

Quando deixavam alguns livros no armário, ainda com o papel dos horários em mãos, Igor disse para Lucas:

— Primeiro temos literatura.

— Moleza, a Carla é ótima, todos sabem que é fácil passar com ela.

— Mas aqui não diz que é ela, está escrito que é um tal de Mateus Fortes.

— Sério? Que estranho... O que será que aconteceu com a Carla?

— Ela está de licença por causa de um acidente e eu estou no lugar dela agora — disse um homem atrás deles.

Ele era forte, alto, com a barba por fazer e as sobrancelhas grossas. Os olhos verdes não davam ao rosto de traços fortes um ar menos ameaçador. Parecia que Fortes estava ali obrigado e que mataria qualquer estudante que entrasse em sua frente.

— A aula vai começar em cinco minutos, acho bom que não se atrasem, ou vão acabar tendo um final igual ao dela — disse com os olhos ameaçadores em Lucas, como se o conhecesse de algum lugar, e saiu rapidamente pelo corredor.

Marcela Puglia, uma garota da sala deles, acenava para Igor quando Lucas puxou o colarinho de sua camisa.

— Vamos logo, Igor, você ouviu o que ele disse, não quero chegar atrasado, aquele cara vai acabar me matando. Viu como ele olhou pra mim?

— Relaxa, cara, ainda faltam cinco minutos para a aula e eu falei para o Fernando que ia esperar ele chegar.

— Bom, se você quiser, pode esperar, eu estou indo — Lucas respondeu.

— Não deve ter ninguém na sala ainda, vai ficar lá sozinho com o professor?

— Qual é o problema?

— Cuidado, ele parece estar com fome, pode acabar te mordendo!

Lucas riu ironicamente da piada sem graça do amigo, mas acabou esperando junto com ele; realmente não gostaria de ficar sozinho com aquele homem em uma sala de aula pequena. Quando finalmente Fernando chegou, no último minuto, os três foram correndo para a sala, lamentando o fim das férias, porque o dia mal tinha começado e eles já podiam sentir a pressão que era estar no último ano do ensino médio.



CAPÍTULO 01



Fortes não podia acreditar que aquele rapaz que despertou sua atenção no café no dia anterior era apenas um aluno de ensino médio. E pior de tudo, ele seria seu aluno de literatura logo em sua primeira aula. Aquilo mudava completamente o jogo, ele não poderia mais ser o professor amigável que tinha planejado, precisaria fazer de tudo para afastar aquele garoto, antes que ideias perigosas comesçassem a germinar em sua cabeça. Mesmo que para isso precisasse encarar a imagem de professor carrasco que nunca havia gostado.

Estavam todos os alunos conversando, contando como foram as férias, quando o professor bateu a porta e foi andando a passos pesados até a frente da sala. Todos ficaram em silêncio, apreensivos. Estavam acostumados a ser recebidos com cumprimentos, gestos de aprovação e “bom dia”, mas aquele cara não parecia conhecer as regras de polidez.

— Não sei o que foi dito a vocês até aqui e não sei qual a liberdade que receberam, mas quero que saibam que na minha sala vai ser diferente. Não aceito conversas, brincadeiras ou nenhuma outra coisa estúpida de adolescente. Estamos aqui para estudar literatura e é isso que vamos fazer. Se alguém não gosta da matéria, é melhor se esforçar bastante para passar, senão ano que vem terão que cursar novamente a disciplina. Mas saibam que, um dia ou outro, vão precisar disso e vão ter que me aguentar, porque não estou querendo sair deste posto tão cedo.

Os estudantes se entreolharam, tentando entender se aquilo era um aviso ou uma ameaça. Os mais tímidos, como Lucas, encolheram-se na cadeira; outros simplesmente ficaram olhando para o Professor Fortes com expressões desafiadoras.

— O que achou desse cara? — sussurrou Daniel no ouvido de Lucas. Desde sempre, ele sentava atrás do garoto, mesmo no ensino fundamental.

— Não sei ainda. Assustador, talvez?

— Eu achei ele bem gostoso.

— Daniel, ele é nosso professor! — protestou Lucas.

— Eu sei, mas só não vê isso quem é cego.

Lucas reparou no professor enquanto ele escrevia no quadro. Realmente, o cara podia ser considerado bonitão, ou boa pinta. Era jovem, não passava dos vinte e três anos; tinha um corpo bom, ao contrário da maioria dos professores, e o rosto também não era feio, apesar de dar medo.

O restante da aula correu de maneira relativamente tranquila, o professor apenas explicou algumas coisas, mostrando o que fariam durante o ano, traçando um panorama histórico da literatura de língua portuguesa. Lucas gostava da matéria e gostava também de ler, o que fez com que se interessasse pela maioria dos tópicos que seriam abordados, mas a maioria dos outros alunos só ficou assustada com o tanto de coisas que teriam que ler.

— Alguém sabe qual é o nome da maior obra épica em língua portuguesa? — perguntou Mateus Fortes.

A sala permaneceu em silêncio.

— É a língua de vocês! Não é possível que não conheçam a própria história — reclamou. — Se ninguém responder, serei obrigado a dobrar o dever de casa.

Alguns alunos começaram a lamentar.

— *Os Lusíadas* — respondeu Lucas.

— Como se chama? — perguntou Mateus, como se não soubesse o nome do garoto.

— Lucas Oliveira.

— Muito bem, a resposta está certa, mas por ter demorado a falar, agora vou querer um trabalho de duas páginas sobre *Os Lusíadas* para a próxima aula. E não adianta ninguém reclamar. Se quiserem culpar alguém, culpem o senhor Lucas, que sabia a resposta e não queria dizer. Estão dispensados por hoje.

Quase em sincronia com a fala do professor, tocou o sino de final da aula. Lucas ficou um tempinho a mais guardando seus materiais, para fugir dos outros alunos, mas Igor e Fernando ficaram esperando na porta.

— Cara, o que aconteceu? — perguntou Fernando.

— Desculpa, por minha causa vão ter que fazer esse trabalho também.

— Lucas, relaxa, ninguém está te culpando, esse professor que é um babaca.

Ainda falavam sobre a aula enquanto pegavam o material de álgebra no armário. Daniel também tinha se juntado a eles.

— Eu acho que aquele mau humor todo é falta de sexo — disse ele.

— Cara, você é pirado — comentou Igor.

— Nem tudo no mundo se resume a isso — completou Fernando.

— Eu penso assim e acho que tem mais gente que concorda comigo — disse Daniel, dirigindo o olhar para Lucas. — Pensou naquilo que eu disse na aula?

— Cara, você precisa de um banho frio para se controlar — repreendeu Lucas. — Vamos voltar para a sala, antes que a gente se atrase. Não quero me ferrar em mais uma matéria no primeiro dia.

— Do que ele está falando? — perguntou Igor quando os outros se afastaram em direção à sala.

— Nada demais, aquele ali é doido.

O restante das aulas até o intervalo correu bem, nenhum outro professor parecia querer matar os alunos. Chegando ao pátio, sentaram em uma mesa mais ao centro. Não tinham necessidade de se esconder como faziam no ensino fundamental, mas também não eram descolados o suficiente para sentar nos locais mais populares. Alguns colegas de classe pegaram mesas próximas, como LÍlian, o namorado Gabriel e a melhor amiga, Marcela, que a todo momento olhava para Igor, dando risadas.

Daniel era o melhor amigo de Gabriel, mas desde o começo do namoro com LÍlian, os dois tinham se afastado um pouco e o garoto estava andando mais com o grupo de Lucas. Na hora do intervalo, eles conversavam sobre tentar entrar para o time de handebol, o esporte mais popular na escola, só porque um jogador famoso da seleção tinha estudado ali. Era bem diferente de todos os outros colégios, que só tinham futebol. Lucas não queria, mas os amigos acabaram o convencendo a tentar também. Ele sabia que não teria nenhuma chance, mas poderia até ser divertido tentar entrar em alguma coisa com os amigos.

Quando as aulas do dia acabaram, os quatro foram para o vestiário se preparar para os testes e acabaram encontrando com Gabriel, Bruno e Ronaldo, outros garotos de sua turma. Alguns meninos de outras turmas também tentariam entrar para o time. Todos ali eram maiores e tinham melhores condições físicas que Lucas.

— Ei Bernardes, tá querendo deixar esse nariz ainda mais torto? — Gabriel provocou Igor. — Handebol não é esporte para um franguinho igual a você.

— Nem para uma galinha loira igual você — disse Daniel em

tom de brincadeira, mas ao mesmo tempo advertindo o ex-melhor-amigo.

Os candidatos foram para o campo e o treinador Anderson começou a falar o que esperava deles no teste. Quando passou na frente de Lucas, parou e fez uma cara estranha quando olhou para ele. Depois de dar as instruções, mandou os garotos começarem a correr em volta do campo para se aquecer. Logo, Igor e Lucas eram os últimos da fila da corrida. Daniel era o primeiro, em seguida vinham Gabriel e Ronaldo, seguidos por alguns alunos mais novos. Um dos garotos passou mal no meio do treino, acabou confessando que tinha asma e foi logo cortado. Lucas ficou assustado com a atitude do treinador, mas depois lembrou que os esportes não eram justos e pessoas que não se encaixavam no perfil eram logo eliminadas.

Quando acabou a corrida, começaram a treinar o esporte em si. Lucas era um pouco melhor naquela parte, por causa de sua boa pontaria, mas acabava levando desvantagem quando era marcado por algum dos garotos maiores. Daniel parecia derrubar o garoto de propósito toda hora. Com seus quase dois metros de altura, ele trombava em Lucas e ria quando ele ia de encontro ao chão, algumas vezes até se jogando por cima.

Quando acabaram os testes, o treinador chamou a todos no vestiário para falar das convocações.

— Não sei se ficaram sabendo, mas todos os jogadores que sobraram do ano passado estão suspensos, por causa de uma brincadeira infeliz que fizeram. Não tenho escolha a não ser convocar a maioria de vocês, mas vamos dobrar o número de treinos, porque vocês são patéticos e vão ter que aprender muita coisa. Como vocês dois que ficaram por último se chamam?

— Igor Bernardes, senhor.

Lucas estava distraído nos próprios pensamentos.

— E você? Qual o seu nome? — gritou o treinador, balançando os ombros do garoto.

— Lucas Oliveira.

— Já tivemos um Oliveira no time, nenhum outro sobrenome?

— Não, treinador.

— Vocês dois vão para a reserva, junto com alguns alunos do segundo ano. O resto possivelmente pode ir para os titulares, vou testar amanhã como vocês funcionam como um time. Quem chegar um minuto atrasado está fora.

Quando estavam indo para casa, Lucas ainda não acreditava que tinha entrado na equipe. Mesmo sendo reserva, o pai nunca ia

acreditar, considerando seu histórico de fracassos. Talvez as coisas melhorassem, afinal, e mesmo com os problemas que enfrentaria, tinha a perspectiva de que poderia ter um ano ligeiramente mais promissor que os anteriores.



CAPÍTULO 02



Lucas passou quase a noite toda fazendo seu trabalho de literatura, nunca tinha lido *Os Lusíadas* e seria difícil falar sobre algo que não conhecia. Sabia que a maioria dos amigos pegaria resumos na internet e alguns deles tirariam notas maiores que as suas, mas não se importava de verdade, aquilo ia compensar quando fosse fazer os exames de vestibular. E se não tirasse uma nota boa nessas provas, não conseguiria entrar em uma universidade pública, ou não conseguiria uma bolsa de estudos; não queria depender do dinheiro do pai para pagar pela faculdade.

Quando o professor pediu o trabalho para a próxima aula, não imaginava que ela seria logo depois do intervalo no dia seguinte e só foi perceber isso quando conferiu o horário da semana ao chegar em casa. Já na escola, Lucas começou a receber olhares raivosos de alguns colegas de classe, parecia que eles finalmente o culpavam pelo dever. Na hora do intervalo, Igor e Fernando ainda terminavam de escrever algumas coisas nos próprios trabalhos e Lucas acabou ajudando um pouco, para não ficar com a consciência tão pesada.

Chegou a hora da aula e o professor recolheu a tarefa como se não estivesse sendo odiado pela maioria dos alunos. Alguns, que não conseguiram fazer, receberam uma advertência. Por sorte, Lucas tinha feito. A soma de três advertências cortava os alunos do time de handebol e ele não podia se dar a esse luxo. Durante a aula, o garoto fez questão de responder a todas as perguntas que o professor fazia e, quando não sabia alguma resposta, os outros alunos respondiam, algumas vezes de forma errada, só para não deixar Mateus Fortes nervoso.

A aula acabou e, por sorte, Mateus só tinha passado a quantidade normal de dever para fazerem. Só teriam literatura de novo na sexta-feira, o que dava bastante tempo para isso. Lucas guardou o material e, quando ia saindo da sala para beber água, o professor chamou:

— Lucas, posso ter uma palavrinha com você?

— Claro, professor.

— Vem comigo por um momento.

Fortes esperou até que estivessem afastados da sala para começar a falar.

— Lucas, já considerou a hipótese de pedir dispensa da disciplina? Com as suas notas, tenho certeza de que a direção consideraria a possibilidade, mesmo isso sendo incomum.

— Como, professor? Nunca nem pensei que isso fosse possível.

— O vestibular está chegando e você pode aproveitar o tempo para estudar para as outras matérias, pode haver alguma coisa em que tenha dificuldade e assim aproveitaria melhor o tempo. Posso conversar com o diretor, tenho certeza de que ele vai concordar. Já que sabe tanto, pode fazer uma prova valendo a nota de todo o ano.

— Literatura me interessa — Lucas respondeu. — Não quero perder as aulas.

— É mesmo? Então por que não me respeita como professor? — perguntou Fortes.

O garoto olhou boquiaberto para o professor, porque em nenhum momento pensou que estava fazendo algo errado. Pelo contrário, sempre foi elogiado pelos professores por sua dedicação, então não podia nem começar a imaginar o que tinha feito de errado para irritar tanto esse homem.

— Eu não respeito? — perguntou, com um nó na garganta.

— É claro que não, chega aqui com essa sua atitude petulante de sabichão, achando que conhece tudo, que sabe mais do que eu. Não admito alunos insubordinados em minha sala de aula.

— Mas eu não fiz nada! — protestou o garoto.

— A sua presença me incomoda, Lucas, mas falo para o seu bem quando digo que deve aproveitar o tempo para estudar outra matéria.

— E se eu quiser continuar indo às aulas?

— Vai ter que sofrer as consequências e seus amiguinhos vão sofrer com você — disse o professor, com um olhar irritado.

— Isso não é justo!

Mateus Fortes sabia que não estava mesmo sendo justo, mas que outra opção ele tinha? Havia sonhado com o garoto a noite toda e não podia permitir que esse tipo de coisa continuasse acontecendo. Aquele era seu aluno, não uma pessoa com a qual pudesse ter qualquer tipo de envolvimento. Passar a noite pensando em beijos não era algo saudável, acordar excitado era pior ainda, então resolveu falar algo que faria o garoto se afastar, mesmo que seu coração doesse

ao fazer isso.

— Eu ter que olhar na sua cara todas as aulas também não é justo — disse. — Mas não sei se alguém já te falou isso, a vida é injusta. Pode voltar agora, antes que se atrase para a aula de outro professor, não quero privar ninguém além de mim da sua presença. Pense sobre o que eu falei, vai ser melhor para nós dois.

Lucas voltou para a sala se sentindo péssimo. O que tinha feito para aquele cara o tratar daquele jeito? Só tinha respondido a algumas perguntas e, desde o primeiro dia, o professor estava pegando em seu pé. Não queria abandonar sua turma, iam acabar pensando que era um esnobe ou mimado, coisas que não tinham nada a ver com ele. Todo mundo que conhecia continuaria tendo aulas de literatura. Ele não aceitaria nenhum tipo de tratamento especial porque um professor cismou com ele sem motivo aparente.

O garoto não conseguiu se concentrar em mais nada naquele dia. Mesmo a conversa dos amigos parecia distante, como se ele estivesse embaixo d'água e ouvindo de longe as coisas que aconteciam à sua volta. Por sorte, não teve que fazer muito no treino, porque os novos jogadores titulares estavam se adaptando ao campo. Ele, Igor e uns outros garotos só ficaram pegando as bolas e levando para os colegas que estavam treinando.

Acabando a prática, todos foram para o vestiário tomar banho e trocar de roupa. Lucas estava esperando Igor para ir embora, quando Daniel sentou ao seu lado em um banco.

— O que o Fortes queria? — perguntou.

— Nada demais — mentiu Lucas.

— Aquele cara é misterioso, acho que esconde alguma coisa.

— Tipo o que?

— Talvez tenha matado alguém...

— Credo, acha que isso é possível? — perguntou Lucas, com os olhos arregalados.

— Eu não duvidaria. Por via das dúvidas, é melhor não chamar muita atenção na sala de aula. Ele te olha de uma forma estranha.

— Pois é, acho que está meio tarde para mim, o cara com certeza já sabe quem sou e, pelo visto, me odeia.

— Está a fim de seguir ele hoje? — Daniel perguntou.

— Como assim?

— Ontem eu vi que ele saiu daqui sem o carro, não deve ir para muito longe, talvez a gente descubra alguma coisa.

— E o seu plano de ficar invisível? — Lucas perguntou.

— Isso é para dentro da sala, no lado de fora ele não pode fazer nada com a gente — argumentou o amigo.

— Ou talvez ele possa, já que não tem ninguém vigiando. Mas quer saber? Eu já tô ferrado mesmo, então vamos, vou só avisar ao Igor que não vou voltar com ele hoje.

— Te espero lá fora então, perto da saída dos professores. Não demora.

Alguns minutos depois, Lucas encontrou com Daniel perto de onde tinham combinado. Já estava quase na hora de os professores saírem e a maioria deles ia direto para o estacionamento. Com sorte, o professor Fortes passaria por eles e os dois conseguiriam segui-lo sem problemas.

Demorou um pouco para que saísse, a maior parte das pessoas já havia ido embora. Ele parecia ter deixado todo mundo ir, para ficar sozinho e assim poder sair sem a companhia de ninguém. Pelo menos, era isso que Lucas pensava. Depois que ele passou pelo local onde os garotos estavam escondidos, ficaram esperando mais um tempo, até que pudessem sair sem que ele percebesse que era seguido.

Ao contrário do que Daniel tinha sugerido, o homem caminhou por um longo tempo, sem nunca olhar para trás. Lucas e Daniel se escondiam atrás de cada poste, mas o professor parecia ser confiante demais para suspeitar de que alguém estava atrás dele.

Estavam chegando a uma parte menos movimentada do bairro, com a vizinhança um pouco suspeita. Mateus Fortes continuava caminhando, como se tivesse feito aquele caminho durante toda a vida. Chegou à beira de um corredor entre duas construções altas e entrou.

Daniel e Lucas se jogaram atrás de uma lata de lixo grande quando viram que o homem tinha parado. Acabaram aterrissando de mau jeito, com Lucas caído por cima do outro. Ouviram quando o professor bateu quatro vezes em uma porta e ficou esperando até que abrissem. Barulhos de ferrolhos rangendo vieram de onde o professor estava e logo ouviram uma voz de homem.

— Mateus, que demora! Já estavam todos esperando.

Em seguida, a porta foi novamente fechada, deixando Lucas e Daniel sozinhos no corredor. Os dois foram até a frente da passagem, mas não havia maçaneta do lado de fora. A única coisa que havia ali era uma pequena placa.

— *Sociedade do Urso Negro* — leu Lucas. — O que será que é isso? Alguma organização secreta?

— Não sei, pode ser um grupo de psicopatas — sugeriu Daniel.
— Esse lugar está parecendo a sede de alguma máfia.

— Não tem esse tipo de coisa no Brasil, mas também não quero ficar aqui para descobrir. Meu pai não gostaria nada de saber que vim para essa parte do bairro. Vamos embora?

— Vamos sim, só vou tirar uma foto dessa placa antes, para ter alguma prova.

Depois de tirar a foto, saíram do local. Lucas foi para casa ainda pensando no que o professor tinha dito e no lugar onde tinha ido depois da aula. Que tipo de clube era aquele? Se aquilo era mesmo um clube, não deveria ser frequentado por boas pessoas; ninguém faria boas coisas em um local tão afastado. Com a barriga roncando, Lucas resolveu não pensar em mais situações ruins, porque não gostava de fazer maus julgamentos e sua mente já começava a ir para lugares bem macabros.



CAPÍTULO 03



Fortes estava em sua casa, estudando o conteúdo de suas próximas aulas, quando alguém tocou a campainha. Não esperava nenhuma visita, então aquilo era bastante estranho. Talvez fosse algum tipo de vendedor ou religioso querendo pregar a palavra, e ele odiava atender os dois tipos de pessoas.

Usava apenas um short e uma camiseta quando foi atender a porta, sem esperar que pudesse ser alguém importante. Ao abrir, deu de cara com sua mãe, que o olhou de cima a baixo.

— Agora você se veste como eles também? — ela perguntou.

— Mãe, o que você está fazendo aqui?

— Sim, eu quero entrar, obrigada, está muito calor aqui fora — disse ela, empurrando o filho, abrindo caminho e passando para dentro da casa.

Sem saber como reagir, Mateus simplesmente seguiu a mulher, fechando a porta atrás de si. Ela sempre foi do tipo que ia e vinha quando bem entendia, então ele já tinha se acostumado com o seu jeito. Mesmo que eles não se vissem há meses e que ela nunca fosse em sua casa, ele conhecia a mulher.

— Você redecorou a sala — ela disse, reparando em tudo.

— Troquei o sofá e a estante — respondeu ele.

— Ficou bom. Você sempre teve bom gosto, pelo menos isso é algo que somos obrigados a concordar. Geralmente, pessoas do seu tipo são boas nesse tipo de coisa.

— O que você veio fazer aqui? — ele perguntou, ignorando a indireta.

— Uma mãe não pode visitar o próprio filho?

— Claro que pode, mas você sabe que não é isso que eu quis dizer. Senta. Aceita uma água, um suco?

— Água com gás e gelo — ela disse, acenando a mão e sentando na beira do sofá.

Fortes foi até a cozinha e pegou o que a mãe havia pedido. Por

sorte, tinha ido ao mercado no dia anterior e comprado água. Não queria que ela dissesse que havia algo faltando em sua casa, mesmo sendo uma coisa tão irrelevante como água com gás. Desde que tinha saído da casa dos pais, eles aproveitavam cada pequena chance para julgar o que fazia. E ele não aceitaria que dissessem que não tinha vencido na vida.

Mateus voltou para a sala com a água e colocou na mesa de centro na frente da mãe. Ela pegou o copo e deu uma golada minúscula, como se não estivesse com sede. Talvez aquilo não passasse de um teste, afinal.

— Eu vou direto ao ponto — ela disse, repousando o copo na mesa.

— Mal posso esperar para ouvir o que tem a dizer — disse ele com certa dose de ironia, mas ela não percebeu.

— Como você sabe, os negócios do seu pai estão cada vez melhores. Eu sei que você não se interessava por isso quando era mais novo e nós sempre respeitamos sua opinião.

Ele inclinou a cabeça com aquela informação. Qualquer que fosse o tratamento que os pais davam para aquele assunto, não tinha nada a ver com respeito.

— Mas agora você cresceu — continuou a mulher. — É um homem maduro e independente, que não pode negar tudo o que o trabalho do seu pai nos deu.

— Eu nunca neguei — ele disse. — Sei que somos uma família privilegiada, eu tenho essa casa, meu carro, por causa disso. Não quero que pensem que eu estou cuspindo no prato que comi, só porque quero ter a minha própria vida.

— Eu sei, isso é irrelevante — ela disse. — Mas o seu pai não está tão jovem mais, como você bem sabe. Ele precisa de alguém ao lado dele, alguém que possa assumir os negócios quando ele resolver se aposentar.

— Mãe, eu...

— Eu sei que você queria perseguir essa coisa de ser professor, mas você já conseguiu. Teve seus cinco minutos em uma escola com adolescentes fedorentos.

— O que você está querendo dizer? — ele perguntou.

— Mateus, meu filho, eu acho que já deu tempo de você cair na real e perceber que está no caminho errado. Essa profissão que você escolheu pode ser linda para alguns, mas não para o herdeiro da família Fortes. Você tem responsabilidades para assumir.

— Eu não vou permitir que você entre na minha casa e insulte

a minha profissão.

— Não estou insultando, só estou dizendo que isso não é para você. Eu e seu pai conversamos e decidimos que podemos ignorar a outra parte da sua vida se você der uma chance para o trabalho que construímos durante tantos anos.

— Chega! — ele gritou. — Você percebe o que está falando? Eu não quero ser ignorado por ninguém. Essa outra parte da minha vida, que você tem tanto medo de olhar, é a minha sexualidade, eu sou gay, mãe! Não tem nada de absurdo ou ruim nisso, tenho orgulho de ser quem sou e como sou. Se vocês não me aceitam, é problema de vocês, mas eu exijo que me respeitem, principalmente dentro da minha casa.

— Só estamos tentando ajudar! — ela disse. — Você não pode ficar preso a esses adolescentes pelo resto da vida.

— Esses adolescentes são o meu motivo de acordar com um sorriso no rosto todos os dias. Eu tenho alunos brilhantes que me lembram sempre o motivo de ter escolhido ser professor. É fácil? Claro que não, eu enfrento desafios todos os dias. Mas qual seria a graça da vida se não fosse assim? Eu respeito a trajetória profissional de vocês, só não quero trilhar o mesmo caminho. Vocês nunca me respeitaram e me culpam por eu não ser uma cópia exata de quem vocês são.

— Você está apenas sendo maldoso.

— Se é isso que pensa que sou, sinceramente, não sei o que veio fazer na minha casa.

— Tudo bem — ela disse. — Não vamos mais falar desse assunto, esse não é o único motivo de eu ter vindo até aqui.

— Santo deus, ainda tem mais coisa? — ele perguntou, incrédulo.

Sua mãe sempre fora exatamente do mesmo jeito, jogava uma bomba, fazendo com que ele perdesse a cabeça, para em seguida jogar outra, na esperança de que o choque da segunda fosse menor. Fazia anos que ele não caía mais nessa armadilha, mas ela continuava tentando.

— A sua prima Renata vai se casar — disse a mulher.

— Bom, parabéns para ela — Fortes respondeu, mal humorado.

— Toda a família vai.

— Que ótimo.

— Seu pai e eu... — ela disse. — Confirmamos a sua presença no casamento.

— Vocês fizeram o quê? — ele perguntou, incrédulo.

— É só um evento de família, há anos não conseguimos reunir todo mundo, essa será a oportunidade perfeita, todo mundo vai, todo

mundo mesmo.

— Mãe, a Renata literalmente cuspiu em mim quando falei que era gay, todas as outras pessoas viraram as costas. O que te faz pensar que eu iria ao casamento dela? Liga para alguém e diga que eu não vou.

— É um pouco tarde para isso, enviei um presente em seu nome e a Renata já esqueceu de toda aquela confusão — disse a mãe.

— Mas eu não esqueci.

— Não dá para desmarcar e seria extremamente deselegante se você não fosse. Bem, é melhor eu ir para casa, o motorista está me esperando lá fora. Compre um terno novo para o casamento, nenhum dos antigos serve. Você pode usar o dinheiro que recebe com as ações da empresa que tanto despreza.

Depois que a mãe partiu, Mateus se jogou no sofá, derrotado. Mandou uma mensagem para Diego, mas o amigo estava trabalhando. Encontrar com a mãe sempre fazia com que ele ficasse frustrado com as coisas. E também tinha que confessar que trabalhar em uma escola dava o triplo de trabalho que havia pensado. Principalmente quando aquele aluno irritante não saía de sua mente.

Ele estava sim se sentindo mal pelo rumo que as coisas estavam tomando, não era nenhum monstro, afinal. Mas era covarde demais para encarar de frente o garoto que era objeto dos seus mais obscuros desejos.

Não podia se permitir a nada. Pensar em um aluno daquela forma era errado em todas as situações possíveis e imagináveis, principalmente porque Lucas era menor de idade. Ele foi vencido pela curiosidade e olhou a ficha do garoto na secretaria da escola. Ainda demoraria algumas semanas para que Lucas fizesse dezoito anos. E, mesmo depois disso, continuaria sendo algo totalmente inaceitável.

Um professor não podia se interessar por um aluno. Ele sabia disso desde o momento em que escolheu a profissão. Quando descobriu quem era Lucas, logo pensou que seria fácil superar, afinal, só tinham se encontrado uma vez antes e ele não ia ficar obcecado pelo garoto, feito um psicopata. Mas toda vez que entrava na sala de aula, seus olhos iam imediatamente na direção do rapaz.

Lucas era inteligente e, em outra ocasião, seria seu aluno preferido. Ele tinha aptidão por literatura e o fazia lembrar de si mesmo na época da escola. Só que o garoto também tinha uma tendência a ser petulante, isso não era nenhuma mentira. O problema era que o modo como Lucas decidiu enfrentar a situação fez a atração que sentia aumentar ainda mais. Se aquele garoto suspeitasse como seu membro pulsava a cada pergunta respondida em classe, Mateus

seria levado direto para uma audiência no Conselho Tutelar.

Apesar de a diferença de idade ser de apenas alguns anos, ele ainda era um adulto responsável e Lucas não passava de um garoto. Pelo menos em teoria. Se em algumas semanas a situação não mudasse, entretanto, Mateus teria que pedir transferência para outra escola, de preferência bem longe da tentação. Não ia acabar com toda sua carreira por se sentir atraído por um moleque.

O mais frustrante era não encontrar outro modo de enfrentar a situação. Ele estava se tornando o tipo de professor que sempre desprezou e começava a sentir nojo de si mesmo por isso. Teria vergonha de admitir mesmo para Diego, seu melhor amigo, porém estava sendo um completo idiota. Mas se era isso que precisava fazer para remediar a situação e salvar seu cargo, seria isso que faria.

No ano seguinte, quando aquele garoto já estivesse formado, poderia tentar de novo e ser um bom professor. E os alunos das outras turmas não o odiavam tanto também. Por enquanto, na sala de Lucas, teria que incorporar seu próprio inimigo e ser um professor ruim. Mesmo acreditando que a educação salvava as pessoas, Mateus Fortes não tinha certeza de que poderia salvar a si mesmo.

E agora, tinha algo mais importante em mente. Se era um show que os pais queriam, obrigando-o a comparecer ao casamento de Renata, eles teriam um show. Iria sim, mas acompanhado de Diego. Assim, poderia esfregar sua sexualidade na cara deles, fingindo que seu amigo era seu namorado. Se eles queriam fazer de conta que eram uma família perfeita, teriam que se esforçar, porque Mateus não ia facilitar a vida deles em nada.



CAPÍTULO 04



Aquilo não era uma cena nada comum. Daniel estava sentado na cama de Lucas, como se estivesse acostumado com o ambiente à sua volta, enquanto o dono do quarto se equilibrava de forma desajeitada na cadeira do computador. Até o ano anterior, eles tinham uma relação amigável, mas nada a ponto de um frequentar a casa do outro. Daniel era um dos garotos populares, afinal, e andava com Gabriel, Ronaldo e Bruno. Agora, ele e Lucas estavam juntos e partilhavam um mistério.

— O que você acha? — perguntou Daniel.

— Não sei, talvez seu plano dê certo, mas é arriscado demais, isso pode prejudicar a gente.

— Acho que é a nossa única opção.

— Eu sei, mas aquela porta pode não significar nada.

Daniel tinha dado a ideia de chantagear o professor Fortes para que as aulas fossem mais tranquilas. Lucas tinha medo de qualquer coisa que envolvesse o professor. Se ele fosse mesmo capaz de fazer coisas ruins e aquele clube fosse uma associação criminosa, podiam acabar se metendo em uma encrenca pior do que seria tirar notas ruins em literatura.

— A gente tem que fazer alguma coisa, qualquer coisa — disse Daniel.

— Tipo o que?

— Eu já disse que aquele mau humor todo deve ser falta de sexo e eu não me importaria nada em ajudar com isso.

— Cara, é sério! — ralhou Lucas.

— Não estou brincando. Sei que você também o acha bonito.

— Daniel, não me leva a mal, não tenho nenhum preconceito, só não gosto das mesmas coisas que você — disse o garoto, já impaciente.

— Não gosta porque nunca experimentou — disse Daniel, dando um sorriso de lado.

— É? — perguntou Lucas. — E eu experimentaria quem? Você?

— Não seria nenhum sacrifício fazer esse serviço, mesmo que você não seja totalmente o meu tipo.

— Cai fora, amigo hétero aqui.

— É, sei bem como é essa situação — disse Daniel, tristonho.

— Algo aconteceu entre você e o Gabriel?

— Eu sou gay, isso não é segredo.

— É, isso ficou bem claro quando chamou nosso professor de gostoso — Lucas concordou.

— Então, o fato é que todo gay um dia cai na besteira de se apaixonar por algum amigo hétero e esse meu amigo foi o Gabriel. Quando ele começou a namorar a Lillian, eu contei tudo para ele e ele disse que era hétero, que queria ficar com ela, mas que não me julgava, nem queria que eu me sentisse mal. Na verdade, ele até me agradeceu por achá-lo atraente. Só que, depois disso, eu fiquei morrendo de vergonha e me arrependi de ter contado tudo, então comecei a me sentir confuso, sem saber se gostava dele de verdade. Foi aí que decidi me afastar.

— Uau, eu achei que ele tinha te trocado pela namorada — disse Lucas.

— Antes fosse isso, eu não ia me sentir tão mal. O erro foi meu, mas ele também não fez nenhum esforço para se reaproximar de mim, talvez tenha medo de que eu ainda sinta algo.

— Se quiser alguém para conversar, precisar de um amigo, conta comigo.

— Valeu, cara, você também — respondeu Daniel. — E prometo que não vou me apaixonar desta vez.

— Que bom, porque não tem a menor chance aqui.

— Mas sério, conta comigo também. Agora que o Igor tá andando muito com o Fernando, tenho visto você boiando um pouco de vez em quando.

— É verdade — concordou Lucas. — Eu gosto do Fernando, mas ele é mais o tipo de amigo para alguém como o Igor, não tenho muito assunto com ele. Os dois gostam dos mesmos times, mesmos filmes de terror e eu fico meio de fora. Por mais que ele seja um cara legal, temos interesses completamente diferentes.

— É, sei bem como são essas coisas. Mas e a Lillian, o que sente por ela?

— Como assim? — Lucas perguntou, inseguro.

— Qual é, Lucas? Já vi o jeito que você olha para ela, o Gabriel

só não percebeu ainda porque tem uma ervilha no lugar do cérebro.

— Ok, eu era apaixonado por ela no ensino fundamental, mas isso é algo que estou tentando esquecer. Não vou ficar me prendendo por alguém que nunca nem olhou na minha direção.

— É melhor mesmo, aquela ali não larga do namorado não — disse Daniel. — E mesmo que largasse, você merece uma pessoa melhor, alguém que te enxerga.

— Eu sei, mas por muito tempo foi difícil perceber isso — disse o garoto. — De qualquer forma, obrigado. Você é um bom amigo.

Lucas nunca tinha conversado sobre esse assunto com ninguém, nem com Igor. Apenas seu pai sabia que ele teve uma paixão por Lílian na infância, mas isso não contava de verdade. Os dois continuaram em silêncio por um momento, pensando em seus próprios desastres amorosos, até que Lucas deu um pulo de onde estava.

— Nós somos dois burros — disse.

— Por quê?

— A gente ainda não olhou se tem algo sobre a *Sociedade do Urso Negro* na internet! — contou com empolgação.

— Nossa, verdade — concordou Daniel. — Uma coisa tão óbvia dessas e a gente não fez.

Logo depois de ligar o computador velho, Lucas esperou que conectasse e jogou as palavras na pesquisa do google. Encontrou alguns sites bem bobos falando da natureza e sobre ursos andarem sozinhos. Achou também um jogo de RPG chamado *Sociedade Ursa*, com regras tão idiotas, que não parecia algo que o professor gostaria de participar, afinal, ele não fazia o tipo que gosta de brincar.

Achou mais algumas informações inúteis e resolveu mudar a busca para "sociedade secreta do urso", novamente sem encontrar nada que pudesse se encaixar no perfil da porta que viram naquele beco sinistro.

— Eu desisto — disse Lucas, depois de ter olhado em todos os sites possíveis.

— Está difícil, mas eu tenho certeza de que tem alguma coisa escondida nessa história — confabulou Daniel.

— Cara, talvez aquela seja só uma porta velha e realmente não tenha nada demais. Até onde sabemos, aquilo pode ser a casa de alguém.

— Nunca vi uma casa com entrada em um beco suspeito — o amigo protestou. — Acredita mesmo que o professor Fortes é inocente?

— Inocente não sei, o cara é estranho e com certeza é um

babaca, mas não sei se ele chegaria a fazer algo ruim. Como você mesmo disse, deve ser só falta de sexo.

— Pode ser verdade, mas ainda não estou completamente convencido — disse Daniel, passando a mão pelo queixo.

Aquilo era mesmo suspeito e Lucas não tinha como negar. O problema é que investigar essa história mais a fundo poderia ser algo extremamente perigoso e ele não estava preparado para enfrentar o professor com essa conversa. A questão era que Daniel parecia convencido demais sobre aquilo e, se Lucas não fizesse alguma coisa, os dois poderiam acabar em apuros.

— O que eu posso fazer para você desistir dessa história? — perguntou.

— Sei lá... Que tal você me pagar um bolo daquela padaria? — Daniel provocou.

— Daniel, eu estou falando sério.

— Eu também, estou morrendo de fome, mas já vi que você é sovina demais — disse. — É melhor eu ir para casa, já que não me ofereceu nem um lanche.

— A única coisa que tem no armário é biscoito, se quiser comer. Não vou cozinhar nada, porque tenho que estudar um pouco.

— Nerd — provocou Daniel.

— Eu sou nerd? Melhor que você, que é um tarado.

— Sim, eu sou — assumiu Daniel. — Mas Lucas, posso te pedir um favor?

— Depende do tipo de favor.

— Quando você amadurecer, lembra de mim, ok? Lembra que fui o primeiro a ver seu potencial.

— Cara, isso nunca vai acontecer do jeito que você está pensando — Lucas garantiu.

— Eu sei, estou só brincando com você — riu o outro. — Pode ficar tranquilo, não vou cometer o erro de me apaixonar duas vezes por um hétero. E como eu disse, você não faz meu tipo, gosto de caras com o corpo grande e definido, tipo o professor Fortes. E sei que você sente algo por ele também.

— É, eu sinto medo — disse Lucas. — E agora cai fora, estou cheio de matéria para revisar antes da aula de amanhã.

Depois que o amigo foi embora, Lucas ficou pensando no que tinha dito. Devia estar ficando louco por conversar aquele tipo de coisas, mas por um lado era bom. Daniel, apesar de popular, sempre pareceu o tipo de garoto introvertido, que fica mais em seu canto, sem chamar a atenção. O contato fez com que o conhecesse melhor e era

bom ter um novo amigo, para variar. E essa amizade era totalmente diferente de tudo o que Lucas conhecia, o que dava uma mudança boa nos ares.

Igor ultimamente só pensava em Fernando e ficava sozinho com Lucas apenas no trajeto até a escola e na volta, o que não deixava muito tempo para conversarem. Ter um amigo como Daniel podia ser uma experiência boa e até engraçada, na maioria das vezes. Com ele, podia conversar qualquer assunto,alaria até de LÍlian, sem medo de ser julgado.

Desistindo de estudar, Lucas largou o livro que estava em sua frente e começou a se preparar psicologicamente para a aula de literatura que teria no dia seguinte. O professor Fortes não saía de sua cabeça e ele nem imaginava que a recíproca também era verdadeira.



CAPÍTULO 05



Os olhares que o professor Fortes lançava para Lucas na aula estavam se tornando cada vez mais assustadores. Na última aula, ele não fez questão nenhuma de disfarçar sua raiva e passou o tempo todo fuzilando o garoto com os olhos. Nos mínimos momentos em que lia alguma parte do livro que estavam estudando, Daniel dava cutucadas em Lucas, rindo e fazendo piada sobre o que acontecia.

O que eles não sabiam é que na cabeça do professor essa imagem era completamente diferente. Ele não odiava Lucas, muito pelo contrário. Todo o ódio que sentia era destinado a si mesmo, por não conseguir parar de olhar para aquele garoto. Por mais que tentasse controlar a atração que sentia, a mistura da inteligência e da beleza de Lucas o cativava cada vez mais. Mateus estava a ponto de desistir de tudo, aceitar a proposta da mãe e ir para bem longe daquele colégio. Ficar obcecado por um aluno não era nada saudável, mesmo que ele fosse lindo e brilhante.

E a realidade era que ele não estava entendendo nada do que acontecia. Conhecia o garoto há poucas semanas, suas conversas não tinham sido agradáveis ou polidas e ele nunca acreditou naquela baboseira de paixão à primeira vista. Então não via motivo para seus instintos continuarem teimando que ele tinha que conquistar o aluno. Devia ter alguma parte de seu cérebro masoquista que achava divertido o fato de aquilo ser proibido.

— Eu acho que alguém não tomou café hoje de manhã — brincou Daniel com o amigo.

— Quem? — perguntou Lucas.

— O Fortes. Parece que ele quer te morder e arrancar um pedaço, comer um naco da sua carne.

— Será que é isso que eles fazem naquele lugar? — perguntou o garoto, com os olhos arregalados. — Será que é uma sociedade de canibalismo?

— Lucas, você tem assistido Hannibal demais.

— Os senhores têm alguma coisa para dividir com o resto da

turma? — perguntou o professor, na frente da sala.

— Não, senhor — respondeu Daniel com um sorriso presunçoso.

Lucas só se encolheu mais em sua cadeira.

Quando a aula terminou, o garoto guardou seus materiais e disparou logo para fora da sala, antes que o professor resolvesse ter outra conversa sinistra com ele. Igor encontrou Lucas alguns momentos depois, perto dos armários.

— O que está acontecendo entre você e o Daniel? — perguntou.

— Como?

— Vocês agora ficam de conversinha nas aulas e não se desgrudam um minuto. Ele também fica te provocando no treino, parece até que estão guardando algum segredo...

— Está com ciúmes? — Lucas provocou, de brincadeira.

— Não, mas nunca me senti de fora antes — disse Igor, franzindo as sobrancelhas.

— Não estou te deixando fora de nada, mas agora você também só fica com o Fernando — argumentou Lucas. — E depois que o Gabriel começou a namorar com a Lílian, o Daniel ficou meio excluído. Você também passa tempo com seu outro amigo agora, como acha que eu me sinto?

— Não sei, Lucas. É complicado, mas não pensei que eu estava te excluindo.

Igor desviou os olhos e começou a encarar um ponto fixo no chão, como se na verdade estivesse sim se sentindo culpado de alguma forma.

— O que quer dizer? — perguntou Lucas.

— Nada. Fico feliz que você e o Daniel sejam amigos agora, mas sinto falta das bagunças que a gente fazia. Está tudo diferente ultimamente.

— É, eu sei — disse Lucas. — Quer ir lá em casa depois da aula conversar?

— Pode ser. Vou beber uma água, te vejo na sala?

— Tudo bem.

Lucas ficou mais uns minutos parado, olhando para o armário. A relação com Igor estava estranha já fazia um tempo, mas nunca tinha se sentido tão constrangido antes. Parecia que não tinha assunto com o próprio amigo, como se não o conhecesse, ou como se não conversassem há décadas.

Quando acabou o treino de handebol, Lucas tomou uma ducha

rápida e foi vestir a roupa, enquanto Igor ainda se lavava. Estava só de toalha, pegando a roupa no armário, quando levou uma toalhada na bunda.

— Ai! — reclamou.

— O que vai fazer hoje? — perguntou Daniel.

— Estou esperando o Igor sair, vamos para a minha casa conversar um pouco, jogar videogame, tentar colocar a amizade em dia.

— As coisas estão estranhas entre vocês?

— Um pouco — confessou. — Parece que a amizade esfriou depois que começamos o terceiro ano. Não quero ser um daqueles caras que tinha um melhor amigo e depois se afastou dele, porque cada um seguiu um caminho.

— Mas estamos todos no mesmo caminho agora, todo mundo conseguiu entrar para o time e você tem que confessar que os treinos estão ficando mais divertidos.

— Ter você me derrubando toda hora não é o que eu chamaria de diversão — Lucas disse, esfregando um hematoma que tinha adquirido no braço durante um dos treinos.

— Você está ficando mais forte, agora não consigo com tanta facilidade, igual no início — provocou Daniel.

— Então você assume que faz de propósito?

— É claro, precisa ver sua cara quando eu consigo. É engraçado quando fica frustrado.

Lucas emburrou o rosto.

— É dessa expressão que estou falando — disse Daniel. — Parece uma criancinha de birra.

— Não é engraçado.

— Eu acho fofo.

— O que é fofo? — perguntou Igor, que saía do chuveiro.

Daniel deu uma risada sem vergonha.

— Ele quer fazer uma tatuagem na bunda — mentiu Lucas. — Nem queira saber o que é, garanto que não é fofo.

— Ah, entendi.

Igor ficou obviamente constrangido com o comentário, mas não falou mais nada. Os dois se despediram de Daniel e seguiram para a casa de Lucas.

Antes de começarem a colocar o papo em dia, Lucas achou que seria melhor prepararem algo para comer, então foram para a cozinha. Não demorou muito para que esquecessem a frieza que existia entre

eles e logo começaram a maior zona, espalhando ingredientes pelo ambiente, deixando sujeira em todos os lados.

— Meu pai vai matar a gente se pegar essa bagunça — disse Lucas. — Você sabe como ele age quando pensa que estamos desperdiçando comida.

— Relaxa, cara, a gente limpa tudo antes que ele chegue.

Igor encheu a mão de farinha e jogou no rosto do amigo.

— Ah, agora você quer brincar de guerra de comida? Ok, então.

Lucas jogou molho de tomate no outro, mas em vez de acertar o rosto, acabou sujando toda sua roupa.

— Vai ter que me emprestar uma roupa para ir embora, olha o que fez com a minha camisa! — disse Igor, fingindo estar chateado.

— Você começou, agora aguenta.

Os dois já estavam rolando pelo chão, dando gargalhadas, quando o telefone de Igor tocou. Ele olhou o número no identificador de chamadas e foi para outro cômodo atender a ligação. Aquilo fez com que tudo ficasse estranho de novo, ele nunca tinha escondido nada do amigo e esconder uma ligação no celular mostrava, no mínimo, falta de confiança.

— Quem era? — perguntou Lucas quando ele voltou.

— Ninguém, só o Fernando.

— E precisava atender em outro lugar?

— Lucas, desculpa, é que...

— É complicado, você já falou — disse Lucas, deixando a mágoa transparecer na voz.

— Desculpa, sério, eu não gosto disso também, mas estão acontecendo umas coisas com o Fernando que ele prefere manter em segredo.

— Está bem, não vou brigar por causa disso, mas eu achava que confiava em mim.

— Eu confio, Lucas, de verdade — disse Igor. — E eu queria poder te contar, juro, mas é algo que diz respeito ao Fernando e ele tem medo de que você não entenda. Quero respeitar a confiança dele. Quando puder, eu te conto, prometo.

— Tudo bem, eu vou tomar um banho e depois limpamos essa sujeira da cozinha.

— Posso tomar banho aqui também? — Igor perguntou.

— Pode, claro, vou pegar uma roupa para você, mas eu vou tomar primeiro, não somos mais crianças para tomar banho juntos.

— Eu não ia pedir para tomar banho com você, mas a gente faz

isso todo dia depois do treino, é normal, não é como se eu nunca visse você pelado.

— Eu sei, mas em casa é diferente e eu quero ficar sozinho um pouco — disse ele.

— Lucas, você está chateado comigo?

— Não, não é nada. Só espera aqui, tá bom?

— Tudo bem, eu já entendi — disse Igor, desanimado.

Depois que Lucas saiu do banho, o amigo tomou uma ducha rápida e vestiu uma roupa emprestada dele. Limparam a cozinha em silêncio e comeram o macarrão atropelado que tinham feito. Conversaram mais um pouco, mas o clima estava meio estranho, então Igor não demorou a ir embora. Ainda estava cedo, mas Lucas sentia uma dor de cabeça péssima e acabou cochilando. Quase não ouviu quando a campainha começou a tocar.



CAPÍTULO 06



Lucas ainda estava meio tonto de sono quando finalmente alcançou a porta. O visitante parecia extremamente impaciente e não parava de apertar a campainha por um segundo sequer. Se seu pai estivesse em casa, aquela pessoa escutaria umas poucas e boas, mas Lucas era mais paciente. Ou pelo menos se sentia assim agora que a dor de cabeça havia melhorado, senão ia querer matar a pessoa que estava no lado de fora.

— Demorou a atender! — disse o visitante inesperado.

— Daniel? Desculpa, eu estava dormindo.

Antes que fosse convidado para entrar, Daniel disparou para dentro da casa, fechando a porta atrás de si e deixando Lucas com cara de bobo. O garoto ainda não estava completamente acostumado com o jeito efusivo do novo amigo, então esses ataques repentinos ainda o surpreendiam.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou quando se recuperou do choque.

— Eu que pergunto isso, quem dorme a essa hora?

— Estava com dor de cabeça, deitei um pouco e acabei cochilando. Estava com a mente nublada e ainda estou um pouco lerdo por causa do sono.

— Aconteceu alguma coisa com o Igor? — Daniel perguntou. — Encontrei com ele hoje e ele não parecia nada feliz. Vocês brigaram?

— Não, a gente não brigou, as coisas só estão...

— Complicadas? — sugeriu o outro.

— Sim, quer dizer, não. Por que todos decidiram usar essa palavra ultimamente? — Lucas disse, frustrado.

— Não sei, talvez as coisas estejam assim de verdade.

— É, talvez...

Parando para pensar sobre o assunto, Lucas realmente sentia que tudo estava se enrolando cada vez mais. Não queria que sua amizade com Igor acabasse depois de tantos anos, mas talvez eles

estivessem percorrendo caminhos separados demais para tentar se reconectar. Isso podia até fazer parte do amadurecimento, mas ainda não dizia o motivo de Daniel apertar a campainha de sua casa de modo tão impaciente.

— O que veio fazer aqui? — perguntou de supetão.

— Nossas camisas do time ficam prontas amanhã, porque sábado já temos o primeiro jogo oficial do time.

— Droga, esqueci de escolher meu número — Lucas falou. — O treinador falou para colocar na lista e acabei me distraíndo com tudo que vem acontecendo.

— Fica frio, ele me perguntou se eu sabia qual número você queria e eu falei com ele.

— Mas eu não disse nada a você — Lucas protestou. — Nem eu sei qual número eu quero, acho que isso não faz nenhuma diferença.

— Eu sei, mas escolhi para você — disse Daniel, com um sorriso de canto de boca.

— Qual número escolheu?

— É segredo.

— Para que isso? Fala logo — o garoto disse impaciente.

— Não, você vai ver amanhã — Daniel falou.

— Você é um panaca mesmo, se não tiver escolhido um número legal, acabo com sua vida, não interessa se é três metros mais alto que eu.

— Fica tranquilo, é o número mais legal de todos. E você acabou de dizer que não faz diferença, então relaxa.

— Está nervoso para o jogo? — Lucas perguntou.

— Um pouco, mas disseram que o time da Academia Militar não é tão bom, temos alguma chance.

— Isso é pior ainda, porque se a gente perder, vamos ser a piada da cidade — Lucas afirmou. — Sei que tenho a chance de ficar o tempo todo sentado no banco, mas meu pai ficou excitado com a ideia de eu estar no time e já comprou ingressos para a temporada toda. Acho que nunca tinha visto ele tão empolgado.

— Uau, ele acredita mesmo em você, queria que meu pai fosse assim — Daniel disse, tristonho.

— Ele não vai aos jogos?

— Não sei, ele nunca se interessou muito pelo que faço e o fato de eu ser gay não ajudou nada na nossa relação. As coisas são melhores com minha mãe.

— Não tenho mãe, então meu pai não tem muita escolha,

precisa estar presente — Lucas disse, dando de ombros.

— As coisas são muito difíceis sem ela?

— Era pior no início, agora a gente já se acostumou, se é que é possível se acostumar com uma coisa assim. Lógico que ainda sinto muita falta e vejo a dor nos olhos do meu pai quando ele diz que eu me pareço com ela. Mas a gente consegue se virar e eu tento manter tudo organizado por aqui, para que ele não lembre o tempo todo de como ela faz falta.

— Uau — disse Daniel.

— O que foi?

— Você é um cara muito legal, Lucas, é ótimo que você não faça o meu tipo, senão eu acabaria me apaixonando.

— Uau, muito engraçado, mas a resposta ainda é não, seu pervertido — Lucas disse.

— Eu sei, só estou brincando e também já estou de olho em outra pessoa — Daniel afirmou, dando seu característico sorriso de lado.

— Quem? — Lucas perguntou, com a curiosidade aguçada.

— Viu aqueles alunos novos? Os gêmeos?

— Quer pegar gêmeos? — Lucas disse, os olhos arregalados.

— Claro que não, seu pervertido. E depois você diz que eu que sou assim, credo, tarado. Quero só o que é gay. Nunca pegaria irmãos.

— Como sabe que um deles é gay?

— Lucas, eu sei das coisas, consigo identificar a sexualidade de um cara antes mesmo que ele perceba — disse Daniel, com um sorriso irônico que deixou Lucas intrigado.

— Uau, mago da bola de cristal — respondeu, em vez de perguntar o motivo do deboche.

— Das bolas de cristal, eu tenho duas. Quer ver?

— Que bicho te mordeu hoje? — Lucas perguntou se afastando de Daniel. — Pode ser normal por um minuto?

— Desculpa, deve ser muito tédio acumulado, mas assim que eu conseguir colocar as mãos naquele garoto, isso vai passar.

Lucas revirou os olhos, Daniel era o cara mais convencido que ele conhecia e parecia pensar em sexo o tempo todo. Quer dizer, eles eram adolescentes e ele também pensava naquele tipo de coisa, mas o amigo não era normal. Não devia ser saudável pensar só nisso e ele já estava começando a achar que seria difícil conversar sobre temas mais profundos com Daniel. Por enquanto, ia entrar no jogo, então decidiu provocar:

— Isso se você conseguir colocar as mãos nele, ainda não sabe se ele vai te querer.

— Lucas, qual é? — disse Daniel rindo. — Olha para mim, quem não ia querer isso aqui? As garotas da escola fazem fila quando eu ando, já ouvi várias me chamando de desperdício, o que é bastante ofensivo e homofóbico, para dizer a verdade.

— Só espero que não me deixe de lado se começar a sair com ele — Lucas disse em voz baixa.

— Foi isso que o Igor fez?

— Ele e o Fernando estão cheios de segredos e não querem que eu saiba o que conversam quando não estou por perto.

— Você é muito inocente, eu admiro essa qualidade sua — disse Daniel.

— Por acaso você sabe de alguma coisa? — Lucas quis saber.

— Suspeito, mas se eles não querem contar por enquanto, não vou desrespeitar essa decisão, afinal, não é um segredo meu.

— Isso foi exatamente o que o Igor disse, mas agora até você não quer me contar nada — Lucas protestou.

— Na verdade, eu tenho uma fofoca das boas para contar, não vim aqui para falar só sobre os uniformes do time.

— O que é?

— Eu vi o Ronaldo se agarrando com a Heloísa — Daniel confidenciou.

— Sério? Mas eu achava que ninguém suportava aquela menina.

— Pois é, mas agora parece que os dois estão de romance. Não sei se mais alguém na escola sabe e eles não me viram, mas a fofoca era das boas e eu não podia contar por telefone.

— Ele é todo misterioso, pensava até que fosse tímido — disse Lucas.

— Que nada, parece que ele é bem safado. Os dois estavam usando bastante as mãos para esfregar no corpo do outro, se é que me entende.

— Uau, a gente não conhece mesmo as pessoas — Lucas afirmou.

— Você nem imagina, a gente pode não conhecer direito nem nossos amigos mais próximos.

Depois de conversarem mais um pouco, Daniel acabou indo para casa. Lucas ainda não estava totalmente acostumado a tê-lo por perto, mas de certa forma era legal. Já achava graça das piadas que

antes o deixavam constrangido e agora tinha coragem até de fazer seus próprios comentários.

Quando o pai de Lucas chegou, encontrou o filho dormindo no sofá da sala, com a TV ligada e um sorriso estampado no rosto. A cada dia que passava, o garoto ficava mais parecido com a mãe, tanto na aparência quanto nos modos desajeitados.

O delegado Oliveira sentou na poltrona ao lado de Lucas e ficou por um tempo divagando na própria mente. Queria que a esposa estivesse ali para ver o excelente filho que tinham. Também queria estar mais presente na vida do garoto, mas o trabalho estava sugando demais ultimamente.

Acordou Lucas e mandou que fosse para a cama, ou ia acabar se machucando por dormir torto no sofá. O garoto foi relutante para o quarto, tropeçando em tudo pelo caminho, exatamente do jeito que a mãe fazia. O delegado não queria passar uma noite de melancolia, então pegou um copo, colocou um pouco de uísque e foi trabalhar no último caso que tinha em mãos. Um caso que não via a hora de solucionar.



CAPÍTULO 07



Os treinos de handebol estavam bastante pesados e Lucas não fazia ideia de que o esporte era tão intenso. Como o colégio era um dos poucos que investiam na modalidade, todos tinham que se esforçar para que ganhassem os campeonatos. Não seria nada legal para a escola perder para o time de algum colégio que só se interessa por futebol. E os garotos estavam ouvindo isso pelo menos dez vezes por dia na hora da prática.

Igor e Fernando decidiram conversar com o treinador do time, afirmando que precisavam passar um tempo extra no campo, preparando-se para o jogo que aconteceria no fim de semana, mas na verdade só queriam cabular a aula de literatura. Daniel acabava de passar um bilhete para Lucas no meio da aula, quando o professor Fortes parou ao lado de sua cadeira, com um olhar mortal no rosto. Se ele tivesse visto aquele bilhete, seria o fim.

— Lucas, espera um minuto depois da aula, não fuja correndo igual da última vez — disse ele em um tom baixo e assustador.

— Tá bom, professor — respondeu o garoto, com medo.

Com certeza, ele tinha visto o pequeno pedaço de papel e agora Lucas sofreria algum tipo de punição. Só esperava não perder o treino, porque isso traria outra consequência, ou faria com que fosse expulso do time. Mas se fosse esse o caso, por que o professor não pediu para que Daniel ficasse também? Afinal, ele que tinha passado o bilhete. Aquilo era realmente estranho.

Lucas passou o resto da aula de olho no relógio, esperando que assim os minutos passassem mais devagar. Por fim, desistiu de controlar o tempo e percebeu que nada do que fizesse poderia adiar a bronca que levaria no fim da aula. Continuou com os materiais sobre a carteira quando o sino tocou, observando o professor que estava encostado em sua mesa, esperando que o resto dos estudantes saísse.

— Te vejo mais tarde? — perguntou Daniel.

— Se eu sobreviver...

— Vou esperar no fim do corredor, para garantir que chegue

inteiro no treino.

— Obrigado — respondeu Lucas, realmente grato pelo gesto.

Quando o amigo finalmente saiu, Lucas se viu sozinho com o professor Fortes. Ele não sabia o que esperar, mas não podia ser nada de bom, afinal, estava certo de que aquele homem o detestava. Um calafrio passou por sua espinha, enquanto o professor o fuzilava com o olhar.

— Estou surpreso de te ver na minha aula — disse o professor.

— Como? — perguntou Lucas, genuinamente confuso.

— Por que não fez igual aos seus amigos e arrumou um bilhete para ser dispensado? Ouvi dizer que você também está no time de handebol.

— Não quero ser dispensado, eu gosto de literatura.

— É, eu já percebi — disse Fortes. — Mas talvez fosse uma ideia melhor você treinar, disseram que o jogo vai ser importante.

— Qual o motivo de todo esse interesse? — Lucas perguntou de forma desafiadora.

— Interesse?

— Tudo isso já está parecendo perseguição comigo — desabafou.

O professor olhou no fundo dos olhos do garoto e teve a decência de parecer surpreso com aquela afirmação. Por um segundo, Lucas chegou a acreditar que não havia nenhuma maldade ali, mas logo a malícia voltou para os olhos de Fortes e ele deu um sorriso irônico. Aquilo fez com que a guarda do aluno voltasse a subir.

— Perseguição? — perguntou Fortes, rindo. — Você acha que estou te perseguindo? Vocês adolescentes possuem mesmo uma imaginação fértil. Sei que começamos com o pé esquerdo, mas não tenho nenhum motivo para te perseguir, Lucas.

— Então por que tem essa fissura por mim? — quis saber o garoto. — Eu não fiz nada. Tem algum problema comigo?

— Problema? — o professor perguntou. — Se as coisas fossem tão simples, tudo seria mais fácil. No início, eu fiquei incomodado, porque não suporto alunos metidos a sabe tudo, que ficam a aula inteira olhando como se pensassem que são melhores que o professor.

— Mas eu nunca fiz isso — protestou o garoto. — Quer dizer, essa nunca foi a minha intenção, pelo menos, desculpa se alguma vez te ofendi.

— Eu sei disso agora — Fortes garantiu. — Foi por isso que queria conversar com você, para pedir desculpas por ter agido como agi. Quanto a você, não se desculpe comigo, só arranje algo útil para

fazer com o tempo que você gasta trocando bilhetes em aula.

— É, talvez eu devesse passar o tempo na *Sociedade do Urso Negro* — Lucas deixou escapar.

— O que disse? — perguntou Mateus Fortes, com os olhos arregalados.

— Nada.

— Onde foi que ouviu esse nome?

— Em lugar nenhum, por quê? — Lucas decidiu provocar. — Isso é um problema para você? O que significa?

O professor Fortes se aproximou da cadeira em que o garoto ainda estava sentado, ao lado da parede. O homem fechou os punhos com força, como se estivesse tentando se controlar, e o garoto se encolheu, prevendo o soco que levaria.

Lucas ouviu o barulho, mas não sentiu nada.

Quando finalmente criou coragem para abrir os olhos, viu que o professor tinha batido em uma mesa, bem longe de sua cabeça.

— Só te matando, garoto, nunca repita esse nome — disse Fortes. — Principalmente dentro da escola. Não é seguro para ninguém.

Lucas engoliu em seco.

— Você pode vir às aulas e vou parar de pegar no seu pé — disse o homem. — Mas não vou facilitar a matéria para você ou seus colegas de time, então é bom não ficarem faltando. E espero nunca mais ouvir você repetindo o que disse.

Com a mesma velocidade com que tinha chegado até a carteira do garoto, o professor saiu da sala. Lucas esperou mais alguns segundos e também saiu, ainda com os olhos vidrados. Daniel esperava no final do corredor, que a essa hora já estava deserto, já que a aula tinha sido no último horário.

— O que aconteceu? — perguntou, vendo a expressão de susto no rosto do amigo.

— Aqui não.

Lucas puxou Daniel pelo braço, entrando por outro corredor, indo para um lugar mais afastado. Quando encontrou o armário do zelador, Lucas abriu a porta e empurrou o amigo para dentro do cômodo. Fechou a porta atrás de si e ficou parado, olhando com a expressão petrificada para o rosto do outro.

Daniel esperou por um momento, mas quando viu que Lucas não ia falar nada, inclinou-se para frente, deixando seus corpos mais próximos. O local era pequeno e não dava muito espaço para duas pessoas. Daniel inclinou ainda mais o corpo, colocando a mão direita

abaixo do queixo de Lucas, escorregando a mão esquerda para suas costas. Antes que Lucas pudesse ter qualquer reação, suas bocas já estavam próximas. Próximas demais.

O beijo foi suave e carinhoso no início, mas logo Daniel foi explorando cada canto da boca do outro. Lucas parecia chocado demais para se mover e simplesmente deixava aquela língua passear por sua boca, enquanto a mão esquerda de Daniel já estava em suas costas, no lado de dentro da camisa folgada.

Mas o momento acabou depressa.

Quando Lucas recobrou os sentidos, logo empurrou o outro para trás, derrubando alguns baldes e rodos, espalhando desinfetante pelo chão do local. Daniel pareceu surpreso com a atitude e perdeu o equilíbrio, batendo as costas em alguns objetos que estavam no fundo do armário.

Ainda olhando assustado, Lucas encontrou a maçaneta da porta atrás de si, abriu e saiu correndo do local. Não conseguiu conter as lágrimas que teimavam em escorrer dos olhos. Devia estar sentindo raiva, vontade de bater em Daniel, mas tudo o que sentia era uma dor horrível no peito.

— Lucas, desculpa, eu entendi errado — ouviu o outro gritar.

Mas não olhou para trás, não aceitou o pedido de desculpas. Tudo o que pensava era que a última pessoa em que confiava no mundo tinha acabado de trair sua confiança. E aquilo doía mais do que qualquer coisa.

Foi para o treino de handebol, mas não conseguiu se concentrar nas ordens do treinador e acabou ficando mais tempo que o normal no banco de reservas. Daniel não foi ao treino naquele dia, para a sorte de Lucas. Ele não sabia como ia conseguir olhar para o outro depois do que tinha feito.

Igor e Fernando estavam tão compenetrados no treino, que nenhum dos dois percebeu a expressão deprimida no rosto de Lucas. Mas ele já estava começando a se acostumar com isso, todas as pessoas estavam fazendo com que se sentisse abandonado. E mesmo que isso fosse extremamente ruim, preferia se acostumar logo de uma vez, para que a dor não fosse maior no futuro.



CAPÍTULO 08



Daniel não tinha aparecido mais na aula durante aquela semana. O treinador Anderson disse que o garoto tinha sofrido um acidente e que ia passar uns dias em repouso em casa, para estar completamente recuperado para o jogo de sábado. Lucas ficou preocupado e pensou em visitar o amigo, mas acabou lembrando do que tinha acontecido e desistiu. Queria de verdade falar com Daniel, saber do acidente, mas o orgulho era grande demais para permitir que fizesse algo como ir à casa dele. E a distância também seria boa para que se acostumassem a ficar sozinho, já que era isso que parecia estar reservado para ele.

Igor e Fernando ainda estavam presentes e na hora do intervalo ainda era com eles que Lucas sentava, mas as coisas estavam cada vez mais estranhas. Os dois conversavam com o garoto da mesma forma de sempre, mas era Lucas que não sabia mais o que sentir. Desde que começaram a guardar segredos, o garoto perdeu um pouco da confiança que tinha e não conseguia mais sentir a liberdade de antes na presença dos amigos.

E ainda tinha a questão do beijo passando pela cabeça de Lucas. Nunca tinha beijado ninguém antes de ser surpreendido por Daniel dentro do armário e aquilo era extremamente desconcertante. Sempre ficou imaginando como seria beijar pela primeira vez e na maioria de seus pensamentos via uma imagem romântica com Lílian Martins. Nunca passou por sua mente que teria um beijo roubado por outro garoto, dentro de um armário de vassouras. Aquele local era totalmente clichê, todo mundo já tinha beijado alguém no armário, mas ele não queria que tivesse acontecido daquele jeito.

Não que o beijo tivesse sido ruim, porque ele realmente não tinha nada melhor para comparar e isso era ainda mais confuso. Queria sentir aversão, nojo de Daniel. Queria odiar o amigo e sentir vontade de matá-lo. Mas o que passava por sua mente era totalmente diferente. É lógico que se sentia traído, porque confiou no garoto o suficiente para entrar em um local isolado com ele, e a confiança logo foi quebrada da pior maneira. Mas também não conseguia parar de

pensar no que teria acontecido em seguida se não tivesse saído correndo do local.

Só de pensar, a cabeça de Lucas doía de maneira intensa. O que seu pai pensaria se soubesse que lugares sua imaginação visitava nos últimos dias? Ele provavelmente ia se envergonhar do filho, afinal, era um delegado conhecido na cidade e sua família deveria ser um exemplo para todas as outras. Ter um filho com uma conduta diferente do que ele considerava boa não estava em suas prioridades.

Ficar pensando no que o pai acharia da situação na verdade era uma desculpa para abafar os pensamentos de Lucas sobre si mesmo. Sempre sonhou em namorar com alguma garota, casar, ter filhos, e os planos não seriam destruídos por uma ideia louca que um amigo desmiolado tinha colocado em sua cabeça. Afinal, ele era homossexual e um beijo forçado não ia fazer com que mudasse toda sua vida. E sendo sincero, ele não se sentia atraído por Daniel, nem queria ficar com ele, porque o via como amigo. Apenas não sentia repulsa pela ideia de ficar com um garoto.

Lucas teve que revezar com Igor na substituição de Daniel nos treinos da semana. Alguns alunos mais fortes que ele também estavam no time reserva, mas ele suspeitava que o treinador só tinha colocado aqueles garotos no time para ter de fato um time. Eles eram patéticos e tropeçavam nos próprios pés. Estavam todos exaustos, saindo do último treino duro na sexta-feira, quando Igor perguntou:

— Alguma notícia do Daniel?

— O treinador disse que ele vai estar bem para o jogo de amanhã — respondeu Lucas.

— Eu sei o que o treinador disse, eu quero saber se você foi visitá-lo, afinal, são amigos agora.

— Não somos tão amigos assim, sei tanto quanto você — respondeu na defensiva.

— Pensei que tinha ido visitá-lo.

— Por que eu faria isso?

— Porque é isso que os amigos fazem quando o outro está mal, Lucas, você deveria saber mais que ninguém — disse Igor e saiu de perto.

As palavras do amigo fizeram com que o garoto lembrasse de toda a história de quando perdeu a mãe; Igor não tinha saído de perto dele por um minuto sequer. Mas, com Daniel, as coisas eram diferentes; ele estava com raiva e, até onde sabia, aquele acidente podia nem ser verdade, mas sim uma desculpa para evitá-lo.

O dia do jogo chegou e finalmente Lucas se viu de frente com

Daniel mais uma vez. O garoto olhava para ele com olhos suplicantes e ele podia ver ali um pedido de desculpas, mas decidiu ignorar, pelo menos por enquanto. Não queria mais drama antes do primeiro jogo do ano.

A partida começou e Lucas percebeu que os jogadores do outro time eram bem maiores que os de seu time; deviam estar todos no último ano, enquanto na sua equipe tinha algumas pessoas do segundo. O treinador disse que ter jogadores menores ajudava na agilidade, mas era bastante difícil ser ágil quando jogadores grandes ficavam marcando o time todo. Gabriel era o principal alvo e suas jogadas óbvias facilitavam o trabalho dos adversários. Não demorou muito para que o treinador decidisse substituí-lo, colocando Igor em campo.

O jogo estava equilibrado, os dois times marcando pontos. De fato, o time compensava a força dos adversários com agilidade e Igor, Ronaldo, Fernando e Daniel pareciam imbatíveis quando se alinhavam para tentar marcar um gol. A frustração de Gabriel era palpável ao lado de Lucas no banco e ele parecia torcer para que Igor quebrasse uma perna, enquanto Bruno tentava acalmá-lo.

Não demorou muito para que um acidente acontecesse de verdade, mas o alvo não foi Igor e sim Daniel, que levou uma cotovelada obviamente proposital nas costas, mas o juiz acabou fingindo que não viu. O garoto caiu no chão gemendo de dor, o que fez o jogo ser parado por uns instantes. O jogador da Academia Militar que tinha dado o golpe estava sendo cumprimentado pelos companheiros, enquanto Lucas corria ao socorro do amigo.

Daniel foi colocado em uma maca e estava sendo retirado do campo, quando Lucas começou a ir atrás dele, para garantir que ficasse bem.

— Lucas Oliveira, onde você pensa que vai? — gritou o treinador.

— Para a enfermaria, o Daniel...

— Você não vai a lugar nenhum — disse o homem. — Preciso de você no campo, agora!

— Mas o Gabriel, eu pensei que...

— Agora!

Lucas foi para a beira do campo, fez um aquecimento rápido e ficou esperando o jogo começar de novo. Viu Gabriel discutir com o treinador Anderson no banco de reservas e sabia que sua presença no jogo era o motivo da briga, mas preferiu não dar atenção. Faltavam poucos minutos para o jogo acabar e os times estavam praticamente empatados. Não podia fazer nenhuma besteira, ou ia acabar

destruindo as chances de vencerem.

Quando o apito finalmente tocou, Lucas já estava completamente focado em uma estratégia. Sabia o que os companheiros de time iam fazer e sua função maior era ajudar os garotos a distrair o time adversário, para que Fernando pudesse marcar e garantir a vitória. Estava tudo bem, parecia que as coisas dariam certo, mas então ele viu a pequena bola vindo em sua direção. Aquilo não estava nos planos.

Lucas apanhou a bola com facilidade em sua mão, mas logo viu que vários jogadores vinham correndo em sua direção. Estava muito longe para marcar um gol e também seria burrice tentar, com tanta gente o marcando. Viu uma brecha no lado direito e Igor estava parado bem ali, sem nenhum jogador por perto. Era a sua chance. Sem pensar duas vezes, arremessou a bola para Igor, que aproveitou a chance de correr e marcar o ponto sem nenhuma dificuldade.

Faltavam segundos para o fim do jogo e, quando o apito soou sem que o outro time tivesse conseguido marcar novamente, todos invadiram o campo, levantando Igor nos ombros. Lucas procurou pelo pai nas arquibancadas, mas acabou se deparando com o duro olhar do professor Fortes. O que ele fazia ali? Será que todos os professores iam aos eventos esportivos da escola? Queria obter respostas, mas não demorou muito para que o professor virasse as costas e saísse do local.

Foi o delegado Oliveira que encontrou o filho no meio do campo, ainda observando um ponto fixo no meio da multidão.

— Filho, parabéns pelo jogo! — disse o homem.

— Obrigado, mas eu não marquei nenhum gol, só joguei alguns minutos e não fiz nada — disse, encabulado com o entusiasmo do pai.

— Não fez nada? Se não fosse aquele passe, o time não teria vencido. Você teve maturidade e inteligência para saber o que fazer na hora certa.

— Ninguém dá importância para quem passa a bola antes do ponto ser marcado — disse o garoto, tentando fugir da conversa.

— Eu dou, porque em vez de querer ser a estrela, você foi esperto — reforçou o pai. — Pensou direitinho no próximo passo antes de se arriscar. Isso é algo que sua mãe faria. Estou orgulhoso de você.

— Obrigado, pai, isso significa muito para mim, de verdade — respondeu, genuinamente emocionado.

— Tudo bem, agora vai ficar com seus amigos, vocês devem querer sair para comemorar. Te vejo quando chegar em casa.

Lucas olhou novamente para a multidão enquanto o pai se afastava, mas não viu o professor em lugar nenhum, parecia que ele

tinha desaparecido no ar. Então começou a andar para o vestiário para tomar um banho e vestir uma roupa limpa. Ainda tinha que ver como estava Daniel, não podia abandoná-lo desta vez.



CAPÍTULO 09



Lucas encontrou Daniel na enfermaria do colégio, deitado de bruços, com uma compressa de gelo sobre as costas. Estava de olhos fechados, como se estivesse dormindo, mas quando notou a entrada do outro, tratou de levantar o rosto.

— Como você está? — perguntou Lucas.

— Com dor. Ganhamos o jogo?

— Sim, mas foi por pouco — disse o garoto. — Não tinha reparado que a cotovelada tinha sido tão forte, na hora não pareceu algo tão sério.

— Não foi, mas ele acertou logo em cima de onde já estava machucado.

— O que aconteceu? — Lucas perguntou curioso. — O treinador disse que você sofreu um acidente.

— O que aconteceu? — perguntou Daniel. — Você aconteceu, Lucas. Quando me empurrou dentro do armário, eu bati a coluna em uma estante. Não sabia que você era tão forte e na hora nem senti nada. Mas quando meu corpo esfriou, achei que tinha ferrado minhas costas, não conseguia nem me levantar.

— Daniel, desculpa, eu não sabia... É que eu entrei em pânico.

— Eu sei, eu que peço desculpas, não devia ter te beijado daquele jeito.

— Não mesmo — concordou ele.

— Mas Lucas, pensa bem. Você chegou perto de mim parecendo que estava com medo do que estava prestes a fazer. Depois você disse que não queria fazer aquilo no corredor, me agarrou pelo braço e se fechou comigo em um armário escuro. Então você ficou lá parado, me encarando. O que achou que eu ia pensar?

— Não reparei que as coisas podiam ser interpretadas desse jeito, mas definitivamente não te levei para o armário para te agarrar nem nada assim — Lucas disse.

— É, eu percebi — falou Daniel. — E eu também nem sei o

motivo de ter te beijado, eu não queria fazer aquilo de verdade, só fiquei perdido no momento. Mas isso me deixa curioso, o que você queria?

— Falar sobre o que o Fortes disse depois da aula.

— Sério? — Daniel pareceu duvidar. — Mas o que é tão grave a ponto de ir para um lugar tão isolado?

Lucas foi até a entrada da enfermaria, olhou para os dois lados no corredor, para garantir que não vinha ninguém, e fechou a porta. Daniel se virou na cama, fazendo uma careta, e encarou o outro de frente.

— Não fechei a porta para você me beijar de novo — Lucas logo foi dizendo.

— Eu sei, idiota, uma vez só já foi traumatizante — garantiu Daniel. — Anda, fala logo o que aconteceu aquele dia.

— O professor Fortes ameaçou me matar.

— O quê? — Daniel disse, levantando na cama, mas logo soltou um gemido de dor e voltou a se deitar. — Lucas, essa acusação é muito grave.

— Eu sei, calma, vou explicar a história direito.

— Acho bom.

— Ele falou sobre o Igor e o Fernando conseguindo bilhete para faltar a aula dele e perguntou se eu não iria fazer o mesmo. Quando eu disse que não, que gostava de literatura, ele disse que então era melhor eu parar de trocar bilhetes e prestar atenção. E eu acabei falando algo sobre a *Sociedade do Urso Negro*.

Daniel pareceu horrorizado por alguns segundos, porque sabia que Lucas não devia ter falado nada daquilo. Agora o professor já sabia sobre a única carta que os dois tinham na manga e eles perderiam o elemento surpresa. Mais do que nunca, Fortes ficaria de olho nos dois.

— Ele te falou o que é esse lugar? — Daniel perguntou alarmado.

— Não, claro que não. Só disse que eu nunca mais devia repetir aquilo, ou ele me matava.

— Isso pode ser só uma expressão e não uma ameaça real — ponderou Daniel. — Mas se ele chegou a dizer isso, aquele lugar deve ser mais macabro do que a gente pensa...

— Foi o que pensei também.

— Ele sabe que eu também sei?

— Não, eu não disse nada — garantiu Lucas.

— Que bom, porque agora ele vai ficar no seu pé e você não vai conseguir investigar para descobrir que lugar é aquele — Daniel disse.

— Eu nem quero investigar nada.

— A gente precisa, Lucas. Você não vai conseguir, porque ele vai te vigiar, mas se eu for discreto, acho que descubro alguma coisa.

— Mas ele sabe que é meu amigo, vai ficar de olho em você também — Lucas protestou. — Acho que devíamos esquecer isso, é perigoso demais.

— Essa semana eu não fui à aula e a gente não estava conversando. Podemos fingir uma briga e ficamos sem nos falar na aula. Mas posso ir na sua casa todos os dias depois do almoço.

Lucas pensou na ideia desconcertante de ter Daniel em sua casa todos os dias, mas aquilo poderia ser bom para que superassem os últimos eventos. Por mais que estivessem bem no momento, ainda pensava que as coisas demorariam um pouco para voltar ao normal. Não dava para forçar a naturalidade de um momento para outro.

— Tudo bem, mas você vai ter que tomar muito cuidado — Lucas acabou cedendo. — Se ele descobrir que estamos investigando, a gente está ferrado.

— Eu sei e isso quer dizer que ninguém pode saber que a gente tá se vendo, Lucas, nem o Igor — disse Daniel, com uma expressão séria.

— É, eu sei, mas isso não vai ser tão difícil. Eu e ele não temos conversado tanto.

— Cai fora daqui então — Daniel disse, apontando para a porta. — A enfermeira deve estar voltando e minha mãe está vindo me buscar. É melhor ninguém ver a gente junto.

— Tá, melhoras então.

— Pode deixar, seu golpe não vai me derrubar.

— Desculpa de novo, tá? — Lucas pediu, realmente se sentindo culpado por ter machucado o outro.

— Te ligo quando chegar em casa — garantiu Daniel.

— Tudo bem.

— Lucas, uma última coisa.

— Fala — respondeu desconfiado.

— Me dá um abraço?

Lucas olhou com cara de curiosidade para Daniel, mas a expressão do amigo parecia tão carente e inocente, que ele acabou cedendo e deu um abraço desajeitado nele. Foi super estranho, por causa da posição que Daniel estava deitado, mas aquilo pelo menos

devia significar que eles estavam bem de novo.

— Até mais tarde — disse Lucas constrangido, saindo apressado da enfermaria.

O garoto estava se sentindo muito mal por ter machucado o amigo. Sabia que ele sempre ia falar que estava tudo bem e que diria que ele não tinha culpa, mas o machucado tinha sido sério e ele poderia ter causado algum problema maior a Daniel. Resolveu ir para o ponto de ônibus em vez de ir para casa, não estava com a cabeça muito boa para comemorações e o pai provavelmente ia querer comentar sobre o jogo.

Entrou no primeiro ônibus, que levava a uma cidade vizinha. Queria ver pessoas diferentes, andar por ruas agitadas onde ninguém sabia quem ele era de verdade. Era difícil morar em uma cidade pequena, onde todas as pessoas se conheciam, e isso ainda era agravado pelo fato de ser filho de um delegado.

Desceu do ônibus e começou a andar sem rumo pelas ruas. Lucas já estava acostumado com a vizinhança, o lugar era bem perto de casa e ele sempre ia ali com Igor. Foi para o centro comercial, sua parte preferida da cidade, onde encontrava coisas que nunca via perto de casa. O número de lojas era gigante, mas muitas estavam fechadas por causa do fim de semana. Foi para a loja de quadrinhos que gostava, mas também não estava aberta.

Lucas andou mais um pouco, desanimado com o baixo movimento da cidade, e já ia pegando o caminho de volta para casa quando viu uma pequena loja de presentes. Era isso. Ele podia comprar um presente para Daniel. Aquilo não ia compensar a dor nas costas do amigo, nem o peso em sua própria consciência, mas já era um começo.

Entrou na loja e começou a olhar algumas coisas. O preço das mercadorias era bem alto e tinha pouco dinheiro no bolso, mas tinha que encontrar alguma coisa que servisse.

— Quer ajuda? — perguntou a vendedora.

— Não, obrigado, estou só olhando. Se achar alguma coisa, eu te falo.

— Tudo bem, pode ficar à vontade.

Lucas olhou por mais algum tempo, mas não encontrava nada. Pegou uma caneca com uns desenhos legais, mas aquilo era um presente impessoal demais. Viu algumas miniaturas, mas estavam muito caras e ele não sabia se Daniel colecionava alguma coisa. Já tinha se dado por vencido quando a vendedora apareceu novamente.

— Eu tenho o presente perfeito para a sua namorada — disse ela.

— Não é minha namorada... — tentou argumentar.

— Olha que urso lindo.

A mulher segurava um urso de pelúcia bem felpudo, bege claro, super fofo. Realmente seria o presente perfeito para uma namorada, mas não era alguma coisa que daria para outro garoto. Se bem que era Daniel e ele provavelmente gostaria de ganhar aquilo.

— Quanto custa? — perguntou.

— Como você está com essa carinha de piedade, eu vou fazer uma promoção, vinte reais.

Era exatamente a quantia que Lucas tinha no bolso. Ele pensou por um momento, olhou para o urso e era mesmo fofo.

— Quer saber? — disse. — Eu vou levar!

Lucas pagou à atendente simpática e esperou que ela embrulhasse o presente. Quando ela terminou, ainda entregou um cartão na mão do garoto.

— O cartão é por conta da casa — ela disse.

— Obrigado.

Ele voltou para o ponto de ônibus segurando a sacola de presente na mão. Entrou no ônibus que já estava parado e sentou em um banco do coletivo quase vazio. Pegou o cartão e escreveu uma única palavra, "Desculpa". Estava quase cochilando, quando finalmente chegou.

O garoto foi logo para casa e, quando ia entrando, encontrou o pai saindo com o uniforme da delegacia.

— Filho, que bom que você chegou, recebi uma ligação e preciso atender a uma ocorrência.

— Tudo bem.

— Um amigo seu ligou, eu acho que o nome dele é Daniel, disse que ligou no seu celular, mas você não atendeu.

— Ah, acho que acabou descarregando — disse o garoto. — Vou ligar pra ele.

— Se for sair de novo, não esquece de trancar a casa. Na minha época, sempre tinha festa na casa de alguém do time quando a gente ganhava.

— Eu acho que não vou sair, estou bastante cansado.

— Tudo bem, filho, mas não esquece de ligar para o seu amigo — disse o homem.

— Tá bom, pai, até mais tarde.

— Vou tentar não demorar muito a voltar para casa, mas você já sabe como essas coisas funcionam, então talvez eu não tenha

escolha.

Lucas entrou em casa e foi direto para o quarto. Tinha esquecido completamente que Daniel ligaria para ele. Esqueceu também todo o constrangimento que sentia por causa do beijo e do machucado, pegou o telefone e começou a discar o número.



CAPÍTULO 10



Mateus não conseguia entender o motivo de alguém marcar um casamento naquele horário horrível, mas isso era algo que Renata com certeza faria. Ela não poderia ser igual a todas as pessoas normais que casam à noite, tinha que fazer isso no horário do almoço. Porque no mundo particular dela, devia ser algo bem elegante servir uma refeição sem graça para convidados famintos depois de um atraso colossal e de uma cerimônia demorada e chata.

Quase não tinha dado tempo de correr para casa depois do jogo de handebol, trocar de roupa e encontrar Diego para ir ao casamento. Mas a manhã tinha valido a pena. Por mais que Lucas tivesse ficado menos de dez minutos em campo, aquele garoto era brilhante. Qualquer adolescente que recebesse a oportunidade de jogar ia querer fazer algo arriscado, para chamar a atenção. Mas ele desistiu da glória para fazer um passe seguro para um amigo, que marcou o último gol da partida. Aquilo mostrava no mínimo altruísmo e maturidade.

Na verdade, Lucas estava demonstrando ser mais maduro que ele próprio. Tinha perdido o controle quando o garoto falou da *Sociedade*, quando sua única intenção naquele dia era pedir desculpas para o rapaz, por conta de seu comportamento. Sabia que estava sendo infantil, mas aquele era um tema muito perigoso para que Lucas saísse comentando pela escola. Se não tomasse cuidado, as coisas poderiam acabar saindo do controle.

Estava morrendo de curiosidade, querendo saber onde o rapaz ouviu o nome, mas não tinha coragem de perguntar mais uma vez. Se ficasse chegando muito perto dele, ia acabar fazendo alguma besteira. Já tinha sido idiota o suficiente por ir ao jogo, mas não conseguiu controlar os próprios impulsos. Queria ver o garoto fora dos uniformes da escola, para se lembrar do dia em que se encontraram pela primeira vez, mas esse plano também não deu certo. Como as camisas do time de handebol não ficaram prontas a tempo, os meninos jogaram com as roupas do colégio, então não podia enganar sua mente, dizendo que aquele jogador atraente não era seu aluno.

— Sua cabeça está em outro lugar — disse Diego dentro do

carro, indo para o local da maldita cerimônia.

— Desculpa — disse Mateus. — Só estou pensando em como é injusto que eu ceda à pressão dos meus pais de ir a um evento desse. Minha família homofóbica toda reunida, é o fim do mundo.

— E você está me carregando bem para o meio disso, que belo amigo é você.

— Você é um anjo, Dieguito. É sério, eu não conseguiria passar por isso sozinho, vou ficar te devendo uma, pode pedir o que quiser.

— Amigos são para essas coisas — respondeu Diego. — Mas se eu puder cobrar agora, começa me contando o motivo de estar pensativo de verdade, porque eu não caí nessa sua desculpinha esfarrapada.

— Acho que você vai ter que relevar essa, não estou preparado para conversar sobre isso ainda.

— Mateus, se eu não te conhecesse bem, diria que você está apaixonado — Diego provocou.

— Na verdade, eu estou tentando não me apaixonar, não estou em um momento bom para isso agora — disse. — Faz algum sentido pensar assim?

— Até que faz sentido, mas esse não é o tipo de coisa que a gente pode controlar. Quando acontece, somos pegos desprevenidos.

— Você fala como se soubesse, entende tanto desse assunto quanto eu — disse Mateus e os dois começaram a rir.

Era sempre bom conversar com Diego, ele era a única pessoa no mundo inteiro que parecia realmente entender o que Mateus sentia. Com ele, não havia nenhuma pressão para que tentasse ser alguém que não era. Bem diferente da família, porque, com eles, tinha sempre que sustentar uma máscara. Mas já estava cansado disso, hoje isso ia começar a mudar de uma vez por todas.

Quando chegaram ao refinado local festas na zona sul da cidade, Mateus revirou os olhos antes mesmo de entrar. Deu seu nome na portaria e liberaram a passagem de seu carro. A cerimônia seria ao ar livre e depois entrariam para um salão, onde serviriam o almoço. Se ele tivesse algum controle sobre o tempo, não seria uma pessoa tão boa e trataria de providenciar uma chuva.

Um manobrista veio buscar o carro perto da área de cerimônia para estacionar, então Fortes e Diego saíram do veículo. O professor não via a maioria dos membros de sua família há anos e seu estômago revirava só de pensar em encontrar com alguns deles. Achou melhor sentar o mais afastado de todos o possível e foi para a última fileira. Não adiantou muito, porque em poucos segundos sua mãe apareceu.

— Mateus, que bom que você pensou direito e veio — ela disse. — Vem comigo, quero que você cumprimente algumas pessoas antes da cerimônia.

— Eu não sou uma criança que você exhibe como um troféu para a família, mãe, vou falar apenas com quem eu quiser.

— Filho, você já veio até aqui, não vai custar nada dizer um oi para os seus tios.

— Vai — Diego incentivou. — É melhor acabar com isso de uma vez.

Fortes levantou do banco e seguiu a mulher pelo terreno gramado. Estava quente e aquele terno não estava fazendo muito para ajudar. Queria estar em casa, deitado embaixo do ar condicionado, talvez com um garoto especial ao seu lado. Não. Esse tipo de pensamento estava fora de cogitação, era melhor estar em um evento horrível de família do que dar vazão a esse capricho.

— O que aquele rapaz está fazendo aqui com você? — a mãe perguntou enquanto caminhavam, sorrindo para os convidados como se estivesse tudo bem.

— O convite dizia que eu tinha direito a um acompanhante — ele rebateu.

— Isso é apenas uma formalidade para os convidados que estão em um relacionamento sério, mas tudo parece ser uma brincadeira para você.

— E quem disse que eu e o Diego não temos um relacionamento? — ele perguntou em tom de desafio. — Não estava escrito em nenhum lugar que o acompanhante deveria ser homossexual.

— Espero que você não faça seu pai e eu passarmos nenhuma vergonha.

— Pode ficar tranquila, não se preocupe comigo, você tem a total capacidade de passar vergonha sozinha. Vamos falar logo com esses idiotas que você chama de família para eu ir embora o mais rápido possível. E da próxima vez que tiver algum evento desses, é melhor pensar duas vezes antes de confirmar minha presença, ou você vai descobrir o que é um verdadeiro show de horrores.

O homem seguiu a mãe por mais alguns metros e se viu diante das pessoas que disseram poucos anos antes que ele deveria ser expulso de casa. Odiava todos eles e não conseguia nem fingir um sorriso. Estava ali por obrigação, então não sentia a necessidade de ser agradável com nenhum deles. Só queria que o dia terminasse logo, para que voltasse a esquecer essa parte infeliz de sua vida.

— Sua mãe disse que você estava saindo com uma garota, mas que ela não poderia vir porque teve um problema de família — disse o tio, que era o pai da noiva.

— Garota? — Mateus perguntou. — Na verdade, eu vim com meu namorado, ele está sentado bem ali atrás. Antes de o dia acabar, faço questão de que vocês se conheçam.

O tio franziu o rosto, sem disfarçar o preconceito, e tratou logo de fugir para outro canto. As outras pessoas da família que estavam por perto logo fugiram também, então Fortes conseguiu voltar para seu lugar perto de Diego. Se soubesse que todos correriam ao saber de seu namorado, usaria esse argumento há muito mais tempo. O único problema era não ter um namorado de verdade, porque não poderia pedir esse tipo de favor ao amigo sempre que precisasse se livrar de alguma situação ruim.

— Como foi? — perguntou Diego.

— Pior não poderia, então estou feliz de ter vindo.

Quando a cerimônia começou, todos passaram a agir como se fossem a família perfeita. Mas para esse tipo de coisa deviam mesmo ser, um casamento heterossexual era o ápice de felicidade para as pessoas ali. Se um dia ele viesse a se casar com alguém, não convidaria nenhum deles, nem mesmo seus pais.

Um pastor começou a falar e Mateus desligou a mente. Não queria ouvir toda aquela baboseira de casamento ser entre homem e mulher. Pelo menos, não demorou muito tempo até que todos entrassem no salão onde seria feita a recepção.

— Vai ser o tempo de eu cumprimentar os noivos, tirar as fotos de família que tanto querem, então podemos ir embora — ele disse a Diego.

— Nada disso — respondeu o amigo. — Você fez eu vir até aqui, então eu vou comer. Você viu o cardápio? Tem até lagosta.

— Eu pago uma refeição para você no melhor restaurante da cidade se você mudar de ideia.

Os dois estavam conversando sobre isso, quando anunciaram no microfone que os noivos dançariam a primeira valsa. Renata estava linda, Mateus tinha que admitir, mas isso não mudava nada. Todos foram instruídos a se direcionar para a pista de dança para observar o casal.

— Você disse que queria fazer alguma coisa para que sua família parasse de te perturbar — disse Diego enquanto viam a valsa.

— Sim, mas acho que eles já entenderam meu recado quando eu disse que você era meu namorado — Mateus respondeu.

— Você poderia dançar comigo quando a pista abrisse, sei que vou me arrepender porque você tem dois pés esquerdos e vai pisar em mim, mas isso vai mandar um grande dedo do meio para todos eles.

— Dieguito, você é um gênio.

— Por isso sou seu melhor amigo, pensamos de modo bem parecido.

No meio da música, os noivos fizeram sinal para que os outros casais também fossem para a pista dançar. Fortes esperou um pouco, para que tivesse certeza de que aquilo não era nenhuma dança ensaiada, então pegou a mão de Diego e seguiu com o plano. Olhou bem nos olhos da mãe ao fazer isso, mas o pai virou as costas e começou a se afastar.

— Acho que está dando certo, as pessoas não param de encarar — disse Diego.

Continuaram se movendo de um lado para o outro, até a música terminar. Ouviria um sermão imenso da mãe no dia seguinte, ela reclamaria sobre como seus tios ficaram desapontados, mas eles pediram por isso. Se tinham a mente tão fechada, não deviam tentar obrigar que ele fosse até ali. Estava seguindo Diego de volta até a mesa, quando alguém segurou seu braço.

— Renata? — disse ele, com medo de ela criar uma cena.

— Estou muito feliz por você ter vindo — ela falou em vez disso. — Sei que não nos falamos há anos, mas queria deixar aquilo tudo para trás.

— É mesmo?

— Eu juro que estou com o coração aberto para isso — ela respondeu. — Seu namorado é muito bonito, por sinal.

— O que você quer?

— Eu quero meu primo de volta. Mateus, eu fiz coisas horríveis, mas eu mudei, não penso mais igual ao meu pai. Sei que não mereço seu perdão, mas você vir até aqui me faz pensar que podemos tentar consertar as coisas.

— Você está linda, eu te desejo muitas felicidades — disse ele e se afastou.

Mateus encontrou com Diego alguns metros à frente e os dois foram direto para a saída. Não ia mais se preocupar com fotos ou com qualquer pessoa ali, aquilo já tinha ido longe demais. Talvez a prima tivesse mesmo boas intenções, mas não tinha estômago para isso agora. Precisava ir para a casa, deitar na cama e tentar apagar o dia de sua mente para sempre, incluindo a parte em que tinha ido ver o jogo daquele garoto idiota.



CAPÍTULO 11



Lucas estava um pouco impaciente e demorou um bom tempo até que Daniel atendesse a ligação. O garoto não aguentava mais de ansiedade quando ouviu a voz do amigo, queria que aquele clima ruim ficasse para trás de uma vez por todas, mas, para isso, os dois precisavam voltar a conversar direito.

— Alô? — disse o amigo ao atender.

— Daniel, sou eu, Lucas. Tudo bem?

— Tudo.

— Sua voz está meio estranha — ponderou.

— É que eu estava dormindo — respondeu Daniel.

— Posso ligar mais tarde se quiser.

— Não precisa, agora já estou acordado.

— Como estão as costas?

— Melhores, tomei um analgésico que aliviou bastante a dor, mas o problema é o sono que dá — disse o garoto. — Parece que vou ficar mais alguns dias longe da escola.

— Posso te passar a matéria que está perdendo — Lucas ofereceu, porque aquilo era o mínimo que poderia fazer.

— Isso seria ótimo, sinto que já estou bastante atrasado.

— Daniel, desculpa — disse ele novamente.

— Lucas, para com isso, você sabe que foi um acidente e eu sei que você não queria me machucar.

— É, não queria, mas mesmo assim aconteceu — disse ele, sentindo culpa. — Você me ligou mais cedo, está precisando de alguma coisa?

— Eu estava tentando bolar um plano para descobrir o que o professor está escondendo, mas não conseguia chegar a lugar nenhum. O que você está fazendo aí?

— Nada, acabei de chegar em casa.

— Tem como vir aqui? — perguntou Daniel. — Duas cabeças

pensam melhor do que uma e a gente pode tramar alguma coisa.

— Tudo bem, tenho mesmo que te entregar uma coisa — disse Lucas. — Vou tomar um banho rápido e chego aí em alguns minutos.

Lucas tirou a roupa que usava desde cedo, entrou para o chuveiro e começou a pensar em um jeito de entregar o presente para Daniel sem que a situação parecesse constrangedora. Não queria parecer bobo e também não queria que o outro pensasse que o urso vinha com algum tipo de segunda intenção. Aquilo era apenas um pedido de desculpa e uma companhia para o amigo durante sua recuperação. A melhor forma talvez fosse dizer suas intenções, mas ainda não tinha pensado em um jeito de fazer isso sem parecer rude. Podia pedir que Daniel só abrisse o embrulho quando fosse embora, mas conhecendo bem o amigo que tinha, sabia que ele não ia respeitar seu pedido.

Trancou a casa, como o pai havia recomendado, e foi andando devagar pela rua, tentando ter alguma ideia genial no último momento. Quando já estava próximo da casa de Daniel, finalmente decidiu desistir de um plano e agir de acordo com o que sentisse na hora. Bateu a campainha e ouviu a voz do outro, pedindo que esperasse.

— Demorou — disse Daniel ao abrir a porta.

— Você deveria estar de pé aqui? — perguntou Lucas.

— Não tem ninguém em casa e a porta não ia abrir sozinha — explicou o amigo. — Entra logo, preciso voltar para a cama.

Lucas seguiu Daniel até um quarto no fim do corredor. Sabia onde ele morava, mas nunca tinha entrado na casa, então aquilo era novidade. Vendo o olhar curioso do amigo, o dono da casa começou a explicar:

— Meu quarto de verdade é no segundo andar, mas como não estou podendo subir escadas, minha mãe achou melhor me deixar no quarto de hóspedes.

— Onde está o resto da sua família? — Lucas perguntou, curioso.

— Foram todos ao aniversário do meu primo.

— E você não pôde ir porque está machucado — Lucas disse, exasperado.

— Na verdade, essa é a melhor parte — disse Daniel. — Eu odeio aquele babaca homofóbico, filho da mãe. Não poder ir a esse aniversário foi ótimo, porque eu não queria mesmo ir e não tinha nenhuma desculpa.

— Nossa, você não gosta mesmo desse primo.

— Pois é, não dá para gostar de gente preconceituosa — argumentou. — Mas você vai ficar em pé aí o tempo todo? Senta aqui na beira da cama.

— Ah, tudo bem — concordou Lucas.

— Você disse que tinha algo para me entregar...

— Sim, é uma coisa boba que comprei para pedir desculpa — explicou. — Sei que isso não vai fazer você melhorar mais rápido, mas eu pensei que podia ser uma companhia enquanto se recupera.

Lucas entregou o pacote para Daniel, que virou um pouco na cama e começou a desembulhar o presente. Quando finalmente tirou o urso do pacote, Daniel ficou encarando o bichinho de pelúcia, enquanto Lucas ficava com o rosto cada vez mais vermelho.

— É a coisa mais fofa que já ganhei na vida — ele finalmente disse.

— Seus pais não vão estranhar? — Lucas perguntou, preocupado.

— Não, eles sabem que adoro essas coisas e vão perceber que tenho um bom amigo.

— Então fico feliz que tenha gostado. Agora vamos ao que interessa, como a gente vai fazer para descobrir o que é a *Sociedade do Urso Negro*? — perguntou Lucas, para mudar logo de assunto.

— Não sei, estou começando a ficar com medo de verdade disso.

Os dois começaram a pensar e ideias aleatórias iam surgindo, mas nada parecia bom o suficiente. O professor não era nenhum garoto bobo que cairia em uma armadilha de alunos do ensino médio, então tentar gravar uma conversa estava fora de questão. Também não dava para seguir Fortes agora que Lucas estava em sua mira.

— Já sei! — disse Daniel depois de um tempo.

— Fala logo.

— O Fortes está te vigiando, então qualquer movimento que você fizer vai parecer suspeito — Daniel declarou. — Você pode fingir que o está seguindo, ou vendo o que ele faz na escola depois que os outros professores vão embora. Ele vai perceber e vai te ameaçar, mas os dois vão acabar ficando presos por um tempo na escola, por causa da conversa que vão ter. Enquanto isso, posso aproveitar que sei que o professor está no colégio e bato na porta daquele lugar para perguntar o que acontece lá.

— Esse plano é ruim por dois motivos — argumentou Lucas. — Primeiro, se a gente quisesse bater na porta e perguntar o que se passa no local, era só a gente ir em um horário que o professor está dando

aula, porque isso seria bem mais fácil do que arrumar confusão com ele. Segundo, se aquele for mesmo um lugar macabro, você acha que vai sair vivo de lá para contar o que aconteceu?

— Tem razão, eu não tinha pensado nisso. O que podemos fazer então?

— A única opção que vejo é um de nós ficar de tocaia perto do local, vigiando o tipo de gente que entra e sai por aquela porta.

— Isso não é muito produtivo — argumentou o amigo.

— Eu sei — disse Lucas. — Mas é o que temos por agora, Daniel. A gente não deve se arriscar à toa, isso pode ser muito maior do que nós.

— Tudo bem, podemos revezar então.

— Excelente — disse Lucas. — Assim, nenhum dos dois fica sobrecarregado, mas devemos tomar cuidado e sempre estar em contato com o outro, para o caso de algo acontecer. Agora está começando a ficar tarde e eu preciso ir embora.

— Tudo bem, mas faz um último favor para mim? — pediu Daniel.

— Claro, pode falar.

— Eu queria muito tomar um banho, mas meus pais ainda demoram chegar e minhas roupas ainda estão no meu quarto lá em cima — disse ele. — Você pode ir lá buscar alguma coisa para mim?

— Tudo bem, onde fica?

— Subindo as escadas, é a última porta no corredor, no lado direito.

— Está bem, vou pegar.

— As roupas de dormir ficam na parte do meio do armário — explicou Daniel.

Lucas subiu as escadas e foi direto para a porta que Daniel havia indicado. Quando abriu, deparou-se com um ambiente cheio de troféus e medalhas, além de pôsteres de ídolos do esporte. Aquilo era típico de uma pessoa atlética como o amigo. Foi direto para a porta do meio do armário e pegou um pijama que parecia confortável.

— As cuecas ficam na terceira gaveta — ouviu Daniel gritar lá de baixo.

Lucas abriu a gaveta e se deparou com a maior coleção que já tinha visto. Não entendia o motivo de alguém precisar de tantas roupas de baixo, mas era melhor não dizer nada, senão teria que ouvir outra das piadinhas de Daniel. Pegou uma cueca qualquer no fundo da gaveta e levou junto com a roupa para o amigo.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou Lucas.

— Não, agora eu já consigo me virar sozinho.

— Vou indo então.

— Lucas, você é um amigão, obrigado — Daniel disse com um sorriso sincero.

— Não precisa agradecer — Lucas falou, ainda se sentindo culpado.

— Preciso sim, o Gabriel me abandonou em uma hora que eu precisava e você tem me ajudado a superar.

— Se ele fez isso, é porque nunca foi seu amigo de verdade — Lucas disse, pensando na própria amizade com Igor, que estava pendendo por um fio.

— É, eu sei — concordou Daniel.

— Bom, agora preciso mesmo ir. Melhore logo.

— Eu vou.

Lucas voltou para casa se sentindo aliviado, mas ao mesmo tempo preocupado. Daniel sempre pareceu forte e brincalhão, mas, por dentro, parecia um filhotinho que se machuca facilmente. Também pensou no que Gabriel havia feito, abandonando seu melhor amigo, e não pôde deixar de ficar remoendo o que vinha acontecendo entre ele e Igor. Decidiu que conversaria com o amigo sobre isso na primeira oportunidade que tivesse, antes que a relação entre os dois também virasse uma lembrança desagradável.



CAPÍTULO 12



A aula de segunda-feira demorou a passar, mas finalmente chegou ao fim. Lucas já tinha preparado um plano para conversar com Igor e perguntar o que realmente estava acontecendo. Se ele decidisse escapar e ficar novamente guardando os segredos de Fernando, teria que lidar com as consequências de perder seu amigo mais antigo. Talvez a amizade tivesse chegado a um ponto que não dava mais para continuar, como aconteceu com Daniel e Gabriel, mas o único modo de descobrir o que se passava pela mente de Igor seria perguntando.

Lucas sempre fugiu desse tipo de conversa, porém já estava na hora de tomar um pouco do controle da situação e falar por si mesmo. Quando a mãe morreu, foi Igor que estava lá dando apoio. E foi ele que esteve presente quando os pais de Igor se separaram. Tanta coisa tinha acontecido durante aqueles anos, que era totalmente estranho pensar que tudo poderia estar acabado por causa de alguns segredos bobos. Sempre soube que muitos alunos deixavam de ser amigos quando entravam no ensino médio, mas isso geralmente acontecia porque um tinha conquistas que o outro não tinha e acabava sendo cego pela popularidade. Mas até onde Lucas sabia, os dois estavam no mesmo barco.

Quando o treino de handebol acabou, Lucas foi logo tomar uma ducha rápida e ficou esperando pelo amigo no lado de fora do vestiário. As pessoas do time foram saindo, mas nada de Igor aparecer. Cansado de esperar, o garoto decidiu entrar para procurar o outro. Não ouviu o barulho de nenhum chuveiro ligado, o que significava que no banho ele não estava. Também não via o amigo em nenhum lugar, como se tivesse desaparecido no ar. Já estava quase desistindo, quando ouviu o barulho de uma porta de armário batendo.

O som vinha do último corredor, onde se localizava a última fileira de armários, que não era usada há muito tempo. O que Igor estaria fazendo naquele canto? Será que estava escondendo alguma coisa em um daqueles armários vazios? Lucas foi se aproximando sorrateiramente, até chegar na beira do último corredor, onde viu uma cena que nunca esqueceria.

Igor estava encostado em um armário de olhos fechados, só com uma toalha enrolada na cintura. Fernando também estava lá, mas não estava tão parado. Ele beijava a boca de Igor com fúria, como se estivesse faminto daquilo. Uma de suas mãos estava apertando o peito de Igor e a outra estava mais para baixo, dentro de sua toalha.

Lucas ficou paralisado por um momento, em choque por causa daquilo que via. Seu cérebro dizia para correr, mas sua mente não obedecia. Quando finalmente esboçou alguma reação, foi tateando de costas, até não estar mais nos fundos do vestiário. Quando ia sair, acabou esbarrando em um banco, fazendo barulho.

— Quem está aí? — perguntou a voz de Igor.

Lucas começou a correr e não parou até sair da escola. Os planos de conversar com o amigo tinham ido por água abaixo, mas pelo menos agora já sabia qual era o segredo que escondiam dele. Enquanto esperava fora do vestiário, ficou treinando o que ia dizer e acabou esquecendo de conferir se Fernando tinha saído. Mas mesmo ele estando lá dentro, nunca imaginou que encontraria uma situação daquelas.

Em vez de ir para a própria casa, o garoto correu até a casa de Daniel. Poderia falar para os pais do amigo que tinha ido levar as matérias que ele perdeu durante o tempo que ficou em casa e não iam suspeitar de nada. Quando chegou ao local, apertou a campainha e não esperou muito tempo até que uma mulher simpática abrisse a porta para ele.

— Oi, eu sou o Lucas, amigo do Daniel, vim fazer uma visita — disse se apresentando. — Será que posso vê-lo?

— É claro, entra — respondeu ela.

— Obrigado.

Lucas seguiu a mulher até o quarto em que Daniel estava, o mesmo que ele tinha ido na vez anterior.

— Filho, visita para você — disse a mulher, batendo na porta.

— Eu vim trazer a matéria que você perdeu — explicou Lucas.

— Quer beber ou comer alguma coisa? — ofereceu a mãe de Daniel. — O almoço já está quase pronto, se quiser ficar com a gente.

— Não, obrigado, não posso demorar muito.

— Tudo bem, vou deixar vocês dois então.

Lucas esperou que a mulher saísse e sentou na beira da cama de Daniel. Quando ia começar a tirar o caderno da mochila, o outro segurou seu braço.

— Dá para dizer o motivo de ter vindo aqui? — Daniel perguntou, impaciente.

— Eu já disse, vim trazer a matéria...

— Lucas, eu te conheço, você está mais pálido que um papel, fala logo a verdade. Foi o professor Fortes que te ameaçou de novo?

— Não, não é isso — Lucas logo foi dizendo. — Para dizer a verdade, ele parecia outra pessoa hoje e me tratou como se eu fosse seu aluno preferido.

— Então explica o motivo de você estar assim — pediu Daniel.

— Você tem que prometer que não vai contar — ele disse, olhando sério para o amigo.

— Fala logo, Lucas.

— Eu peguei o Fernando e o Igor se beijando no vestiário depois do treino hoje.

Daniel ficou olhando para Lucas em silêncio por alguns momentos, sem entender como ele conseguia ser tão inocente. Lucas não suspeitaria de algo que estivesse bem na frente dele, por isso estava tão chocado por descobrir sobre o relacionamento daqueles dois. Era por isso que Igor vinha agindo de modo estranho.

— Não parece surpreso — disse Lucas.

— E não estou — confessou Daniel.

— Você já sabia?

— Suspeitava.

— E por que não me contou? — Lucas parecia indignado.

— Lucas, eu tentei, mas você é muito ingênuo, não enxerga nem o que está debaixo do próprio nariz — Daniel explicou. — E eu não podia sair espalhando um segredo que não é meu sem nem ter certeza.

— Acha que mais alguém na escola sabe?

— Duvido muito, se soubessem, a fofoca já teria se espalhado, mas se esses dois não tomarem cuidado, logo alguém mais vai ver. Poderia ser qualquer outra pessoa entrando no vestiário na hora.

— Foi muito estranho — Lucas desabafou. — Eu nunca imaginei que eles...

— Sua cara de desespero quando chegou estava impagável — Daniel disse rindo. — Não precisa de tudo isso, é algo normal.

— Você já está acostumado com esse tipo de coisas, eu não. Nunca tinha visto dois caras se beijando antes, a não ser quando você me...

— Vai contar para o Igor que viu? — perguntou Daniel, para mudar de assunto.

— Não, pelo menos por enquanto. Queria que ele confiasse em

mim o suficiente para contar.

— Essas coisas são difíceis, Lucas — Daniel explicou. — Elas exigem um certo tempo para tudo ficar bem. Talvez eles ainda não se sintam seguros para falar sobre isso.

— Mas eu sou o melhor amigo dele! — Lucas protestou.

— Isso torna as coisas ainda mais difíceis, porque ele com certeza está com medo de você não aceitar e isso seria bem ruim. É muito mais difícil contar para as pessoas que a gente ama.

— Ele sabe que sou seu amigo e todo mundo sabe que você é gay também, por que eu não aceitaria?

— É complicado, um dia você vai entender — Daniel disse.

— Essa sensação de ser o último a saber é péssima, estou me sentindo impotente. Parece que as pessoas estão sempre me deixando por último.

— Então vou te contar uma coisa que ninguém mais sabe, você vai ser o primeiro.

— O que é? — Lucas perguntou, curioso.

— O Bernardo veio me visitar hoje enquanto você estava no treino — Daniel cochichou.

— É um dos gêmeos?

— Ele mesmo.

— Mas... Como? — Lucas perguntou, confuso.

— Depois que sumi da escola, ele conseguiu meu número de celular com alguém e desde então estamos trocando mensagens — Daniel explicou. — Marcamos de nos encontrar depois do jogo, mas acabei na enfermaria e o resto você já sabe. Então ele disse que queria ver como eu estava e passei o endereço.

— Uau, outra coisa que eu não previa — Lucas disse. — Mas de verdade, estou feliz por você, é bom que agora larga um pouco do meu pé.

— Ainda não é nada oficial, só rolaram uns beijinhos, mas minha mãe abriu a porta e quase pegou a gente.

— Mas já tá beijando? — Lucas perguntou de olhos arregalados.

— Amigo, eu acho que posso começar a gostar mesmo dele, ele é basicamente o tipo de cara perfeito para mim. Imagina se eu me apaixonar, vai ser um escândalo.

— Espero que dê certo, sinceramente.

— Eu também — Daniel disse com um sorriso bobó no rosto.

— Agora vamos ver logo essa matéria, que não falei com meu

pai que ia passar aqui e ele deve estar me esperando em casa para almoçar.

Lucas explicou o que tinha acontecido nas aulas e copiou algumas coisas para Daniel. Ainda estava um pouco chocado com o que tinha visto, mas era bom estar com alguém que o ajudava a entender. Talvez aquela imagem não fosse ficar para sempre em sua mente. E quando Igor viesse contar a verdade, ele teria uma reação bem mais amigável que o choque. Precisava mostrar que amava o amigo, independentemente de qualquer coisa.



CAPÍTULO 13



A semana passou daquela forma, com Lucas indo à casa de Daniel na parte da tarde para passar as matérias para ele. Depois que Daniel começou a falar com Bernardo, parou com as brincadeiras de segundas intenções para o lado de Lucas e isso fez com que ele ficasse bem mais tranquilo com relação à amizade dos dois. No início, sentiu um pouco de medo de que Daniel o abandonasse, igual Igor tinha feito, mas sabia que isso não aconteceria, porque ele tinha passado pelo mesmo com Gabriel.

Igor e Fernando ainda agiam estranhamente na escola. Agora que sabia que os dois formavam um casal, começou a perceber como se comportavam. Quem não sabia que os dois estavam juntos, dificilmente descobriria, mas agora que sabia, percebia cada pequeno ato que indicava o fato. Eles ainda escondiam tudo de Lucas e nunca tocavam no assunto quando estavam todos juntos.

Era estranho sentar no intervalo com um casal de amigos. Mesmo que eles nem desconfiassem de que ele sabia de tudo, Lucas sentia que estava segurando vela quando estavam por perto. Também não sabia o que pensar sobre aquilo direito, nunca pensou no melhor amigo agarrando outro cara pelos corredores do colégio. Quer dizer, nunca pensou que Igor pudesse fazer isso, mesmo com uma garota, o estranho não era o fato de ele ser gay. Se a mãe de Igor descobrisse, nem queria ver a reação que ela teria.

Na segunda-feira seguinte, Daniel voltou para a escola. Decidiram seguir em frente com o plano de que tinham brigado e não se falaram durante nenhuma aula. Lucas sentou afastado do amigo, mas isso já estava fazendo com que ficasse louco. Queria conversar com alguém, porque já tinha ficado a semana anterior inteira isolado nas aulas e tinha sido péssimo. Quando passavam um pelo outro no corredor, Daniel piscava o olho discretamente, mas ele não tinha coragem de fazer o mesmo e só dava um sorriso tímido. Quando o intervalo chegou, Igor começou com as perguntas.

— Por que você e o Daniel não estão conversando?

— O quê? — o garoto se fez de desentendido.

— Lucas, todo mundo já percebeu, não queira me fazer de bobo. Vocês brigaram?

— Mais ou menos.

— Por quê? — Igor perguntou preocupado.

— Bobeira — Lucas tentou desconversar.

— Tem algo a ver com o fato de ele ser gay?

— É claro que não — Lucas respondeu, indignado. — Você sabe muito bem que eu nunca julgaria um amigo ou qualquer pessoa por causa disso, não sou um babaca homofóbico de mente pequena.

— Então qual foi o motivo?

— Ele descobriu que eu tinha uma queda pela Lílian e ameaçou contar para o Gabriel — inventou.

— Você tem uma queda pela Lílian? — perguntou Fernando, que estava chegando perto dos dois.

— Não, já tive, isso é passado — explicou o garoto.

— Eu lembro de quando ficava babando por ela — falou Igor.

— Sério? — perguntou Lucas. — Pensei que não tivesse reparado. Mas a verdade é que os amigos sempre acabam descobrindo as coisas, mesmo que a gente tente muito esconder. Agora vamos esquecer esse assunto, não quero mais falar sobre isso.

Lucas lançou um olhar para Daniel, que estava sentado com Bernardo a algumas mesas de distância, e balançou a cabeça, querendo dizer que estava tudo bem.

Além de aturar o questionamento dos amigos, Lucas ainda tinha que se submeter aos olhares do professor Fortes durante a aula de literatura. O homem não falava mais nada, nem tentava expulsá-lo de sua turma, mas aquele olhar parecia bem pior. Sentia que o professor arrancaria sua pele na primeira oportunidade.

Fortes também reparou que ele e Daniel não estavam sentando juntos e, quando passou um trabalho em dupla, ficou olhando com quem Lucas ia se sentar. O garoto acabou fazendo dupla com Ronaldo, que era completamente incompetente na matéria, o que fez com que ele fizesse tudo sozinho.

É claro que o professor percebeu isso e ficou preocupado com o garoto. No início do ano, ele estava sempre rodeado de amigos, mas agora parecia sozinho, ignorado pelos outros. Sua vontade era de tirar Lucas dali e dar toda a atenção que ele merecia, mas não podia nem pensar em fazer isso. Só que estava cada vez mais difícil não gostar do aluno.

No fim da aula, quando Lucas ia saindo da escola, Daniel o puxou e o empurrou para dentro do armário de vassouras, fechando a porta atrás de si.

— O que está fazendo? — perguntou Lucas.

— Calma, não vou te beijar de novo — explicou o outro.

— O que quer?

— Estou indo ficar de tocaia naquela porta — Daniel disse.

— Agora?

— Sim.

— Mas e se o professor for para lá? — Lucas questionou, assustado.

— Ainda está cedo, ele sai mais tarde da escola — Daniel argumentou.

— Acho perigoso demais.

— Por isso eu te trouxe até aqui, preciso que fique vigiando e, na hora que ele sair, você manda uma mensagem para o meu celular.

— Não sei não, Dani... — Lucas disse.

— Dani? Por que me chamou assim?

— Desculpa, foi sem querer.

— Achei fofo, pode continuar, mas agora tenho que ir, senão vai ficar tarde. Depois conversamos sobre esse apelido.

— Esquece, é bobeira se importar com isso — Lucas tentou desconversar.

— Depois a gente conversa e não esquece de mandar a mensagem. Vou sair primeiro, espera alguns minutos antes de abrir a porta de novo.

— Tudo bem.

Daniel abriu uma greta na porta, onde enfiou a cabeça e olhou para os dois lados antes de sair. Lucas esperou mais alguns momentos e também foi para o corredor da escola, seguindo na direção contrária, indo para perto da saída dos professores e sentando em um banco. Estava distraído com a música que ouvia no celular e quase não viu a aproximação do professor Fortes.

— O que ainda faz aqui, garoto? — perguntou o homem.

— Oi? — disse Lucas tirando o fone de ouvido.

— Perguntei o que faz aqui — disse o professor em um tom amigável, para espanto do garoto.

— Desculpa, não estava ouvindo, por causa da música.

— Mas agora que ouviu, responda — disse Mateus sentando ao

lado de Lucas.

— Não estou fazendo nada, só esperando uma pessoa.

— Desse jeito, parece até que está vigiando alguém — disse o homem, com um ar de desafio no rosto.

— Professor, desculpa perguntar, mas qual o seu problema comigo?

— Não tenho problema nenhum, Lucas, já resolvemos tudo e sei que você é um bom aluno — explicou. — Só quero garantir que mais ninguém saiba do que você disse sobre a *Sociedade*, isso pode ser perigoso, você não entenderia.

— Não vou contar para ninguém, eu juro — prometeu.

— Tudo bem, eu confio em você — disse o homem. — Agora preciso ir embora, o trabalho de um professor não acaba na sala de aula. E não esqueça de fazer seu dever.

— Eu sei, vou fazer.

— Foi bom conversar com você, vê se não se mete em nenhuma confusão.

O professor foi andando em direção à saída e Lucas mandou a mensagem para Daniel, avisando que ele devia estar a caminho. Aquilo tinha sido muito estranho; o professor não tinha sido um carrasco total e parecia até preocupado de verdade com o que ele estava fazendo. Talvez não fosse um monstro e estivesse mesmo só precisando de sexo, como Daniel tinha dito. Será que tinha transado naquela noite e por isso parecia mais humano?

Lucas chacoalhou a cabeça e parou de pensar na vida sexual de seu professor de literatura, aquilo era doentio, não deveria se interessar por esse tipo de coisa. Começou a andar para casa e viu o professor se afastando, na direção oposta de onde tinha ido pela última vez. Talvez Daniel pudesse ficar mais tempo vigiando, mas era melhor não arriscar, Fortes podia estar só fazendo um caminho diferente, para que ficasse confuso.

Tinha que ir para casa e fazer o dever de literatura, que por sinal estava imenso. Pensou novamente em Igor; onde será que o amigo estava? Tentou imaginar os motivos de Igor não confiar nele para contar seu segredo, mas não conseguiu pensar em nenhum. Abaixou a cabeça e continuou andando depressa. Estava esfriando e já tinha problemas demais para ainda pegar um resfriado.



CAPÍTULO 14



Chegou a hora do treino de handebol e Lucas ainda não tinha conseguido falar com Daniel. A aula tinha sido relativamente tranquila no dia, mas o garoto estava preocupado. Ainda não havia novidades com relação a Igor e Fernando, então o momento alto do dia de Lucas seria quando conseguisse ver o que Daniel descobriu no dia anterior, se é que tinha mesmo descoberto alguma coisa. Estavam todos sentados no vestiário, aguardando instruções, quando o treinador começou a falar.

— Os uniformes novos chegaram hoje, então no próximo jogo não vão precisar usar aquelas camisas fedorentas de vocês. As novas regras do torneio exigem nome e numeração na camisa dos jogadores, então agora cada um vai ficar responsável pelas suas próprias camisas. Cada um receberá três, para que dê tempo de lavar e secar. Hoje vamos treinar com elas para que se acostumem. Vou começar a entregar. Bernardes, número onze.

Igor levantou e foi pegar a camisa com o treinador.

— Venturini, sete.

Lucas começou a ficar ansioso no assento. Daniel tinha escolhido seu número e ele começava a desconfiar de qual era.

— G. Lopes, trinta e sete — foi a deixa de Gabriel. — Daniel, sessenta e nove. L. Oliveira, vinte e quatro.

— Vinte e quatro? — perguntou Lucas.

— Sim, é o número que escolheu, pega logo seu uniforme — disse o treinador sem paciência.

Lucas olhou para Daniel e ele estava tremendo no banco, tentando conter o riso. Alguns outros garotos do time debochavam do número da camisa de Lucas e isso só fazia com que sua raiva aumentasse. O problema maior era não poder falar com o amigo e brigar com ele, porque todos pensavam que já tinham brigado por algum motivo.

Ele sabia que aquilo era só um número e que não significava absolutamente nada, mas muita gente ainda tinha preconceito por

conta disso. Vinte e quatro era o número do veado no jogo do bicho e pessoas idiotas ainda usavam essa palavra para xingar homens gays, então agora Lucas teria que lidar com os olhares e risadas de alguns colegas de time.

O treino começou e o garoto não podia deixar de pensar que todos estavam olhando para ele. Mesmo que houvesse poucas pessoas na arquibancada, não parava de achar que todas olhavam e apontavam para o número em sua camisa. Talvez estivesse ficando louco, mas era a impressão que tinha.

Quando o último apito do treinador soou, Lucas pegou a mochila e foi direto para casa. Não passou nem no vestiário para tomar um banho, podia muito bem fazer isso no próprio banheiro. Ignorou o pai que estava na cozinha e foi direto para o quarto. Lucas arrancou a camisa suada e a jogou embolada em um canto. Quem Daniel pensava que era? Aquilo já tinha ido longe demais. Brincar quando estavam sozinhos era uma coisa, mas fazer a escola inteira duvidar de sua sexualidade era algo completamente diferente.

Tomou um banho e ficou o resto do dia fechado dentro do quarto. O pai sabia que não era bom falar com ele quando estava de mau humor, então não se intrometeu. Ele conhecia o gênio que o garoto tinha herdado da mãe e, quando estava naquela situação, era melhor ficar longe. Lucas era uma bomba relógio que, quando explodia, era melhor correr dos estilhaços.

Quando começou a escurecer, Lucas já estava distraído, lendo as histórias em quadrinho do Asa Noturna que tanto gostava. O pai saiu para trabalhar e a casa ficou no mais absoluto silêncio, o que era ótimo. Estava quase cochilando, quando ouviu a campainha tocar.

— Já vai — gritou.

Lucas não esperava ninguém, então não sabia quem podia estar na porta.

— Oi — disse Daniel quando ele abriu.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Lucas.

— Nossa, que tratamento é esse? — perguntou o amigo. — Não vai nem me chamar para entrar?

— Estou pensando em te deixar aí fora mesmo.

— Cai fora, Lucas — disse Daniel, empurrando facilmente a barreira que o outro tentava fazer na porta com o corpo.

— O que quer?

— Vai ficar me tratando assim? Não fiz nada com você!

— Não mesmo? — ele perguntou de modo irônico.

— Lu, o número da camisa foi uma brincadeira! — respondeu

Daniel, exasperado. — Não sabia que você tinha a masculinidade frágil a esse ponto.

— Em primeiro lugar, não me chama de Lu, que não dei permissão para isso. Segundo, não vi graça nenhuma na sua brincadeirinha de mau gosto. Agora todo mundo na escola vai pensar que eu escolhi aquele número e que sou gay.

— Uau, essa doeu.

— Desculpa, não queria usar a palavra gay como sinônimo de algo ruim, mas isso não diminui o que você fez — tentou argumentar.

— Eu sei, desculpa, não pensei em nada disso na hora, só pensei que seria engraçado e fofinho você com esse número.

— O que tem de fofinho nisso?

— Não sei, tudo em você é meio fofo — Daniel disse, dando de ombros. — E sobre te chamar de Lu, não vou parar, você me chamou de Dani. Acho bom você engolir esse seu orgulho porque não tenho paciência para amigos com masculinidade tóxica, nós sabemos que você é melhor que isso.

— Eu não sou esse tipo de cara, Daniel — Lucas respondeu, revirando os olhos. — E já disse que te chamei de Dani sem querer.

— Mas eu gostei do apelido.

— Eu não.

— Vai me desculpar ou não vai? — Daniel perguntou, mudando de assunto.

Lucas fingiu por um momento que estava pensando sobre o assunto, então decidiu provocar um pouco Daniel, para dar o troco.

— Não desculpo — disse.

— Tudo bem, então vou embora e não conto o que vim fazer aqui.

— Não veio me pedir desculpas? — Lucas ponderou.

— Não, senhor — respondeu Daniel. — Quer dizer, vim fazer isso também, mas não era o principal.

— Então anda, fala logo.

O garoto cedeu e sentou no sofá, virado de frente para Daniel, que deu um sorriso como se tivesse vencido a discussão. Lucas já estava começando a se acostumar com isso, Daniel fazia tudo do jeito dele sempre. E também sentia que devia aturar o capricho do amigo porque queria provar para si mesmo que não era um babaca de humor quebradiço.

— Está sozinho em casa? — Daniel perguntou, sussurrando.

— Estou, o que é tão misterioso assim? — Lucas quis saber.

— Você já esqueceu o que a gente está investigando?

— Verdade — disse ele, batendo na própria testa. — Fiquei com tanta raiva de você, que esqueci completamente. Senta aí e conta tudo.

Daniel pulou no sofá da casa de Lucas e segurou uma almofada no colo. Sabia que o amigo não ficaria com raiva por muito tempo, porque sabia que, no fundo, Lucas era a pessoa mais doce do mundo, mesmo que às vezes tentasse dar uma de machão de ego frágil.

— Vai me matar de curiosidade? — perguntou Lucas.

— Só vou falar depois que disser que me desculpa — Daniel disse.

— Isso é chantagem, não é justo — respondeu Lucas. — Tá bom, Daniel, desculpo, mas fala logo.

— Larga de ser interesseiro, tem que ser do fundo do coração. Você me ama? Eu sou o seu grande amigo Dani?

— Se não for falar, pode ir embora, já estou perdendo a paciência.

— Calma, Lucas, eu estou brincando, você tem que ser mais feliz, está ranzinza igual a um velho — Daniel provocou. — Está até parecendo um professor gato que eu conheço.

— Desisto de você.

Lucas levantou do sofá e foi até a porta, abrindo e fazendo sinal para que Daniel saísse. O amigo apenas deu uma risada e continuou sentado no mesmo lugar no sofá.

— Relaxa, já estou chegando na história — Daniel disse. — Depois que saí da escola, fui direto para a frente daquela porta maluca. Fiquei lá um bom tempo, mas não acontecia nada, ninguém entrava nem saía. Já estava de saco cheio, querendo ir embora, aí você mandou a mensagem falando que o professor saiu da escola. Esperei mais uns minutos, mas como nada demais aconteceu, resolvi ir embora.

— Fez esse suspense todo para falar que não descobriu nada?

Daniel novamente sorriu de modo irônico, como se estivesse guardando a melhor parte para o final. Lucas já estava realmente impaciente com aquilo, além de ter feito a brincadeira dos números, agora Daniel estava novamente fazendo com que ele ficasse estressado.

— Calma, Lucas, me deixa acabar de contar a história — Daniel disse. — Então, eu estava saindo, quando ouvi umas vozes conhecidas. Escondi atrás de uma caçamba de entulho e fiquei esperando, então eles entraram no corredor, deram um beijo e bateram três vezes na

porta. Depois, um homem grande abriu e eles entraram. Tentei ver o que estava acontecendo, mas, quando cheguei, a porta já estava trancada de novo, então fui para casa, antes que o professor aparecesse lá de novo.

— Quem eram eles, Daniel? Quem diabos entrou naquela merda de porta?

— Lucas, sinto muito, mas o Igor e o Fernando fazem parte da *Sociedade do Urso Negro*.

O garoto quase engasgou com a saliva, seu melhor amigo tinha entrado por aquela porta estranha que guardava um grande segredo. Ele estava envolvido com o mistério envolvendo o professor e não tinha dito nada. Isso era muito mais grave do que esconder um relacionamento.



CAPÍTULO 15



Lucas ainda estava sentado no sofá sem acreditar no que tinha acabado de ouvir. A cabeça estava entre os joelhos e os pensamentos corriam a mil por hora. Não podia crer que, além de não contar sobre o namoro, Igor ainda tinha entrado em uma sociedade secreta maluca. Pior, seu amigo estava naquele lugar junto com o professor de literatura que o tinha praticamente ameaçado se ele contasse sobre o local para alguém.

— O que você vai fazer? — perguntou Daniel.

— Não sei — o garoto disse, sentindo o estômago embrulhar.

— Lucas, a gente precisa descobrir o que tem atrás daquela porta. O Igor e o Fernando podem estar metidos em algum tipo de confusão.

— Eu sei.

— Eles podem estar lá por engano, o professor pode ter descoberto que eles são um casal e obrigou os dois a ajudar com seus planos loucos, ameaçando contar sobre eles para todo mundo se não cooperassem.

— Pensar nisso não está ajudando — Lucas afirmou. — Mas é melhor do que acreditar que eles podem não ser quem a gente pensa e que escolheram entrar naquele clube por vontade própria.

— Você sabe que só tem uma opção, não é? — Daniel perguntou.

— Que opção? Não vejo nenhuma.

— Lucas, é óbvio, você vai ter que perguntar para o Igor.

— Está louco? — ele disse, com os olhos arregalados. — Como acha que vou fazer isso?

— Não sei, Lucas, ele é seu amigo, pensei que podiam conversar sobre qualquer coisa.

— É claro, Daniel. Vou chegar perto dele e falar "oi, Igor, tudo bem? Então, eu sei que você é gay e que faz parte de uma sociedade secreta meio louca. Quer me contar o que vocês fazem no outro lado

daquela porta?"

— Sei que parece loucura, mas é algo desse tipo que vai ter que fazer.

— Sem chance — Lucas contestou.

Ele estava preocupado e sabia que Daniel sentia a mesma coisa, mas não podia simplesmente jogar essas informações e esperar que Igor confessasse tudo. Mas, por outro lado, se o amigo estivesse lá contra a vontade, ele poderia mesmo estar precisando da ajuda de alguém de fora. Independente do caso, Lucas teria que pensar logo em um plano.

— Talvez a gente pudesse pegar o Igor e o Fernando se beijando, então eles não teriam como negar — Daniel tentou dizer.

— Isso é ainda pior — Lucas disse, sacudindo a cabeça.

— O Igor é mais seu amigo do que meu, então vou deixar que decida. Agora vou embora, que está ficando tarde e combinei de ir ao cinema com o Bernardo.

— O que está rolando entre vocês dois?

— Ainda não sei direito, mas parece que está ficando sério — ele disse, com um sorriso.

— Ah...

— Está com ciúmes? — Daniel provocou.

— É claro que não, mas você já é o segundo amigo que não me apresenta o namorado — Lucas disse, com um ar meio triste. — Parece até que todo mundo pensa que sou um troglodita idiota.

— Ele não é meu namorado, Lucas — argumentou Daniel. — Pelo menos ainda.

— Tudo bem. Vai lá ficar beijando seu homem misterioso, que vou pensar em algo pra fazer com a história do Igor e daquela porta.

— Tá bom, eu vou, mas lembra que não precisa ter ciúmes de mim, o Bernardo está aproveitando desse meu corpo perfeito, mas eu nunca abandonaria um amigo. Vê se não esquece disso.

— Eca, Daniel, cai fora, que já está falando besteira — Lucas falou. — Não quero saber do seu corpo e das suas partes masculinas.

— Tá bom, você que está perdendo, partes masculinas são ótimas — disse Daniel. — Agora abre a porta para mim?

— Chato.

Depois que Daniel foi embora, Lucas ficou sentado no sofá, passando os canais da TV aleatoriamente, pensando no que faria. Confrontar o amigo talvez não fosse uma coisa boa, mas realmente não conseguia imaginar outras opções. Tinha que pensar em fazer algo

que não destruísse de vez a amizade que tinham desde criança, mas tudo o que planejava era muito agressivo.

A única coisa que sabia era que Fernando era o culpado por Igor não dividir as coisas com ele. Como o amigo tinha dito, era Fernando que não queria contar o que se passava com eles, mas Lucas não conseguia imaginar nenhum motivo para isso. Sempre foi receptivo com o garoto e nunca o tratou mal nem deixou de falar com ele. Será que Fernando tinha ciúmes da relação que ele tinha com o amigo? Se fosse isso, seria a coisa mais idiota do mundo, afinal, Igor era como um irmão e Lucas nunca iria se interessar por ele, mesmo que fosse gay ou bissexual.

Já estava tarde quando o pai chegou, mas Lucas ficou esperando acordado, porque queria conversar com ele. Fazia tempo que não tinham uma conversa de pai e filho e o garoto estava precisando de alguns conselhos.

— Ainda acordado, filho? — o homem perguntou ao abrir a porta e deixar suas coisas na mesinha ao lado dela.

— Estava te esperando — Lucas disse se espreguiçando.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só queria conversar um pouco — o garoto logo disse, não queria deixar o pai preocupado. — Fico sozinho nessa casa o dia todo, tem hora que parece que vou enlouquecer.

— Desculpa, sei que devia ficar mais com você, mas esse caso em que estou trabalhando está me matando.

— Alguma coisa importante? — Lucas perguntou.

— Encontraram alguns corpos na mata, ou o que sobrou deles, e estamos tentando identificar as vítimas.

— O que aconteceu?

— Ainda não sabemos direito, mas parece que foi o ataque de um animal grande — o homem respondeu. — Mas não temos muitos animais por aqui, então não temos ideia do que seja.

— Tipo um urso? — Lucas perguntou.

— Podia sim ser um urso, mas a grande questão é que não tem ursos no Brasil, então a gente não sabe o que pode deixar um corpo daquele jeito.

Lucas engoliu em seco, pensando que o professor podia ser o responsável e, pior ainda, que Igor pudesse estar envolvido.

— Será que não foi algum psicopata louco? — perguntou.

— Estamos investigando e espero eliminar logo essa possibilidade — o pai respondeu. — Se puder, evite andar sozinho na rua, principalmente depois que anoitecer. Se esses ataques foram

feitos por humanos, a pessoa não está trabalhando sozinha, então é bom não ficar se arriscando.

— Tudo bem.

— Mas não quero te deixar preocupado com essas coisas, é assunto da polícia e vamos resolver isso logo, prometo. O que queria falar comigo?

— Queria te perguntar se alguma vez um amigo seu já guardou um segredo importante e não quis te contar.

— É claro que sim, todos nós temos segredos — o homem ponderou.

— Eu sei, mas se você descobrisse o segredo do seu amigo por outra fonte, ia contar para ele?

O pai ficou pensando por alguns momentos naquilo, examinando a situação, mas não podia dar uma solução sem saber exatamente o que estava acontecendo.

— Não sei, Lucas — disse por fim. — Acho que primeiro eu ia esperar para ver se ele mesmo ia me dizer. E se não fosse algo que iria atrapalhar nossa relação, ou algo que o deixaria desconfortável, talvez não falasse nunca com ele.

— Mas acho que tenho que falar que eu sei — Lucas disse.

— Isso tem alguma coisa a ver com o Igor? — o pai perguntou. — Percebi que vocês dois estão um pouco afastados, ele não tem vindo muito aqui depois da aula.

— É, estou falando dele mesmo.

— Ele não está se metendo em nenhuma encrenca, está? — o homem perguntou, preocupado.

— Não, não é bem isso.

— É algum problema com garotas?

— Não, pai — Lucas foi logo dizendo. — É bobeira, deixa para lá. Acho que só estamos ficando um pouco distantes.

— Filho, não é normal você e o Igor estarem se estranhando — o homem disse. — Sempre foram amigos, desde que eram criancinhas. Não é saudável se sentir desse jeito. Conversa com ele, que ele com certeza vai entender que está se sentindo excluído. E se ele estiver metido em algum problema, é sua obrigação ajudar. O que você não pode fazer nunca é desistir das pessoas que importam.

— E se ele não quiser ajuda?

— Então talvez deva contar para a mãe dele — o pai disse de modo prático. — Quando você não tiver mais condições de ajudar e os problemas estiverem grandes demais, lembre-se de que há adultos por

aqui que só querem o seu bem.

— Eu sei, pai. Obrigado.

— Vai dormir agora e amanhã você pensa direito no que fazer — o pai aconselhou. — A gente sempre pensa melhor depois de uma boa noite de sono. Se for algo sério, pode contar comigo. Sei que é um garoto responsável e que vai fazer a escolha certa.

Lucas foi para a cama pensando nas palavras do pai. Queria fazer a escolha certa, mas qual seria? Podia acabar se metendo em alguma confusão se aquela porta não escondesse nada demais, ou podia meter o amigo em uma confusão ainda maior se escondesse. O jeito era mesmo falar com Igor e a conversa não podia passar do dia seguinte. Só precisava dar um jeito de descobrir como fazer isso.



CAPÍTULO 16



Lucas estava tão ansioso para falar com Igor que foi para a casa dele meia hora mais cedo. Mesmo que não estivessem tão próximos ultimamente, ainda tinham o costume de caminhar juntos até o colégio, o que dava aos dois alguns momentos de liberdade, sem a presença de Fernando. Apertou a campainha e esperou alguns momentos no lado de fora.

— Acordou cedo hoje, deu formiga na cama? — perguntou a mãe de Igor, que saía para o trabalho no hospital.

— Não, só queria ver se o Igor conseguiu fazer a última questão do trabalho de literatura, porque não deu tempo de fazer ontem — o garoto inventou.

— Ele acabou de acordar, pode ir subindo lá para o quarto dele e pergunta. Eu já estou de saída, mas é muito bom ver você por aqui.

— Até mais tarde então — Lucas disse. — É bom ver a senhora também.

— Boa aula para vocês.

Lucas subiu as escadas, dois degraus de cada vez, mas aguardou alguns segundos antes de bater na porta do quarto do amigo. Tinha passado boa parte da noite em claro, pensando no que fazer, mas mesmo agora não tinha muita certeza.

— Entra — Igor gritou do outro lado.

— Sou eu — disse, empurrando a porta.

— É, eu ouvi você conversando com a minha mãe. E sei que está mentindo porque não temos trabalho nenhum para hoje.

— Já está pronto?

— Claro que não, acabei de acordar — Igor disse. — O que faz aqui tão cedo? Pensei que ia me encontrar perto da sua casa, como sempre. Aconteceu alguma coisa? Você nunca mentiu para minha mãe antes.

— Pois é — Lucas disse.

— Vai falar logo ou vai ficar enrolando? — Igor perguntou. —

Anda, desembucha, você está me deixando preocupado.

— Eu queria conversar um assunto contigo. É sobre você e sobre o Fernando também, mas é um pouco complicado.

— O que tem a gente?

— Não sei se tem alguma coisa — Lucas disse baixinho. — Eu que preciso te perguntar, você não quer me contar nada?

— Não estou entendendo onde quer chegar, Lucas — Igor disse, na defensiva.

— Ah, quer saber? Vou acabar de uma vez com isso. Eu já percebi que vocês estão namorando, não sou nenhum idiota.

— O quê? — Igor perguntou, com os olhos arregalados. — Você acha que eu sou gay?

— Não acho nada, Igor, eu vi — o garoto respondeu. — Vi vocês dois se beijando no vestiário, não adianta querer negar. Não tente ofender a minha inteligência.

— Então foi você que fez aquele barulho.

— Foi — Lucas finalmente pôde dizer.

— Eu disse que ouvi alguma coisa, mas o Fê disse que não era nada.

— O Fê?

— Ah, Lucas, agora você já sabe, posso falar como quiser — Igor disparou. — Por que não veio falar comigo antes?

— Não sei, eu estava com medo. — Lucas confessou. — Por que você não me contou nada?

— Porque isso ainda é muito difícil para mim e para o Fernando. A gente nunca tinha ficado com nenhum cara antes e é complicado aceitar isso. Não sabia qual ia ser sua reação, se ia querer ser meu amigo depois que soubesse.

— É claro que eu continuaria seu amigo, acha que sou algum homem das cavernas do milênio passado? Você é meu melhor amigo, idiota.

— Ah, Lucas, não sabe como fico aliviado com isso — disse Igor, dando um abraço inesperado no amigo. — Tirou um peso imenso das minhas costas.

Lucas percebeu então que o amigo estava chorando. Não era apenas um fingimento, ele chorava de verdade. O garoto também acabou se emocionando e enxugou os olhos antes que Igor percebesse. Se soubesse que a amizade dos dois podia ser salva depois dessa conversa, já teria falado há muito tempo.

— Devia ter me contado, seu mané — disse Lucas. — Estava se

afastando de mim à toa. Você devia me conhecer melhor do que isso.

— Desculpa, mas o Fernando ficou com medo de contar e isso estragar nossa amizade — Igor disse. — Ele não queria ficar entre a gente, as coisas não deram muito certo quando ele contou para uma amiga dele.

— Isso é bobeira, nada fica entre irmãos — Lucas tranquilizou o amigo. — Se essa garota se afastou dele, ela não era mesmo amiga.

— É verdade, sou mesmo burro de acreditar que poderia se afastar de mim por isso — Igor disse. — Mas o beijo do vestiário já aconteceu faz tempo, por que só agora veio falar comigo?

— Porque eu estava com medo da sua reação e também tem outra coisa que preciso falar com você.

— Outra coisa? — Igor quis saber.

— Sim.

— Ah! — Igor disse, como se entendesse o que Lucas queria dizer. — Você também é? Claro, como eu não adivinhei? Fica andando só com o Daniel, não podia ser outra coisa. E eu suspeitava um pouco quando a gente era mais novo.

— Não é nada disso, seu panaca — Lucas disse, revirando os olhos.

— Não? — Igor parecia genuinamente confuso.

— Não.

— Então o que é?

— Sei que, além de estarem namorando, você e o Fernando fazem parte de um clube secreto, a *Sociedade do Urso Negro*.

— Onde você ouviu esse nome? — Igor perguntou, de olhos arregalados.

— Não ouvi, li em uma porta.

— Lucas, esquece isso, tudo bem?

— Por quê? — ele quis saber. — O que tem atrás daquela porta?

— Não é nada importante, só esquece que viu aquilo, por favor.

— Igor, pensei que fôssemos amigos — Lucas tentou argumentar.

— Nós somos.

— Então por que não me conta?

— Porque eu não posso — o amigo respondeu. — Esquece aquilo, esquece a porta e não comenta sobre isso com ninguém, principalmente na escola.

— Porque o professor Fortes pode acabar ouvindo — Lucas disse, dando de ombros.

— Como sabe disso? — Igor parecia espantado.

— Eu vi o professor entrando naquela porta, do mesmo jeito que sei que você e o Fernando também entraram. É algum tipo de clube para psicopatas? Ele descobriu que vocês são gays e ameaçou contar se não fizessem parte?

— Ele não obrigou a gente a fazer parte de nada, só estamos ajudando o professor com uma coisa. Você faz perguntas demais, Lucas, vai acabar se metendo em encrenca.

— Se não quiser me contar, vou ter que falar com o meu pai e ele vai mandar uma viatura para lá — Lucas ameaçou.

— Mantém a polícia longe daquele lugar, entendeu? — Igor disse.

— Não, Igor, não estou entendendo mais nada.

— Fico feliz de não precisar mais fingir que sou hétero perto de você, de verdade, mas fica longe da *sociedade*, lá não é lugar pra você.

— Mas, Igor... — Lucas tentou argumentar.

— Acredite em mim, o professor Fortes é uma pessoa boa e você sabe que eu não ia me meter em enrascada — Igor disse. — Sei que não confiei em você para contar sobre meu relacionamento com o Fernando, mas, por favor, confia em mim.

— Estou tentando, mas tá difícil.

— Eu sei que pode ser complicado ficar perto de mim esses dias, mas a minha vida toda está complicada — Igor disse, passando a mão pelos cabelos. — Estou passando por muita coisa no momento, não sei se minha mãe vai me aceitar assim e meu pai nem se fala, aposto que ele vai até aparecer quando descobrir isso. Se quiser se afastar, vou entender completamente, porque, no momento, não posso ser totalmente honesto com você.

— Só queria que confiasse em mim.

— Confio minha vida a você, mas esse é um segredo que não é meu. Quando tudo se resolver, prometo que vai ser o primeiro a saber de tudo, está bem?

— Tá bom, acaba de se arrumar e vamos para a aula, então — Lucas disse, derrotado.

— Lucas, obrigado por ser meu amigo — Igor falou, dando outro abraço nele. — Você é um cara bom. Eu te amo de verdade e nunca faria nada para te colocar em risco.

— Eu sei, eu também te amo e não quero me afastar de você, só não quero que vocês fiquem me excluindo.

— Eu prometo — o amigo respondeu.

Igor acabou de vestir o uniforme e os dois foram para a escola. Talvez as coisas não tivessem acontecido como tinha planejado, mas pelo menos Lucas sabia que ainda tinha o amigo, mesmo que ele não estivesse compartilhando tudo o que vinha acontecendo. Como o pai tinha dito, todos possuem segredos. Lucas confiava em Igor e sabia que, na hora certa, as coisas iam se resolver.



CAPÍTULO 17



Lucas estava em casa, prestes a começar a fazer seu dever de literatura, quando percebeu que tinha esquecido o caderno dentro do armário na escola, que os jogadores do time podiam ter. Se deixasse o exercício sem fazer, sabia que teria problemas com o professor e isso não era uma ideia muito boa. O problema era que o tempo estava começando a nublar e ele teria que ir até a escola e voltar antes que a chuva começasse.

Pegou a bicicleta que não usava há anos e desceu a rua até a escola. Já estava tudo fechado, porque as aulas do dia já tinham acabado e estava começando a anoitecer. Deu uma volta pela escola, para encontrar o zelador e acabou achando o homem no lado de fora de uma sala, mexendo em uma janela.

— Oi, senhor Manoel — cumprimentou.

— Oi, garoto — disse o homem, que sempre era simpático com ele.

— Quer ajuda com a janela? — ofereceu.

— Está emperrada, se você puder segurar essa parte, eu tento empurrar.

— Tudo bem.

Lucas segurou a janela onde o homem tinha apontado e conseguiram fechá-la com alguma dificuldade.

— O que está fazendo na escola a essa hora? — perguntou o homem, limpando as mãos na roupa.

— Esqueci meu caderno no armário hoje mais cedo e queria saber se pode me deixar entrar para pegar. Prometo que vou ser rápido.

— As regras da escola dizem que nenhum aluno pode entrar depois do horário das aulas — o homem disse, com a mão no queixo.

— Por favor — Lucas pediu. — Vou ser rápido, eu juro.

— Tudo bem, mas só vou deixar porque me ajudou com a janela e porque sei que é um menino bom.

— Muito obrigado mesmo, vai salvar a minha vida.

— Vou abrir a porta para você, mas não vou poder ficar te vigiando, porque tenho que acabar de fechar as janelas antes que a chuva comece — disse Manoel. — Pega o caderno e cai fora.

— Tá bom.

Lucas entrou na escola e foi direto para o vestiário no lado da quadra. Tinha tirado o caderno da mochila quando foi trocar de roupa para o treino de handebol e provavelmente tinha colocado no armário junto com seus outros pertences. Por sorte, encontrou o caderno no topo de suas coisas e foi quando ouviu o primeiro trovão. Guardou o caderno na mochila e se apressou em ir para a saída, mas a chuva já estava forte quando chegou ao corredor.

O garoto estava indo até a entrada da escola pegar sua bicicleta, quando ouviu uma voz forte atrás de si.

— Onde pensa que vai, garoto?

— Professor Fortes? — perguntou ao se virar.

— É claro que sou eu, pensou que fosse um fantasma? — disse o homem.

— Não, eu só não sabia que estava na escola.

— É normal professores ficarem na escola trabalhando até mais tarde, o que é estranho é um aluno aqui por essas horas.

— Só vim buscar um caderno que esqueci no armário, mas já estava de saída — respondeu apressado.

— Não vai sair com essa chuva, pode acabar pegando um resfriado.

— Eu preciso, ou não vai dar tempo de terminar o exercício que você passou.

— Quando o Manoel falou que deixou você entrar, sabia que ia querer fugir no meio dessa tempestade, mas é minha responsabilidade como professor cuidar da sua segurança. Está relampeando muito lá fora e pode acabar caindo um raio em você.

— Mas o trabalho... — Lucas tentou argumentar.

— Você pode fazer aqui e, se tiver alguma dúvida, eu respondo. Garanto que sou uma fonte mais segura do que a internet que costumam usar. E se sair agora, seu caderno vai molhar todo. Vamos para a sala dos professores, o Manoel está acabando de fechar a escola e vai ficar na portaria, não tem mais ninguém aqui.

Lucas teve a impressão de que Fortes quis deixar nítido que ficariam sozinhos na sala dos professores. Ainda ficava um pouco assustado na presença dele, mas Igor tinha dito que o cara era boa gente e ele estava tentando protegê-lo da chuva, então não faria nada

demais. O professor entrou na sala, sentou-se à mesa que tinha no centro e indicou a cadeira em frente para que Lucas sentasse. Ele sentou um pouco devagar e começou a tirar o caderno da mochila.

— Qual poeta você escolheu para o trabalho? — perguntou o professor.

— Como meu tema é o barroco, pensei em escolher Gregório de Matos, que é o maior representante brasileiro do movimento.

— Gregório é um dos meus poetas preferidos, acredito que você não tenha escolhido ele só porque é importante.

— Não, eu também gosto dos temas polêmicos — Lucas disse, corando.

— Imaginei, é a sua cara mesmo — o professor respondeu com uma risada.

— Minha cara?

— Sim, você sempre fala o que quer, sem se preocupar com o que ninguém pensa. Na sua idade, eu não teria coragem de enfrentar um professor.

— Eu sei, desculpa se fui um aluno ruim — Lucas disse com sinceridade.

— Não é sua culpa, sei que também não sou um professor muito fácil — Fortes respondeu. — Na verdade, eu te admiro por isso, você me faz lembrar do motivo de eu escolher essa profissão. Agora ao trabalho, você é o melhor aluno da turma, então espero muito de você.

Lucas baixou os olhos para o caderno e começou a escrever suas respostas. Já tinha pesquisado bastante coisa e tinha alguns materiais impressos guardados na mochila. Começou a responder aos tópicos que o professor tinha passado e até esqueceu que estava na escola. Quando quase acabava o trabalho, olhou para frente para descansar os olhos e viu que Fortes estava olhando diretamente para ele.

— Terminou? — ele perguntou.

— Ainda não, só falta o último tópico — Lucas disse, esticando um pouco o corpo.

— Você entra em um mundo particular quando está escrevendo, já pensou em ser escritor? — o homem quis saber.

— Tentei escrever algumas coisas uma vez, mas acho que não ficou muito bom — Lucas respondeu, envergonhado.

— Eu gostaria de ler, dá para ver que escreve bem pelos seus trabalhos.

Lucas abaixou o rosto, que tinha ficado corado com o que o

professor disse. Ele sempre tinha gostado de escrever, mas nunca mostrou nada para ninguém, então era engraçado que logo o Fortes estivesse interessado em ler seus textos. Pelo menos, sabia que o homem sempre daria uma opinião sincera.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse Lucas.

— Claro, estou à sua disposição aqui — Mateus Fortes respondeu.

— Por que você não gosta de mim? — Lucas quis saber.

— Quem disse que não gosto de você?

— Deixou isso bem claro quando disse que não me queria na sua turma. Mas eu nunca entendi o motivo. Você diz que sou seu melhor aluno, fala coisas boas para mim quando estamos sozinhos, mas parece querer me matar quando estamos na sala de aula. Isso me deixa bastante confuso.

— Lucas, é complicado — o professor finalmente disse.

— Disse que eu podia fazer a pergunta — Lucas desafiou.

— Mas não disse que ia responder.

— Tudo bem, então.

O professor levantou de onde estava e encostou na mesa, ao lado de Lucas. O garoto achou que ele ia brigar com ele de novo, que ia pedir que fosse embora, mas sua voz era suave quando começou a falar.

— Lucas, desculpa, mas é muito difícil para mim ficar no mesmo ambiente que você — o homem falou. — A culpa não é sua, mas não consigo segurar.

— Segurar o quê?

— Desde a primeira vez que te vi, senti uma coisa dentro de mim, não sei explicar direito o que é, mas não consigo controlar.

— Nossa, me odeia tanto assim? — Lucas perguntou magoado.

— Você não entende nada, o que sinto por você não é ódio — o homem respondeu.

— O que é então? — quis saber.

Lucas virou o rosto para o lado enquanto o professor abaixava em sua frente. O homem colocou a mão sob seu queixo, deixando as duas cabeças na mesma altura, os olhos ligados completamente pelo olhar. Foi então que entendeu o que o professor queria dizer. O que via em seus olhos era paixão, não ódio. O fogo que ardia no olhar de Mateus Fortes era mesmo causado por ele, mas de um modo totalmente diferente do que imaginava.

— Se eu não controlasse meus instintos, eu ia te beijar aqui

agora — o homem disse.

Lucas engoliu em seco, mas não se afastou. Na verdade, ele inclinou um pouco a cabeça de modo instintivo, como se desse permissão para o professor fazer aquilo.

— Eu quero, Lucas, mas eu não posso — respondeu o homem. — Além de ser meu aluno, você ainda vai ser menor de idade até a semana que vem, entende o que isso poderia causar? Eu sei que é errado sentir atração e desejo por um aluno, mas quando te vi pela primeira vez, não sabia que você era nada disso. Antes de as aulas começarem, eu te vi em um café não muito longe daqui. Naquele dia, eu te achei o ser mais magnífico que já vi em toda minha vida. Então foi um choque te ver na escola no dia seguinte. Eu prometi para mim mesmo que ia esquecer e eu teria mesmo esquecido se não te encontrasse. Mas te ver todos os dias, perceber o quanto você é inteligente, leal aos seus amigos, isso mexe comigo. Por isso eu sei que preciso me afastar, só não pense nunca que eu te odeio, porque eu mudaria as circunstâncias se isso significasse que eu ia poder ficar com você.

Lucas não teve nenhuma reação, a não ser deixar que o professor continuasse dizendo aquelas palavras. Quando Fortes finalmente se afastou, o garoto ainda estava parado em estado de transe, tentando digerir tudo aquilo.

— Entende agora porque não posso ficar perto de você? — perguntou o homem.

O garoto não respondeu nada, ainda estava extasiado pelo que tinha acabado de sentir. Tudo fazia sentido, mas ao mesmo tempo não fazia. E aquilo mudava completamente as coisas dentro do próprio Lucas, porque não conseguiria lidar com todas aquelas informações se não refletisse muito.

— A chuva já parou — disse o professor. — Estou indo embora, apague a luz quando sair. O Manoel vai trancar tudo depois.

O homem passou direto pela porta e Lucas ficou mais um tempo na sala. Não sabia dizer se tinham passado apenas alguns minutos ou horas quando se levantou. Pegou a bicicleta na entrada e foi empurrando até em casa. Seu corpo estava reagindo de forma estranha e, diferente do que acreditava até então, tinha até ficado um pouco feliz de saber que não era odiado. Queria esquecer um pouco as consequências que aquilo traria, mas ainda teria que pensar muito antes de ir para a próxima aula de literatura.



CAPÍTULO 18



A aula de literatura passava vagarosamente. Estavam lendo um trecho do livro *A Hora da Estrela* na sala de aula, mas Lucas não conseguia prestar atenção em nenhuma palavra lida por Marcela. Daniel tinha estrategicamente fingido que esqueceu o livro e estava sentado junto com Bernardo. Os dois não paravam de cochichar por um minuto sequer, mas o professor fingia não reparar. Lucas ainda não tinha comentado a situação do dia anterior com o amigo e também não sabia se ia comentar. Se falasse sobre a confissão de Fortes, logo seria bombardeado de questionamentos e sabia que Daniel faria a pergunta que ele mais temia.

O que isso te fez sentir? Você também se sente atraído por ele?

Já tinha feito aquele diálogo inúmeras vezes na cabeça e ainda não tinha uma resposta. Os sentimentos dentro do garoto estavam um turbilhão. Aquilo não podia estar acontecendo. Se estava tão confuso com a fala Fortes, por que não tinha acontecido o mesmo quando foi beijado por Daniel? Ele era seu amigo e uma pessoa muito mais confiável que aquele professor misterioso. Não podia estar questionando a própria sexualidade de jeito nenhum.

Olhou para os lados na sala, procurando algum rosto amigo, mas todos estavam com as cabeças baixas, compenetrados na leitura. E mesmo quem não queria prestar muita atenção, tinha medo o suficiente do professor para fingir. Lucas levantou um pouco mais a cabeça e olhou para frente. Encontrou o olhar de Fortes, que estava fixo nele, e a expressão que ele tinha perguntava se Lucas estava com algum problema. O garoto fez um sinal de negação para o professor, que piscou discretamente de volta.

O que tinha sido aquilo? O professor Fortes piscou para ele dentro de uma sala cheia de alunos e qualquer um podia ter visto. Lucas olhou para os lados, procurando algum sinal de que alguém tinha percebido, mas todos ainda olhavam para o livro. Virou para frente de novo, mas o professor já estava concentrado nas páginas de seu próprio exemplar, ou pelo menos estava fingindo.

Quando o sinal tocou, o garoto pegou seus materiais e saiu da sala sem dizer nada a ninguém. Lucas passou na enfermaria do colégio, fingiu que estava com dores no estômago e pegou um bilhete que o dispensava pelo resto do dia. Só tinha ido para a escola porque precisava entregar o trabalho de literatura, mas agora que aquela aula tinha acabado, não se sentia mais na obrigação de permanecer no colégio.

Por sorte, o pai não estava em casa quando chegou, então pôde evitar as perguntas que sabia que ele faria. Preparou algo para comer e ficou o resto da manhã rolando de um lado para outro na cama. O clima estava começando a fechar de novo e uma chuva fina já caía. Era o dia perfeito para ficar deitado sem fazer nada. Eram quase duas da tarde quando a campainha tocou e Lucas foi atender.

— Oi — disse Daniel, fechando o guarda-chuva e entrando na casa. Bernardo estava com ele.

— Entrem — disse Lucas.

— Com licença — falou Bernardo.

— A que devo a visita? — perguntou Lucas.

— Você sumiu depois da aula do Fortes e eu fiquei preocupado — explicou Daniel. — Você nunca falta nenhuma aula.

— Não estava me sentindo muito bem, então resolvi vir para casa.

— Podia ter avisado, pelo menos — o amigo disse.

— Não queria preocupar ninguém.

— Sair sem avisar é bem pior, faz todo mundo pensar coisas terríveis, o Daniel tem uma imaginação muito fértil — falou Bernardo. — Ele já estava fazendo especulações sobre o professor Mateus Fortes ter te matado.

— Fértil até demais para o meu gosto — disse Lucas, revirando os olhos.

— Ei, podem parar os dois — Daniel protestou. — Não vim aqui para ficarem falando mal de mim.

Daniel se jogou no sofá da sala, como sempre fazia, e Bernardo sentou ao seu lado, mas de maneira mais comportada, como uma visita normalmente faria. Lucas sentou de frente para eles, na outra poltrona.

— Ainda não falou nada sobre a conversa com o Igor — disse Daniel. — Eu ia passar por aqui ontem, mas, com a chuva, ficou impossível.

Lucas olhou para Bernardo e depois para Daniel. Não conhecia o namorado do amigo o suficiente para conversar sobre aquilo, mas

conhecendo Daniel, ele provavelmente já tinha feito a fofoca.

— Não se preocupa, pode falar na frente do Bê, ele não vai contar nada — disse o amigo.

— Tudo bem — Lucas cedeu. — Falei com ele que vi o beijo que ele e o Fernando deram no vestiário e ele disse que era um alívio eu finalmente saber, porque não queria esconder esse segredo de mim. Correu tudo bem e parece que o peso que estava nas costas dele era ainda maior do que o que estava nas minhas.

— Espera um pouco — disse Bernardo, — o Igor e o Fernando se beijaram?

— Sim — disse Daniel com naturalidade.

— Caramba, será que todos os caras são gays na nossa escola? — ele perguntou.

— Não, tem o Gabriel, o Ronaldo, o Douglas e mais um monte de gente — Daniel argumentou. — Tem seu irmão. O Bruno não tenho certeza ainda. E o Lucas aqui também é hétero.

— É? — perguntou Bernardo, espantado.

— Ele é legal, mas gosta de meninas — disse Daniel.

Lucas apenas abaixou os olhos para o tapete, sem dizer nada. Queria confirmar que não tinha interesse por outros caras, mas a confusão em sua cabeça era grande demais para dar certeza. Tudo o que passava pela sua mente era a reação do pai quando descobrisse que já tinha sido beijado por um cara e que talvez sentisse atração pelo próprio professor.

— O Igor não falou mais nada? — perguntou Daniel, obviamente se referindo à porta misteriosa.

— Não, ele não disse mais nada — Lucas disse, dando uma olhada para Bernardo.

— E o Fernando já sabe que você sabe? — perguntou Daniel.

— O Igor disse que ia contar para ele hoje depois da aula, mas não falei com ele depois disso. Agora ele já deve estar sabendo.

— Tem algum problema com o Fernando? — perguntou Bernardo.

— Era ele que não queria que o Lucas soubesse que os dois estão juntos — explicou Daniel. — Sei que ele tem seus motivos, mas isso acabou afastando o Igor do Lucas.

— Entendi.

— Bem, a gente só passou aqui para ver se estava tudo bem mesmo — disse Daniel. — Acho melhor a gente ir.

— Obrigado por me receber, Lucas — disse Bernardo.

— Sou eu que agradeço pela visita. Sinta-se à vontade para voltar sempre e toma cuidado com o Daniel, porque ele é meio doido.

— Já percebi isso — Bernardo disse rindo. — Mas até que eu gosto.

— Já começaram a falar de mim de novo! — Daniel disse, indignado. — Vamos logo, Bê, antes que o Lucas acabe falando algo que não deve.

— Depois te conto tudo o que precisa saber, Bernardo — Lucas prometeu.

— Vou cobrar.

Quando o amigo foi embora, Lucas começou a se sentir relativamente mais leve. Ainda não tinha decidido o que ia fazer, mas sabia que não seria totalmente infeliz se visse as coisas pelo lado que Daniel via. O amigo parecia ter uma maneira tão positiva de viver a vida, que chegava a ser admirável. Podia facilmente viver da maneira saudável que ele vivia. Talvez nem tudo fosse fácil no início, mas provavelmente devia ser bem pior não se aceitar como era, se é que era mesmo diferente. Só precisava ter certeza do que sentia, então não teria medo de mais nada.

A verdade é que tinha passado a noite em claro pensando em tudo o que o professor tinha dito. Se fosse honesto consigo mesmo, sabia que aquilo o deixava confuso. Sua obsessão por descobrir tudo sobre Fortes podia ser interpretada como interesse. Porque se pensasse bem, ele já tinha parado para pensar naquilo algumas vezes.

Nas vezes em que Daniel o provocou, falando que o professor era um homem bonito, Lucas sempre se pegou observando e concordando. Não via aquilo como atração, mas era verdade que não tirava Fortes da cabeça há semanas. Acordava pensando nas aulas de literatura e ia dormir com a imagem de Mateus em sua mente.

Quando o homem se aproximou dele na sala dos professores, Lucas queria que ele o beijasse. Queria sentir a barba por fazer esfregando em seu rosto, queria que o homem usasse toda sua fúria em um beijo ardente. Se tivesse controle sobre o próprio corpo, talvez ele mesmo tivesse iniciado aquilo.

Apesar de não sentir nada daquilo quando foi beijado de verdade por Daniel, também não sentira nojo pelo fato de ele ser um cara. Só não gostou do beijo de Daniel porque ele era seu amigo, então não o enxergava com outros olhos. Mas tudo no professor era diferente, exalava uma fúria que Lucas não conhecia até então. E ele de certa forma se via enfeitado por isso.

Sabia, entretanto, que o homem estava certo. Eles nunca poderiam se aproximar. Aquilo era errado e provavelmente também

era crime. Não ia arriscar a profissão do homem por causa de uma pequena vontade. Adolescentes sentem desejo por milhares de pessoas o tempo todo, então ele logo esqueceria isso. No fim do ano, iria se formar, ir para a faculdade e nunca mais veria o homem. Se ele ficaria com homens ou mulheres depois disso, Lucas não sabia, mas sua certeza era que nunca poderia ser estúpido de entrar no meio dessa confusão que estava sendo criada em sua cabeça.



CAPÍTULO 19



Os dias estavam passando bem devagar e Lucas estava cada vez mais confuso com o que sentia. Seu aniversário de dezoito anos estava chegando e ele sempre quis fazer uma grande festa, mas agora não estava nada animado. Estava nostálgico e não parava de pensar na mãe, em como ela gostava de comemorar essa data, então conversou com o pai e decidiram passar o dia juntos, apenas os dois.

Igor era a única pessoa que sabia da data, Lucas não tinha dito nada a Daniel. Quer dizer, aparentemente o professor tinha descoberto também, já que havia feito um comentário sobre Lucas ser menor de idade até a semana seguinte quando tiveram a conversa na escola. Na hora, o garoto não percebeu, mas depois de passar dias tentando se lembrar de cada detalhe do que Fortes tinha dito, ficou se perguntando como o homem sabia a data.

Desde criança, ele tinha o costume de faltar a aula no dia do aniversário, mas esse ano a data tinha caído no sábado, o que era bom para que ninguém suspeitasse. O delegado só trabalharia à noite, para passar o dia com o filho, então as coisas seriam mais tranquilas. Estava chovendo um pouco por causa da época do ano, mas até que ele gostava desse clima.

— Bom dia, aniversariante — disse o pai quando ele desceu as escadas.

— Bom dia.

O homem se levantou do sofá e foi dar um abraço em Lucas. Eles não tinham muito costume de demonstrar afeto desse jeito, mas Lucas estava nostálgico o suficiente para aceitar que um pouco de amor não faria mal. Os abraços do delegado eram fortes e apertados, durando um longo tempo, como se ele não quisesse largar nunca.

— Eu quase não posso acreditar que meu menino está fazendo dezoito anos — ele disse.

— O tempo passou rápido — Lucas concordou.

— Você já é um homem, está prestes a se formar no colégio e ano que vem vai estar na faculdade. Filho, você é o bem mais precioso

que eu tenho e estou orgulhoso de você. Se sua mãe estivesse aqui, tenho certeza de que ela diria o mesmo.

— Obrigada, pai. Eu queria que ela estivesse.

— Eu também — concordou o homem. — Mas hoje não é dia para lamentar, é dia de comemoração e eu ainda nem entreguei o seu presente.

— Pai, eu disse que não queria nada — Lucas protestou.

— Eu sei, mas dezoito anos é uma idade importante, eu já posso até te prender se fizer alguma coisa errada, então é claro que eu vou te dar algum presente.

— Você ameaça me prender desde que eu tinha sete anos.

— Funcionava quando você era pequeno — o pai disse rindo. — Eu pegava as algemas e na mesma hora você parava de fazer bagunça. Até que um dia eu me distraí e você se prendeu na cabeceira da cama, lembra? Você ficou desesperado, mas quando viu que eu tinha as chaves, a ameaça parou de funcionar.

— Minha mãe adorava essa história — Lucas falou. — Contava para todo mundo.

— Sim, eu sei. Mas agora vamos ao presente, espera um minuto que eu vou buscar.

Lucas ficou na sala enquanto o pai subiu para o próprio quarto. Sabia que muitos garotos da sua idade ganhavam coisas extravagantes, como carros, mas eles não eram uma família rica a esse ponto. O salário de um delegado não era nada ruim, mas também não era grande o suficiente para esbanjar.

Quando o pai voltou com uma caixa na mão, o garoto ainda não fazia a menor ideia do que poderia ser, então ficou aguardando ansioso.

— Você disse que eu não deveria comprar nada, mas eu percebi que você estava precisando disso, vai precisar mais ainda quando for para a faculdade. Abra.

Ele começou a desembulhar e ficou em choque quando viu o que era. O pai tinha comprado um notebook novinho. Seu computador antigo já estava pedindo socorro, mas ele tinha evitado tocar no assunto com o pai, justamente porque não queria pedir outro. O homem já fazia tanto por ele, que não achava justo exigir demais.

— Eu não sei nem o que dizer — comentou o garoto.

— Apenas use para o que for te fazer bem — o delegado respondeu. — Muitos adolescentes perdem a vida na frente de celulares e computadores, mas sei que você vai usar para estudar, ler, escrever e se divertir também, é claro, porque você também merece

isso. Mas confio em você para saber que a tecnologia vai ser sua aliada, não sua inimiga.

— Obrigado mesmo, pai.

— E tem mais uma coisa que eu quero te dar.

Lucas observou o pai tirar uma caixinha do bolso, muito menor do que a do computador. Pegou o objeto que não estava embrulhado da mão do homem e abriu.

— É a medalhinha da sua mãe — explicou ele.

— Ela não tirava isso do pescoço, não via esse objeto há anos, pensei que tinha sido enterrado com ela.

— Não, ela queria que você ficasse com isso quando fosse mais velho — disse o delegado. — Guardei por todo esse tempo para te entregar quando você fizesse dezoito anos, cuide bem disso.

— Obrigado, pai. Eu te amo.

— Eu também te amo, Lucas.

Os dois então foram tomar o café da manhã e passaram a manhã em casa, assistindo TV. Na hora do almoço, Lucas foi com o pai a um restaurante que gostavam e depois foram assistir a um filme no cinema. Fazia muito tempo que não passavam tantas horas juntos, apenas se divertindo, e ele apreciava muito tudo o que o pai fazia.

O homem estava ocupado com um caso difícil no trabalho e não era nada fácil conseguir um dia de folga. Como a cidade era pequena, a força policial não podia contar com um número grande de pessoas, então o pai era essencial ali. Teria que trabalhar a noite toda para compensar o tempo que passou com o filho. Lucas sabia que poucos pais fariam isso.

Pensar na dedicação do homem fazia com que o garoto se sentisse ainda mais culpado. Ele passou a semana inteira percebendo que sentia atração por outro cara. Não conseguia desgrudar os olhos do professor Fortes por um minuto sequer, reparando cada aspecto de sua fisionomia. Ele ainda deixava Lucas com medo, mas também fazia com que sentisse algo diferente, o que era absurdo.

Igor e Daniel tinham suspeitado que Lucas era gay, mas será que era mesmo possível que eles percebessem isso antes dele próprio? É claro que todos sabiam que ele não era como os outros garotos da escola, não tinha aqueles comportamentos típicos masculinos, mas isso não queria dizer que ele era gay. Ser gay não é odiar futebol ou gostar de cozinhar. Mas se ele sentia atração por outro homem, talvez não fosse mesmo hétero.

E por que tinha que ser tão difícil? Por que não podia gostar de alguém da própria idade, como seus amigos? Mateus Fortes era pelo

menos cinco anos mais velho que ele. Pior ainda, era seu professor. Mesmo que se interessasse por outros caras, sentir tesão pelo professor de literatura era bizarro. E Lucas definitivamente não tinha esse fetiche doentio, apenas achava o homem interessante.

— Não gostou do filme? — perguntou o delegado Oliveira quando saíram do cinema.

— Não, é legal — ele respondeu.

— Você parecia bastante distraído, tem certeza de que prestou atenção?

— Não é nada, só estou um pouco nostálgico hoje.

— Essas datas fazem mesmo isso com a gente — respondeu o pai. — Dezoito anos, é uma idade que faz a gente pensar em muita coisa.

— Eu só fico me perguntando se estou no caminho certo — Lucas disse.

— Filho, você é uma pessoa inteligente e incrível, tem uma intuição que herdou da sua mãe. Se eu tivesse metade disso, seria um policial muito melhor do que sou. Por isso, tenho certeza de que mesmo que erre o caminho de vez em quando, você sempre vai encontrar o lugar certo novamente.

— Obrigado, pai, isso significa muito.

— Pode contar sempre comigo, mas agora vamos para casa, tenho que ir trabalhar mais tarde e quero chegar antes que essa chuva aumente.

Os dois caminharam até o carro, que estava no estacionamento do shopping onde tinham ido. Estavam na cidade vizinha, então ainda demorariam um tempinho para chegar em casa. O garoto aproveitou o caminho para olhar o celular e tinha uma mensagem de Igor. O amigo foi até sua casa para desejar os parabéns, mas não encontrou ninguém.

Lucas esperava de verdade que as coisas estivessem realmente bem entre os dois. Mesmo com alguns segredos, agora pelo menos sabia que Igor estava mais relaxado e procurava por ele. Os dois tinham voltado a se falar mais durante as aulas e nos treinos de handebol. Para dizer a verdade, estavam até começando a jogar melhor e o treinador vinha notando. Podiam não ser tão grandes quanto os outros jogadores, mas venciam na agilidade. Com o condicionamento físico melhor, eles conseguiam correr bem mais e não ficavam para trás como antes.

Quando chegaram em casa, o delegado foi para o quarto descansar um pouco antes do trabalho e Lucas ficou na sala, assistindo TV. Acabou cochilando e acordou quando o pai estava saindo. O dia

com ele tinha sido muito bom e não se importava de passar a noite sozinho. Até pensou em ligar para Igor e pedir uma pizza, mas o amigo provavelmente ia aproveitar o sábado com o namorado, então preferiu não incomodar.

Anoiteceu e a chuva ficou bem mais forte. O pai passaria a noite na delegacia, então não precisava se preocupar com ele dirigindo com o mau tempo. Lucas estava saindo do banho e já ia para a cama quando a campainha tocou. Sem saber quem poderia estar no lado de fora àquela hora, foi atender com cautela.

Olhou primeiro pelo olho mágico e logo abriu a porta sem acreditar no que via. O professor Fortes estava completamente molhado, tremendo de frio, encostado no batente da porta. O cabelo estava caído no rosto e jorrava água de sua cabeça e de suas roupas, molhando a varanda da casa toda. Lucas não falou nada por um tempo, até que o silêncio foi quebrado pelo professor:

— Será que a gente pode conversar?



CAPÍTULO 20



Mateus Fortes não estava tendo uma semana nada fácil. Tinha recebido algumas mensagens bastante pesadas de seu tio após o casamento da prima e não tinha conseguido falar com a mãe desde aquele dia. A mulher provavelmente estava ignorando suas ligações de propósito, para se vingar do que ele havia feito.

Para piorar ainda mais sua situação, tinha dado de cara com Lucas aquele dia na escola. Não planejava falar nada, mas aquele garoto tinha uma influência sobre ele que era bastante forte. Precisou se segurar com todas as suas fibras para não beijar o aluno ali mesmo, dentro do colégio onde trabalhava. Isso era errado de todas as formas possíveis e imagináveis.

Agora estava andando de um lado para o outro dentro de casa, sem saber o que fazer. O certo seria seguir em frente e ignorar a situação, fingindo que aquela conversa não havia acontecido. O grande problema era que ele não estava totalmente convencido de que devia fazer o certo. Já estava se arriscando com a *Sociedade*, se alguém descobrisse aquilo, ele provavelmente ia perder tudo o que havia conquistado. Mas se não fosse para a cadeia por isso, definitivamente seria preso por se envolver com o aluno.

Lucas era filho do delegado, Mateus sabia muito bem disso. E o homem era uma lenda no meio das forças policiais da região, a criminalidade na cidade era baixa por causa de seu esforço. Se soubesse que um homem adulto estava sentindo desejos por seu garoto, não sobraria poeira desse homem para contar história.

Agora, o rapaz estava fazendo dezoito anos, mas isso não justificava todo o desejo que ele sentira antes. Por mais que não conhecesse Lucas quando o viu pela primeira vez, soube muito bem quem ele era na escola nos últimos meses. E por mais que se sentisse sujo toda vez que se olhava no espelho, Mateus não conseguia evitar o que sentia.

E também tinha que se dar algum crédito, não era como se ele fosse um perverso que sente atração por qualquer adolescente, pelo

fato de eles serem menores de idade. Não, sua atração era dedicada exclusivamente a Lucas. Procurou até instalar aplicativos de relacionamento em seu celular, para tentar encontrar alguém da própria idade, mas nada daquilo funcionou. Sua atenção sempre era desviada para o mesmo ponto, independente do que tentasse.

Fortes não acreditava em paixão instantânea, porque sabia que esse tipo de sentimento deveria ser construído. Para que ele viesse a se apaixonar por Lucas, os dois deveriam conviver e ter algum tipo de relação fora da escola, mesmo que de amizade. Mas a atração que sentia era absurda, do tipo que podia sim virar paixão se ele tivesse uma chance. E isso estava embaralhando mais ainda sua mente.

Cansado de lutar dentro da própria cabeça, Mateus decidiu ligar para Diego. Precisava da opinião de alguém de fora, mas ao mesmo tempo não podia contar toda a situação, então teria que improvisar.

— Onde você está? — perguntou quando o amigo atendeu.

— Quase saindo para o trabalho, estou atrasado.

— Chego aí em cinco minutos e te dou uma carona — Fortes respondeu, pegando as chaves do carro.

Se continuasse dentro de casa, ia acabar tomando a decisão errada, então podia muito bem passar algum tempo afogando as mágoas no álcool no restaurante onde o amigo trabalhava. Quando estava a caminho, passou na frente da delegacia e viu o delegado Oliveira chegando para o turno da noite.

— Deve ter passado o dia com o filho — disse em voz alta. — Agora vai ficar a noite toda na delegacia enquanto Lucas faz uma festa com os amigos, afinal, agora ele pode comprar bebida para todos.

Pensar nisso deixou Mateus com um gosto amargo na boca, não gostava de pensar no rapaz se divertindo por aí, enquanto ele estava se sentindo miserável, com inveja de qualquer pessoa que estivesse com ele.

Quando parou na frente da casa de Diego, o amigo entrou apressado no carro e eles logo estavam a caminho do bar, que não ficava longe dali, mas que era um lugar de acesso ruim com a chuva que estava caindo.

— Está salvando a minha vida e o meu emprego — Diego disse. — O que você está fazendo por esses lados da cidade?

— Eu estava em casa, só quis te dar uma carona para você não ir trabalhar andando com esse tempo.

— Isso é totalmente mentira, eu te conheço, Mateus, desembucha.

— Eu ia esperar a gente chegar no bar e eu ter bebido pelo menos umas duas doses de qualquer coisa — Fortes disse. — Mas droga, eu estou ficando louco.

— O que foi?

— Se você tivesse duas escolhas, uma certa e outra errada, sabendo que só a escolha errada vai te deixar satisfeito, o que você faria?

— Acho que vou precisar de algumas informações extras — Diego disse. — Isso envolve outra pessoa?

— Sim.

— E você gosta dessa pessoa?

— Talvez — Fortes disse, infeliz.

— Tudo bem, então se você gosta desse cara, você tem que falar com ele — Diego falou. — O que faz essa situação ser errada?

— É complicado.

— Ele é casado? — Diego perguntou, com os olhos arregalados. — Porque a única coisa errada que eu vejo é ele ser casado. Ele é casado com uma mulher?

— Não é nada disso, Dieguito, não viaja.

— Então, meu amigo, se não for algo muito absurdo, você deve seguir seu coração — disse Diego. — Foi você mesmo que me deu esse conselho uma vez.

— Preciso de uma bebida. Forte.

Os dois chegaram ao bar e Mateus sentou de frente para o balcão onde o amigo trabalhava servindo drinks. Estava com o estômago vazio e isso não era bom, então decidiu começar com uma cerveja, apesar de não gostar do sabor. O movimento no lugar estava fraco, mesmo sendo sábado, por causa da chuva, então Diego vinha lhe fazer companhia sempre que podia.

Fortes estava engolindo sua terceira dose de conhaque, que descia pegando fogo em sua garganta, quando o amigo disse:

— Me dá a chave do carro.

— Por quê? — perguntou.

— Você bebeu demais e não vou te deixar dirigir nesse estado, pode acabar se metendo em algum acidente.

— Você está certo, Diego, aqui está — disse, colocando o chaveiro em cima do balcão.

— E chega de bebida para você, já teve o suficiente.

— Então por que eu ainda não esqueci aquele maldito cara? — Mateus perguntou. — Quanto mais eu bebo, mais a imagem dele fica

presa na minha cabeça.

— É difícil, mas amanhã você vai estar melhor — Diego respondeu. — Fica aqui, que eu vou lá dentro pegar meu celular para chamar um táxi para você.

Mateus ficou alguns segundos sentado no banco alto, mas estava cansado daquilo. Quando um garçom ia passando, agarrou o homem pela blusa.

— Fala com o Diego que fui embora andando, porque caminhar vai me fazer ficar sóbrio de novo. Diga que não precisa se preocupar, que amanhã pego meu carro com ele. Vou aproveitar que a chuva diminuiu um pouco.

— Tudo bem — disse o homem.

Então ele pagou sua comanda no caixa, saiu do bar e começou a caminhar na direção da região central da cidade, onde pegaria o caminho para sua casa. Sua mente ainda estava um pouco vagante, mas sabia para onde estava indo.

Foi só quando Mateus passou na frente da delegacia e viu que o carro do delegado continuava estacionado no mesmo local, que ele mudou de rota. A casa de Lucas ficava para o outro lado, mas ele podia voltar para casa depois.

Admitia que a bebida estava dando coragem para fazer aquilo, mas estava sóbrio o suficiente para ter consciência do que estava fazendo. Não colocaria a si mesmo em perigo por causa daquilo, nem machucaria Lucas de nenhuma forma. Só queria conversar e sabia que ia desistir se deixasse tudo para outra hora.

Suas roupas estavam molhadas e ele estava em estado de alerta quando chegou na rua onde o garoto morava, não muito longe daquele café. Havia passado de carro por ali inúmeras vezes desde então, mas nunca dera a sorte de ver Lucas na rua. Agora estava chegando na frente da casa do rapaz sem nem saber se ele estava ali. E, mesmo que estivesse, talvez algum amigo de Lucas podia estar na casa também.

Mateus hesitou por um longo momento no lado de fora. A chuva estava ficando mais forte e ele sentia que estava molhado até os ossos. Ia desistir de tudo e ir embora, mas viu uma luz se apagando no andar de cima da casa e apertou a campainha por impulso.

Não tinha planejado o que dizer no caminho até ali, então sentiu o instinto de sair correndo antes que a porta fosse aberta. Só não fez isso porque precisava agir como um adulto, mesmo que o impulso de ir até ali não tenha sido nada maduro. Agora que o efeito da bebida já estava praticamente todo fora de seu organismo, percebia o erro que tinha cometido.

Fortes estava prestes a virar as costas e ir embora, quando ouviu o barulho da chave girando na fechadura da porta. Lucas estava com os olhos arregalados, sem acreditar que ele estava ali em sua porta. Mateus quase não percebeu quando aquelas palavras estúpidas pedindo para que conversassem saíram de sua boca.



CAPÍTULO 21



Lucas ainda ficou olhando para o rosto do professor por alguns momentos antes de responder à pergunta que ele tinha feito. Não sabia o que o homem tinha ido fazer ali, mas não podia deixá-lo todo molhado no lado de fora da casa.

— É claro, entra. Tira essas roupas molhadas que vou buscar uma toalha e algumas roupas quentes. Você está congelando e desse jeito é você que vai acabar pegando um resfriado.

O professor começou a se despir e Lucas foi correndo até o quarto, tentando não olhar demais para o abdômen absurdamente definido do homem que estava em sua sala. Quando voltou, encontrou o professor vestido apenas com uma cueca branca, que molhada estava quase transparente. As pernas grossas e bronzeadas entravam em contraste com o tecido fino que vestia. O rapaz entregou a toalha a ele, que começou a se enxugar ali mesmo, arrepiando os cabelos enquanto os secava.

— Pode trocar de roupa no banheiro, é no fim do corredor — apontou Lucas.

Começou a recolher a roupa que o homem tinha deixado no chão e esvaziou os bolsos. Encontrou um aparelho de celular, que por sorte tinha ficado protegido da água dentro do bolso, e também tirou a carteira e algumas chaves. Torceu a calça e a camisa e pendurou atrás da geladeira, para que secassem mais depressa. O professor saiu do banheiro um tempo depois, com a cueca branca na mão e vestindo as roupas de Lucas que ficavam muito justas nele.

— Aonde deixo a cueca? — perguntou.

— Pode colocar atrás da geladeira, junto com suas outras coisas — o garoto respondeu, sentindo o rosto esquentar.

O professor se virou e Lucas percebeu que o corpo do homem marcava muito nas calças de moletom. A camisa estava curta e os braços fortes pareciam que iam estourar as mangas. Lucas tentou ignorar o que a imagem daquele homem estava fazendo com seu próprio corpo e fez a pergunta que estava em sua cabeça:

— Você andou bebendo?

— Um pouquinho — respondeu o homem e deu um sorriso de lado.

— Pouco? Estou sentindo o cheiro daqui, acho que você está completamente bêbado. Como conseguiu meu endereço?

— No seu arquivo na escola, por que isso é importante? — o homem perguntou, com a voz emolada. — Estou sóbrio o suficiente.

— Porque não é normal um professor chegar nesse estado na casa de um aluno. E você deve admitir que procurar meu endereço e aparecer aqui é algo tirado de filmes de psicopatas.

— O que não é normal é o que você faz comigo, Lucas — o professor respondeu. — Depois daquela conversa, quase não consegui nem dormir mais. Eu vim aqui para tentar dizer que aquilo foi errado e que nunca devia ter te falado aquelas coisas, mas eu simplesmente não consigo. Pode imaginar o quanto minha mente está ferrada por desejar um aluno?

— Professor Fortes, você está bêbado, é melhor deitar um pouco e dormir, antes que queira fazer alguma coisa da qual vai se arrepender — Lucas disse.

— Não me chama assim, meu nome é Mateus — respondeu ele. — E eu posso fazer o que quiser, somos os dois maiores de idade.

— Eu sei qual é seu nome, mas é meu professor e devo te tratar com respeito, todo mundo na escola te chama de Fortes.

— Porra, Lucas, será que dá para esquecer essa história de aluno e professor por um minuto? — o homem perguntou, com fogo nos olhos.

O garoto sentiu um pouco de medo por causa da fúria com que o professor disse aquilo. Queria confiar nele e sabia que o cara devia estar tão confuso quanto ele mesmo, mas não podia deixar de se sentir acuado. Fortes tinha o dobro de seu tamanho e podia fazer qualquer coisa com ele. Logo lembrou dos corpos que o pai estava investigando, mas pensou que seria melhor não deixar a mente seguir por aquele caminho.

— Desculpa, mas é o que nós somos, não dá para esquecer — argumentou.

— Eu sei, mas isso é péssimo — Fortes falou com seu choro de bêbado. — Não é apenas o meu emprego que está em risco, é a minha moral e a minha ética. Estudei anos para ser professor e me dediquei muito a isso, mas agora acho que fiz a escolha errada e estou questionando tudo. Não podia estar me apaixonando pela droga de um aluno.

— A-apaixonando? — gaguejou Lucas.

— Esquece isso, eu vou embora — o homem falou e começou a caminhar na direção da porta.

— Não, você não vai a lugar nenhum com essa chuva, principalmente bêbado — Lucas disse. — Nem sei como chegou aqui inteiro nesse estado. Deita um pouco no sofá, que vou fazer um chocolate quente para você.

Lucas pegou um travesseiro e um cobertor grosso para o professor e foi para a cozinha preparar o chocolate. Esquentou o leite no micro-ondas e misturou o achocolatado. Colocou bastante pó, porque sabia que a quantidade alta de açúcar ia ajudar a curar a bebedeira. O professor Fortes provavelmente ia se arrepender de tudo o que estava fazendo quando o efeito do álcool passasse e ele não queria que as coisas ficassem ainda piores.

Quando Lucas chegou à sala, encontrou o professor sentado no sofá com os pés para cima. A coberta estava em volta dos ombros e ele parecia um pouco melhor do que antes. Entregou a xícara de chocolate quente e sentou ao lado do professor, que começou a sorver o líquido lentamente. Ao terminar, deixou a caneca na mesa de centro e deitou, colocando as pernas sobre o colo de Lucas.

O garoto não estava nada confortável com aquela situação, mas não se moveu para afastar o homem. Nunca imaginou que estaria sentado em uma posição tão íntima com outro cara, muito menos que esse cara seria seu professor. E o grande problema é que não sentia que aquilo era algo errado. Por mais que sua consciência tentasse lutar, dizendo o contrário, ele sentia que as coisas se encaixavam bem daquela maneira, como se tivessem sido feitas para ser assim.

— O que disse sobre estar se apaixonando é verdade? — perguntou.

— Já pedi para esquecer isso — Fortes respondeu.

— Não tem como esquecer uma coisa dessas. Você não pode jogar uma bomba gigantesca em mim e pedir que eu deixe para lá.

— Lucas, estou bêbado, ignora tudo o que eu disser. Não sei o que estou fazendo aqui e o que quero com isso, só preciso recuperar minha consciência um pouquinho.

— É sob o efeito de álcool que se diz as maiores verdades — Lucas argumentou.

— É sob o efeito de álcool que se diz o que era para ser segredo — rebateu o professor.

— Então é mesmo verdade?

O professor não negou o que Lucas perguntava, então o garoto

decidiu aproveitar a oportunidade para continuar falando e descobrir o máximo de informações que pudesse.

— Como isso aconteceu? Quer dizer, como está se apaixonando por mim? Sou seu aluno e garanto que sou um dos alunos mais esquisitos que tem.

— Não sei como foi acontecer, mas juro que tentei evitar — o homem respondeu de olhos fechados. — Você é muito bonito, Lucas, tem um tipo de beleza que me atrai, percebi isso quando te vi naquele café pela primeira vez. Mas seu jeito foi o que mais me cativou.

— Você nem me conhecia direito quando pediu para eu sair da sua matéria, naquela época já sentia alguma coisa?

— Eu sei que não conhecia, mas eu já tinha te visto e sentia atração. Sabia o que tinha causado em meu corpo. Não acredito nessa história ridícula de paixão à primeira vista, não é nada disso, mas eu queria me afastar para não causar o risco de que o desejo se transformasse em algo mais. Só que eu fui me enrolando a cada dia mais na sua teia e, quando percebi, já era tarde demais.

— Uau — Lucas disse, realmente surpreso.

— É só um modo de dizer, não estou falando que te amo, não sou nenhum idiota e não somos personagens de uma novela. E também não estou te perseguindo como um psicopata, quero que entenda isso. É difícil me olhar no espelho sabendo que eu sinto o que sinto. Mas esse tipo de coisa é difícil de controlar, por mais que seja totalmente errada.

— Está dizendo muitas coisas hoje — Lucas respondeu.

— Eu sei, era melhor eu ficar calado. Gostava mais quando assustava você com a imagem de professor ranzinza. Mas estava me sentindo mal ao te ver daquele jeito.

— Não acho divertido ser assustado — Lucas ponderou. — Você realmente me deixou com medo, cheguei a pensar que você poderia me bater.

— Eu sei, desculpa. Perdi o controle algumas vezes sim, mas eu nunca faria nada para te machucar. Todas as vezes que pareceu ser isso, eu apenas estava frustrado comigo e queria me punir, em vez de machucar você.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, mas logo o professor fez a pergunta que Lucas estava esperando.

— O que você acha de toda essa situação?

— Sinceramente, ainda não sei o que pensar — Lucas disse. — Fico feliz com essa admiração que tem por mim, definitivamente é bem melhor do que me odiar, mas eu não sou gay.

— Não? — perguntou Fortes, arregalando os olhos.

— Bom, não sei, eu estou confuso — disse o garoto. — Eu achava que não era, mas, depois daquela conversa, não consegui parar de pensar em você e no que disse. É tudo muito recente e eu não sei o que sentir, ou não sei aceitar o que sinto ainda. Preciso de um tempo melhor para organizar a minha mente.

— Você se sente atraído por mim? — o professor perguntou, olhando no fundo de seus olhos.

— Não sei muito bem — Lucas respondeu com sinceridade.

— Talvez isso ajude a decidir, então, agora você já tem idade suficiente para que eu faça isso.

O professor Fortes se inclinou no sofá, deixando seu corpo por cima do de Lucas. Ficou encarando o garoto por alguns instantes, para ver se ele ia recuar, mas, como não teve reação, começou um beijo intenso. Ao contrário do seu primeiro beijo, com Daniel, Lucas não ficou apenas parado enquanto era beijado, mas também se deixou entregar ao toque, colocando uma mão sobre o peitoral forte do outro. Ficaram assim por alguns momentos, até que finalmente se separaram. Lucas estava sem fôlego. Ficou instantaneamente corado e levantou do sofá, dando uma desculpa.

— Está com fome? Vou preparar alguma coisa para a gente comer.

— É claro — disse o professor, com um sorriso de canto de boca.

Lucas foi para a cozinha e começou a preparar alguns sanduíches. Quando voltou para a sala, encontrou o homem dormindo encolhido no sofá e não quis acordá-lo. Foi para o quarto depois de comer e demorou a dormir, ciente de que tinha um homem dormindo no andar de baixo.

Acordou cedo no dia seguinte, para chamar Mateus antes que o pai chegasse, e foi logo para a sala, mas encontrou o sofá vazio, com suas roupas e a coberta dobradas em um canto. Foi até a cozinha, mas as roupas de Fortes também não estavam mais atrás da geladeira. Olhou para a mesa de centro e encontrou um bilhete preso embaixo do anel que o professor sempre usava. Pegou logo o bilhete e começou a ler:

Desculpa por ir embora sem me despedir, mas estava com vergonha demais para fazer isso. Não devia ter vindo até a sua casa e vir bêbado só piorou as coisas. De qualquer forma, foi bom conversar com você e espero te ver em breve na escola. Obrigado por cuidar de mim. Ontem não te dei os parabéns, mas espero que tenha tido um feliz aniversário. – Mateus.



CAPÍTULO 22



Lucas andou a semana toda com o anel do professor Fortes do bolso. Queria devolvê-lo, mas nunca encontrava a oportunidade adequada, nem via o professor sozinho em lugar nenhum. Pensou em colocar o anel no dedo para que ele visse e arranjasse um jeito de pegar, mas, se fizesse isso, alguém poderia reconhecer o objeto, o que não seria nada legal. Também tinha que arranjar um jeito de voltar a falar com Daniel na escola, agora que tinha certeza de que o professor não queria matá-lo, mas isso também exigiria algumas explicações.

Fernando estava agindo de maneira estranha agora que seu segredo tinha sido descoberto. Ao contrário de Igor, ele não tinha ficado tão feliz e parecia envergonhado toda vez que olhava para Lucas. Fernando estava evitando ficar perto dele o máximo que conseguia e a situação chegava a ser um pouco incômoda.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Lucas.

— Isso o quê? — ele perguntou na defensiva.

— Está agindo como se eu fosse te morder.

— Não estou não.

— Está um pouco arisco mesmo — falou Igor.

— Você está do lado de quem? — perguntou Fernando.

— Não estou do lado de ninguém, só estou dizendo a verdade — Igor respondeu, dando de ombros.

— Desculpa, não é nada pessoal, eu só não estava preparado para você saber ainda — Fernando disse para Lucas. — Na verdade, não estou preparado para que ninguém saiba. Essa situação é nova para mim e ainda não entendo direito. E também não sei como reagir a esse tipo de coisa em público.

— Deviam ter pensado nisso antes de se agarrar no vestiário — Lucas disse em um tom de deboche.

— Lucas! — repreendeu Igor, olhando para os lados.

— É a verdade — ele disse de modo prático.

— Eu sei, a gente tem mesmo que parar com isso — disse

Fernando. — Mas é que a gente não tem muitos lugares para essas coisas, em casa é impossível, por causa dos nossos pais.

— Podem ir lá em casa se quiserem, meu pai fica o dia todo fora e não vou me importar de se beijarem na sala, ou em outro cômodo que eu não esteja para segurar vela. É só respeitarem a casa e não fazerem nada muito explícito, como aquela mão boba do vestiário.

— Lucas! — disse Igor, rindo.

— Desculpa, mas eu vi aquilo, tá? Fiquei um pouco traumatizado sim, mas vocês são meus amigos — disse. — Os dois — completou, olhando para Fernando.

— Eu sei — disse Fernando. — Mas é que é estranho você aceitar tão fácil assim. Pensei que fosse deixar de falar com o Igor por minha causa e sei que são quase irmãos. Ia acabar comigo se isso acontecesse.

— Não, nós somos irmãos de verdade — disse Lucas. — E irmãos devem se aceitar como são. O que queria? Que eu xingasse você de palavras das quais eu ia me arrepender? Precisa disso para você voltar a olhar para mim como antes?

— Nem brinca com uma coisa dessas — disse Igor.

— Então é melhor os dois pararem de palhaçada — Lucas concluiu. — Não estou gostando dessa coisa de agirem estranho perto de mim, nem de ficarem sem graça. Qual é? Nós somos amigos ou não? Deviam ter vergonha do que estão fazendo. Quer dizer, não da parte gay, mas de não confiarem em mim.

— Tem razão, Luquinhas — disse Igor.

— E sem apelidos, por favor — o garoto pediu.

Depois da aula, Lucas decidiu que iria na casa de Daniel para falar para desistirem do plano. Ainda não tinha pensado em uma maneira de fazer isso, mas podia inventar alguma coisa, dizer que Igor tinha dito algo e que não falou nada antes, porque Bernardo estava perto. Daniel não tinha tanta intimidade com Igor para confirmar aquela história.

Passou em casa para comer, tomou um banho rápido, pegou a bicicleta e foi direto para a casa do amigo. Apertou a campainha e entrou quando a mãe de Daniel abriu a porta. Subiu direto para o quarto do outro e deu duas batidas na porta. Quando Daniel abriu, estava só com uma toalha enrolada na cintura e não vestia mais nada.

Lucas ficou um tempo parado, olhando para o amigo. Seu peitoral sarado e moreno não tinha nenhum pelo, ao contrário do que tinha visto no professor Fortes. Ele ainda estava molhado e uma gota

eskorreu de seu rosto até sua barriga, para então descer até a borda da toalha. Lucas disfarçou o olhar e encarou o amigo, que estava com uma cara engraçada.

— Vai entrar ou vai continuar admirando minha beleza? — perguntou Daniel.

Lucas já tinha visto o amigo pelado milhares de vezes no vestiário, mas daquela vez era diferente. Depois do treino, era normal tirar a roupa perto dos colegas e vê-los sem roupa também, mas, desta vez, parecia que tinha algo errado. A questão é que Lucas nunca tinha reparado em como o corpo de Daniel era bonito. Ele tinha a pele bronzeada, que parecia quase dourada com aquela luz. O cabelo preto estava molhado e bagunçado, meio para cima, o que dava um visual bem casual.

Lucas sentou na beira da cama e ficou esperando Daniel vestir a roupa. Tentou não olhar muito quando ele virou de costas e tirou a toalha, com a bunda firme que parecia estar voltada propositalmente em sua direção. Quando terminou de se vestir, Daniel olhou de novo para ele.

— O que foi? — perguntou o amigo.

— Nada.

— Nada? Então veio aqui só para me ver colocar a roupa?

— Não, tem uma coisa sim — Lucas disse, voltando a se concentrar.

— Mas você esqueceu porque sou gostoso demais e ficou distraído com isso — Daniel disse de modo provocante.

— É claro, meu queixo até caiu por causa da sua gostosura — Lucas disse rindo, mas sabia que estava mesmo olhando um minuto antes.

— Uau, está de bom humor hoje, até fazendo brincadeiras. Parece até que o inseto do amor te picou, ou você simplesmente transou.

— Nada disso.

— Fala logo o que veio fazer aqui então, porque vou sair com o Bernardo daqui a pouco — Daniel disse.

— Ah, por isso que tomou banho então, geralmente você fede — provocou.

— Lucas, vou jogar a toalha que enxuguei minha bunda na sua cara se não falar logo.

— Tudo bem, não precisa abaixar o nível. Só vim aqui falar que a gente pode voltar a conversar na escola e que não precisamos mais ficar investigando o professor.

— Por que mudou de ideia?

— O Igor disse que a *Sociedade* não é nada demais — disse Lucas. — Ele não quis falar o que era, obviamente, mas jurou que não fazem nada de errado por lá.

— Não sei não, Lucas, essa história está meio mal contada — disse Daniel. — Por que não disse isso quando eu fui na sua casa?

— Acho que é porque o Bernardo estava contigo e não me senti muito confortável para falar essas coisas perto dele.

— Foi só isso mesmo?

— O que mais poderia ser? — Lucas perguntou.

— Não sei, mas tudo bem então, amanhã voltamos a nos falar, vou dizer para todos que tivemos um grande momento sentimental e nos perdoamos.

— Acho que não precisa exagerar tanto. Onde você e o Bernardo vão?

— Ao cinema, quer vir? — ofereceu.

— Claro que não, minha cota de vela para uma vida inteira já está encerrada de tanto andar com o Igor e o Fernando.

— Eles ficam se pegando na sua frente? — Daniel quis saber, arregalando os olhos.

— Não, acho que eles ainda têm vergonha — Lucas disse, tentando não parecer ofendido com aquilo.

— Bobeira, daqui a pouco vão estar se beijando perto de você tranquilamente.

— Espero que não, não quero ficar sobrando.

— É só arrumar um namorado que não vai sobrar — Daniel disse de modo prático.

— O quê? — Lucas perguntou e começou a tossir.

— Namorada, você entendeu, é o hábito. Arruma alguém e também vai poder dar umas bitoquinhas de vez em quando.

— Você é ridículo.

— Vem cá, Lu, me dá um beijinho — disse Daniel, derrubando Lucas na cama e deitando por cima dele.

Lucas tentou fugir, mas o amigo começou a fazer cócegas nele, então ele começou a se contorcer na cama, rindo muito, igual a uma criança.

— Para, Daniel, odeio cosquinha! — disse.

— Odeia? — perguntou o outro. — Bom saber.

Daniel começou a fazer ainda mais cócegas no amigo, que batia

as pernas, tentando fugir. Lucas tentou pular da cama e o anel de Fortes, que estava em seu bolso, acabou caindo no chão.

— O que é aquilo? — perguntou Daniel.

— Nada — disse Lucas, pulando para pegar o objeto.

Daniel foi mais rápido e segurou o anel na frente do rosto.

— De quem é isso, Lucas? — quis saber.

— Meu — o garoto logo respondeu.

— Mentira, se fosse seu, estaria no dedo, não no bolso.

— Tudo bem, é de outra pessoa, devolve — Lucas tentou alcançar o objeto.

— Parece que já vi esse anel em algum lugar — Daniel disse de modo desconfiado.

— Deve ter visto, porque achei na escola, é de alguém de lá.

— Você vai devolver, não vai?

— É claro, não sou nenhum ladrão — Lucas disse. — Só preciso descobrir quem é o dono antes, por isso não estou dizendo nada, quero ver se alguém vai sentir falta dele.

— É bom que devolva mesmo, porque parece bastante valioso e a pessoa que perdeu já deve estar louca por causa dele.

— Eu sei, mas se eu sair anunciando por aí que achei, vão aparecer pelo menos uns quinze donos diferentes.

Por sorte, Daniel era distraído, ou perceberia que aquele era o anel que ficava na mão que o professor usava para escrever no quadro. Lucas foi para casa logo em seguida, para não atrapalhar o encontro do amigo. No caminho, pensou novamente no corpo de Daniel, trocando de roupa na sua frente. É claro que tinha achado aquela imagem bonita e se sentia atraído por ela, mas ela não tinha causado metade dos efeitos que sentiu com apenas um vislumbre do corpo do professor. Isso só podia significar uma coisa e Lucas estava começando a entender.



CAPÍTULO 23



A noite toda passou com Lucas dentro do quarto, pensando na própria vida. Quando o dia amanheceu no sábado, mal tinha conseguido dormir. Já tinha admitido para si mesmo que sentia uma enorme atração pelo professor de literatura, mas o que queria saber era o que fazer com isso. E depois de ter observado o corpo de Daniel, sabia que Fortes não era o único que causava novas sensações em seu corpo.

Não acreditava que tinha se tornado gay de uma hora para outra, porque sempre pensou que essas coisas vinham com a pessoa desde o nascimento. Talvez simplesmente nunca tivesse se dado conta do que realmente gostava, o que também era algo um bocado estranho. Mas também não podia negar a ereção que escondia nas calças só de lembrar do professor de cueca em sua sala.

Droga, aquilo não podia estar acontecendo.

Nunca teve preconceitos ou julgou uma pessoa por ser gay, mas aquilo estava confuso por estar acontecendo com ele. Reconhecer que sentia atração por outros caras era totalmente absurdo e ele não estava nem um pouco preparado para as consequências. O que o pai ia pensar? Com certeza, não ficaria nada feliz em saber que o filho tinha desejos noturnos com um homem que deveria apenas ensinar literatura a ele. Além do mais, se o pai descobrisse que o professor também o desejava, com certeza arrumaria um jeito de colocá-lo na cadeia. Devia existir algum tipo de lei sobre relações entre professores e estudantes.

Outro que exigiria explicações seria Igor. Lucas ficou chateado quando o amigo não contou o que se passava com ele e agora estava na mesma situação. Não que ele tivesse certeza de alguma coisa e também não estava pegando ninguém dentro do vestiário da escola, mas, ainda assim, guardava um segredo.

O pior de todos seria Daniel. O amigo sempre foi completamente sincero com ele e nunca escondeu nada. A amizade dos dois estava crescendo cada vez mais, o que era ótimo, mas Daniel

provavelmente ficaria chateado ao saber que Lucas estava interessado por um cara e não tinha contado para ele. Lucas afirmou com veemência diversas vezes que gostava de garotas, então, se ficasse com um cara agora, Daniel não ia mais confiar no que dizia.

A prova de que sentia algo por outros caras foi perceber que o amigo também era atraente. Lucas tinha que admitir que não era a mesma coisa do que sentira após o beijo de Mateus, mas estaria mentindo se dissesse que o corpo de Daniel não era bonito. Talvez ele só não tivesse reparado antes que gostava de homens, porque nunca tinha parado para olhar de verdade. Sua mente viveu em negação por tantos anos, que agora que a realidade começava a chegar, tudo vinha como um tsunami.

Merda, estava aceitando aquilo mais rápido do que deveria.

O problema em sua mente não era ser gay, bissexual ou hétero, mas que as pessoas o aceitassem da maneira que fosse. Porque, no fundo, ele sempre teve medo de acabar descobrindo uma coisa daquelas. Quer dizer, nunca teve certeza de que podia ser gay, mas seu subconsciente sempre imaginou como seria sua vida caso fosse.

Lucas abriu o notebook e começou a olhar alguns sites pornográficos, só para ter certeza. Trancou a porta do quarto, para o pai não entrar, e abriu uma página famosa que garotos de sua idade são acostumados a visitar. Olhou todas aquelas mulheres bonitas e nuas em poses sensuais, mas não sentiu nada. Nem sinal de vida. Sabia que eram mulheres gostosas e interessantes, mas, se refletisse bem, elas não causavam nenhum efeito em seu corpo.

O garoto então abriu um site de buscas e procurou por algum conteúdo masculino. Logo apareceram fotos e vídeos de muitos homens sarados, completamente desnudos. Também viu fotos de sexo entre dois homens e aquilo era meio assustador. Devia doer se entregar daquela forma e também devia ser um pouco humilhante ficar tão submisso.

O resultado, entretanto, foi um pouco diferente do que esperava, e aquela sensação de poder e submissão que havia no sexo logo deu a ele uma ereção. Lucas nunca tinha visto aquilo, então não entendia muito bem como funcionava. É lógico que sabia como dois homens fazem sexo, isso é uma coisa que todo mundo imagina, mas não sabia direito como que funcionava e como o prazer era atingido.

Não pôde deixar de pensar no professor. Aqueles homens do site eram modelos e atores profissionais, mas nenhum deles chegava a ser como Fortes. Aqueles caras eram todos sarados sim, mas seus corpos não tinham a imponência que tinha o peitoral do professor. Pelos desciam por sua barriga até desaparecer, formando um caminho de perdição.

Droga, o que aquele homem estava fazendo com ele? Não podia pensar em se entregar aos instintos daquela forma, ou ia acabar se metendo em um caminho sem volta. Em sua mente, Lucas via o corpo do professor e imaginava como seria tocá-lo, sentir seus músculos firmes e seu peitoral definido.

Estava completamente perdido e tinha certeza agora de que não tinha volta. Nenhuma garota dava a ele aquela sensação, nem mesmo Lilian, sua paixão de infância. Antes que pudesse fazer alguma outra coisa, Lucas fechou os sites que estava vendo e apagou o histórico, só para o caso de o pai querer bisbilhotar.

Decidiu ir para a lavanderia dar jeito nos uniformes do time. Pegou mais algumas roupas e deixou de molho junto com eles. Estava mesmo precisando lavar algumas coisas e isso ajudaria a ocupar sua mente. Voltou para o quarto e sentou mais uma vez na cama, de frente para o computador. Só ficou parado, olhando para a tela, até que finalmente admitiu em voz alta:

— Droga, eu acho que sou gay.

Começou a pensar na reunião de professores que estava tendo no colégio naquele exato momento e sabia que Fortes estaria lá. Talvez, só talvez, aquele seria um bom momento para devolver o anel que ele agora rodava entre os dedos. Os outros professores não deviam suspeitar da conversa entre ele e o professor de literatura, afinal, era normal um professor e um aluno conversarem.

Decidido, Lucas trocou de roupa, penteou o cabelo e desceu correndo as escadas. O pai estava na sala, assistindo TV, e notou o alvoroço que ele fazia.

— Posso saber aonde o senhor pensa que vai? — perguntou o homem.

— Eu? — Lucas se fez de desentendido.

— Tem mais alguém aqui?

— Ah, é, quer dizer, não. Quer dizer, pode, vou na casa do Igor.

— Você está estranho — disse o homem. — Vocês dois já se resolveram, então?

— Sim, está tudo bem — o garoto respondeu, apressado. — Estou estranho?

— É, parece até que viu um passarinho verde.

— Passarinho? — ele perguntou, confuso.

— Deixa pra lá, é uma expressão da minha época. Vê se não demora.

— Tá, valeu.

Lucas foi para a garagem pegar a bicicleta, mas estava trancada

e ele não estava com muita paciência para abrir. Em vez disso, desceu correndo a rua de casa e não parou enquanto não avistou o colégio. Fez uma pausa na esquina, para recuperar o fôlego, e colocou as mãos no joelho. Não sabia quanto tempo demoravam as reuniões de professores, mas esperava que Fortes ainda não tivesse ido embora.

Foi para a portaria e viu que ainda havia carros lá dentro, sinal de que a reunião não tinha acabado. Ficou parado perto do portão do estacionamento, porque sabia que Fortes costumava sair por ali andando. Esperou algum tempo, até que um carro com duas professoras saiu e uma delas acenou para ele. Lucas levantou rápido e ficou vigiando o movimento no local.

Como sempre, Fortes foi o último a aparecer no lado de fora, mas em vez de continuar andando até a saída, dirigiu-se a um Mitsubishi 4x4 preto. Aquele era seu carro? Lucas duvidava que o salário de professor era suficiente para comprar uma máquina daquelas.

Quando passava pelo portão, Fortes pareceu não notar a presença de Lucas e deu sinal de que ia embora. Sem mais o que fazer, o garoto se lançou na frente do carro quando ele começou a andar. Fortes freou bruscamente e abriu a porta, saindo nervoso do veículo.

— Você está louco, moleque? — gritou. — Quase te atropeliei.

— De-desculpa — disse Lucas.

O professor parecia não ter notado quem era ele ainda e, quando viu, seus olhos se arregalaram um pouco.

— Você está bem? — perguntou, preocupado.

— Sim, não foi nada — Lucas tratou de falar.

— O que faz aqui? — Fortes perguntou bruscamente — Por que se jogou na frente do meu carro? Você podia ter se machucado seriamente

— Precisava falar contigo e achei que ia embora, então eu não conseguiria — Lucas foi logo explicando.

— E pensou que se jogar na frente do carro era uma boa ideia?

— Na verdade, não pensei muito bem — confessou.

— Veio aqui para falar comigo então? — Fortes quis saber

— Sim.

— Alguém sabe que está aqui?

Lucas só balançou a cabeça, negando. O professor Fortes olhou para os dois lados na rua, para ver se tinha alguém por perto, e depois checkou também a escola. Foi de novo para perto do veículo e abriu a porta a porta do outro lado.

— Entra no carro — disse para Lucas. — E mantenha os vidros fechados, não queremos que ninguém nos veja juntos.

O garoto tratou de obedecer e saltou para dentro do imenso veículo do professor. Não sabia muito bem o que estava fazendo e tinha certeza de que aquilo não era certo, mas precisava conversar com Mateus, mesmo que não soubesse o que ia falar.

Agora que sabia que era mesmo gay e que sentia atração pelo homem, precisava dizer alguma coisa. Mesmo sabendo que estava fazendo a maior loucura de sua vida, algo dentro do garoto dizia que era a coisa certa. O pai tinha falado que ele tinha uma boa intuição e foi isso que o levou até ali. Talvez estivesse no carro com um criminoso que estava deixando corpos espalhados pela cidade, mas sentia de verdade que não era o caso. Pela primeira vez na vida, tinha certeza de que estava no lugar certo, mesmo sabendo que a pessoa que o acompanhava era completamente errada.



CAPÍTULO 24



Lucas permaneceu em silêncio enquanto o professor dirigia pelas ruas da cidade. Estavam se afastando da parte movimentada e o garoto ficou um pouco preocupado por causa disso, mas tentou lembrar do que Igor tinha dito sobre Fortes não ser má pessoa. Se ele quisesse fazer algo ruim, seria fácil, porque ninguém saberia o paradeiro de Lucas, mas o garoto preferia não pensar nessas coisas. Já estava preocupado demais por causa de outros motivos e não queria imaginar que podia se tornar um daqueles corpos desfigurados que o pai investigava.

Chegaram a um bairro de casas luxuosas e o professor entrou com o carro na garagem de uma dessas casas. O garoto ainda não sabia como Mateus podia ter tanto dinheiro, mas decidiu que não faria nenhuma pergunta a esse respeito.

— Podemos conversar melhor aqui — disse Fortes, descendo do carro. — Vem comigo.

Ele disse isso e começou a andar na direção da porta da casa. Fortes caminhou sem olhar para trás, mas estava ciente de que Lucas o seguia. Pegou a chave no bolso, abriu a porta e finalmente voltou a falar:

— Entra.

Lucas não tinha muita certeza do que estava fazendo. Ficou alguns momentos encarando o professor e depois olhou para a rua, como quem quisesse ir embora. Fortes percebeu a hesitação do garoto e suavizou um pouco a voz:

— Prometo que não vou te machucar, nem fazer nada que não queira.

O garoto deixou escapar o ar que vinha prendendo desde o momento em que entrou na 4x4. Ainda não sabia o que o tinha impulsionado a fazer aquilo, mas, quando percebeu, já tinha prendido o cinto de segurança e Fortes arrancava com o carro. Também não sabia o que dizer para o professor, não podia simplesmente chegar e falar que do dia para a noite tinha se descoberto gay, nem que queria

ficar com ele também. E se o homem tivesse mudado de ideia? E se tivesse se arrependido? Pelo que sabia, ele só tinha ido até sua casa porque estava bêbado.

— Sente-se — disse o professor.

Lucas ainda ficou alguns segundos parado na porta, olhando para a sala imensa e luxuosa. Fortes foi andando na frente e se sentou em um sofá que ficava sob um enorme lustre de cristal. O garoto entrou apreensivo, fechando a porta atrás de si, e sentou no sofá que ficava ao lado daquele.

— O que queria comigo? — Mateus perguntou.

— Precisava devolver seu anel — disse o garoto, enfiando a mão desajeitadamente no bolso.

— Acredito que não tenha ido até a escola só por causa de um anel.

— Não — acabou confessando.

— Então diga o que queria de verdade.

Lucas finalmente achou o objeto no bolso e entregou para o professor, que ainda o observava com aqueles olhos verdes profundos. O problema é que nem ele sabia mesmo o que queria. Tudo bem, ele se sentia atraído por outros caras e não conseguia parar de pensar no beijo de Fortes, mas não entendia de verdade o que tinha ido fazer ali. Só podia estar completamente louco.

— Um gato comeu sua língua? — perguntou o homem.

Ele pensou que se algum animal tivesse feito aquilo, estava mais para um urso, afinal, Mateus era um homem imenso. E não tinha ensaiado o que falar antes de ir até ali, então precisaria improvisar.

— É que não sei bem como começar — disse Lucas.

— Por que não começa dizendo o que te fez ir até a escola em pleno sábado? — Fortes pediu de modo prático.

— Sabia que estaria lá — o garoto confessou.

— Então foi por minha causa.

— Sim.

— Tudo bem, essa parte acho que já está resolvida para nós dois — o homem continuou. — O que quero saber agora é o que fez você sair da sua casa e ir até lá.

— Eu estava pensando no que disse...

— Sobre que?

— Sobre você se sentir atraído por mim — Lucas falou, sentindo o sangue subir para o rosto.

— Agora estamos chegando a algum lugar com isso — Mateus

disse. — Primeiramente, quero pedir desculpas por ter invadido a sua casa daquele jeito e falado aquelas coisas. Acredito que tenha ficado assustado. Eu passei completamente dos limites.

— Está arrependido do que disse? — o garoto quis saber.

— Veja bem, Lucas, aquele dia eu não falei nenhuma mentira ao declarar o efeito que você tem sobre mim, mas me arrependo sim de ter falado, principalmente da forma como agi. Você é meu aluno e eu devia ter sido mais educado, para dizer o mínimo.

— Então não ficaria comigo porque sou seu aluno? — Lucas perguntou. — Só me beijou porque estava bêbado e não queria fazer aquilo de verdade?

— Deus, não é isso que quero dizer — o homem logo falou. — É claro que eu ficaria contigo em outra ocasião, eu arrisquei tudo indo até sua casa, meu emprego, minha profissão. O que eu fiz não foi certo, Lucas. A bebida apenas me deu coragem de fazer o que eu já queria há muitas semanas. Você tem ideia de como isso é difícil para mim? Agora mesmo você está na minha casa, mas ao mesmo tempo está inalcançável. Eu daria tudo por um beijo seu agora, arriscaria tudo de novo, mas sei que não se sente atraído da mesma forma que eu, então prometo que não vou tentar mais nada.

— Ah...

— Por que está com essa cara? Parece decepcionado.

— É que eu andei pensando e talvez eu também me sinta atraído por você — Lucas disse e instantaneamente suas bochechas ficaram vermelhas.

— O que disse? — o homem perguntou, com os olhos arregalados.

— Depois que foi lá em casa e ficou só de cueca na minha sala, não consegui mais pensar em outra coisa. Eu não imaginava que eu poderia ser gay. Nunca tive preconceito, nem nada assim, mas fiquei muito confuso na hora. Era errado eu sentir desejo pelo meu próprio professor, mas eu não sei o que está acontecendo comigo. Aquele beijo desbloqueou alguma coisa na minha cabeça e tudo ficou nítido. Sei que não podemos ficar juntos, que tudo isso é extremamente complicado, então eu queria te dizer que não te odeio por ter me beijado. E agora entendo perfeitamente o motivo de querer se afastar de mim. Eu sou um idiota, não devia ter vindo até aqui.

O homem ficou olhando para o rosto do aluno como se o visse pela primeira vez. Lucas abaixou o olhar, porque não conseguia encarar aquilo. Todas aquelas informações eram novas demais para ele, mas admitir tudo em voz alta tirava um enorme fardo de suas costas. Agora poderia viver consigo mesmo, sabendo que teve coragem

de encarar sua própria realidade.

— O que a gente faz com essa informação então? — perguntou Fortes.

— Não sei, pensei que teria alguma ideia — Lucas disse.

— Ah, pode acreditar, eu tenho muitas, mas nenhuma delas é boa e todas podem nos destruir completamente.

— Eu não quero te colocar em nenhum tipo de situação difícil.

— Lucas, — o homem começou — todos os dias estão sendo difíceis. Eu não quero te pressionar a nada, sei que você começou a me enxergar de modo diferente há menos de uma semana. Mas se você se sente atraído por mim e eu me sinto da mesma forma por você... Droga.

— Acha melhor a gente desistir de tudo e tentar esquecer essa história? — perguntou o garoto.

— Não — Mateus disse de forma quase desesperada. — Quer dizer, sim, isso é o que a gente deveria fazer, definitivamente. Mas não é o que eu quero fazer e sei que também não é o que quer, ou não teria vindo até aqui.

— O que é mais importante? — Lucas perguntou. — O desejo que a gente está sentindo, ou fazer o que é certo?

— Se eu soubesse a resposta para essa pergunta, as coisas seriam muito mais simples. Mas a única coisa em que estou pensando agora é em te beijar, porque sua boca está muito perto da minha. Eu posso?

Lucas apenas afirmou com a cabeça, porque, no fundo, também queria aquilo desde o momento em que entrou no carro. O professor Fortes saltou com imensa velocidade para o sofá em que Lucas estava. Logo suas mãos grandes estavam apertando a cintura do garoto com força e seus lábios estavam quase colados aos dele. Sem perder tempo, o homem começou um beijo alucinado, percorrendo cada canto da boca do outro. Pela primeira vez, Lucas sentiu coragem de corresponder ao beijo e também colocou uma das mãos sobre a barriga de Fortes, sentindo cada músculo, como queria já fazia alguns dias.

Quando finalmente se separaram, os dois estavam sem fôlego. Mateus ficou ainda mais uns segundos com o nariz encostado no de Lucas, olhando bem no fundo de seus olhos. Só podia estar completamente maluco por estar cedendo a esse desejo. Se alguém descobrisse, ele teria que arrumar outra profissão e em uma cidade bem longe dali. Mas droga, aquilo não era apenas uma aventura para ele. Aquele garoto petulante fazia todas as terminações de seu corpo estalarem com energia.

— Tenho que dizer uma coisa — começou Mateus.

— Então fala — Lucas respondeu, ainda com dificuldade para respirar.

— Quando te vi pela primeira vez, eu queria te seguir pela rua, você parecia perfeito. Mas então te vi na escola e percebi que já estava condenado. Sei que posso ter sido um monstro no início, mas estava com medo do meu desejo por você.

— Eu ainda estou com medo — confessou o aluno. — Isso é tudo novo para mim, eu poderia gostar de qualquer outra pessoa, mas por que tinha que ser logo meu professor de literatura? Não foi nada fácil pensar que você me odiava, porque, no fundo, eu queria ser próximo de você e isso me matava. No primeiro dia de aula, um amigo disse que você era bonito e eu comecei a reparar. Não posso dizer que me interessei logo de cara, mas estaria mentindo se dissesse que não concordei com ele. Cada vez que você me olhava na aula, eu sentia medo, mas o medo nunca vinha sozinho. Junto com ele, havia a vontade de descobrir mais sobre você.

— Por isso você ficava me seguindo e me vigiando? — Fortes perguntou. — Não sou nenhum idiota, Lucas, você e o Daniel deviam ter mais cuidado. Se eu quisesse mesmo fazer algum mal a vocês, teria conseguido facilmente, vocês me deram muitas oportunidades. Mas fico feliz de saber que agora posso fazer isso.

Fortes puxou o garoto para perto de si e começou um beijo cheio de carinho, mais calmo que os anteriores. Por mais que tivesse noção de que aquilo era errado, Lucas habitava seus sonhos há várias semanas e não podia deixá-lo agora. Que se dane a razão, estava disposto a arriscar tudo por uma chance com o garoto.

— O que faremos agora? — Lucas perguntou.

— Não sei — confessou. — Mas agora que estamos começando alguma coisa, quero ir até o fim. Se nada der certo, a gente segue em frente, só que não vamos saber de nada se não tentarmos de verdade. Estamos juntos nessa.

Lucas deitou a cabeça no ombro de Fortes e ficou ali, como se aquele fosse seu pedacinho de paraíso. Sabia que o futuro era incerto e que haveria consequências, mas, naquele momento, só queria aproveitar um pouco o que sentia.



CAPÍTULO 25



Lucas passou todo o domingo esperando uma ligação que não chegou. Quando o professor o deixou perto de casa, ele anotou o número do celular em um pequeno pedaço de papel e entregou a Fortes. Não deu tempo de uma despedida muito prolongada, porque já estava começando a ficar tarde e o pai poderia ficar preocupado.

O garoto sentia um pouco vergonha de ter ido atrás de Mateus no dia anterior, ainda mais depois de ir até sua casa e o beijado daquele jeito. Mas agora se sentia ainda mais estranho por esperar que o homem ligasse para ele. Não esperava que ele agisse como se fosse seu namorado, mas queria pelo menos alguma notícia de Fortes.

No trajeto de carro, combinaram que não iam se falar na escola e que arrumariam um jeito de se encontrar nos horários livres. Assim, eles poderiam se conhecer melhor fora de escola e descobrir o que queriam. O problema é que seria bastante difícil assistir às aulas de literatura e passar por aqueles corredores e conseguir conter o seu estômago girando.

Lucas tentou se distrair vendo um pouco de TV na sala de casa, para esquecer o que tinha acontecido, mas não estava dando certo. Domingo era o pior dia para assistir televisão e não tinha nenhum programa legal. Até se interessou por uma banda que estava tocando em um desses programas de auditório e pensou em procurar a música depois, mas não havia mais nada de interessante.

— Por que está com esse celular na mão o dia todo? — perguntou o pai, entrando no cômodo.

— O quê?

— Você não larga esse celular — explicou o homem.

— Não, não é nada, é só o hábito.

— Tem certeza de que não está esperando ninguém em especial ligar?

— E quem me ligaria, pai? — tratou logo de desconversar.

— Não sei, eu que devia fazer essa pergunta.

— Não, não tem ninguém.

— Estão por que toda essa ansiedade? — o delegado quis saber.

— Impressão sua, pai. Mas falando em ansiedade, ando um pouco preocupado. Já descobriram alguma coisa sobre aqueles corpos mutilados?

— Estamos no caminho certo agora e receio dizer que infelizmente temos motivos para acreditar que aquilo foi mesmo ação de humanos.

— Sêrio? — Lucas perguntou, assustado.

— Os bandidos tentaram fazer com que parecesse obra de algum animal, mas na região não temos animais que pudessem ter feito uma coisa daquelas e as marcas estão um pouco estranhas, como se as pessoas tivessem sido torturadas.

— Isso é doentio — disse Lucas. — E já tem alguma pista de quem possa ser? Nunca tinha visto esse tipo de crime na nossa região.

— Não, mas com certeza não foi uma pessoa só — o homem ponderou. — Está parecendo obra de alguma seita ou culto secreto. Devem estar usando os corpos em algum tipo de ritual e depois se livrando deles na mata.

— Que horror.

— É mesmo horrível. Lucas, isso é mais sério do que parece, então não quero que fique andando sozinho à noite, nem falando com gente suspeita.

— Pode deixar, pai, eu sei me cuidar — o rapaz afirmou. — Apreendi com o melhor.

— Fico mais tranquilo em saber que meu filho tem um pouco de juízo na cabeça e que não vai se meter em nenhuma encrenca. Agora vou dormir, porque já está tarde. E vê se larga esse celular, porque quem tinha que te ligar não vai mais ligar hoje.

O garoto desistiu da TV e também foi tentar dormir. A primeira aula no dia seguinte era de literatura e ele sabia que veria o professor. Também estava ciente de que não podiam conversar na escola, mas queria pelo menos olhar nos olhos dele, saber o que estava sentindo. Não podia ter se arrependido de tudo depois de beijá-lo com tanta fúria, ou podia? Não tinha mais certeza de nada.

Agora que Lucas finalmente começava a entender o desejo que sentia, queria continuar com suas descobertas. Mesmo que ainda fosse difícil de admitir para si mesmo, era gay. E agora que tinha experimentado os beijos do professor, queria continuar nesse caminho, mesmo com sua consciência dizendo que devia fugir para o lado oposto. O problema é que o cérebro não era a única parte de seu corpo

que estava envolvida na situação.

Ainda tinha o que o pai tinha dito em mente, não podia deixar de relacionar tudo aquilo com a *Sociedade do Urso Negro*. Os corpos eram deixados de uma forma que parecesse que tinham sido mordidos por um animal, provavelmente um urso, e tudo aquilo era feito por algum tipo de seita ou sociedade. Não iam demorar muito a descobrir aquela porta e relacionar uma coisa com a outra. Se Mateus fosse um assassino, não saberia o que fazer. Também não queria acreditar que Igor e Fernando pudessem estar envolvidos em uma coisa daquelas. Os amigos nunca tinham feito nada de errado.

Mas e se fosse verdade? E se tivesse beijado um bandido de sangue frio? Os olhos de Fortes pareceram verdadeiros quando eles estavam juntos, mas os psicopatas são capazes de fingir qualquer tipo de sentimento, mesmo quando tudo o que sentem é frieza. Podia muito bem ser a próxima vítima de um golpe sexual seguido de morte. O pai ia morrer se alguma coisa acontecesse com ele.

Quando o despertador apitou, Lucas mal tinha conseguido dormir. Sabia que a aparência estava péssima, então foi tomar um banho, para ver se melhorava um pouco. O pescoço ardeu um pouco quando foi lavar e ele viu uma marca vermelha ali, o que indicava a presença de Fortes naquele lugar. Na verdade, tudo indicava a presença do professor; não conseguiria esquecer nunca o que ele tinha feito. Além de marcar seu corpo com aqueles beijos, o homem tinha roubado boa parte de sua sanidade.

Encontrou com Igor na esquina de casa, como faziam todos os dias, e começaram a caminhar para a escola. As coisas estavam bem melhores depois que tinham conversado e parecia que a amizade tinha voltado a ser como era antes.

— Igor, posso te fazer uma pergunta? — disse Lucas de repente.

— Acabou de fazer uma — Igor respondeu. — Mas fala logo, sabe que não temos mais segredos agora.

— É que é meio pessoal.

— Lucas, somos amigos, pode perguntar o que quiser.

— Tudo bem — disse ele, envergonhado. — Você e o Fernando já transaram?

— É claro que já — Igor respondeu de modo prático.

— Nossa, pensei que não fosse responder com tanta naturalidade. Depois de tudo o que aconteceu, pensei que ainda estaria com vergonha.

— Não tenho mais problemas com isso. Na verdade, é bom finalmente poder conversar sobre essas coisas com alguém. Você não

faz ideia de como é horrível ter que se esconder.

— Eu imagino, mas tenho outra pergunta então — disse Lucas.

— Pode mandar — respondeu Igor.

— Como vocês fazem?

— Como assim?

— Quer dizer, quem come quem? — Lucas perguntou e imediatamente sentiu o rosto esquentar.

— Nossa, Lucas, que pergunta é essa? — Igor quis saber, dando uma risada.

— Desculpa, não precisa responder se não quiser, eu só fiquei curioso. Ainda não entendo muito bem sobre sexo entre dois caras.

— Eu sei — respondeu Igor. — E eu disse que poderia perguntar, a culpa é minha, então vou responder. Com a gente não tem isso, os dois fazem as duas coisas. Somos versáteis.

— Entendi. E do que gosta mais?

— Não sei, acho que dos dois — Igor disse, pensativo. — Por que o interesse repentino?

— Não é por nada — disse Lucas. — Como eu disse, não entendo muito bem essa coisa de relação entre dois homens. Na verdade, nunca tinha parado para pensar nisso, mas agora que tenho amigos assim, gostaria de entender um pouco.

— É estranho um cara hétero querer saber como funciona o sexo gay — Igor ponderou. — Você é diferente, Lucas, acho que isso é legal. Mas não fala para o Nando que eu te contei. Ele já está morrendo de vergonha porque você sabe que estamos namorando. Se souber que te contei que ele já foi passivo, é capaz de morrer.

— O que é passivo? — Lucas perguntou, curioso.

— É quem dá a bunda — Igor respondeu, rindo. — E ativo é quem come.

— Não sabia desses termos. E pode ficar tranquilo, que não vou falar nada com ele.

— Sabe, eu tinha um pouco de medo também, principalmente na primeira vez que a gente transou. Assumir que gostava de um cara já foi bem difícil, mas assumir que gostava de ser passivo foi um milhão de vezes pior. Sei lá, era como se eu estivesse abrindo mão da minha masculinidade.

— Ainda pensa assim? — Lucas quis saber.

— De jeito nenhum, nunca me senti tão homem como me sinto quando estou nos braços dele — Igor disse de modo apaixonado. — Eu tinha a masculinidade frágil antigamente, hoje sei que continuo sendo

eu, independente do que eu faço dentro de quatro paredes. Gostar de um cara não me faz inferior a ninguém.

— Fico feliz por sua felicidade.

— Fico feliz por ter te escolhido como amigo — Igor respondeu, passando o braço pelo ombro do amigo.

Chegaram à escola e Lucas estava um pouco mais tranquilo. Mesmo que Mateus não falasse com ele durante a aula, não significava que as coisas voltariam a ser como antes. Sabia que não tinha nada de errado em se sentir atraído por outro homem, Igor tinha razão. A consciência ainda tentava dizer que não era bom ter beijado um de seus professores, mas a atração que sentiam não podia ser resumida a esse simples fato. O que Lucas sentia, principalmente dentro da cueca, já estava pulando só de saber que veria Mateus Fortes.



CAPÍTULO 26



Depois de deixar Lucas em casa no sábado, Mateus Fortes foi direto para a casa de Diego. Sabia que ele estava prestes a ir para o bar onde trabalhava, então poderia dar a desculpa de que estava passando por perto e oferecer uma carona.

A realidade é que ele não conseguiria encarar o sofá de casa, depois de usá-lo para dar beijos calorosos em seu próprio aluno. Só podia estar ficando louco por ceder a esses desejos.

Quando Lucas apareceu na porta da escola, não pensou duas vezes antes de enfiar o garoto no carro e levá-lo até sua casa. Tinha total consciência do que aconteceria no local, mas não conseguiu evitar. Queria estar com o rapaz longe de todos, longe da escola e de qualquer coisa que pudesse atrapalhar.

Sonhava com a boca de Lucas desde que tinha roubado aquele primeiro beijo na casa do rapaz, então não hesitou quando teve outra oportunidade. Agora que estava sozinho, porém, começava a perceber o que tinha feito. O problema é que a presença do aluno o deixava embriagado, era pior que uma droga, e ele se via cometendo os mesmos erros quando estava perto dele.

Miseros segundos depois de deixar o rapaz em casa, passou pelo carro do delegado em um cruzamento. Aquilo tinha sido por pouco, o que diria se o homem o visse com seu filho na porta de sua casa? Que razões um professor teria para colocar um aluno dentro de seu carro? Não conseguia nem pensar em uma desculpa plausível.

Mesmo se Lucas não fosse seu aluno, ainda seria arriscado se relacionar com o filho de um delegado. O garoto sabia demais, sabia sobre a sociedade e agora também sabia onde ele morava. Apesar de sua casa não guardar nenhum tipo de segredo, aquilo não era bom. Precisaria conversar com Lucas sobre manter a discrição.

Quando chegou na casa de Diego, o amigo atendeu a porta usando pijamas, como se tivesse passado o dia todo na cama.

— Não vai trabalhar hoje? — Fortes perguntou.

— Você não ouviu? Teve uma briga no bar ontem à noite e vão

precisar arrumar algumas coisas antes de abrir de novo. Eu ia te ligar agora, perguntando se você não queria vir para cá mais tarde, a gente pode pedir uma pizza.

— Bom, agora já estou aqui.

— E nada de bebida para você hoje — Diego disse. — Na última vez, você já me deu trabalho demais. Entra.

Fortes fez uma careta e entrou na casa do amigo. Na última vez que bebeu na frente dele, foi até a casa de Lucas e começou a confusão em que estava metido agora. E era tarde demais, porque já estava enrolado até o pescoço.

Tinha ido até ali para abrir o jogo, contar tudo para Diego e pedir seu conselho. Mas agora que havia chegado, sua coragem começava a evaporar. Mesmo que fossem próximos há anos, não sabia se Diego seria capaz de entendê-lo completamente. E não estava no clima para julgamentos, já bastava sua própria mente fazendo isso.

— Estava planejando ir para o bar de novo? — o amigo perguntou.

— Não, só estava passando pelo bairro e ia oferecer uma carona — explicou.

— Parece que tem passado muito por aqui ultimamente — respondeu Diego de maneira irônica.

Mateus fez uma careta, porque aquilo não era totalmente verdade. A casa do amigo não ficava nem perto de seu caminho habitual. Todas as vezes que aparecia nas redondezas, estava ali de propósito, porque queria conversar.

— Você vai esperar a pizza chegar ou vai falar logo o motivo de estar com essa cara? — Diego perguntou.

— Você me conhece bem demais para o meu gosto — respondeu Fortes.

— Acredito que o assunto tem algo a ver com a bebedeira da semana passada. Já decidi o que vai fazer com aquele homem casado?

— Ele não é casado.

— Você não me conta as coisas, então como vou saber? — Diego comentou de modo acusador.

— Ele é meu aluno — Mateus finalmente deixou escapar, caindo no sofá em seguida.

Seu amigo ficou algum tempo em silêncio, olhando para ele com os olhos arregalados. Parecia não acreditar no que ele tinha acabado de dizer, como se aquilo fosse absurdo. Na realidade, sabia que era mesmo ruim, mas a falta de reação foi uma novidade. Diego

sempre tinha um comentário para fazer sobre tudo.

— Não vai dizer nada? — Fortes perguntou, impaciente.

— Calma, estou digerindo as informações. Como você se envolveu com um aluno? Você dá aula para adolescentes.

— Eu sei, é exatamente esse o problema.

Mateus começou a explicar sobre a primeira vez que viu Lucas no café, que só descobriu que ele seria seu aluno no dia seguinte. Diego permaneceu em silêncio o tempo todo, concentrado na história que ele contava. Era bom finalmente poder desabafar com alguém, mesmo sentindo medo de que o outro não entendesse.

— Quantos anos ele tem? — Diego perguntou, interrompendo seu monólogo.

— Fez dezoito tem um tempinho.

— No dia que você ficou bêbado e desapareceu?

O homem apenas confirmou com a cabeça.

— Aquele dia eu saí do bar e fui andando até a casa dele — admitiu. — Já tinha conversado com ele sobre o assunto antes, mas nunca tinha tomado uma atitude de verdade antes disso. Mas quando estava na casa dele, acabei não resistindo e o beijei.

— Isso não é nenhum crime — Diego ponderou. — Aconteceu essa única vez?

— Hoje ele foi até a minha casa e a gente se beijou de novo. Muito.

— Uau, pensei que você estaria com uma cara melhor depois de dar alguns beijos, mas eu entendo seu dilema. Você pensa que é errado, por ele ser seu aluno, mas os dois são maiores de idade e consentiram, então não tem nenhuma lei que proíba isso.

— Eu posso ser demitido da escola, nenhum outro lugar vai querer me contratar depois de um escândalo desse tipo — Mateus explicou.

— Vocês podem permanecer escondidos até ele se formar — o amigo disse de modo prático.

— Eu não contei a pior parte ainda, ele é filho do Delegado Oliveira.

— Aquele coroa famoso e bonito que vive nas capas dos jornais e na TV? — perguntou. — Merda, isso sim pode ser um problema. Muitos pais já iam surtar se descobrissem o que o professor dos filhos deles está fazendo, mas um delegado? Ele pode acabar com tudo. O garoto já sabe de tudo?

— Não, eu e o Lucas ainda não conversamos sobre isso.

Os dois permaneceram em silêncio por alguns minutos. Mateus não sabia o que fazer e o amigo também não parecia ter muitas ideias. Pelo menos, agora um peso tinha saído de suas costas e ele podia ao menos desabafar sempre que precisasse.

— A gente precisa de comida, isso vai nos fazer pensar melhor — disse Diego, pegando o celular para pedir a pizza que tinham esquecido. — Enquanto isso, vai me contando sobre o rapaz que te meteu em toda essa confusão.

— Ele é bonito, mas é um pouco desajeitado — disse Fortes, sorrindo. — Ele se atrapalha com as palavras quando está nervoso e acaba falando demais, o que devo admitir que é bastante fofo. É o aluno mais inteligente da sala e também joga no time de handebol da escola, já fui a um de seus jogos.

— Você nunca ligou muito para esportes — Diego comentou de modo automático. — Ah, entendi, você foi até lá para ver esse rapaz.

— Ele é teimoso e abusado — continuou o homem. — Mas, atrás disso, está uma pessoa perspicaz, que vai se tornar um grande homem. O Lucas é leal aos amigos, ajuda mesmo quem não é próximo dele nas matérias. Todos os outros professores gostam dele também.

— Mateus...

— O quê?

— Você está apaixonado — Diego concluiu.

— Não, não estou — ele protestou. — Admito que gosto do Lucas e que isso pode vir a se tornar algo maior, mas ainda não estou apaixonado. Não posso estar.

— E você conseguiria se afastar dele se quisesse?

— Estou tentando fazer isso há meses e não funcionou, ele sempre parece fazer de tudo para entrar no meu caminho. Parece que tem algum tipo de força que atrai um para o outro.

— Talvez seja o destino — Diego disse, provocando. — Mas você tem que tomar cuidado, não quero que você perca o que construiu por causa de uma paixão.

— Pode ficar tranquilo com relação a isso.

Quando a pizza chegou, os dois comeram e Mateus foi para casa em seguida. Tinha que tentar se afastar do garoto uma última vez, mesmo sabendo lá no fundo que isso seria impossível. Tentar não custaria nada, então seguiu com esse plano e nem olhou na direção de Lucas na aula de segunda-feira. Todo o seu corpo queria tomar o rapaz, sair dali e recomeçar em algum lugar onde ninguém o conhecia. Mas isso era impossível. Estava cansado de sempre ter que escolher. Se aquilo que fazia parecia certo, continuaria lutando. O problema é que

não sabia se Lucas seria capaz de lutar ao seu lado.



CAPÍTULO 27



Durante toda a aula de literatura, Fortes não olhou sequer uma vez para Lucas. Não teve nenhum sorriso, nenhuma piscada de olho, nem mesmo um olhar de reprovação, daqueles que eram comuns no início do ano. O professor agia como se ele não estivesse ali e toda essa indiferença doía mais do que qualquer coisa. Não podia acreditar que tinha se aceitado por causa de um homem que agora fingia que ele não existia. E todos aqueles beijos quentes no sofá? Provavelmente, Mateus tinha feito aquelas coisas somente no ápice do desejo, quando as pessoas falam sem pensar e depois se arrependem.

Daniel a todo momento fazia algum comentário com Lucas, mas o garoto não conseguia prestar muita atenção. Também não conseguia se concentrar na leitura daquele livro de Jorge Amado, mesmo sendo um de seus preferidos. Tudo o que pensava era que tinha sido enganado e que agora seria descartado como um guardanapo usado.

A aula acabou e o garoto ainda sentia um enorme peso dentro de si. Não conseguiu prestar atenção nas outras aulas do dia e também não quis sair da sala para comer na hora do intervalo. Tinha demorado muito a entender seus sentimentos e parecia que tudo aquilo tinha sido em vão.

Resolveu que esperaria o professor depois da aula, aquela situação não podia continuar do mesmo jeito. Exigiria uma explicação, mesmo que aquilo pudesse doer. Era melhor saber logo de uma vez, para não continuar alimentando esperanças sem fundamento.

Procurou pelo carro de Fortes no estacionamento, mas ele não estava ali. O tempo estava gelado, com uma chuva fina caindo, então os professores foram embora rápido. Mateus veio logo em seguida, com as mãos dentro dos bolsos de um sobretudo preto e a mochila de lado, com a longa alça cruzando seu peito. Lucas respirou fundo uma vez antes de sair de seu esconderijo.

— Mateus — chamou.

— O que faz aqui?

— Estava te esperando.

— Não devia me chamar pelo primeiro nome perto da escola.

— Desculpa.

— O que quer comigo? — o mais velho indagou.

— O que quero? Está mesmo fazendo essa pergunta?

— Precisamos conversar.

— É por isso que estou aqui — explicou Lucas.

— A porta da escola não é um lugar muito adequado.

— Tem uma padaria aqui perto que fica vazia a essa hora, podemos ir pra lá.

— Tudo bem, vai na frente, que vou te seguindo.

Lucas andou por um quarteirão e meio, caminhando na direção de sua casa. Quase ninguém da escola morava para aquele lado e, geralmente, só ele e Igor passavam por aquele caminho. Sabia que o amigo estava com Fernando e que não iria para casa naquela hora, então não havia perigo. Entrou na padaria e sentou em uma mesa no fundo, onde as pessoas não reparariam. Só havia mais um senhor no local, mas ele estava bem absorto na leitura de seu jornal. Passou um minuto e Fortes também entrou, indo direto até a mesa onde ele estava.

— Tem certeza de que aqui é seguro? — Fortes perguntou, ciente de que aquele era o lugar onde tinha visto Lucas pela primeira vez.

— Fica tranquilo, ninguém vem aqui a essa hora.

— Vão querer alguma coisa? — perguntou uma atendente.

— Um café, bem forte e sem açúcar — disse o professor.

— E você? — perguntou a Lucas.

— Não vou querer nada.

Quando a mulher se afastou, Lucas ficou encarando o professor, esperando que ele começasse a falar alguma coisa.

— Vai ficar só me olhando? — o homem perguntou.

— Pensei que ia me dar alguma explicação por não ter falado nada comigo e me ignorado completamente na aula hoje.

— Lucas, o que nós fizemos foi um erro e é melhor a gente esquecer aquilo — respondeu Mateus, passando a mão pelos cabelos negros e úmidos por causa da chuva.

— Um erro? — Lucas disse, engasgado.

— Sim, um erro. Eu estava carente e cedi ao meu desejo, mas devia ter resistido. Aquilo não pode se repetir.

— Mas...

— O que aconteceu é muito sério — Mateus suspirou.

— Pensei que tinha dito que se sentia atraído por mim.

— Não tem nada a ver com aquilo, o que eu disse era verdade. Mas você é meu aluno. Se alguém descobrir, principalmente seu pai, eu posso ser preso e não vou poder mais dar aula.

— O que a gente fez não é nenhum crime — Lucas tentou argumentar.

— Isso não muda o fato de que você é filho do delegado — o homem disse, exasperado.

Nesse momento, a garçonete chegou com a xícara de café de Fortes e deixou sobre a mesa. Ficaram em silêncio por algum tempo, até que Lucas falou de novo:

— Então quer dizer que nada era verdade? Que só falou aquelas coisas porque sentiu um desejo momentâneo de ficar com um aluno?

— Não seja idiota, já disse que isso não tem a ver com o que eu disse.

— Então me explica! — o garoto pediu, desesperado.

— A resposta não é óbvia? Hoje não consegui olhar nos seus olhos durante a aula toda por causa da dor que sentia de não poder te abraçar ali mesmo. Queria poder te beijar e te apertar tanto, que nunca mais pudesse escapar.

— Não estou entendendo mais nada — Lucas respondeu, afundando na cadeira.

— É muito simples, mesmo querendo ficar com você, isso é impossível.

— Só se você quiser que seja impossível.

— Não quero ter que encontrar com você escondido — Fortes disse. — Eu não quero ficar com alguém assim, porque sempre vai parecer que o que estamos fazendo é errado.

— E isso não é melhor do que ficarmos separados?

Lucas já estava com os olhos ardendo, tentando conter as lágrimas de frustração, enquanto Fortes permanecia de cabeça baixa, sem conseguir olhar diretamente para o garoto.

— Mateus, sei que sou novo nisso, mas se você estivesse disposto a tentar, eu também estaria.

— Droga, você dizer essas coisas não está facilitando — o homem respondeu, finalmente olhando para ele. — Mas isso não podia ter acontecido com a gente.

— Mas já aconteceu e esse não é o tipo de coisa que se escolhe. Tudo simplesmente pega a gente de surpresa e não dá para lutar

contra esse tipo de sentimento.

— Como um garoto de dezoito anos pode ser tão mais esperto que eu? — Mateus perguntou. — O que a gente faz agora?

— Não quero desistir de você tão fácil, igual estava desistindo de mim — Lucas falou. — Se quiser mesmo ficar comigo, a gente dá um jeito.

— Lucas, eu quero isso mais do que tudo, mas parece impossível.

— Daqui a pouco tempo, não vou ser mais seu aluno e não teremos esse problema, só precisamos de paciência. O tempo passa depressa, você vai ver.

— Mas e se passar em um vestibular e for para longe? — Mateus indagou. — E se conhecer outra pessoa? Vai ter sido tudo em vão?

— O futuro a gente deixa para quando ele chegar, vamos resolver o presente — Lucas disse em um tom conclusivo.

— Tem certeza de que tem só dezoito anos? Agora devo parecer mais novo que você.

— Só não quero perder o que a gente pode ser. Demorei muito para descobrir quem eu era para deixar tudo acabar assim, sem lutar.

— Também não quero perder você — Mateus confessou.

— Prometo que estarei sempre aqui — disse Lucas, segurando as mãos de Fortes com as suas.

Fortes puxou Lucas para um abraço desajeitado, meio por cima da mesa. Não aguentava mais ficar longe daquele garoto. Sábado tinha sido bom para ambos e nunca poderia negar aquilo. Mesmo que ficar com um aluno fosse o maior erro de sua vida, era definitivamente um erro que estava disposto a repetir.

Depois de um tempo, Lucas foi para casa. Decidiu que lutaria para ser feliz, mesmo que fosse difícil. No fundo de seu coração, ele sentia que Fortes não era responsável por todas aquelas coisas ruins que aconteciam na cidade. Queria acreditar que ele era um homem bom, que sentia tanto medo quanto ele mesmo. Tinha fé de que tudo daria certo e de que o caminho que havia escolhido não faria com que se arrependesse.



CAPÍTULO 28



Os dias foram se passando e Lucas começou a manter contato com Fortes através do celular. Na aula, ainda agiam como professor e aluno e todos ainda pareciam acreditar que eles não se gostavam, mas, pelo telefone, era completamente diferente. O professor mostrou um lado que o garoto nunca imaginou existir, totalmente romântico, e ele estava se encantando cada vez mais com isso. Conversavam por mensagens o dia todo e, era só o pai de Lucas sair, que ele ligava para Fortes. A ansiedade era tanta, que um precisava ouvir pelo menos a voz do outro, mas só iam poder se encontrar de novo no sábado.

O garoto ainda não tinha tido coragem de perguntar nada sobre a *Sociedade do Urso Negro*, porque sempre que pensava nisso, lembrava da ameaça que recebeu quando mencionou esse nome para o professor. Sabia que Fortes não ia ameaçá-lo agora, mas ainda não se sentia confortável para fazer a pergunta. Tinha medo de descobrir que a sociedade estava relacionada aos corpos mutilados e não queria nem pensar em uma coisa dessas.

Na sexta-feira, o pai ia trabalhar o dia todo, mas não podia encontrar com Fortes, porque ele ficaria na escola até tarde. Igor também só ia ver Fernando à noite, então foram caminhando para casa juntos.

— Estou com fome e não tem nada pronto para comer em casa — disse Lucas.

— Eu também — falou Igor. — E hoje minha mãe está de plantão no hospital.

— Acho que vou passar na padaria e comprar alguma coisa, estou com preguiça de cozinhar. Quer ir lá para casa e me acompanhar?

— Até que é uma boa ideia.

Entraram na padaria que havia no caminho e a mesma atendente do outro dia veio falar com eles. Lucas pediu dois pedaços de torta de frango e ficaram esperando enquanto ela embalava. Quando terminou, ela voltou com um sorriso no rosto e eles foram

pagar.

— Achei fofo você aqui outro dia — ela disse enquanto pegava o troco na caixa registradora.

— Fofo?

— É, você e seu namorado, aquele grandão. Achei muito legal vocês dois se abraçarem, sem medo do que ninguém ia pensar. Acho muito feio gente que tem preconceito e você não precisa ter vergonha, porque aqui na padaria nós somos a favor de todos os tipos de amor. Pode voltar quando quiser.

— Ah, obrigado.

Lucas pegou o troco e foi andando para o lado de fora, com o rosto pegando fogo de vergonha. Igor acompanhou o amigo sem dizer nenhuma palavra, mas assim que chegaram do lado de fora, parou e começou a olhar para ele, na espera de uma resposta.

— O que foi? — perguntou Lucas.

— Estou esperando você explicar do que aquela garota estava falando.

— Tá, eu sei, mas aqui não, vamos lá para casa.

Fizeram o resto do trajeto em completo silêncio, o que chegava a ser constrangedor. Lucas ainda não tinha pensado em contar sobre aquela situação para Igor, e Fortes definitivamente não ia gostar nada daquilo quando soubesse. Igor era seu amigo e guardaria seu segredo, mas se aquela garçonne linguaruda contasse para mais alguém, poderia acabar dando problema para eles.

Quando chegou em casa, ele destrancou a porta e foi direto para a cozinha. Deixou a torta na mesa e pegou dois pratos. Abriu a geladeira e tirou também uma caixa de suco. Igor olhava tudo aquilo parado no batente da porta, sem dizer uma palavra. Quando finalmente Lucas acabou de servir a torta nos pratos, Igor começou a falar.

— Vai explicar por que você e o Daniel estavam se agarrando dentro da padaria?

— Daniel? — Lucas perguntou, arregalando os olhos.

— É, não é ele o seu “grandão”? — disse, fazendo aspas com os dedos na última palavra, imitando o que a mulher havia dito.

— Ah, o Daniel. Não, eu não estava agarrando *ele* na padaria.

— Então quem era? — Igor quis saber.

— Não estava agarrando ninguém, foi só um abraço.

— Lucas, nossa amizade quase acabou quando não te contei do Nando e agora você está fazendo a mesma coisa. Em primeiro lugar,

por que não me contou que era gay quando ficou sabendo de mim? E não tente negar, se fosse mentira, você teria dito para aquela atendente.

— Porque eu não era gay! — Lucas disse em tom alto. — Quer dizer, eu não sabia que era, pelo menos não tinha certeza ainda.

— Como assim não sabia? — Igor parecia confuso. — Só fazem algumas semanas.

— Mas eu não sabia, está bem? Nunca tinha pensado muito sobre essa coisa de sexualidade até descobrir que você e o Fernando estavam namorando. Mas então aconteceu e eu percebi que também sou gay. As coisas estão ocorrendo rápido demais e, na verdade, nem eu entendi tudo direito até agora.

— Então não vai negar que estava abraçado com o Daniel?

— Igor, já disse que não era o Daniel — Lucas explicou.

— Então quem era? — o amigo perguntou. — Não conheço nenhum outro grandão que você possa estar pegando.

— Pegando?

— É, dando uns amassos escondido — Igor disse, rindo. — Anda logo, quem é? Pensei que a gente tinha prometido não guardar mais segredos.

— Vai ter que prometer que não vai contar para ninguém.

— Lucas, a gente é amigo, pensei que confiasse em mim.

— Não, eu confio, é que não pode contar nem para o Fernando — Lucas pediu.

— É tão sério assim? — Igor disse, puxando uma cadeira e sentando com os cotovelos apoiados na mesa. Agora sua expressão era séria.

— Mais do que você imagina.

— Tá, prometo que não conto para ele, mas desembucha logo, está me matando de aflição.

— A pessoa que eu estava abraçando na padaria era o professor Fortes — Lucas finalmente confessou.

Um silêncio pesado caiu na cozinha. Os olhos de Igor iam se alargando na medida em que entendia o significado daquela frase. Lucas abaixou a cabeça enquanto o amigo continuava olhando perplexo para ele. Era estranho finalmente ter contado aquilo para alguém. Pensou que ia sentir medo ou alívio quando isso acontecesse, mas a verdade é que estava congelado demais para sentir qualquer coisa. Pareceu que passaram horas até que Igor falou novamente.

— Ele é bem bonito — disse.

— O quê? — Lucas estava chocado. — Não vai me julgar?

— Claro que não, sei como essas coisas de sentimento acontecem e sei que não é a gente que escolhe.

— Mas ele é nosso professor! — Lucas parecia indignado.

— Eu sei, Lucas, e isso é completamente bizarro. Você vai ter uma grande dor de cabeça por causa disso.

— É, já até começou.

— O que o Fortes fala dessa situação? — Igor perguntou.

— No início, ele não queria aceitar, dizendo que era errado ficar com um aluno e que podia ser preso por causa disso, mas a gente está conversando bastante e decidimos pelo menos tentar, para ver onde isso vai dar.

— Como aconteceu? De quem foi a iniciativa? Vocês transaram?

Lucas corou mais uma vez. Não era esse o tipo de pergunta que esperava do amigo depois de confessar que estava ficando com seu professor de literatura. Igor já estava exagerando no tanto de detalhes que queria.

— Não acredito! — disse Igor. — Quem comeu quem?

— Essa pergunta é ridícula. É claro que não transamos.

— Você já me fez o mesmo tipo de pergunta e agora é minha vez — o amigo provocou. — Tenho o direito de saber. Quero todos os detalhes sórdidos.

— Não sou obrigado a falar nada.

— É por isso que o humor do Fortes melhorou nos últimos dias! — Igor disse de repente. — Até nas aulas ele está mais legal. Eu e o Nando até fizemos uma piada de que ele devia estar transando, mas nunca imaginei que fosse com você.

— Eu já disse que ainda não chegamos a esse ponto — Lucas disse, exasperado. — E por favor, não conta para ninguém.

— Lucas, já disse que não vou contar, relaxa. O Daniel já sabe?

— Não, você é o único.

— Isso não é nada bom — Igor disse, pensativo. — Acho que devia contar para ele, antes que descubra da forma que descobri.

— Não quero que mais ninguém saiba — o garoto insistiu.

— Lucas, o Daniel gosta de você, mais do que você pensa. Agora, parece que ele está se divertindo com aquele garoto novo, mas ainda não sei se aquilo é coisa séria. Ele talvez esteja tentando te esquecer. Quando ele descobrir, a dor vai ser grande e é bem melhor que saiba por você, ou vai acabar perdendo um grande amigo.

— Ele não gosta de mim desse jeito — Lucas afirmou.

— Talvez você tenha razão, mas eu não arriscaria se estivesse no seu lugar.

O garoto ponderou por alguns instantes, mas sabia que o amigo estava certo. Daniel era importante demais para descartar sem ao menos uma explicação. Sabia que ele podia ficar triste e chateado. No fundo, sentia que Daniel tinha chegado a gostar dele, porque ele tinha sido insistente no começo, mas acreditava de verdade que ele já tinha superado. Mas não podia arriscar, devia logo contar a verdade, para que não destruísse a amizade que tinham. Era o pior sentimento do mundo saber que poderia partir o coração de uma das pessoas que mais gostava no mundo, mas era melhor fazer isso logo, antes que outra pessoa fizesse em seu lugar e as coisas ficassem realmente feias.



CAPÍTULO 29



Lucas passou a noite toda pensando numa maneira de conversar com Daniel, mas não encontrou nenhuma forma mais amena de dizer tudo, um jeito que não machucasse os sentimentos do amigo. A questão é que não sabia qual seria a reação que ele teria, então não podia planejar a conversa, passo a passo. O jeito era contar direto, sem dar muitas voltas, nem fazer enrolação. Quase não conseguiu pregar o olho por causa disso e estava um caco quando saiu da cama com os primeiros raios de sol. O pai tinha chegado tarde em casa e provavelmente ainda dormiria até mais tarde.

Entrou para o banho e ficou um bom tempo pensando embaixo do chuveiro. Era relaxante deixar a água cair sobre a cabeça, lavando todas as preocupações e deixando o corpo leve. Por mais que estivesse preocupado com o que aconteceria, sabia que dariam um jeito, porque amigos sempre encontram um caminho para a amizade continuar viva quando é verdadeira. Estava com um peso na consciência, mas era melhor dizer logo a verdade.

Esperou na sala de casa até que desse uma hora razoável para ir à casa de alguém no sábado, escreveu um bilhete para o pai e saiu. O garoto foi andando vagarosamente pelo bairro, observando as paisagens, até que finalmente chegou perto da casa de Daniel. Viu o amigo entrando pelo portão e resolveu chamar.

— Daniel, espera!

Ele olhou para trás e abriu um sorriso.

— Lucas, o que faz aqui tão cedo?

— Já são quase nove horas, é tarde — disse, correndo os últimos passos.

— Hoje é sábado e você ama dormir — Daniel falou, rindo.

— Eu sei. O que *você* já faz acordado?

— Acordei cedo e fui para a academia me exercitar um pouco. Preciso malhar bastante para manter esse corpo perfeito.

Daniel flexionou os braços e mostrou os músculos definidos ao

dizer isso, dando uma risada logo em seguida.

— Convencido — disse Lucas, revirando os olhos.

— O que faz por esses lados?

— Queria saber se a gente podia conversar um pouco.

— Claro, entra aí — Daniel disse. — O pessoal aqui de casa resolveu ir cedo para o sítio hoje, para aproveitar que o tempo está bom e pegar uma cachoeira, então temos a casa só para a gente. Não quis ir, porque à noite vou sair com o Bernardo. Já tomou café?

— Não — disse ele, percebendo que nem tinha pensado em comer.

— Então espera um pouco. Vou tomar uma ducha rápida e preparo alguma coisa para a gente comer, estou morrendo de fome.

— Beleza.

Lucas ficou sentado na sala enquanto o amigo tomava banho. Ouviu o barulho do chuveiro quando se ligou e ficou pensando nas implicâncias que havia na expressão de terem a casa só para eles. Em outras circunstâncias, adoraria ter a casa vazia junto com Daniel, mas não pensava nele daquela forma. Repreendeu a própria imaginação só de pensar no que Fortes acharia daquilo. Será que ele era ciumento? Ainda não o conhecia o suficiente para saber esse tipo de coisa.

Não demorou muito para que o chuveiro desligasse e, em pouco tempo, Daniel apareceu, usando apenas uma bermuda e com os cabelos ainda pingando um pouco de água. Ele parecia bastante animado com a presença de Lucas e logo foi para a cozinha, começando a preparar uns sanduíches.

— Fala aí, o que você quer conversar? — Daniel perguntou. — Deve ser sério para aparecer aqui tão cedo. Está preocupado com nosso próximo jogo?

— É um pouco sério, mas não tem a ver com handebol.

— Eu estava brincando, mas agora fiquei com medo, Lu.

— Daniel, primeiro quero que saiba que gosto muito de você e que é meu amigo acima de todas as coisas. Eu não faria nada para te deixar triste.

— Caramba, o que você fez? Matou meu cachorro? — Daniel parecia genuinamente assustado. — Está ficando pálido, quer uma água?

— Daniel, para, não é hora para brincadeira — Lucas disse.

— Eu sei, você está mesmo pálido.

— Não quero que nossa amizade acabe pelo que vou te contar.

— Prometo que nada vai afastar a gente, você foi a pessoa que

me ajudou a não surtar depois que o Gabriel parou de andar comigo — Daniel disse. — É um dos meus melhores amigos e pode contar comigo para qualquer coisa.

— É que... Eu descobri umas coisas... Sobre mim.

— O que você descobriu? — disse Daniel, largando os sanduíches e sentando perto de Lucas na mesa, parecendo que já tinha compreendido.

— Talvez eu tenha sido confuso durante boa parte da minha vida. Eu não entendia muito bem algumas coisas que você falava que via em mim, mas refleti muito nas últimas semanas e percebi que você estava certo. A questão é que eu sou gay.

— E pensou que eu ficaria com raiva por causa disso? — Daniel disse, rindo. — Lucas, não tem nada de errado com você se descobrir gay. Não existe uma idade certa para essas coisas, apenas fico feliz que agora você se entenda e se aceite. Vai por mim, sei como isso é difícil.

— Não, é que... Tem mais coisa. Tem algo que eu fiz.

— O quê? — Daniel perguntou, curioso.

— Eu fiquei com uma pessoa — disse ele, envergonhado.

— Você ficou com um cara?

Lucas afirmou com a cabeça. Não conseguia dizer aquilo em voz alta. Falar com Igor tinha sido muito mais fácil do que essa conversa com Daniel.

— Depois que eu te beijei e que você disse que não tinha curtido, você ficou com outro cara?

— Sim.

Daniel começou a rir, uma gargalhada alta, característica de que estava se divertindo bastante com a história de Lucas. O garoto ficou um pouco aliviado com isso, essa reação era bem melhor do que a que ele esperava, apesar de ainda ser estranha.

— Agora eu que não estou entendendo nada, Lucas — disse ele, enxugando uma lágrima que tinha saído com a risada. — Você finalmente ficou com um cara e pensou que eu ia ficar com raiva disso?

— Você tinha tentado ficar comigo daquela vez, então pensei que pudesse gostar de mim ainda.

— Lucas, pensei que isso nunca ia acontecer, mas comecei a ficar com o Bernardo e nossa relação está muito legal. Não me arrependo de ter te beijado, mas é muito bom estar com ele. Se tivesse que acontecer entre você e eu, teria acontecido naquela época. Agora nós dois somos livres para ficar com quem a gente quiser.

— Eu sei, mas queria te contar, antes que descobrisse por outra

pessoa, porque me importo de verdade com você.

— Agradeço sua honestidade, você é mesmo um bom amigo — Daniel disse. — Só estou curioso com uma coisa. Quem é ele?

— É melhor a gente não falar disso — Lucas disse, olhando para o outro lado.

— Tenho o direito de saber quem é o cara que conseguiu o que eu não consegui — Daniel disse, com um sorriso zombeteiro no rosto. — Quero saber quem fez você mudar de ideia quando nem eu fui capaz. Ele tem que ser mais gostoso que eu, pelo menos, porque todo mundo sabe que eu sou irresistível.

— Ninguém mudou minha ideia, eu só não entendia. E para de ser tão convencido, isso não é nada atraente.

— Lucas, só fala o nome.

Daniel estava com os cotovelos apoiados na mesa da cozinha e a cabeça sobre as mãos, olhando para o amigo com as sobrancelhas levantadas e um sorriso irônico. Lucas não estava completamente confortável com a situação, mas as coisas não estavam tão ruins quanto ele pensava. Não queria estar tão nervoso com a perspectiva de o amigo saber sobre Fortes, mas não podia controlar os sentimentos.

— É complicado, é uma pessoa meio proibida — disse Lucas.

— Quem?

— Antes de falar, preciso ter certeza de que continua meu amigo e de que não vai contar isso para ninguém.

— Que bicho mordeu em você? — Daniel perguntou. — É claro que vamos continuar amigos, não pode ser tão grave assim, a não ser que você esteja ficando com o meu pai. Mas isso é impossível, ele é totalmente heterossexual. Quem foi o cara que ganhou você?

— Foi o professor Fortes — Lucas finalmente disse.

Daniel deu outra de suas gargalhadas altas.

— Essa foi muito boa — disse ele. — Mas agora estou falando sério, quem é?

— Também estou falando sério. É mesmo ele.

Daniel encarou Lucas por alguns segundos. Quando percebeu na expressão do amigo que aquilo não era uma brincadeira, arregalou os olhos.

— Isso só pode ser alguma piada, vocês se odeiam — disse, em choque.

— Não é piada. Todo aquele ódio era porque ele se sentia atraído por mim e estava lutando contra essa atração. E eu acho que todo o meu interesse em descobrir quem ele era também significava

que eu me sentia atraído por ele. Eu só não sabia disso.

— Mas Lucas, ele é nosso professor — Daniel falou, assustado.
— Eu disse que ele era gostoso e que devia estar precisando de sexo, mas nada muda isso. O primeiro cara que você está ficando de verdade é nosso professor, seu safado.

— Não sei como isso foi acontecer, foi tudo de repente.

— É, eu posso imaginar, porque você sempre foi sincero e isso é o que mais amo na sua amizade. Sempre vamos ser amigos e fazer brincadeiras, mas assim não corremos risco de tudo dar errado e virarmos inimigos. Podemos até ir a um encontro duplo.

— Obrigado por entender. Mas nada de encontros duplos.

— Eu estou chocado de verdade — Daniel disse, ainda rindo. — Não pelo fato de você ser gay, você sabe que sempre pensei isso. Mas o professor Fortes, eu juro que não esperava. E você marcou um golaço, ele é mesmo muito gostoso.

— Nem eu estou acreditando totalmente ainda — Lucas disse, dando um sorriso sem jeito.

— Só posso dizer que quero que seja muito feliz, independentemente de quem esteja ao seu lado. E se algum dia ele te machucar, acabo com a raça dele.

— Obrigado — Lucas disse com sinceridade. — Posso ter um abraço agora?

— Quantos você quiser — Daniel respondeu, com seu sorriso safado.

— Também não precisa se atirar para cima de mim só porque eu sou gay — brincou Lucas.

— Não vou fazer isso, prometo. E agora sei o motivo de você não estar interessado por mim, você curte homens mais velhos com cara de assustador.

Daniel deu outra risada e os dois ficaram um tempo abraçados na cozinha de sua casa. Aquele abraço significava mais do que aceitação ou entendimento, era um ato de cumplicidade. Lucas estava contente por ter contado para o amigo, mesmo sabendo que Fortes não ficaria nada feliz de tanta gente saber. Agora, precisava dizer para ele que tinha contado e isso seria uma tarefa ainda mais difícil. Ainda não conhecia o homem tão bem para prever sua reação, mas acreditava que tinha feito a coisa certa.



CAPÍTULO 30



Depois de almoçar com o pai, Lucas ficou no quarto esperando a tão desejada ligação de Fortes. Ligou o computador e não demorou muito a cair em um site pornográfico, afinal, eles estavam em todas as partes. Colocou um filme gay, sua curiosidade estava aguçada. Não demorou muito tempo para perder o interesse, entretanto, porque nenhum daqueles caras chegava aos pés de seu professor. Ou eram novos demais, ou muito magros, ou tinham os corpos muito depilados, ou eram exageradamente velhos, o que fazia com que lembrasse do pai. Tinha a atenção do homem que considerava perfeito e não precisava ficar procurando nada por aí.

Quando finalmente o telefone tocou, já não estava mais aguentando ficar dentro do quarto e pulou para atender o celular, que estava na sua frente há horas.

— Lucas? — disse a voz do outro lado da linha.

— Oi, Mateus. Até que enfim você ligou.

— Desculpa, estava almoçando com a minha mãe, não foi uma refeição muito agradável. Estou na rua de baixo da sua casa, pode me encontrar aqui? Acho que não seria muito sensato parar aí na frente.

— Tudo bem, chego aí em dez segundos — disse ele, saltando para fora da cama.

Lucas se despediu do pai, dizendo que ia ao shopping com alguns amigos, e desceu correndo a rua. Não demorou muito a chegar ao veículo preto que estava parado não muito longe dali. Olhou para os lados, a fim de ver se não tinha ninguém por perto, e pulou para dentro, sentando no lado do carona e prendendo o cinto, enquanto Fortes dava a partida no carro.

— Oi — falou.

— Veio rápido — disse o homem, com um sorriso no rosto.

— Sim, já estava pronto.

— Desculpa a demora, mas, como eu disse, estava com a minha mãe.

— Não sabia que você tinha mãe.

— Lucas, sou uma pessoa normal, tenho uma família — Mateus disse, rindo. — Não nasci de uma chocadeira.

— É porque nunca falou deles — Lucas explicou.

— Tenho mãe, pai, primos, a bagagem toda. Minha mãe quis almoçar comigo hoje, porque ela tinha uma fofoca para contar. Aparentemente, minha prima já estava grávida quando casou, um tempinho atrás.

— Sério? Que fofo, adoro crianças.

— Meu pai não aceita muito bem essa coisa de ser gay, nem minha mãe — Fortes explicou. — Mas um dia talvez você conheça todo mundo.

— Espero que sim — Lucas disse, pensando em como o relacionamento dos dois se desenvolveria ao ponto de um conhecer a família do outro.

— O que quer fazer hoje? Pensei em vermos um filme.

— Ah, pensei que a gente fosse fazer outra coisa — disse, corando.

— Que coisa? — o professor perguntou, provocativo.

— Nada, deixa pra lá.

Fortes começou a rir descontroladamente e ele queria se afundar no banco do carro. Como não podia fazer isso, apenas ficou parado, olhando para frente. Quando não aguentava mais tudo aquilo, finalmente resolveu dizer alguma coisa.

— Posso saber por que está rindo?

— Lucas, eu tenho a impressão de que você pensou que a gente ia transar — Fortes explicou.

— E quem disse que quero transar com você? — perguntou de modo petulante.

— Tudo bem, se você não quer, a gente vê o filme. Mas a gente poderia, sabe? Uma hora ou outra, vamos chegar a esse estágio. Quando você estiver preparado, não precisa ter pressa.

— Droga, por que faz isso? — Lucas perguntou.

— Isso o quê? — Fortes parecia confuso.

— Ser fofo. Eu não imaginava que você seria assim, por causa do jeito que era no início. Mas agora você fala todas as coisas certas, até mesmo quando o assunto é algo como sexo. Isso ao mesmo tempo me confunde e me dá certeza de que quero ficar com você. Nunca fiz isso, você deve saber, mas, com você, eu sinto que posso tentar.

— Lucas, eu falei sério. Não precisamos ter pressa, sei que tudo

isso é novo para você e milhares de coisas devem estar passando pela sua cabeça. Sexo é bom sim e é importante, mas quero que você saiba que você é muito mais que isso para mim. Se vamos mesmo ficar juntos, não quero ter um relacionamento baseado em luxúria. Eu quero conhecer todas as partes de você e quero que você também me conheça, cada detalhe. Quando chegar o momento, vamos transar e sei que vai ser sublime. Mas meu objetivo nunca foi te levar para a cama, espero que saiba disso.

— Sei perfeitamente — disse o garoto. — Obrigado.

Ao chegarem na casa de Fortes, ele segurou a mão de Lucas e o levou para a sala. Mesmo já tendo ido até ali antes, o garoto ainda estava reparando nos detalhes do local. Era um ambiente bem decorado e de bom gosto.

— Eu li os textos que você me enviou — disse o homem, apontando para um notebook que estava aberto em cima da mesa de centro.

Durante a semana, quando conversavam, Mateus tinha dito novamente que gostaria de ler as coisas que Lucas escrevia. Empolgado com a perspectiva, o garoto acabou mandando quase todos os seus contos e alguns romances que havia começado. Era a primeira vez que tinha coragem de mostrar tudo para alguém, mas sabia que Fortes ia dizer exatamente o que estava bom e o que precisava melhorar.

— Conseguiu ler tudo? — Lucas perguntou. — Acho que exagerei um pouco na quantidade.

— Você mandou bastante coisa, mas eu li rápido, porque estava gostando — o mais velho respondeu. — Fiz anotações em todos os textos e ia te enviar, mas você pode olhar aqui mesmo, se quiser. Você tem talento, Lucas, acredito que seu futuro como um grande escritor é inegável. O jeito como você consegue descrever sentimentos é algo que nem todo mundo é capaz. Eu senti toda a dor naquela história do garotinho órfão. Na verdade, você me deve alguns beijos, porque partiu meu coração com aquilo.

Lucas ficou sem graça com o comentário, ainda não estava acostumado com esse tipo de intimidade. Queria muito beijar Mateus, mas não tinha coragem de tomar a iniciativa para isso. E saber que ele havia gostado de seus textos tornava tudo um pouco mais mágico. Quando o homem se aproximou, apenas se deixou entregar.

Fortes encostou sua barba por fazer no rosto de Lucas, provocando um pouco antes de iniciar de fato o beijo. Ele sabia que o aluno sentia tanto desejo quanto ele mesmo, mas queria fazer o garoto se sentir confortável com aquilo. Quando seus lábios finalmente

roçaram, Lucas soltou um suspiro. Se não tivesse um pouquinho só de controle, podia fazer o que quisesse com ele.

Lucas abriu a boca e permitiu que Mateus a provasse. Primeiro os lábios se tocaram de forma leve, mas logo as carícias foram se aprofundando. Quando as línguas finalmente se encontraram, o garoto não conseguiu evitar um gemido. Aquilo definitivamente era melhor do que assistir a um filme.

O beijo de Mateus ficava cada vez mais forte, enquanto seus braços musculosos puxavam o corpo de Lucas para mais perto de si. Ele apertava o aluno com força, segurando seu corpo como se não quisesse que ele fugisse. Lucas correspondia com a mesma intensidade, sugando os lábios do professor e entrelaçando sua língua com a dele. Timidamente, passava as mãos pelos braços, a barriga e os ombros do mais velho, sentindo cada músculo definido que havia nesses locais. Eles só paravam por poucos segundos para respirar e voltavam a mergulhar naquela sensação.

Mateus foi guiando Lucas até o sofá e deitou por cima do garoto. Continuavam se beijando e era um beijo de saudade, de paixão, de quem teve que se segurar aquela vontade a semana inteira na escola. Lucas correspondia como se nunca mais fosse capaz de largar o professor. Mas então Fortes interrompeu o toque e ficou olhando para o outro com o rosto bem próximo. Sua respiração estava agitada e seu coração batia acelerado.

— Uau — disse ele por fim.

— O que foi? — Lucas perguntou, um pouco sem fôlego.

— Acho que nunca tinha beijado alguém com tanta intensidade antes.

— De vez em quando, eu fico pensando se isso é mesmo real — o garoto afirmou. — Sei lá, parece que, a qualquer hora, a realidade vai bater na minha porta e mostrar que tudo não passou de um sonho.

— Você tem medo de se arrepender? — Fortes perguntou.

— Não é bem isso, é que penso em algumas coisas às vezes — disse o garoto, saindo de debaixo do professor e sentando no sofá.

— O que é? Pode falar comigo.

— É que algumas coisas não fazem sentido. Desculpa por me intrometer e presumir coisas, mas você é professor e professores não ganham bem para ter uma casa igual a sua, nem um carro daqueles.

— Não sou professor porque preciso de dinheiro — disse Mateus. — Meu pai é dono de ações em uma grande empresa. É irônico, mas, só com a minha parte, eu ganho o suficiente para nunca precisar trabalhar, faço isso porque é minha paixão.

— Não parece muito apaixonado por adolescentes.

— Talvez eu esteja me apaixonando por um específico, mas ele é meio teimoso e totalmente desconfiado.

— Tem mais coisa — Lucas disse, ignorando o flerte.

— O quê? — Mateus perguntou, colocando as mãos no colo do garoto, segurando as mãos dele nas suas.

— Deixa para lá — ele respondeu, observando o gesto.

— Lucas, não precisa guardar segredos, pode confiar em mim.

— Tudo bem, é que tenho um pouco de medo de você — finalmente confessou.

— Medo? — Mateus perguntou, preocupado. — Mas já expliquei a situação de ser um professor bravo no início. Eu prometo que não precisa ter medo de mim, eu nunca faria nenhum mal a você.

— Eu sei, não é sobre você me fazer algo. Mas tenho medo de descobrir alguma coisa ruim e que...

— Que...? — Mateus incentivou.

— Aquela vez que falei com você sobre a *Sociedade do Urso Negro*, eu e o Daniel descobrimos uma porta e tinha esse nome nela. Você me proibiu de falar sobre isso e agora meu pai está investigando corpos que parecem ter sido dilacerados por ursos, mas não tem ursos por essa região, então liguei uma coisa na outra e...

— Você acha que eu matei essas pessoas?

— Não! — ele se apressou em dizer. — Quer dizer, não sei, espero que não.

— E ainda assim você entra na minha casa? Não tem nenhum instinto de autopreservação?

— Já disse que espero que não tenha feito nada — Lucas disse.

— Você está sendo burro — Fortes disse, com a voz ríspida.

— Burro?

— Lucas, eu não matei ninguém, prometo. Não seria capaz de fazer nenhum mal a outra pessoa. Mas e se eu fosse um assassino em série? Se fosse um louco que mata a sangue frio? Ainda assim viria à minha casa?

— Não acreditava que você fosse nada disso — Lucas explicou.

— Mas suspeitava e isso já era suficiente para te colocar em risco.

— Só suspeitava porque você não quis falar sobre essa sociedade secreta de que você faz parte. Sei que o Igor também está metido com aquilo e não quis me contar nada.

— E você pensou que seu amigo faria parte de um grupo de assassinos? — Mateus perguntou, frustrado. — Pensei que o filho de um delegado chegaria a conclusões melhores. Se quer saber alguma coisa sobre aquela porta, só precisa perguntar.

— Eu quero saber, você pode me contar? — Lucas finalmente pediu.

— Tem certeza disso?

— Tenho, estou curioso desde o dia em que vi aquela porta. Uma pessoa como eu não fica muito calma até saber todas as informações.

— Então vem, vou te levar até lá — Mateus disse, levantando do sofá.

— Espera, tem mais uma coisa — Lucas falou.

— O quê?

— Eu meio que contei para o Igor e para o Daniel que estamos juntos.

— Tem certeza de que não está dizendo isso só porque está com medo de mim de novo? Parece que você quer que eu pense que vão suspeitar de mim se algo acontecer com você.

— É verdade, eu juro — ele disse, encarando o professor.

— Merda, Lucas, pedi para não contar para ninguém — Fortes disse, bufando. — Se isso chega até os ouvidos do seu pai...

— Eu sei, mas eles são meus amigos e confio neles. Vão guardar nosso segredo.

— Espero que esteja certo — o homem respondeu. — Não vou brigar com você porque confia nos seus amigos, eu disse que não sou esse tipo de pessoa. E se eu fosse mesmo um assassino, alguém ia saber onde você está e me denunciar se alguma coisa acontecesse. Até que foi uma jogada inteligente.

— Juro que não tinha pensado nisso — Lucas disse. — Mas agora que falou, parece mesmo um psicopata por pensar em um plano assim.

— Anda logo, levanta que vou te levar até a *Sociedade* — disse o homem. — Você vai ver de perto e tirar suas próprias conclusões. Vai entender o motivo de aquele local ser secreto.

O garoto levantou do sofá e seguiu o homem pela porta. Estava nervoso e engoliu em seco várias vezes, mas também estava curioso. Independentemente do que fosse aquilo, agora saberia a verdade. Não podia dizer que estava totalmente preparado, mas saber a verdade definitivamente seria melhor do que continuar criando teorias em sua cabeça.



CAPÍTULO 31



Lucas já tinha se preparado mil vezes para aquele momento, mas agora que estava diante da porta, não sabia qual seria sua reação. Fortes olhava fixamente para o seu rosto, tentando identificar qualquer traço do que ele estava sentindo, mas nem ele conseguia explicar. Era uma mistura de excitação, medo, curiosidade e mais alguma coisa que não podia identificar ainda. Queria abrir logo a porta que estava à sua frente, mas, ao mesmo tempo, estava apreensivo por não saber o que encontraria no outro lado.

— Do que você está com medo? — perguntou Mateus.

— Sei lá, é que não sei direito o que esperar — disse ele.

— Abre, que você vai descobrir.

— Tem certeza de que não tem nada aqui que vai fazer eu me arrepender?

— Abre logo essa porta, Lucas — o homem respondeu, com uma expressão séria.

O garoto começou a empurrar a porta, que já estava destrancada. Foi abrindo vagarosamente, milímetro por milímetro. Viu que havia uma luz acesa no lado de dentro e continuou. Levantou os olhos quando todo o interior do local estava visível e a cena que encontrou era diferente do que todos os seus pensamentos haviam indicado.

No centro do cômodo, havia uma mesa de sinuca e no canto tinha um balcão, com várias comidas e bebidas diferentes. Mesas e cadeiras estavam dispostas organizadamente pelo salão, como se fosse um bar. Também havia sofás em alguns cantos, onde alguns caras estavam sentados conversando. Mal pareceram notar a presença de Lucas, mas logo um garoto que parecia mais novo que Fortes veio andando na direção dos dois.

— Mateus, pensei que não teríamos reunião hoje — disse ele.

— Hoje não vim por causa da reunião, Diego, só vim apresentar o espaço para um membro novo.

— Ah, tudo bem — Diego disse, encarando Lucas de modo curioso.

— Esse aqui é o Lucas.

— Oi, seja bem-vindo — disse de maneira educada.

— Obrigado — Lucas respondeu, ainda sem entender o que era aquele lugar.

O rapaz voltou para o sofá onde estava sentado e cochichou alguma coisa com os amigos, que olharam para Lucas e deram risadinhas. Aquele local era mesmo estranho e as pessoas pareciam meio diferentes. Lucas olhou para o ambiente mais uma vez e viu alguns rostos conhecidos de sua escola, mas não conseguia imaginar o que aquelas pessoas estavam fazendo ali.

— Vamos para a minha sala — disse Fortes.

Ele atravessou o ambiente até o lado oposto, onde havia uma escada giratória. Deixou que Lucas passasse na sua frente e foi logo em seguida. O garoto parou ao chegar no topo e ficou esperando o professor guiar o caminho. Seguiram por um corredor, até entrar em uma sala que parecia uma sala de aula, com um quadro em uma parede e carteiras espalhadas.

— Deve estar confuso — disse Fortes.

— Confuso? — Lucas ironizou. — Não sei nem o que pensar. Isso é algum instituto para jovens mutantes?

— Não, mas excelente referência — o homem disse, rindo. — Calma, vou explicar tudo.

— É algum tipo de escola? — insistiu.

— As pessoas vêm até aqui e podem aprender muitas coisas, mas é bem diferente de um colégio. Eu chamaria tudo isso de um espaço seguro onde todos podem agir com liberdade.

— Liberdade? — ele ainda estava confuso.

— Sim, Lucas, todos aqueles jovens que você viu lá embaixo estão aqui para ser livres e ser quem realmente são. Sem julgamentos ou amarras.

— Não entendi.

— Quando eu tinha a sua idade, sempre procurei por algum lugar, ou pessoa, para me guiar, mas não havia ninguém. Meus pais nunca aceitaram muito bem a minha sexualidade e cheguei a pensar em tomar medidas drásticas por causa disso. Eu estava em um lugar bem solitário e frio na minha mente naquela época. Por sorte, consegui superar meus medos. Mas eu sabia que muitos iguais a mim não tinham o mesmo destino e era minha responsabilidade ajudar.

— Você já quis se matar? — o mais jovem perguntou, de olhos

arregalados.

— Lucas, não é a coisa mais fácil do mundo ser gay, imagino que esteja começando a entender isso. Já pensou no que o seu pai vai fazer quando descobrir?

— Meu estômago fica embrulhado só de pensar na possibilidade de ele saber.

— Exatamente, isso é porque tem medo — Mateus declarou.

— Continuo sem entender o que fazem neste local.

— Aqui é um lugar de liberdade, como eu disse. Jovens LGBTQIAP+ da cidade toda podem vir aqui para conversar, namorar, brincar e até falar com uma psicóloga. Assim, eles se sentem confortáveis e percebem que podem ter uma vida feliz, mesmo sendo homo, trans, assexuais ou qualquer outra sigla da comunidade. Isso facilita a trajetória de muitas dessas pessoas, porque dá a elas uma família que aceita de verdade.

— Está dizendo que isso é um bar gay? — Lucas perguntou, surpreso.

— Não — Mateus respondeu com uma risada. — Quer dizer, a parte que você viu parece mesmo um bar, mas não servimos bebidas alcoólicas, garanto.

— De que reuniões aquele garoto estava falando?

— Para ser um membro, os jovens precisam assistir a algumas reuniões, nas quais conversamos sobre assuntos como gênero, sexualidade e sexo seguro, para ajudar esses garotos a viver num país como o nosso. É uma terapia em conjunto.

— Então quer dizer que, esse tempo todo, você sabia que o Igor e o Fernando são gays? — Lucas perguntou, lembrando que os amigos frequentavam o local.

— Sim, eu que convidei os dois para entrar para a *Sociedade*. Um dia, peguei os dois cabulando aula para se beijar numa sala de aula vazia e é lógico que ficaram morrendo de medo de eu contar para alguém. Disse que não contaria se entrassem para o grupo. Eles aceitaram com um pouco de desconfiança, mas hoje estão entre os membros mais ativos daqui, até me ajudam com as reuniões.

— Por que não me contou nada? — Lucas quis saber. — Por que me ameaçou?

— Desculpa, Lucas, mas esse lugar precisava continuar secreto e você é filho do delegado Oliveira, seu pai é uma lenda na cidade e eu morro de medo dele. O que faço aqui é um trabalho que ajuda os jovens, mas nem todos os pais pensam assim. Eu poderia acabar sendo processado por corrupção de menores, então ia parar na cadeia. Você

pode imaginar os cartazes que os fanáticos religiosos iam levantar contra mim. Tem gente até da escola que não pode vir aqui, por ter famílias assim.

— Você é mesmo um criminoso — Lucas disse, arregalando os olhos.

— Não sou um psicopata igual você fantasiou — Mateus disse, sério. — Mas também não sigo totalmente as regras homofóbicas da sociedade.

— Isso te torna mais interessante — Lucas deixou escapar e imediatamente ficou vermelho. — Por que o nome do clube é esse? — perguntou, para mudar de assunto. — *Sociedade do Urso Negro*?

— Isso é meio constrangedor.

— Você disse que ia contar tudo.

— Está bem, mas não ri — Mateus pediu. — Logo antes de abrir o espaço, já fazia reuniões espalhadas com alguns garotos que tinha conhecido. Eles queriam um nome legal para nosso pequeno grupo. Como eu era o fundador, eles começaram a chamar de *Sociedade do Fortes*, mas isso não era muito discreto, então eles me deram o codinome *Urso Negro*.

— E qual o motivo de te darem esse apelido?

— Um dos garotos viu uma foto minha na praia e mostrou para os outros. Na gíria gay, um homem com pelos corporais é chamado de urso. Eu estava sem camisa na foto e meus pelos são bastante escuros, então já dá para adivinhar o resto.

— Então você é o *Urso Negro*? — Lucas perguntou de modo debochado.

— Em pessoa — Mateus respondeu.

— Caramba, essa foi uma surpresa — riu o garoto.

— Não gostou?

— Não é isso, é que é mesmo um pouco constrangedor.

— Completamente — admitiu Fortes.

— Quando surgiu a ideia de montar o clube?

— Como eu disse, minha família tem bastante dinheiro, porque meu pai é dono de uma empresa grande. Eu não precisava cursar uma faculdade se não quisesse, mas, desde que era adolescente, tinha essa ideia de ajudar outros garotos gays. Como professor, teria a melhor oportunidade de me aproximar deles. Sempre amei literatura, então *Letras* foi a opção certa para mim. Quando me formei, comecei a trabalhar em um cursinho e tentei formar um clube por lá, mas fui demitido quando o diretor descobriu que eu era gay, então vim parar aqui. Comecei reunindo alguns amigos de escola e os amigos deles,

então surgiu a oportunidade de comprar este galpão. Depois da reforma, encontrei alunos do seu colégio e os convidei. Estamos funcionando desde o início do ano.

— Você paga alguém para trabalhar aqui?

— Sim, e muitos desses garotos também são voluntários — Mateus disse. — Mas tem um adulto o tempo todo aqui, para vigiar esses adolescentes que toda hora tentam entrar no meu quarto para fazer você sabe o quê.

— Tem um quarto aqui? — Lucas perguntou curioso. — Por quê?

— Tenho, é mais perto da escola. Tem dias que fico trabalhando por aqui até tarde, então é mais fácil dormir por aqui mesmo. Não é para trazer meus encontros, se foi isso que você pensou.

— Isso é tudo muito estranho — Lucas falou.

— Eu sei, mas agora vem, quero te mostrar mais coisas.

Fortes saiu da sala e foi andando pelo corredor, na direção contrária da que tinham vindo anteriormente. Tirou uma chave do bolso e destrancou a última porta. Estava com uma expressão engraçada no rosto quando Lucas finalmente entrou no cômodo e viu o que era aquele lugar. Computadores e videogames estavam espalhados por todos os lados. Havia vários modelos diferentes, todos novinhos em folha.

— Ainda não inauguramos essa parte — disse Mateus. — É uma surpresa para todos, mas acho que não faz mal mostrar a você.

— Esse lugar é demais — disse Lucas.

— Ainda acha que eu sou um assassino louco?

— Não, pelo contrário, você é a pessoa mais incrível que eu já conheci.

Aquilo era mesmo verdade, Lucas estava impressionado com tudo o que o homem fazia para ajudar todas aquelas pessoas. Tinha pensado coisas horríveis do homem, quando ele só estava dando um lar para garotos que eram rejeitados na própria casa. Mas isso levantava uma questão importante. Se a *Sociedade do Urso Negro* não era mesmo responsável pelos assassinatos, ele não fazia nenhuma ideia de quem poderia ser.



CAPÍTULO 32



Quando Lucas e Fortes voltaram para o primeiro andar da *Sociedade*, os sentimentos do mais novo eram um turbilhão. Desde que tinha se descoberto gay, sua cabeça estava uma bagunça, mas não sentia vergonha por aquelas pessoas saberem. Não era tão bom com sentimentos e tinha certeza de que sua relação com o professor era algo totalmente inusitado, mas agora que se conhecia de verdade, não via nenhum motivo para não se entregar. Não tinha medo de fazer o que queria, nem de dizer que estava ficando com um homem tão bom quanto Fortes. Suas inseguranças e pensamentos negativos tinham ido para o ralo depois de ver o que era aquele local.

Sentou em um banco sozinho, enquanto Mateus ia pegar alguma coisa para comerem. Estava distraído, quando o rapaz que tinha falado com eles quando chegaram sentou perto dele, querendo ser agradável.

— Lucas, não é? — perguntou.

— Isso. E você é o Diego.

— Sim, sou amigo do Mateus e você bagunçou bastante a cabeça dele — disse rindo. — Mas você também parece um pouco perdido, é novo nessa situação?

— Mais ou menos — disse Lucas, constrangido.

— Notei que esse lugar te assusta um pouco, quer falar sobre isso?

— Na verdade, eu até gostaria, mas não tenho muito com quem conversar essas coisas, então não sei o que dizer. Na verdade, não sei nem o que fazer. Você é amigo do Fortes, deve conhecer ele melhor do que eu. Pode me dar algumas dicas?

— Não tem nenhum amigo gay? — Diego perguntou.

— Até tenho, mas tenho medo de machucar o Daniel. E o Igor fica o tempo todo com o Fernando, você deve conhecer esses dois.

— O Igor e o Fernando estão sempre por aqui ajudando o Mateus, mas esse outro ainda não vi. Acho que nenhum Daniel

frequenta esse lugar.

— Não, ele não vem aqui mesmo — Lucas explicou. — A gente pensava que aqui era um lugar bizarro, tipo uma seita.

— Devia chamar ele um dia, todas as pessoas são bem vindas por aqui.

— Vou sim.

— O Mateus tem ajudado você a passar por tudo? — Diego perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

— Na verdade, eu ainda estaria no escuro se não fosse por ele — Lucas disse. — O problema é que ainda é difícil, sabe? Nunca fui um cara preconceituoso e por isso me aceitei rapidamente, mas tenho medo do que os outros vão pensar de mim.

— E isso devia importar?

— Com a maioria das pessoas, não, mas tenho medo de perder pessoas que amo, como o meu pai.

— Acha que ele não vai aceitar? — Diego perguntou.

— Não sei — Lucas disse, sentindo o estômago embrulhar.

— Só vai descobrir se contar para ele.

— É, mas falta coragem para isso.

— Eu sei e as coisas também ainda são muito novas para você — Diego respondeu. — Sei como esse início pode ser complicado. Quando eu era pequeno, sofria muito na minha vizinhança, porque alguns garotos caçoavam de mim. Primeiro, eu era o garoto gordinho, depois, virei o veadinho. No começo, meus pais não gostavam muito, mas quando viram que eu já sofria o bastante na rua, descobriram que em casa eu só precisava de amor.

— Muito legal da parte deles, todos os pais deviam ser assim.

— Pois é, eu tenho muita sorte, mas eles demoraram um pouco a se acostumar com a ideia — ele respondeu. — A gente até mudou de cidade depois e esse foi um dos motivos. Eles queriam me defender de toda a hostilidade do mundo, até eu chegar no ponto em que estou hoje, aceitando completamente quem sou, sem me importar com o que os outros pensam. Até vou voltar para a antiga cidade, estou vendo os papéis de transferência na faculdade.

— Que bom que já está em segurança para isso. Quando você volta?

— Meu pai recebeu uma proposta de emprego muito boa e eles já foram, mas só vou quando o período acabar, para eu não perder nada das aulas.

— Seu pai é muito legal por ter te colocado em primeiro lugar

— Lucas disse.

— É, e o seu pode ser também, tem que se arriscar para saber — Diego disse. — Mas conte só quando se sentir seguro para isso, não se pressione nunca. Cada pessoa é diferente da outra. Só quero que saiba que, no final, tudo dá certo e as coisas sempre melhoram. O Mateus está voltando, vou deixar os dois sozinhos, mas, enquanto eu estiver na cidade, pode contar comigo. E também não precisa ter medo de conversar com o Mateus, ele é uma ótima pessoa e vai te ajudar com qualquer coisa.

— Obrigado.

— Até mais, Lucas — Diego sorriu e foi para um sofá onde um grupo de garotos conversava.

Fortes voltou para a mesa e eles começaram a comer uns sanduíches que havia preparado. Lucas adorou a conversa que tinha tido com aquele rapaz, de vez em quando era bom ver tudo por outra perspectiva. Mesmo não entendendo completamente as coisas ainda, ele podia dizer que estava feliz. Podia até não estar preparado para revelar a sexualidade para o pai, mas, quando fizesse isso, faria com orgulho e dignidade, porque não via motivos para sentir vergonha de quem era. A única coisa de que tinha certeza era que não ficaria triste nem deprimido por ser diferente. A aceitação rápida pouparia anos de sofrimento.

— O Daniel também é gay — disse Lucas para Fortes, quando ele sentou.

— É, eu já percebi — respondeu o homem.

— Por que nunca convidou ele para vir aqui?

— Porque ele é seu amigo e poderia acabar te atraindo para cá. Não me leve a mal, mas você ser filho do delegado ainda é algo que embrulha o meu estômago. Além de tudo, você e o Daniel pareciam próximos demais...

— Você ficou com ciúmes? — Lucas perguntou, rindo. — Mas falando sério, acho que conversar com outras pessoas faria bem a ele. O pai dele não é dos melhores para lidar com toda a situação de ser gay. E o Gabriel, da escola, era o melhor amigo dele antes de sair do armário, agora eles mal se falam.

— Sério? — Fortes perguntou. — O Daniel parece tão feliz e confiante, nunca pensei que pudesse passar por algo do tipo. Mas esse outro garoto, Gabriel, realmente não me desce. Não sei como o Bruno anda com ele ainda, acho que deve ter medo de sair do armário também.

— Pois é, muitas vezes as aparências enganam. Nunca pensei que o Bruno pudesse ser gay. Aliás, eu mesmo pensava que você era

um louco, assassino até, e é uma pessoa super doce.

— Doce? — Mateus perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Sim, você é um urso todo lambuzado de mel — Lucas disse, rindo.

— Vou perder a credibilidade se ficar me chamando disso aqui.

— Tudo bem, vou te chamar assim só quando a gente estiver sozinho.

— Quer ligar para o Daniel e chamar para vir aqui? — Mateus perguntou, mudando de assunto, um pouco desconfortável.

— Não está muito tarde para isso? E você não vai ficar com ciúmes?

— Não tenho ciúmes, esse é um sentimento completamente abusivo. E eu deixo vocês dois em casa depois.

— Tudo bem então — concordou.

Lucas pegou o celular e discou o número que já sabia de cor. Não demorou muito e Daniel atendeu, com sua voz animada de sempre:

— Fala, Lu.

— Oi, está fazendo o que aí?

— Saí da casa do Bernardo agora, estou voltando para casa, por quê?

— Está na rua ainda? — Lucas perguntou, empolgado.

— Estou — disse Daniel com curiosidade na voz.

— Ótimo. Adivinha onde estou!

— Na minha casa?

— Não, melhor.

— Na minha cama? — Daniel provocou.

— Claro que não, idiota — respondeu Lucas, revirando os olhos.

— Onde poderia ser melhor?

— Lembra daquela porta misteriosa?

— Você não entrou lá! — Daniel disse, com a voz uma oitava mais alta que o normal.

— Entrei sim, estou aqui dentro agora — Lucas finalmente falou, sua voz transparecia orgulho de si mesmo.

— E o que tem aí? — Daniel perguntou, a curiosidade transparecendo em cada palavra. — Anda logo, fala!

— Vai ter que vir para cá.

— Lucas, já está ficando tarde e a vizinhança aí não é boa. Para voltar para casa depois, vai ser bem ruim.

— Relaxa e só vem para cá, o resto já está resolvido.

— Tem certeza disso? — Daniel questionou, inseguro.

— Confia em mim ou não?

— Tudo bem, estou indo, mas se me meter em alguma encrenca e a gente morrer, eu te mato.

Lucas desligou o telefone e ficou observando enquanto Fortes dava instruções para algumas pessoas que trabalhavam no local. O garoto queria entender como as coisas funcionavam, para poder ajudar, e parecia que tinha bastante trabalho a ser feito ali. Cerca de meia hora depois, o telefone dele começou a tocar no bolso. Era Daniel.

— Alô? — disse ao atender.

— Estou aqui fora, mas não estou gostando nada disso, Lucas.

— Tudo bem, vou abrir pra você.

— Tem certeza de que não é roubada?

— Você já vai ver — Lucas respondeu, provocando.

O garoto foi até a porta e liberou a tranca que ficava do lado de dentro. Arrastou a porta para o lado, dando passagem para o amigo, que rapidamente entrou. Daniel pareceu estranhar no início e olhou cada canto do local, como Lucas mesmo tinha feito. Depois, acenou para alguns garotos que conhecia e começou a encarar o amigo.

— Que tipo de lugar é esse? — perguntou, curioso.

— Ainda não percebeu?

— Reparei que todos os garotos que estão aqui são gays, mas se fosse um clube, eu conheceria.

— Então está um pouco desatualizado — Lucas disse, rindo.

— Isso aqui é um clube gay? — Daniel perguntou, em choque.

— Mais ou menos, é um lugar onde pessoas LGBTQIAP+ podem ser quem realmente são. Também existem algumas palestras sobre homofobia, aceitação, sexo seguro e tudo mais. O Mateus, quer dizer, professor Fortes, estava me explicando.

— Como nunca ouvi falar disso?

— Deve ser o pior gay do mundo — Lucas disse, dando um soco de brincadeira no braço do amigo.

— Tinha certeza de que isso era um lugar macabro — Daniel respondeu. — Confesso que estou um pouco decepcionado por não ver corpos pendurados ou homens mais velhos usando roupas de couro.

— Eu também fiquei assustado, mas vem cá, vou te apresentar tudo.

Lucas foi mostrando o local para o amigo, explicando como funcionava cada coisa, do mesmo jeito que Fortes tinha feito com ele. Só não mostrou a parte da sala de jogos, que ainda era surpresa. Desceram e ficaram um tempo conversando com as pessoas que estavam ali. Em poucos minutos, Daniel revelou para Lucas que já tinha ficado secretamente com vários daqueles garotos. Cerca de uma hora depois, o professor voltou para perto deles.

— Estão prontos para ir para casa? — perguntou.

— Como vou embora daqui a essa hora? — quis saber Daniel.

— Vou levar vocês. Vamos.

Os três entraram na 4x4 preta de Fortes e foram embora dali. Era estranho para Lucas ter aqueles dois dentro do mesmo carro, porque Daniel sabia que ele e o professor estavam juntos e agia como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Depois de deixar o amigo em casa, foram até a casa de Lucas. O garoto deu um beijo de despedida no professor, desceu e atravessou a rua correndo. Olhou para trás quando o carro arrancou e, quando ia abrir a porta, foi surpreendido pelo pai.

— Filho, de quem era aquele carro? — perguntou o homem.

— Pai? — disse Lucas, com os olhos arregalados.

— Sim, eu ainda moro aqui, esqueceu?

— Claro que não, eu sei.

— Não vai me responder? — insistiu o delegado. — Você sabe que eu conseguiria descobrir bem fácil se não me dissesse.

— Não, quer dizer, vou dizer, mas pode ser lá dentro? — Lucas disse.

— Não estou entendendo.

— Eu preciso te falar uma coisa sobre mim. Ainda estou confuso por causa disso, mas a gente precisa conversar.

— Tudo bem — disse o homem.

Os dois foram para a sala e o pai do garoto sentou no sofá, enquanto Lucas andava de um lado para o outro. A conversa com Diego tinha feito Lucas pensar bastante. Aquela oportunidade seria perfeita para colocar as cartas na mesa e começar a jogar limpo. Por mais que não estivesse completamente preparado, não queria mais esconder aquilo do pai. O homem era a pessoa mais importante do mundo para Lucas e merecia saber a verdade, mesmo que aquilo pudesse trazer consequências não muito agradáveis. Um dia, ele acabaria descobrindo, de qualquer jeito, e o garoto pensava que seria

melhor que ele mesmo contasse.

— Vai falar ou não? — perguntou o delegado Oliveira.

— Pai, eu sou gay.



CAPÍTULO 33



Depois de contar o segredo para o pai, Lucas sentou pesadamente em uma poltrona, que ficava no lado oposto da sala. Ficou observando o homem por um bom tempo, enquanto ele permanecia em silêncio. O delegado Hernandez Oliveira continuava encarando o filho, com um olhar enigmático no rosto. O garoto pensava que, a qualquer momento, ele fosse levantar do sofá e bater nele, mas isso não aconteceu. O silêncio era muito pior e parecia eterno.

— Eu já sabia — disse finalmente o homem.

— O quê?

— Lucas, os pais não são idiotas e sabem no que os filhos estão metidos, principalmente quando estão acostumados a investigar as pessoas, como eu.

— Mas faz pouco tempo que descobri — Lucas disse, em choque.

— Acho que, antes de você saber, eu já sabia. Nunca teve nenhuma namorada, nem fiquei sabendo que tivesse ficado com alguma garota. Você e o Igor vivem grudados desde que eram crianças, com umas brincadeiras um pouco estranhas. Não me leve a mal, mas a maioria dos garotos da sua idade só quer saber de duas coisas, mulheres e futebol. A única vez que você demonstrou interesse por um esporte foi agora que entrou para o time de handebol. Eu e a mãe do Igor sempre pensamos que os dois iam acabar juntos.

— Juntos?

— É, Lucas, você e o Igor — o delegado disse, sentando ao lado do filho. — Sempre soubemos que eram um casal.

— Pai, eu e o Igor nunca fomos um casal.

— Não? — o homem pareceu confuso.

— Claro que não, eca, ele é como um irmão para mim — Lucas disse, exasperado. — Nós nunca nem nos olhamos da forma que você está pensando.

— Agora estou surpreso de verdade. O Igor não é gay também?

— Não, quer dizer, ele é, mas não conta isso para ninguém, por favor.

— Filho, não entendo muito dessa coisa de ser gay — disse o homem. — Na minha época, as pessoas simplesmente não falavam sobre esse assunto, era um grande tabu. Mas sei que não há motivos para se envergonhar, então não há problemas em alguém saber. Não vou contar o segredo de vocês, é lógico, porque isso não é uma decisão que cabe a mim. Mas amo você do mesmo jeito que sempre amei. Também amo o Igor do mesmo jeito e sei que ele daria um ótimo genro se namorassem.

O delegado deu um abraço apertado no filho, como se quisesse provar que sempre estaria ali por ele. A sensação de alívio do garoto foi imediata. Sempre viu o pai como uma figura masculina à moda antiga, que nunca fosse aceitar uma coisa dessas. Não podia imaginar que ele seria tão legal e que reagiria tão bem a uma notícia do tipo. Na verdade, a reação do homem não podia ter sido melhor e Lucas seria eternamente grato. Queria que tudo fosse tão fácil assim.

— Você é o melhor pai do mundo, mas eu e o Igor nunca vamos namorar, esquece isso — disse Lucas, sentindo um calafrio só de pensar na ideia.

— Tudo bem, é uma pena então — o delegado disse. — Mas filho, isso tudo não explica aquele carro. Era seu namorado dirigindo?

— Mais ou menos — Lucas confessou.

— Era ou não?

— A gente ainda não deu um nome para o que somos um para o outro. É uma coisa nova, a gente ainda está se conhecendo melhor.

— Lucas, esse garoto é maior de idade? Ele já pode dirigir? Não quero você saindo com alguém que não tem habilitação, porque isso é perigoso. Além de não ser nada legal o filho do delegado ser pego com alguém inabilitado, seria pior ainda se acontecesse algum acidente.

— Pode ficar tranquilo, pai, ele é mais velho, tem carteira de motorista — Lucas assegurou.

— Quanto mais velho? — perguntou o delegado.

— Alguns anos.

— E onde você conheceu esse rapaz?

— Na escola — Lucas disse, com um sorriso amarelo no rosto.

— Ele é repetente? — o pai quis saber. — Não tem gente alguns anos mais velha na escola, você já está no último ano.

O garoto engoliu em seco. Sabia que o pai descobriria de uma forma ou de outra, mas não queria meter Mateus em problemas.

Droga, aquilo era bem mais complicado do que ele havia pensado. Daniel estava certo ao dizer que a história seria motivo para dores de cabeça.

— Não, é que...

— É que? — insistiu o pai.

— Deixa pra lá.

— Não, Lucas, agora vai ter que explicar isso direito — disse o delegado. — Eu continuo te amando da mesma forma que antes, você sabe disso. E é exatamente por esse motivo que eu preciso me assegurar de que você está seguro com essa pessoa. Quem é o rapaz com quem você está saindo?

O homem parecia preocupado e, ao mesmo tempo, um pouco nervoso. Tinha sido bom que ele tivesse aceitado sua sexualidade, mas Lucas não sabia se ele teria a mesma reação se soubesse que era Fortes no carro.

— Ele frequenta a escola, mas ele não estuda lá — Lucas finalmente disse.

— Como assim? Ele trabalha lá?

— É um dos meus professores.

— O quê? — o delegado perguntou, levantando do sofá em um salto. — Está saindo com um professor?

— Acho que sim — o garoto respondeu, sentindo o estômago embrulhar.

— Você por um acaso está louco? — o homem finalmente estourou. — Onde estava com a cabeça quando aceitou uma coisa dessas? Quem é esse cara? Ele por acaso sabe que isso é crime? Professores não podem namorar alunos, é proibido.

— Calma, pai.

— Vocês transaram? — ele perguntou de repente.

— Claro que não, eu disse que só estamos nos conhecendo.

Nunca foi muito bom em contar mentiras, principalmente para o pai. Os olhos de Hernandes estavam arregalados, mas ele se acalmou um pouco ao ver que Lucas dizia a verdade. O coração do garoto batia tão forte no peito, que ele pensava que ia explodir a qualquer momento.

— Filho, isso é errado — continuou o homem. — Um professor ficar com um aluno não é algo natural, você devia estar com alguém da sua idade, como o Igor, ou aquele seu outro amigo novo.

— Pai, não dá para controlar de quem você gosta — Lucas tentou argumentar.

— Qual o nome desse professor? — o homem perguntou, interrompendo sua fala.

— Por que quer saber?

— Qual é o nome dele?

— Mateus Fortes — Lucas finalmente disse. — Mas pai, o que você vai fazer? Não faça nada de cabeça quente, vamos conversar.

— Vou até a escola para fazer esse homem ser demitido — o delegado respondeu. — Professores não podem fazer isso com os alunos, é crime! Vou arrumar um mandado de prisão para esse tal de Mateus, para que não continue fazendo isso com outros garotos. Meu próprio filho... Isso é inaceitável. Onde está se metendo, Lucas?

— Pai, por favor, ele não fez nada de errado. Por favor, eu te imploro, não faça nenhuma besteira. Você disse que me amava e que minha sexualidade não mudaria isso.

— Eu amo, Lucas. E é exatamente por isso que preciso te defender. Tenho certeza de que parece certo na sua cabeça, porque ele te seduziu, mas ele é seu professor, não vê a gravidade disso?

O homem tinha lágrimas nos olhos, mas também mostrava uma decepção que o garoto nunca tinha visto. Era exatamente aquele olhar que Lucas temia ter que encarar quando contasse para o pai que era gay. Pensou que tinha se livrado disso, mas agora seu coração estava partido em milhares de pedaços no peito.

— Onde é a casa dele? — perguntou o delegado.

— O quê? — Lucas disse, confuso, tentando conter as próprias lágrimas.

— Onde é a casa dele? — o pai repetiu. — Eu preciso conversar com esse homem, garantir que ele vai ficar longe. Isso não pode ficar assim.

— Pai, não faça nenhuma besteira, você é a única família que tenho.

— E você quebrou a minha confiança mesmo assim — o delegado respondeu.

— Pai, por favor...

— Lucas, você me decepcionou muito. Por que não o Igor? Ele é muito novo para você? Gosta de homens velhos e experientes?

— Pai, olha as coisas horríveis que você está dizendo — disse Lucas, chorando. — Eu entendo que você não esteja feliz com essa situação, mas agora você está apenas falando um monte de coisas para me machucar.

Hernandes olhou o rosto do filho por alguns momentos. Decepção e dor transpareciam em seu olhar. Lucas nunca tinha visto o

pai daquele jeito. Não sabia se o sofrimento que sentia vinha de si próprio ou de saber que tinha falhado com a pessoa que mais admirava no mundo.

— Eu amo você, filho — disse o homem. — Desde que sua mãe morreu, é a única coisa que eu amo. Você é o motivo de eu ter continuado vivo, lutando todos os dias. Mas agora é como se você estivesse me apunhalando pelas costas.

— Não fala isso...

— As coisas vão ter que mudar por aqui. Você está de castigo até entrar na faculdade, sem amigos, sem sair depois da aula. Se eu estiver trabalhando, você vai da escola direto para a delegacia, estamos entendidos? Você quebrou minha confiança, então o tratamento vai ser esse a partir de agora. Vá para o seu quarto, mas antes, me dá o endereço desse professor, que eu vou falar com ele. A partir da semana que vem, você começa em uma nova escola.

— Mas todos os meus amigos estudam comigo — Lucas tentou protestar.

— Sim, eu sei, e é por isso mesmo. E saiba que esse é só o primeiro dos seus castigos. Estou esperando o endereço.

— O que vai conversar com ele?

— Isso é algo que diz respeito a mim e a ele — o delegado respondeu. — Anda logo, antes que eu faça as coisas ficarem ainda piores para você. Me dá seu celular também, não quero que fale com ele. E vou levar o aparelho de telefone fixo.

— Isso é injusto.

— Não, Lucas, você pode não entender agora, mas estou fazendo essas coisas para o seu próprio bem.

— E não deveria ser eu o responsável por decidir o que é bom ou não para mim? Afinal, eu já tenho dezoito anos.

— Quando você tiver a sua casa e um celular que você tenha comprado com o dinheiro do seu trabalho, você faz o que quiser. Mas enquanto morar embaixo do meu teto, terá que viver de acordo com as minhas regras.

Contra sua vontade, Lucas explicou para o pai como chegar na casa do professor. Sentia um aperto no coração e muito medo do que o homem faria. Sabia que ele não era nenhum louco, mas pelo que via em seus olhos, ele estava mais nervoso do que nunca. Quando o pai ia saindo pela porta, o garoto fez um último apelo.

— Pai, posso te pedir só uma coisa?

— O quê? — respondeu o homem, sem olhar para trás.

— Deixa a arma em casa?

O homem pareceu pensar por alguns segundos e até colocou a mão no coldre, mas então mudou de ideia.

— Não, a gente nunca sabe quando pode precisar dessas coisas — respondeu.

O delegado Oliveira então saiu de casa, trancando a porta atrás de si. Lucas ficou despedaçado, sem saber o que fazer. Não tinha ninguém naquele momento, nem amigos, nem Fortes, nem nada. Se a mãe estivesse viva, saberia a coisa certa a dizer. Nunca tinha se sentido tão sozinho na vida, então simplesmente se encolheu na poltrona da sala com um cobertor enrolado no ombro e começou a chorar, como se no mundo não houvesse mais chão.



CAPÍTULO 34



As férias de meio de ano estavam se aproximando e os alunos já estavam todos ansiosos com as provas do fim do bimestre. Muitos estavam preocupados com a prova de literatura, mas esse era um dos menores problemas de Lucas. Havia duas semanas que Fortes não aparecia para dar aula. Na verdade, ele não tinha notícias do professor desde que contou para o pai que eles estavam saindo juntos.

Naquela noite, ouviu quando o pai chegou, muito tarde, mas não conversaram mais nada. O clima em casa estava muito estranho desde então. O homem não tinha falado nada sobre mudar o garoto de escola, mas o professor também não tinha dado mais nenhuma notícia. Lucas tinha medo de que o pai tivesse feito algo com ele e todos os dias abria o jornal, olhando as notícias à procura de qualquer pista que pudesse levá-lo a Fortes. Feliz ou infelizmente, ainda não havia visto nada de relevante.

Na escola, tinham falado que o professor se afastou para tratar de um problema de saúde, mas não tinha acreditado naquela história. Queria saber se o diretor realmente tinha falado com Fortes, ou se tinha recebido algum recado, mas também não tinha como perguntar isso. O jeito era esperar alguma notícia, que ele não sabia se viria.

Estava no pátio conversando com Daniel e o amigo também estava curioso para saber o que tinha acontecido. Igor também já havia perguntado, o que significava que ele também não vinha aparecendo na *Sociedade*. Mas Lucas ainda não tinha aberto o jogo com os amigos.

— O que o professor tem é muito grave? — perguntou Daniel.
— Se fosse só um problema de estômago, como você disse semana passada, ele já teria aparecido. Você sabe que pode me contar tudo, não precisa ter medo.

— Eu não sei o que ele tem, se é que tem mesmo alguma coisa — o garoto finalmente disse, cansado de guardar segredo de tudo aquilo.

— Como não sabe? Vocês não estão mais juntos?

— Daniel, você é meu amigo, então é melhor eu abrir o jogo. Mas tem que prometer que não vai contar nada para ninguém.

— Você e essas suas promessas de segredo — disse o amigo, revirando os olhos. — Alguma vez eu fiz fofoca sua?

— Não, só que dessa vez é algo muito mais sério do que qualquer coisa que já fizemos — Lucas respondeu, sentindo um frio na barriga.

— É sobre a *Sociedade*? Descobriu que tem alguma coisa errada com aquele lugar? O Fortes está fugindo da polícia?

— Não, não é nada disso.

— O que é então? — Daniel quis saber, curioso.

— Meu pai descobriu tudo sobre mim — Lucas finalmente desabafou. — Na verdade, eu mesmo contei tudo para ele.

— Uau, isso é algo sério, como ele reagiu?

— Disse que sempre soube que eu era gay e que me amava do mesmo jeito. Essa foi a parte fácil da história.

— Espera — Daniel finalmente entendeu. — Você contou tudo...?

— Tudo mesmo, até sobre ficar com um professor — o garoto disse, desviando os olhos para o chão.

— Você é burro assim mesmo ou perdeu seu cérebro? Lucas, você não devia ter falado nada, pelo menos por enquanto. O Fortes está na cadeia? Por isso que sumiu da escola?

— Meu pai viu a gente chegando de carro em casa aquele dia que o Mateus nos levou em casa. Ele ia descobrir de qualquer jeito, conheço o pai que tenho. Com certeza, já tinha anotado a placa do carro e ia investigar até encontrar o dono, então achei melhor eu mesmo falar.

— Credo, ainda bem que meu pai não é policial — Daniel disse. — Mas você podia ter mentido, podia ter dito que tinha saído comigo e o professor Fortes deu uma carona, porque viu a gente na rua e ficou preocupado com o horário.

— Eu sou um péssimo mentiroso, meu pai perceberia na hora. Mas o pior você ainda não ouviu. Depois que eu contei, meu pai saiu de casa para ir atrás do Mateus e se recusou a deixar a arma. Desde então, não tive mais notícias dele.

Daniel arregalou os olhos com a informação. Aquilo parecia absurdo em todos os níveis possíveis. Mesmo que Lucas tivesse feito sexo com o professor, o que ele garantia não ter feito, nada dava a seu pai o direito de agir de modo tão abusivo.

— Você acha que...? — começou Daniel. — Seu pai seria capaz

de...?

— Espero que não, mas estou com medo — o garoto respondeu.

— Lucas, isso é muito sério. Eu entendo que não tenha me contado antes e acredito que você não deve sair espalhando isso por aí. Tenho certeza de que está preocupado sem motivo e que nada de ruim aconteceu de verdade.

— Eu sei, é por isso que não contei nada antes.

— Mas se tiver acontecido alguma coisa... — Daniel disse, pensando na possibilidade de o delegado ter cometido um crime.

— Quero acreditar que meu pai não seja capaz de fazer nada ruim — Lucas disse. — E que o Mateus só mudou de cidade ou desistiu de dar aula na nossa escola. Ele também pode estar apenas se afastando de mim.

— Mas isso também é ruim, não é? — Daniel argumentou. — Vocês nitidamente se gostam, então não deviam ficar afastados. Seu pai não tem direito de agir de modo tóxico só porque é seu pai, você devia perguntar a ele e exigir algumas explicações.

— Eu sei. É sim ruim não ter o Mateus perto de mim, principalmente agora, que a gente estava se dando tão bem, mas prefiro ele longe e bem, do que descobrir que aconteceu algo pior.

— Deve estar morrendo por não saber de nada.

— Estou mesmo, mas não tenho muito o que fazer — Lucas disse, desconsolado.

— Já tentou falar com seu pai? — Daniel questionou.

— Não tenho coragem de perguntar nada para ele.

— O Igor não teve mais contato com ele na *Sociedade*? Ele é seu amigo, talvez devesse saber das suas preocupações, mas não sei se é prudente meter mais gente no meio dessa história. Estou com medo, Lucas, de verdade. Não conheço bem o seu pai, mas acredito que alguém que tenha criado um garoto tão fofo igual a você não seja capaz de uma coisa dessas.

— Espero que esteja certo — Lucas disse.

— Sempre estou — Daniel provocou. — Mas se o Igor é um membro da *Sociedade*, será que ele não tem o contato de algum amigo mais próximo do Fortes?

— Não sei, talvez ele tenha o número do Diego.

— Será que esse cara não tem nenhuma notícia? Ele deve saber pelo menos se ele está vivo.

— Tem razão, vou falar com o Igor — Lucas disse, sentindo um fio de esperança.

— Mas tenta fazer isso de um jeito que ele não descubra nada.

O garoto esperou as aulas do dia terminarem para falar com Igor. Por sorte, o amigo ia para casa antes de sair com Fernando, então os dois teriam o caminho todo para conversar. Se tivesse acontecido alguma coisa, ele provavelmente saberia, mas era bom dar uma sondada.

— Igor, você tem falado com o Diego ultimamente?

— Não, por quê?

— Meu celular estragou, como você já sabe — mentiu o garoto. — E já tem uns dias que não tenho nenhuma notícia do Mateus por causa disso. Será que o Diego tem alguma novidade?

— O que eu sei é o mesmo que falaram na escola, que o Fortes está doente, mas não falei diretamente com ele ou o Diego nenhuma vez. Ia até te perguntar, o que ele tem de verdade?

— Não sei muito bem, ele anda muito misterioso.

— Talvez ele não queira que se preocupe — Igor concluiu. — Será que é algo grave?

— É isso que eu gostaria de saber, estou tão no escuro quanto todo mundo.

— Vou tentar ligar para o Diego e descobrir alguma coisa — Igor prometeu. — Pensei que o Fortes fosse falar tudo contigo, já que estão juntos. Mas se isso não aconteceu, vou dar um jeito de sondar e te conto o que descobrir.

— Obrigado.

— Por nada, para isso que são os amigos. E por falar no professor, nossa prova de literatura está chegando, você sabe qual é a matéria?

— Com essa professora substituta, até eu estou um pouco confuso — Lucas disse. — Mas podemos estudar juntos, se quiser. Você leu os livros, pelo menos?

— Você sabe que não — Igor disse rindo.

— Tudo bem, eu faço um resumo e te explico o que tem que saber.

— Valeu, Lucas, você é meu irmão mesmo.

— Só estou retribuindo tudo o que já fez por mim — disse ele.

Quando chegou em casa, o garoto ignorou o pai e foi direto para o quarto. Havia dias não tinha mais apetite e não conseguia comer nada, nem quando tentava forçar. Na verdade, tudo no mundo parecia ter perdido um pouco do gosto e da cor, as coisas simplesmente não tinham mais tanta graça. Era como se alguém

tivesse arrancado um pedaço de dentro dele, mas tivesse feito isso com as unhas, direto na carne crua e sem anestesia. Não tinha como ficar indiferente com a situação, quando tudo o que sentia era dor.



CAPÍTULO 35



Mais um dia, Lucas estava indo para a escola sem ter nenhuma notícia de Fortes. Pelo menos, o pai estava menos inflexível e não estava cumprindo todos os castigos que tinha prometido, como obrigar que ele ficasse na delegacia enquanto estava trabalhando. O único problema era não saber o paradeiro de Mateus. Combinou de se encontrar com Igor na esquina de sempre, ansioso por saber o que o amigo havia conversado com Diego, e estava chegando, quando ouviu alguns barulhos. Alguém parecia gritar e ele correu para ver o que acontecia.

A cena na frente dos olhos de Lucas parecia ser tirada de um filme de terror e passava em câmera lenta. Igor estava caído no chão e havia sangue saindo de seu corpo. Três homens mascarados davam chutes no garoto, enquanto um quarto parava uma espécie de van branca no local, com a porta lateral aberta.

— Coloca ele logo no lado de dentro — falou o motorista.

— O que estão fazendo? — gritou Lucas. — Deixem o meu amigo em paz.

Ele correu para onde a cena se desenrolava, sem se preocupar com as consequências. Aqueles homens estavam atacando seu amigo em plena luz do dia, precisava fazer alguma coisa para ajudar. Só parou quando viu uma faca apontada em sua direção.

— Sai fora, moleque, não vai querer se meter nisso — disse um dos caras que chutava Igor. — Se der mais um passo, isso também vai acontecer com você.

— Já liguei para a polícia — mentiu rapidamente, lembrando do que o pai havia ensinado a ele anos antes. — Em poucos minutos, eles estarão aqui. Sou filho do delegado, não vão querer se meter comigo.

Eles pareceram hesitar com a menção da polícia e pararam com os golpes em Igor, que parecia ter desmaiado, ou algo pior. Querendo provar que dizia a verdade, Lucas fingiu segurar o celular dentro do bolso. Se realmente estivesse com o aparelho, sabia que a farsa

funcionaria melhor.

— O garoto sabe demais, traz ele também — o motorista falou, fazendo o coração de Lucas errar algumas batidas.

— Você ouviu o que ele disse, ele é filho do delegado — respondeu outro. — Esse homem já está na nossa cola, se a gente pegar o filho dele, estamos condenados.

— Vamos embora e deixa esses dois então — respondeu um dos outros.

O tempo todo, Lucas dividia sua atenção entre a faca e Igor ainda sem movimentos na calçada. Se aquilo demorasse muito mais tempo, talvez fosse tarde demais para salvar o amigo. Seu estômago embrulhava só com a perspectiva de Igor estar morto, aquilo não podia ser verdade.

— A polícia já deve estar chegando — blefou. — Por favor, deixa a gente em paz e eu não conto nada.

Os homens pareceram ponderar por alguns instantes, mas quando ouviram um carro se aproximando, entraram no veículo e foram embora. Lucas tentou ver a placa da van, mas sua mente estava confusa demais para gravar os números. Correu até onde Igor estava, mas o amigo continuava desacordado e ele não conseguia nem dizer se ainda estava vivo.

Havia sangue escorrendo da boca do garoto, de um corte embaixo da sobrancelha e de algum lugar em sua barriga. Algo que parecia vidro quebrado estava espalhado pelo chão e Igor não parecia estar respirando.

— Por favor, não morre — disse, desesperado, ajoelhado ao lado de Igor.

Em um instinto, Lucas procurou pelo celular para chamar o socorro, mas lembrou que o pai ainda não o tinha devolvido. Olhou para os lados, mas não havia ninguém por ali, aquela vizinhança sempre foi muito vazia. E não queria pegar o telefone de Igor, porque tinha medo de tocar nele e fazer o fluxo de sangue aumentar. Não queria acreditar que alguém atacaria um estudante em plena luz do dia, mas era exatamente isso que tinha acontecido.

— Socorro! — gritou.

Nenhuma pessoa parecia passar por perto. Ele olhava para os lados, desesperado, sem saber o que fazer. Sem um médico, Igor sangraria até a morte.

— Socorro, alguém me ajuda! — gritou de novo.

Não queria abandonar Igor, ou aqueles homens podiam acabar voltando, então continuou gritando pelo que pareceram horas, até que

finalmente um homem apareceu na esquina.

— O que aconteceu, garoto? — disse, um pouco afastado.

— Meu amigo, eles bateram muito nele, chama uma ambulância — Lucas disse, desesperado.

— Santo deus, ele está bem? — o homem perguntou se aproximando e olhando pela primeira vez o garoto que estava caído na calçada.

— Não sei, liga para o socorro e para a polícia — Lucas gritou entre as lágrimas. — Não posso deixá-lo morrer.

As cenas seguintes passaram como um borrão na mente de Lucas. O homem ligou para o resgate e uma equipe de paramédicos levou Igor dentro de uma ambulância. Com o tempo, muita gente curiosa foi se aglomerando para ver o que tinha acontecido, e Lucas não sabia de onde aquelas pessoas tinham saído. Ele também estava dentro de uma ambulância, mas ela estava parada e seu pai também estava ali, conversando com algumas pessoas e dando ordens.

Lucas olhou para baixo e viu que suas mãos estavam sujas de sangue. Um paramédico tirava cacos de vidro de suas palmas, que ele nem tinha percebido quando se apoiou no chão. Tudo o que queria saber era se o amigo ficaria bem e se estava muito machucado. Não ligava para aquele tanto de gente que a polícia tentava conter e também não queria se acalmar, como o paramédico ficava mandando a todo instante. Queria ir para o hospital e ver se Igor estava vivo.

— Filho, preciso que me diga o que você viu — disse o pai, ao se aproximar.

Nesse momento, a mão de Lucas já estava limpa e enrolada em uma faixa. Ele não sentia nenhuma dor, mas, mesmo que sentisse, essa definitivamente não seria sua preocupação.

— O Igor, ele está bem? — perguntou para o pai. — Vai sobreviver? Não vai ficar com nenhuma sequela?

— Lucas, calma — respondeu o homem.

— Se eu tivesse com meu celular, talvez tivesse conseguido ligar mais cedo para o resgate — disse para o pai. — Se eles não conseguirem salvar o Igor, a culpa vai ser minha.

— Lucas...

— Eles bateram nele, pai, sem nenhum motivo. Quando eu cheguei, estavam chutando o Igor.

— Preciso que me conte tudo o que viu, cada detalhe, para ajudar nas investigações. Mas, para isso, você tem que se acalmar, só assim vamos conseguir ajudar o Igor. Quem eram essas pessoas?

Lucas respirou fundo, tentando colocar os pensamentos no

lugar, mas sua mente não colaborava. Os pensamentos insistiam em vagar por corredores estranhos, que diziam que o pai estava se recusando a responder sobre o estado de saúde do amigo. Por outro lado, sabia que precisava ajudar, então tentou focar naquilo que tinha certeza.

— Eram quatro homens — disse. — Três deles estavam no lado de fora, chutando o Igor. Um estava armado com uma faca. E havia outro no carro.

— Carro? — perguntou o pai, que anotava as informações. — Você viu que tipo de carro era?

— Uma espécie de van branca, mas não sei qual o modelo.

— Consegui ver a placa?

— Eu tentei, mas tudo foi rápido demais, não consegui — Lucas disse. — Sei que era importante e eu devia ter me esforçado, mas o Igor estava caído no chão e eu...

— Está tudo bem, filho, a culpa não é sua — continuou o delegado. — Mas e os homens, como eles eram?

— Não sei, estavam usando máscaras. Um deles era bem gordo e tinha um baixinho também, mas não consegui ver mais que isso.

— Vamos procurar por uma van branca com pessoas que se enquadrem na descrição. Tem mais alguma coisa de que você se lembra?

— Não sei, agora não lembro de nada. Pai, o Igor vai ficar bem?

— Não sei, filho, levaram o garoto para o hospital e não consegui muita coisa sobre ele até agora.

Lucas estava desesperado. Se nem o pai, que era delegado, tinha conseguido notícias, isso significava que Igor ainda devia estar com os médicos. Será que precisaria de cirurgia? Ele não podia estar morto, ou alguém teria avisado. Mas se a situação fosse grave, o garoto não sabia o que faria.

— Vou mandar alguém te levar para casa e ficar lá com você, para que descanse sem se preocupar — disse o delegado.

— Não quero ir para casa, vou para o hospital — Lucas disse, decidido.

— Filho, é melhor descansar, esse trauma foi muito grande. Depois você vai para o hospital, ainda devem demorar a dar alguma resposta.

— Não, quero ir para lá agora.

— Tudo bem, sei que você é teimoso igual sua mãe, então, se eu não te levar, vai dar um jeito de chegar lá sozinho. Vamos.

— Já falaram com a mãe do Igor? — Lucas perguntou.

— Ela não estava no hospital de manhã e pedi para ninguém de lá falar com ela — respondeu o pai. — Estou indo pessoalmente dar a notícia, não quero que ela se desespere no telefone.

— Vou com você.

— Lucas, não acho prudente...

— Pai, ele é meu amigo — Lucas disse. — Conheço o Igor melhor do que ninguém. É bom que ela ouça tudo por alguém que se importa.

— É por isso que eu mesmo estava indo.

— E vou com você, já disse. Depois você leva a gente para o hospital.

— Tudo bem, não dá tempo de ficar discutindo — respondeu o delegado, a contragosto.

A casa de Igor não ficava longe dali e fizeram o trajeto em pouco tempo na viatura. Hernandez parou o veículo e o trancou. Apertaram a campainha na casa do garoto e ficaram esperando que a mãe dele viesse atender.

— Lucas? Não deveria estar na escola? — ela disse ao abrir a porta. — Delegado? A que devo a visita?

— Viemos falar sobre o Igor — disse Hernandez.

— O que meu filho aprontou? — ela quis saber, preocupada.

Lucas e o pai explicaram para a mulher o que tinha acontecido e em nenhum momento ela se pronunciou. Estava em completo estado de choque e foi ficando tão pálida, que o garoto pensou que ela ia ter um ataque e morrer. As lágrimas escorriam de seus olhos enquanto ela absorvia cada palavra do que era dito.

— Como ele está? — perguntou por fim. — O que fizeram com meu filho?

— Ainda não temos uma notícia concreta, ele está no hospital — disse o delegado Hernandez.

— Estou indo para lá — falou a mulher, pegando as chaves do carro.

— Flora, não creio que esteja em condição de dirigir, eu levo você — ofereceu o pai de Lucas.

— Tudo bem, mas vamos logo, preciso ver o que fizeram com meu bebê.

Os três entraram na viatura e foram para o hospital, sem saber o que encontrariam. Lucas ainda tinha que ligar para Fernando, mas primeiro tinha que saber se o amigo estava vivo. Pensar que ele

poderia ter morrido já era suficiente para despedaçar seu coração, que já estava um caos, por causa do sumiço de Fortes. Sinceramente, Lucas não sabia se aguentaria perder os dois.



CAPÍTULO 36



A mãe de Igor chegou ao hospital e foi logo entrando pela recepção, perguntando para as pessoas que trabalhavam ali onde ele estava. Alguns olharam para ela assustados, outros fizeram cara de pena, mas ninguém respondeu de imediato. Aquele era o único hospital de emergência da cidade, então o garoto só podia estar em algum canto por ali. Se não respondessem, ela sairia procurando.

— Alguém pode me dizer onde está o meu filho? — implorou, com lágrimas nos olhos.

— Flora? — chamou um médico que entrava na recepção.

— Doutor Moretti, por favor, onde está o Igor?

— Fique calma, acabei de ver seu garoto.

— Ele está bem? Sofreu alguma consequência drástica?

— Por enquanto, o que posso dizer é que ele não vai morrer — respondeu o homem.

— Ah, graças a Deus.

— Mas o garoto não está completamente fora de perigo. Ele está com algumas costelas quebradas e vai ter que ficar em repouso absoluto, para que isso não prejudique nenhum órgão, o que pode ser bastante difícil. Por sorte, não acertaram nenhum órgão vital, ele só está com alguns ossos quebrados e escoriações no corpo. As pessoas que fizeram isso não queriam matar, pelo menos por enquanto; sabiam muito bem onde estavam acertando — disse o médico, olhando para o delegado.

— Vou incluir essa informação nas investigações — disse o pai de Lucas.

— Posso ver o meu menino? — perguntou Flora.

— Eu não deixaria uma pessoa normal entrar, porque estão limpando os ferimentos, para depois engessar o braço e a perna que foram quebrados. As costelas não tem jeito de engessar, mas você é enfermeira, já fez esse procedimento milhares de vezes, então não vai atrapalhar.

— Obrigada, doutor.

— Flora, sei que é seu filho e que as emoções interferem muito, mas peço que aja com profissionalismo. O garoto chegou aqui desacordado e o primeiro procedimento foi fazer um eletro para ver se estava tudo bem. O ferimento na barriga não foi profundo e o cérebro dele não foi comprometido, prometo. Por isso, mesmo que ele ainda esteja desacordado quando você entrar, com ferimentos no rosto e no couro cabeludo, não precisa entrar em desespero. Se ele apresentar sintomas incomuns, lembre-se de que ele já foi medicado e alguns medicamentos fazem a pessoa agir estranho. Mas não preciso ficar te dando sermão, porque você vê pacientes assim todos os dias. Vai logo ver o seu filho e cuide bem dele.

— Eu vou, obrigada — disse a mulher, ainda um pouco desorientada.

Depois que a mãe do amigo entrou por um corredor, Lucas sentou em um sofá na sala de espera, enquanto o pai conversava melhor com o médico. Estavam falando de coisas que pudessem ajudar na investigação, mas sua cabeça não estava muito boa para ficar ouvindo. Queria saber logo o que tinha acontecido com o amigo. Passou algum tempo, o pai foi para a delegacia, com a promessa de que viria buscá-lo na hora do almoço. Foi até o telefone público do hospital e ligou para Daniel na hora em que deviam estar no intervalo na escola.

— Alô? — o amigo atendeu.

— Daniel?

— Sim, quem fala?

— Aqui é o Lucas.

— Ah, não reconheci a sua voz — explicou ele. — Que número é esse?

— É de um telefone público, do hospital.

— O que está fazendo aí?

— Aconteceu uma coisa — Lucas disse, de modo vago. — Está perto do Fernando? Tentei ligar para ele, mas estava dando ocupado.

— Na última vez que o vi, ele estava tentando ligar para o Igor, porque vocês dois não apareceram na aula hoje.

— Tem como procurar por ele?

— Claro, só um minuto — Daniel respondeu.

O tempo passou rápido demais até que ele encontrasse Fernando. Lucas ainda não sabia como ia explicar a situação para os amigos.

— Lucas, estou com ele aqui — disse Daniel. — Vou deixar

vocês dois conversarem.

— Não, coloca no viva-voz, assim falo com os dois de uma vez — o garoto pediu.

— Tudo bem.

— Estão me ouvindo?

— Sim — responderam seus amigos.

— Bom, hoje de manhã aconteceu uma coisa bem ruim quando estava indo para a aula. Fui encontrar com o Igor no lugar de sempre, para irmos para a escola andando, mas quando cheguei lá, ele estava sendo atacado.

— O quê? — perguntou Fernando. — Foi algum animal? Ele está bem? Por que não está me atendendo?

— Não foi nenhum animal, foram... Pessoas. Eram uns caras estranhos, estavam batendo no Igor.

— Batendo? — perguntou Daniel.

— Ainda não sei o motivo, mas eles bateram demais nele e só foram embora quando eu disse que tinha chamado a polícia.

— Lucas, fala como o Igor está antes que eu morra do coração — pediu Fernando.

— Ele está fora de perigo, mas quebrou alguns ossos e vai precisar de repouso por um tempo — explicou. — Estou no hospital agora, esperando notícias, e a mãe dele está lá dentro.

— Quando acabar a aula, iremos aí também — disse Daniel.

— Acha que vou conseguir prestar atenção no resto da aula? — perguntou Fernando, com a voz esganiçada.

— Desculpa falar isso pelo telefone, Fernando, mas você tinha que saber de algum jeito — disse Lucas. — Vou pedir meu pai para ligar para a escola, falar com o diretor e pedir para ele liberar vocês o resto do dia.

— Isso seria perfeito, Lucas, obrigado — o garoto respondeu, com a voz embargada.

— Vou desligar então, para tentar falar com ele.

Lucas ligou para o pai e ele fez o que ele tinha pedido. Não demorou muito para que Fernando entrasse na recepção com os olhos em brasa e o rosto inchado, como se tivesse chorado durante todo o caminho. Daniel vinha logo atrás, com uma expressão de preocupação no rosto, mas obviamente tentando ser forte, para ser um ponto em que o outro pudesse se apoiar.

— Seu pai mandou uma viatura trazer a gente, por isso chegamos rápido — explicou Daniel. — O policial que nos trouxe disse

que o delegado não queria que viéssemos sozinhos. Nossos pais já sabem que estamos aqui também.

— Alguma notícia nova? — perguntou Fernando.

— Não, a mãe dele ainda está lá dentro — Lucas disse.

— Vamos esperar então — disse Daniel.

Os três ficaram sentados, trocando poucas palavras sussurradas, tentando imaginar quem podia estar por trás daquilo tudo. O garoto nunca tinha feito mal a ninguém, então só podia ser alguma espécie de assalto que deu errado. A mãe de Igor saiu um tempo depois, com algumas notícias.

— O Igor está bastante machucado, mas os ferimentos são mais feios do que perigosos — disse ela. — Ele acordou quando eu estava lá dentro, perguntou quem tinha encontrado ele na rua e como chegou aqui. Está falando com dificuldade, por causa das costelas quebradas, então o médico deu um sedativo para ele descansar. Vou deixar vocês entrarem uns minutos, mas ele está dormindo e só vai poder receber visitas oficialmente a partir de amanhã. Estou abrindo uma exceção, porque sei que estão preocupados.

— Como consegue se manter tão calma? — perguntou Fernando.

— Não estou calma, estou despedaçada como se tivessem destruído minha alma — ela disse, segurando firme no ombro dele. — Mas agora meu filho precisa de mim e posso chorar quando chegar em casa.

— Não devia ficar sozinha com essa violência — disse Lucas. — Vou falar com o meu pai para arrumar o quarto de hóspedes por uns dias.

— Não precisa, querido, vou ficar bem. Estou mais preocupada com o Igor, com medo de que queiram terminar o que começaram.

— Vou pedir meu pai para deixar um policial vigiando o quarto dele o tempo todo enquanto estiver aqui.

— Assim vou ficar mais tranquila, obrigada — disse a mulher. — Nem tive a oportunidade de te agradecer por ajudar meu filho, Lucas. Se você não o tivesse encontrado a tempo, nem sei o que poderia ter acontecido. Mas não vamos pensar nisso, agora vou levar vocês para ver o Igor, um de cada vez.

Lucas deixou que Fernando entrasse primeiro, o que rendeu um olhar suspeito da mãe do amigo, mas ela não comentou nada. Vários minutos depois, o garoto voltou com a cara mais vermelha e inchada do que antes. Em seguida, Daniel entrou e também voltou com os olhos marejados. Quando Lucas finalmente seguiu a mãe do amigo

pelo corredor, não sabia o que pensar.

— Vou deixar vocês sozinhos — disse ela, abrindo a porta para que ele entrasse em um quarto.

Se não fosse pelos aparelhos aglomerados em volta do leito, Lucas pensaria que era um quarto normal, com uma poltrona ao lado da cama, uma cômoda na parede oposta e um garoto deitado, coberto por um lençol fino. Mas o garoto tinha tubos que o ajudavam a respirar, hematomas por todo o rosto e também no braço que aparecia por cima do lençol. O outro braço estava coberto de gesso, assim como uma das pernas, que estava segura no alto por um mecanismo de apoio. Um dos olhos de Igor estava roxo e inchado, as pálpebras estavam quase coladas. A cabeça estava enfaixada, mas uma mancha de sangue já era presente na atadura.

— O que fizeram com você, meu amigo? — perguntou, segurando a mão livre de Igor.

Não obteve nenhuma resposta, mas continuou olhando fixamente para a face do garoto que conhecia desde sempre. Não conseguia sequer imaginar como alguém seria capaz de uma crueldade daquelas. Estava com nojo e medo dos homens naquela van branca. Só de lembrar daqueles monstros, sentia um arrepio na espinha. Esperava que o pai conseguisse colocar todos eles na cadeia e faria de tudo para ajudar. Quando a mãe de Igor bateu na porta e disse que ele precisava ir, Lucas lembrou uma coisa que não tinha contado para o pai. Os homens queriam levar Igor junto com eles. Aquilo não era só um assalto, era um sequestro.



CAPÍTULO 37



A semana estava sendo longa e Lucas todos os dias passava no hospital depois da aula, para ver a melhora de Igor. Era difícil conseguir prestar atenção nas matérias, quando o melhor amigo estava no hospital. Ele já estava conversando e fazendo algumas coisas sozinho, mas teria que ficar um tempo em observação, por causa das costelas quebradas. Lucas estava esperando do lado de fora do quarto do amigo, enquanto o pai fazia perguntas a ele pela milésima vez naquela semana.

O celular tinha sido devolvido, porque o pai ficou preocupado, e saber que o filho estava com o telefone dava um pouco mais de segurança. Lucas tentou ligar para Fortes algumas vezes, quando o pai não estava por perto, mas não obteve sucesso. O homem parecia ter desaparecido da face da Terra e o garoto ainda tremia ao pensar que o pior podia ter acontecido.

Quando o pai finalmente saiu do quarto, começou a falar pela milésima vez para ele não ir embora sozinho, que as ruas estavam perigosas. Só quando ele prometeu que ia ligar e pedir para que fosse buscá-lo, pôde entrar para conversar com o amigo.

— Finalmente consegui me livrar do meu pai — disse cansado ao entrar no quarto.

— Oi, Lucas — cumprimentou Igor, sentado na cama.

— O Fernando pediu para avisar que vem mais tarde hoje, porque o pai dele precisava de ajuda com uma coisa, não sei bem o que é.

— Tudo bem.

— Como você está? — Lucas perguntou, sentando na cadeira de acompanhante.

— Entediado, quero sair logo desse hospital, não aguento mais a comida daqui, nem a programação da TV, nem essa cama macia demais...

— Calma, só mais alguns dias e vai para casa.

— É frustrante ficar deitado aqui o dia todo — ele disse, fazendo uma careta.

— É, posso imaginar. O que meu pai queria dessa vez?

— O mesmo de sempre, perguntou o que eu me lembrava de ter acontecido antes de desmaiar naquele dia. Ficou pedindo para eu lembrar de alguma característica dos bandidos, como cor dos olhos, alguma tatuagem, uma voz diferente. Mas foi difícil ficar percebendo essas coisas, quando me surpreenderam com uma pancada na cabeça logo que cheguei na esquina.

— Sei que não deve estar aguentando mais as perguntas, mas qualquer coisa pode ajudar nas investigações — Lucas disse de modo prático. — Esses caras precisam ir logo para a cadeia.

— Eu sei, sou a pessoa que mais quer esses bandidos longe das ruas, mas não lembro de nada, de verdade.

Lucas entendia aquilo, porque ele mesmo entrou em pânico no momento e não conseguiu nem gravar a placa do veículo. Se tivesse prestado um pouco mais de atenção, aqueles homens já poderiam estar atrás das grades.

— Tentei te ligar hoje mais cedo, mas não atendeu — disse, para mudar de assunto.

— Meu celular acabou a bateria e minha mãe não conseguiu achar o carregador — Igor explicou.

— Se eu soubesse, teria trazido o meu, que é igual.

— Faz o seguinte, pega meu celular de uma vez na gaveta e, na hora que estiver indo para casa, você leva. Amanhã traz de volta, carregado.

— Beleza — Lucas respondeu, pegando o aparelho e enfiando no bolso.

— Agora me conta, o que teve de bom na escola hoje?

— Você usou bom e escola na mesma frase? — Lucas perguntou, rindo. — Devem ter acertado forte a sua cabeça. Vou procurar um médico e mandar fazerem os exames de novo.

— Idiota, eu estou falando sério. Tenho certeza de que foi melhor do que ficar aqui.

— As pessoas lá estão preocupadas com você, andam perguntando muito.

— É? — Igor quis saber. — Quem?

— A Marcela fala de você toda hora, estou vendo a hora que o Fernando vai acabar explodindo com ela. E o Gabriel ficou perguntando se você viu quem tinha feito isso contigo.

— Acho que a Marcela gosta de mim.

— Você acha? Essa menina quis ficar com você a vida toda e você sempre fingiu que não sabia. Eu pensava que você era mesmo bobo, mas agora entendo o motivo de não querer nada com ela, você gosta é de outra coisa.

— Lucas! — repreendeu Igor.

— Falei alguma mentira?

— Não, mas não precisa dizer as coisas desse jeito, alguém pode acabar escutando.

— Desculpa — disse Lucas. — E falando em escutar, acho que sua mãe suspeita de alguma coisa, principalmente depois que viu o desespero do Fernando.

— É, acho que está na hora de abrir o jogo com ela — Igor falou. — Mas e você? Tem alguma notícia do Mateus? Pensei que ele viria me visitar.

— Não, ele desapareceu no mundo, não atende mais as minhas ligações.

— Estou começando a ficar preocupado de verdade. Primeiro aparece com uma doença misteriosa, depois some desse jeito. Já foi na *Sociedade* ver se achava alguma coisa?

— Não, está sendo impossível sair, meu pai está de olho, com medo de acontecer alguma coisa. Só tenho ido para a escola e vindo aqui para o hospital te visitar.

— Acho que minha mãe também vai pegar no meu pé quando eu sair daqui — disse Igor.

— É, e com razão.

— Vai ser difícil namorar.

— Você devia mesmo abrir o jogo — Lucas disse.

— Eu sei, mas tenho medo de qual vai ser a reação dela.

— A reação do meu pai não foi tão ruim, pelo menos sobre eu ser gay.

— O quê? — Igor perguntou, com os olhos arregalados. — Você contou para ele?

— Cansei de esconder isso de você, Igor. Meu pai viu o Mateus me deixando em casa outro dia. Quando ele perguntou quem era, acabei entrando em pânico e contando tudo. No início, ele pensou que nós dois estávamos juntos, mas eu disse que você é mais como um irmão e contei sobre o Mateus. Ele não sumiu porque está doente, ele sumiu porque meu pai descobriu tudo e fez ele desaparecer.

Lucas contou toda a história para o amigo, omitindo as partes

em que o pai ameaçava Fortes. Era bom desabafar com alguém, porque já não aguentava mais aquele segredo que o estava consumindo a cada dia mais.

— Você é uma anta — disse Igor no final.

— Nossa, obrigado por ficar do meu lado.

— Lucas, é sério. Para que foi contar para o seu pai que estava namorando o professor? Podia ter falado que era outra pessoa, tipo o Daniel ou sei lá quem.

— Quando ele cogitou você, disse que sempre soube que éramos gays — Lucas disse.

— Como assim?

— Qual é? Ele é um bom policial, sabe investigar as coisas. Se eu inventasse uma mentira, acabaria sendo investigando também.

— Seu pai sabe que sou gay? — Igor perguntou, de olhos arregalados.

— Fica tranquilo, ele não vai contar seu segredo para ninguém. Você mesmo devia contar.

Quando Fernando chegou, Lucas decidiu ir até a cantina do hospital comprar alguma coisa para comer. Estava com fome e o amigo também não aguentava mais a comida que serviam ali. Apesar de ainda estar começando a anoitecer, a cantina já estava fechada. Lucas decidiu então ir a uma lanchonete que ficava perto dali, a apenas umas duas quadras de distância, ao lado de um ponto de ônibus.

O garoto estava andando pela rua quase vazia, quando viu uma van branca com a visão periférica. Olhou à volta, gravando na mente a placa do carro, mas ele passou direto. Já estava começando a ficar paranoico, pensando que todos os carros eram o mesmo dos bandidos que atacaram Igor. Entrou na lanchonete, fez o pedido, pagou e começou a caminhar de volta para o hospital. O amigo ia ficar feliz por finalmente comer alguma coisa diferente. Lucas ficaria com ele até o horário de visitas terminar, então ligaria para o pai.

Estava atravessando uma rua, quando a mesma van branca reapareceu, parando bruscamente no cruzamento, impedindo sua passagem. Lucas estava preparado para correr na direção contrária, quando um homem abriu a porta central e apontou uma arma em sua direção.

— Não se mexa ou eu atiro — disse o bandido encapuzado.

O garoto ficou parado onde estava, olhando para os lados, na esperança de que alguém aparecesse, mas a rua estava completamente deserta. Outro homem saiu da parte da frente do veículo e começou a

andar em sua direção com um pano na mão. Lucas tentou protestar quando ele chegou perto demais, falando que chamaria a polícia, mas o homem pressionou o pano em seu nariz e lentamente seus sentidos foram ficando mais fracos, até que não visse mais nada.

Os homens colocaram Lucas dentro da van, pela porta lateral e seguiram para um local desconhecido, sem dar nenhuma esperança de que o garoto pudesse voltar.



CAPÍTULO 38



O delegado Hernandes Oliveira chegou tarde em casa, mas o filho ainda não tinha ligado para que ele fosse buscá-lo no hospital. Foi até o quarto de Lucas, para ver se ele estava lá, mas encontrou a cama ainda arrumada e nenhum sinal do garoto. Então conferiu a sala, para ver se o filho estava assistindo TV, mas ele também não estava ali. A cozinha estava do mesmo jeito que ele tinha deixado antes de sair, o que mostrava que o garoto não tinha ido para casa, porque ele sempre comia alguma coisa antes de dormir, deixando o ambiente bagunçado.

Tentou ligar então para o celular do filho, mas não obteve nenhuma resposta. O número chamava até cair na caixa postal. O horário de visitas no hospital já tinha acabado, então não havia muita lógica no fato de ele não ter pedido para que fosse buscá-lo.

Hernandes decidiu ligar para Flora, para saber se Lucas ainda estava no hospital, ou se ficaria de acompanhante com o amigo durante a noite, como já tinha ficado uma vez no fim de semana. A mulher demorou um pouco a atender e sua voz estava completamente embargada pelo sono.

— Alô?

— Flora, aqui é o Hernandes. Eu queria saber se o Lucas vai ficar no hospital com o Igor hoje, porque ele não me avisou e também não voltou para casa. Já era para ele ter falado comigo uma hora dessa.

— Lucas? — a mulher perguntou. — Não, ele não está aqui, eu que estou no hospital com o Igor hoje.

— Deixei ele aí mais cedo e até agora ele não apareceu — explicou o homem.

— Vou perguntar para o Igor se ele sabe de alguma coisa, ele está acordando, espera só um momento.

— Tudo bem.

O delegado esperou enquanto a mulher conversava com o filho. Sabia que ela era uma boa mãe e que colocava o bem estar de seu

rapaz na frente de tudo, do mesmo jeito que ele mesmo fazia com Lucas. Não demorou muito para que ela voltasse a falar:

— Hernandez, o Igor disse que não sabe de nada. O Lucas estava aqui com ele, mas foi buscar um lanche na cantina do hospital quando o Fernando chegou, isso devia ser umas cinco e meia. Depois disso, o Igor dormiu por causa dos remédios. Quando acordou, o horário de visitas já tinha terminado e os dois amigos já tinham ido embora.

— Ele não me ligou para que eu fosse buscá-lo e não está em casa — respondeu o homem. — Vou procurar em outro lugar, tenho o telefone desse outro garoto anotado aqui, eles podem ainda estar juntos.

— Espera, você não está achando que podem...? — começou a mulher. — Depois do que aconteceu com o Igor...

— Não sei, espero que não. Vou procurar meu garoto, cuide bem do seu.

— Eu vou, e me mantenha informada. Não vou conseguir voltar a dormir sem notícias.

O delegado desligou o telefone e ligou para o amigo de Lucas que Flora tinha mencionado. Ele não demorou muito a atender e disse que seu filho não tinha voltado para o quarto de Igor após ir até a cantina. Merda, isso não era nada bom.

Hernandes foi até o quarto e pegou as chaves e a arma que tinha deixado sobre a cômoda. Tinha esperança de que o filho estivesse em outro lugar, onde ele não deveria estar, mas era melhor do que a outra opção. Se o garoto tivesse fugido em uma circunstância como aquela, ficaria uns bons anos de castigo.

Demorou um pouco para chegar ao local, porque era um pouco longe. Durante todo o trajeto, Hernandez ficou pensando no que ia dizer quando encontrasse o filho. Primeiro, ia fazer com que entrasse na viatura, nem que fosse algemado, e então iam tem uma conversa como nunca tiveram.

O delegado Hernandez apertou a campainha da casa e esperou alguns segundos. As luzes do andar de cima estavam acesas, mas não via nenhum movimento. Começou a esmurrar a porta, até que finalmente uma luz se acendeu no cômodo que estava à sua frente. Quando ouviu a porta ser destrancada, Hernandez empurrou com força e entrou na casa sem ser convidado.

— Onde ele está? — perguntou. — Onde vocês estão se escondendo?

Ele olhava o cômodo, vasculhando cada centímetro do lugar, mas não via mais ninguém ali. Não se ouvia nenhum barulho no

ambiente.

— Ele está lá em cima? — esbravejou.

— Do que você está falando? — perguntou Mateus Fortes, com o semblante mais calmo do mundo.

— Não se faça de sínico, rapaz, eu sei que ele está aqui, escondido em algum lugar.

— Quem está escondido onde?

— O meu filho, Lucas, de quem mais eu poderia estar falando? — ele disse, parecendo desesperado.

A feição de Fortes mudou de indiferente para dura, depois fez um olhar de entendimento, até que, por fim, o choque estava estampado em seu rosto.

— Está me dizendo que o Lucas sumiu? — perguntou, incrédulo.

— Faz menos de uma semana que devolvi o celular dele, com certeza estão se comunicando e ele fugiu para cá, para ficar com você!

— Recebi algumas ligações do número dele nos últimos dias, mas não atendi, porque pensei que era você me testando, como nas últimas vezes.

— Rapaz, para de mentir, fala onde ele está — pediu o Hernandes, com a voz quase derrotada.

— Eu já disse que não sei!

— Por favor, fala que ele está aqui! — disse o delegado, começando a chorar.

O homem caiu de joelhos no chão e sentou sobre as pernas, chorando copiosamente. Fortes agachou na frente do delegado, mas não sabia muito bem o que dizer. Era estranho ver um homem adulto, que ameaçou colocá-lo na cadeia, chorar daquele jeito. O homem tinha sido duro e irredutível na última vez que conversaram, e Mateus pensou que fosse a pessoa mais forte que conhecia.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou por fim. — Você e o Lucas brigaram?

— Não sei ainda o que aconteceu, nós brigamos, mas já tem algum tempo. Semana passada, o Igor, que você conhece da sala do Lucas, foi atacado.

— Fiquei sabendo mais ou menos dessa história, mas não tinha certeza se era real.

— É totalmente verdadeira, foi o Lucas que o encontrou — explicou o delegado. — Se não fosse meu filho, o garoto teria morrido e o corpo dele seria encontrado em algum lugar, como você deve ter

visto no noticiário que vem acontecendo. O Igor ainda está no hospital por causa daquilo e agora o Lucas sumiu.

— Você não acha que...?

— Aqueles bandidos pegaram o meu filho, tenho certeza disso — ele explicou. — Eu não queria acreditar, queria que vocês dois tivessem sido idiotas o suficiente para me desafiar, mas sinto no meu coração que foi o que aconteceu.

— Eu te prometi que ia me afastar do Lucas até a formatura — Mateus respondeu. — Eu ia enviar um e-mail para ele hoje mesmo, explicando a situação e o seu pedido. Entendo que, se alguém descobrisse, isso seria ruim para a minha carreira e para a sua, por isso concordei com essa loucura de esperar seis meses para ficar com ele de novo. Mas o Lucas não está aqui.

Fortes sentou no chão ao lado de Hernandes e colocou a cabeça entre os joelhos. Aquele era o jeito de se acalmar e pensar quando estava nervoso. Precisava ficar calmo, não era hora para perder a cabeça.

— A gente precisa procurar por ele — disse por fim.

— Estamos procurando esses bandidos há semanas e não tivemos nenhum resultado — respondeu o delegado.

— Mas agora eles têm um refém, é a vida do seu filho que está em jogo, precisa fazer alguma coisa! — Mateus bradou.

— O que posso fazer é mandar as viaturas circularem pelas ruas, parando todas as vans brancas que encontrarem.

— Faça isso e eu também vou para a rua procurar. O Lucas não pode continuar desaparecido, de jeito nenhum. A gente precisa tomar o controle e ter foco. Sei que ele é seu filho, mas agora precisamos agir com calma, pensando em tudo. Não é tarde demais, tenho certeza disso.

— Se meu filho morrer, não sei o que faço — o homem respondeu.

— Delegado Oliveira, sei que temos nossas diferenças, mas você ama o seu filho e sabe que estou completamente apaixonado por aquele garoto. Sei que a situação é desesperadora, eu também estou sentindo isso. Mas precisa colocar sua cabeça no lugar e pensar com calma. A gente vai achar o Lucas de qualquer jeito.

— Tem razão, não vou desistir do meu menino.

— Vou pegar meu carro, vamos nos dividir.

— Não vou permitir isso — o delegado disse. — Pode acabar se machucando se fizer alguma burrada. Você não tem uma arma e nem treinamento policial, não posso me responsabilizar por mais nada. É

melhor você vir comigo.

— Tudo bem, mas vamos no meu carro, ele é mais rápido — Mateus disse. — Eu dirijo, você mira.

— Vou pegar um colete para você na viatura, mas tome cuidado, rapaz, e faça o que eu disser para fazer.

— Você que manda.

Depois de jogar um colete à prova de balas para Fortes e de ligar para a delegacia passando ordens, Hernandes entrou com ele na 4x4 preta. Seguiram pelas ruas escuras em direção ao hospital. Os bandidos já podiam estar longe, mas não tinham outro lugar por onde começar a procurar.



CAPÍTULO 39



A caminhonete 4x4 de Fortes corria a toda velocidade pelas ruas. Não havia nenhuma movimentação, nem muita gente era vista, por causa do horário. As vias próximas ao hospital estavam praticamente desertas e só se viam algumas ambulâncias e poucos transeuntes. Os dois estavam atentos a todo tipo de movimentação, mas não tinham nenhuma pista concreta.

As mãos de Fortes suavam no volante e, a todo momento, ele precisava passá-las na calça jeans, para secar. Não gostava nem de imaginar algo ruim acontecendo e não podia começar a pensar nessas coisas, ou ia acabar perdendo a cabeça e isso não era uma boa ideia em uma situação como aquela. O melhor que podia fazer era ficar calmo e esperar com paciência, usando toda a força que tinha para encontrar Lucas.

— Eles já devem estar longe — disse Hernandez após algum tempo.

— Não é verdade aquela história de que bandidos gostam de voltar à cena do crime?

— Psicopatas muitas vezes voltam, mas apenas depois de já terem acabado com a vítima.

— Não, isso não é uma opção — respondeu Mateus.

— Não é — concordou o delegado.

— O que mais podemos fazer? Qual o procedimento padrão da polícia?

— O correto seria esperar quarenta e oito horas antes de começar as buscas — o homem explicou. — Oficialmente, uma pessoa só é declarada como desaparecida após esse tempo.

— Também não é uma opção.

— Em algumas situações desse tipo, os bandidos acabam ligando para pedir resgate, mas não vejo aplicação nesse caso. Não sou uma pessoa rica para sequestrarem meu filho em troca de dinheiro e, com tantos desaparecimentos na cidade e todos aqueles corpos que

aparecem algumas semanas depois, tenho medo de que algo assim aconteça.

— Você é delegado, prende muita gente, não tem nenhuma chance de que alguém queira te assustar? — Fortes perguntou.

— Essa é uma cidade pequena, não tem tanta gente assim para prender. Antes dos desaparecimentos, diria até que aqui era calmo demais. E o Lucas foi testemunha do que fizeram com Igor...

— É isso que está acontecendo então?

— Sabemos que não é uma pessoa agindo sozinha, porque o Lucas viu pelo menos quatro homens no dia em que atacaram o amigo — explicou o delegado. — Ou algum psicopata contratou um bando de bandidos, ou todos formam um grupo, como em algum tipo de seita. Se forem as mesmas pessoas que estamos investigando, eles não costumam deixar rastros. Os corpos simplesmente aparecem em lugares isolados. Ainda não fizemos uma conexão entre os crimes e nem sabemos a motivação.

— Essas pessoas são doentes, se fizerem algo com o Lucas...

— Não quero pensar nisso agora — disse o delegado. — Veja, tem uma van branca vindo ali. Vamos fazer a abordagem.

Fortes manobrou a caminhonete e parou bruscamente na contramão, impedindo a passagem da van que estava vindo. O carro parou e Hernandez saiu da 4x4 com a arma em punho e uma lanterna apontada diretamente na direção do motorista.

— Polícia, saia do veículo — gritou.

O motorista saiu da van com as mãos na cabeça e uma segunda pessoa saiu no lado do carona. Hernandez não reconheceu o homem mais velho que estava dirigindo, mas viu que o garoto que estava com ele era da mesma escola em que Lucas estudava.

— Algum problema, policial? — perguntou o motorista.

— Sim, estamos procurando alguém — ele respondeu. — Pode abrir a parte de trás do veículo?

— Perfeitamente.

O homem andou até a lateral da van e abriu. O local estava vazio, exceto por algumas cadeiras e uma caixa de som. Não tinha nada suspeito e nem sinal de Lucas. Fortes também tinha saído para a rua e estava parado alguns metros atrás deles, perto do próprio carro.

— Professor Fortes? — perguntou o garoto.

— Oi, Gabriel, não tinha visto que era você — o homem disse se aproximando.

— Por isso que sumiu da escola? — perguntou Gabriel. — Está entrando para a polícia?

— Mais ou menos, ainda não pensei em nada definitivo.

— Estão procurando algum bandido? — perguntou o homem que estava com Gabriel. — Tem alguma coisa acontecendo hoje? Vimos viaturas por todos os lados.

— É mais um exercício de treinamento para os recrutas, nada demais — mentiu o delegado.

— O que estão fazendo na rua a essa hora? — perguntou Fortes.

— Meu pai tem uma empresa que faz festas, acabamos de sair de uma — disse Gabriel. — Eu costumo ajudar um pouco quando não tenho prova ou algum jogo importante no dia seguinte.

— Vamos liberar vocês então — disse o delegado. — Tenham uma boa noite.

— Bom trabalho — disse o pai de Gabriel. — Tomara que encontrem o que estão procurando nesse treinamento.

— Obrigado.

Fortes e Hernandez voltaram para a caminhonete e liberaram a passagem do carro. Parariam todas as vans brancas da cidade, até encontrar Lucas. Estavam dispostos a ir até o fim do mundo por causa dele.

— O que disse para o garoto é verdade? — perguntou Hernandez.

— O quê?

— Sobre considerar entrar para a polícia e não ter decidido ainda.

— Nunca pensei de verdade sobre isso — respondeu o professor.

— Acho que seria um bom policial, é inteligente o bastante para passar no concurso da polícia civil e seu porte te daria facilidade para passar no exame físico. A cidade faria bom uso de um jovem policial como você.

— O que quer dizer com isso? — Mateus perguntou, curioso.

— É bom ter um parceiro, principalmente quando sei que é uma pessoa honesta e que vai me ajudar.

— Não fui muito honesto contigo no início...

— Na verdade, você foi — disse o delegado. — Quando conversei com você, não negou nada do que estava acontecendo entre você e o Lucas. Ainda me respeitou quando pedi que esperasse até a formatura. No início, pensei que só queria se aproveitar do meu filho e que se afastou tão fácil por causa disso. Mas agora, percebo que se

importa com ele de verdade, por mais estranho que isso possa parecer para mim.

— Acha que eu e ele merecemos uma chance de tentar o que começamos?

— Só o tempo dirá isso e essa é uma decisão que não cabe totalmente a mim agora — disse o homem. — Não vou ficar no caminho de vocês se descobrirem que se amam, mas isso é algo que vai ter que conversar com ele quando for encontrado e estiver a salvo. Sei que o Lucas está vivo, sinto em meu coração.

— Também tenho certeza disso, eu saberia se...

— Eu também — respondeu o delegado.

— Obrigado pela conversa, de verdade — desse Fortes, olhando nos olhos do homem pelo retrovisor.

— Não agradeça, só dirija esse carro, que nós temos um garoto para encontrar.

Fortes acelerou pelas ruas escuras, procurando qualquer vestígio de Lucas. Tudo estava calmo, como se o mundo fosse belo e nada de mau estivesse acontecendo. Poucos carros passavam pela rua, mas nenhum deles se parecia com uma van grande e branca. O tempo estava passando rápido demais para seu gosto. Não demoraria mais que duas horas para amanhecer e a rua ficaria cheia de gente e de carros, dificultando ainda mais a busca. Precisavam de alguma notícia antes disso.

O silêncio pairava no veículo e o cansaço já começava a mostrar seus vestígios, mas os dois continuariam enquanto houvesse um pinga de força para lutar. Precisavam encontrar o garoto de qualquer jeito e tinham que fazer isso antes que fosse tarde demais.

Andavam por uma parte mais escura da cidade, um pouco afastada do centro. O movimento era ainda menor e não havia nenhuma pista do paradeiro do garoto ou dos bandidos. Estavam entrando em uma viela mal iluminada, quando o celular de Fortes começou a tocar. Ele parou o carro, pegou o aparelho no bolso e ficou olhando para a tela por uns segundos, tentando entender o que aquele número estava fazendo em seu identificador de chamadas. Seu corpo estava todo arrepiado e o medo tomou conta, fazendo com que suas mãos tremessem. Não podia ser o que ele estava pensando.



CAPÍTULO 40



Fortes piscou algumas vezes para ver se estava enxergando direito, mas podia ver claramente o nome de Lucas piscando na tela de seu celular. Aquilo parecia impossível, tinha tentado ligar para o garoto várias vezes e o aparelho estava sempre dando desligado. Com o carro parado na beira da estrada, mostrou aquilo para Hernandez, que também demorou um pouco para processar aquela informação.

— Pode ser uma armadilha — disse o delegado.

— O que eu faço? — disse Mateus.

— Atende, podem ser os bandidos, pedindo algum tipo de resgate.

— Vou atender.

— Coloca no viva-voz, mas não diga que está perto de mim — instruiu Hernandez.

Fortes apertou o botão para aceitar a ligação. Suas mãos tremiam como nunca e seu coração batia acelerado, parecendo que ia sair pela garganta. Juntou toda sua coragem para que palavras finalmente se formassem em sua boca.

— Alô? — disse inseguro. — Lucas?

— Graças a deus você atendeu — respondeu o garoto do outro lado. — Liguei para casa, mas parece que meu pai não está e ele também não atende o celular.

— Santo deus, você está vivo — respondeu o homem, com o coração explodindo no peito. — Lucas, onde você está? O que aconteceu? Está machucado?

— Estou bem, só estou com um pouco de dor de cabeça, porque fizeram eu cheirar alguma coisa. Meu pai falou com você? Pensei que, se você estivesse vivo, ele saberia te encontrar.

— Sim, seu pai falou comigo e é lógico que estou vivo, o que pensou que tinha acontecido? Aliás, nada disso é importante agora. Onde você está? Tem alguém com você?

— Não sei, é uma espécie de galpão. Vou ligar o GPS do meu

celular e você entra em contato com a polícia, meu pai instalou um aplicativo de rastreamento, ele vai saber fazer isso — respondeu o garoto.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Fortes perguntou, apreensivo.

— Tenho, eles me deixaram sozinho — Lucas respondeu. — Mateus, liga para o meu pai, eles estão indo para o hospital pegar o Igor, falaram que vão acabar com os dois de uma vez. Um dos homens que estavam aqui é o pai do Gabriel lá da escola, eles estão envolvidos nisso.

— Filhos da puta, acabamos de ver esses dois — Fortes praguejou.

— Acabamos?

— Lucas, estou com o professor — disse o delegado, por fim. — Tem certeza de que é seguro?

— Pai? — o garoto disse em choque. — É seguro, eu juro. Manda alguém salvar o Igor logo, ele está em perigo e a mãe dele também.

— Lucas, eu te amo, desculpa pelas coisas que eu disse — respondeu o homem.

— Eu sei pai e também te amo. Mas agora salvem o Igor, ele precisa de ajuda.

Quando Fortes desligou o celular, o delegado já tinha conectado o próprio aparelho no carregador do carro e estava mandando reforços para o hospital. Mateus localizou o telefone de Lucas por satélite, como o homem instruiu, e acelerou o carro o máximo que pôde. O garoto estava em alguma propriedade nos limites da cidade e demorariam pelo menos quinze minutos para chegar até lá. Hernandez ainda gritava ordens pelo telefone.

— Tem certeza de que é seguro irmos atrás dele? — perguntou Fortes.

— Sou um delegado, ensinei meu filho a falar por código se algo estivesse acontecendo. Não pensei que fosse preciso, mas ele se lembraria de avisar.

— Você é um bom pai — respondeu Mateus.

— Nunca pensei que diria isso, mas talvez você seja um bom namorado para ele.

Fortes fez uma curva brusca e viu quando várias viaturas corriam no caminho contrário, indo até o hospital. A localização de Lucas piscava na tela do celular e ele agradecia pela existência da tecnologia. Só não estava totalmente seguro, porque bandidos como

aqueles não seriam burros a ponto de deixar o celular com o garoto. Mas o importante é que ele ainda estava vivo e o satélite não mentiria sobre sua localização. Mesmo que fosse uma armadilha, tinha certeza de que estava fazendo tudo o que estava ao seu alcance. E não hesitaria por um segundo sequer se houvesse a mínima chance de que o garoto escapasse.

Hernandes ainda se comunicava com os policiais que estavam indo para o hospital, mas não conseguia se concentrar totalmente com o próprio filho correndo perigo. Se não chegassem a tempo de salvar Igor, ficaria em dívida eterna com a mãe do menino. Ele se esforçou para conseguir controlar os pensamentos confusos, porque sabia que a mulher sofreria tanto quanto ele se algo de ruim acontecesse.

— Pelo amor de deus, homem, se controla — disse o delegado quando Mateus fez uma curva brusca, fazendo os pneus da caminhonete cantarem.

— Precisamos chegar logo.

— Desse jeito, vai acabar batendo com o carro e não vamos chegar a lugar nenhum.

— Delegado Hernandez, você não entende o quanto eu me importo com o seu filho — disse Mateus. — Suportei ficar alguns dias longe dele, mas a sensação de que posso perdê-lo é demais para mim, acho que não aguentaria.

— Eu sei o que está sentindo, ele é meu filho e também o amo. Já perdi alguém que amava e sei como isso dói, de verdade. Mas o Lucas está bem e vamos conseguir salvá-lo.

— Como vai ser depois, quando estiver tudo bem? Ainda sou o professor dele.

— Não sei, mas esse é o menor dos problemas que temos agora — respondeu o homem.

Fortes acelerou com o carro e saiu da área urbana da cidade. Agora, estavam a poucos quilômetros do local, mas a estrada era ruim e tiveram que diminuir um pouco o ritmo. Depois de um tempo, avistaram a placa de uma fazenda e uma espécie de celeiro alguns metros à frente. Era o único galpão que havia no lugar, então Lucas só podia estar ali. Fortes parou o carro atrás de uma árvore e começaram a fazer o resto do caminho a pé.

— Posso me meter em problemas por causa disso, então só use se for necessário — disse o delegado, entregando uma arma para Fortes.

— Não sei como usar uma coisa dessas — o homem respondeu, empalidecendo.

— Está carregada e sem a trava, é só mirar e puxar o gatilho, então tome bastante cuidado.

O delegado foi na frente, andando pelas sombras e com a arma em punho. Mateus já tinha visto aquela cena centenas de vezes em filmes, mas nunca pensou que entraria em uma caça a bandidos. Seguiu Hernandez de perto, atento a qualquer movimento que pudesse parecer suspeito, mas, até então, estava tudo em silêncio, como se o lugar tivesse sido abandonado.

O celular de Fortes informava que tinham chegado ao destino e eles logo estavam na frente da porta de metal do galpão. Uma corrente grossa envolvia os braços da porta e era trancada por um cadeado forte.

— Vamos dar a volta, eu vou por um lado, você por outro e nos encontramos lá atrás — disse o delegado. — Só tenta não atirar em mim.

Mateus começou a andar com a arma empunhada na altura dos olhos, mas não conseguia ver nada de estranho no local. Não demorou muito para encontrar com Hernandez no fim da linha, sem conseguir achar outra saída.

— Tem uma janela naquele lado — disse o pai de Lucas. — É pequena demais para alguém entrar, mas acho que se subir nas minhas costas, você consegue dar uma olhada lá dentro.

— Vamos tentar.

Os dois foram para o local e Hernandez abaixou para que o outro subisse em seu ombro. Era um pouco estranho fazer aquilo, mas a estranheza era totalmente irrelevante no momento. O delegado ficou em pé e Fortes ficou um tempo em silêncio, apenas olhando pela janela.

— Está escuro lá dentro, não consigo ver nada — disse por fim.

— Vou abaixar para você descer então.

— Espera — disse de repente.

— O que foi? — perguntou o delegado.

— Tem uma luz fraca piscando, parece que tem alguém com um celular na mão.

— É o Lucas?

— Não dá para ter certeza, está escuro.

— Como vamos descobrir? — Hernandez quis saber.

— Tenho uma ideia. Lucas! — gritou pelo nome do garoto.

— Você é louco? Pode ser uma armadilha — repreendeu o delegado.

— Mateus, é você? — respondeu o garoto, do lado de dentro.

— Graças a deus — disse Hernandez, abaixando rápido e quase derrubando o outro.

Os dois correram para a frente do depósito e se depararam novamente com a porta trancada.

— Como vamos abrir? — perguntou Fortes.

— Se afasta — disse o delegado.

Ele apontou a arma para o cadeado e deu um tiro certo, quebrando o metal e fazendo a corrente escorregar pela lateral. Abriu a porta com um chute, ainda com a arma em mãos.

— Aqui nos fundos — disse Lucas.

O delegado procurou por um interruptor na parede, enquanto Fortes entrou correndo, sem se preocupar com nada e se agachou ao lado de Lucas.

— Você está bem? — perguntou, deixando a arma no chão e segurando o rosto de Lucas com as duas mãos. — Fizeram algum mal a você?

— Estou bem, juro.

Quando finalmente a luz acendeu, Hernandez viu que Fortes abraçava Lucas com força, como se nunca mais fosse deixá-lo ir embora. O rapaz tinha sido burro o suficiente para entrar correndo no galpão, provando mais uma vez naquela noite que amava seu filho.

Lucas estava algemado a uma das colunas de metal do celeiro, a um canto, por isso não tinham visto muito movimento. Os pulsos estavam esfolados, o que parecia uma tentativa frustrada de se soltar das algemas.

Ao perceber que o delegado olhava para os dois de uma distância pequena, Fortes levantou e se afastou um pouco, secando as lágrimas dos olhos. O delegado passou a mão na cabeça do filho e ficou por um tempo em silêncio a seu lado.

— Sabe onde colocaram as chaves dessas coisas? — perguntou o delegado por fim.

— Deixam tudo naquele armário — apontou Lucas com o queixo.

Mateus foi para o lugar indicado e começou a procurar pelas chaves das algemas.

— Como você conseguiu? — perguntou o pai do garoto. — Como não pegaram seu celular?

— Eles me revistaram quando cheguei aqui, encontraram o celular do Igor, que estava comigo no bolso da minha calça, mas o

meu estava no bolso de dentro do casaco. Desliguei o aparelho e escondi atrás dessa coluna, embaixo da palha, quando não estavam vendo e, quando o outro cara veio me revistar, não havia mais nada comigo.

— Você foi inteligente, eu não teria conseguido pensar tão rápido — disse o pai.

— Foi sorte, eu acho — o garoto respondeu.

— Filho, preciso que me conte tudo, quantas pessoas eram e se você conhece alguém além do pai do Gabriel.

Fortes chegou com as chaves e libertou o garoto, mas as mãos tremiam tanto que quase não conseguiu. A arma estava pendurada entre seus dedos.

— Acho que pode me devolver isso, rapaz — disse o delegado.
— Vamos sair daqui e você me conta tudo no carro, filho. Esse lugar não é seguro.

— Pai, o Igor está bem? — Lucas disse quando se levantou.

— Acho que vamos descobrir agora — disse o homem, pegando no bolso o celular que tocava.



CAPÍTULO 41



O delegado Hernandes atendeu o telefone e ficou ouvindo o que a pessoa do outro lado falava. Sua expressão era indecifrável no início, mas, aos poucos, Lucas percebeu que o pai estava preocupado. Os três entraram no carro e Fortes começou a dirigir para longe daquele local. Quando finalmente o silêncio foi quebrado, era o pai de Lucas, falando algo que ele temia ouvir.

— Ele vai sobreviver? — perguntava o homem.

Sua expressão se tornou ainda pior quando recebeu a resposta da pessoa com quem falava. Se algo tivesse acontecido com Igor, Lucas não saberia muito bem como reagir. Já tinha sido difícil com o amigo no hospital, pensar no pior só fazia com que sua cabeça girasse descontroladamente.

— Parece que houve uma troca de tiros — disse o homem quando finalmente encerrou a ligação.

— O Igor está bem? Ele foi baleado? — perguntou Lucas.

— Seu amigo está bem, os policiais chegaram antes que conseguissem alcançar o quarto — disse o homem, para alívio do garoto.

— O que aconteceu então? — perguntou Fortes.

— Quando os policiais chegaram, a van branca estava na porta do hospital e o garoto, Gabriel, estava sozinho, vigiando. Antes de conseguirem pegá-lo, parece que o garoto enviou uma mensagem para os outros bandidos e meus homens foram recebidos com tiros na recepção. Os funcionários e algumas pessoas que estavam no local já tinham sido evacuados pelos próprios bandidos, então os homens abriram fogo e dois dos quatro sequestradores foram gravemente feridos. Os outros dois se renderam quando viram que acabariam tendo o mesmo destino. Um policial levou um tiro de raspão, mas está bem. Parece que o pai do Gabriel levou um tiro no estômago e perdeu muito sangue. Acabaram de me informar que ele tem poucas chances de sobreviver.

— E os outros? — perguntou Lucas.

— O outro homem foi baleado na cabeça e morreu na hora. Os dois que foram pegos estão sendo levados para a delegacia. O Gabriel ainda está no hospital com o pai, mas dois policiais estão com ele, para o caso de tentar fugir.

— O que essas pessoas queriam, afinal? — perguntou Fortes.

— Isso é o que queremos descobrir. Lucas, no dia em que bateram no Igor, você descreveu os bandidos e as descrições combinam com os homens que estavam no hospital. Enquanto estava no galpão, você viu mais alguém?

— Não, acho que eles trabalhavam sozinhos.

— Você tem alguma ideia do que eles queriam? Eles são de algum culto ou organização secreta?

— Não sei, mas eu descobri uma coisa, são eles os responsáveis por todos aqueles corpos mutilados que apareceram. Falaram que iam fazer a mesma coisa com o Igor e comigo, e que depois iam atrás de mais algumas pessoas. Eles falaram de algum lugar chamado *Cabana da Serra*, é lá que mutilam as pessoas.

— Tem um antigo restaurante abandonado com esse nome perto do rio, foi fechado por causa do acesso difícil — disse Hernandes.

— Difícil acesso é atrativo para bandidos — comentou Fortes.

— Parece que vai encontrar provas lá — disse Lucas.

— Vou ligar para a delegacia e mandar alguém para lá agora. Vamos fazer uma parada no hospital para ver o Igor e cuidar desse pulso machucado antes que infeccione.

Mateus dirigia com mais tranquilidade no caminho de volta para o hospital. Agora que sabia que o garoto estava vivo e salvo, parecia que um grande peso havia sido tirado de suas costas. No lado de fora do carro, o sol nascia em seu ritmo habitual, igual fazia todos os dias, como se nada tivesse acontecido.

Quando chegaram ao hospital, a recepção ainda estava um caos, com vidro quebrado espalhado pelo chão, sangue em alguns pontos e policiais a cada canto. Parecia que um furacão havia passado pelo lugar. Com o estômago embrulhado por causa daquela cena de violência, Lucas entrou no elevador e foi direto para o andar onde Igor estava internado. A mãe do garoto estava com ele e parecia que os dois ainda não haviam sido informados de muita coisa.

— Lucas, você está bem, graças a deus — disse a mulher.

— Acabou — disse Lucas. — Os bandidos foram pegos, nós dois ficaremos bem agora.

— Isso é um alívio — disse ela, abraçando Lucas com lágrimas

nos olhos. — Preciso conversar com seu pai e agradecer, vou deixar vocês dois conversarem e chamar uma enfermeira para cuidar da sua mão machucada.

Quando a mulher saiu, Igor ainda estava em silêncio, olhando para um canto do quarto.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Lucas.

— Depois dos tiros, mandaram o Nando embora, falaram que só família podia continuar aqui.

— Igor, sinto muito.

— Eu contei para minha mãe, ela disse que já sabia e que me amava como eu era — respondeu o garoto.

— Isso é muito bom, devia estar comemorando.

— Mas as coisas não são tão fáceis, não é? — disse ele. — Tudo vai mudar agora que não é mais segredo, as pessoas vão começar a nos tratar diferente.

— Isso não é necessariamente verdade.

— Não é? Lucas, nós fomos atacados por causa disso.

— Acha que tem alguma coisa a ver? — Lucas perguntou, em choque.

— É lógico que tem, você não foi o único que me viu beijando o Nando na escola, o Gabriel também viu. A fofoca corre no hospital, eu já sei que ele e o pai estão envolvidos. Quando ele viu a gente, falou que nós “bichas” íamos nos arrepender de existir. Poucos dias depois, fui atacado na rua e, quando você me defendeu, eles te pegaram também. Quando eu soube que o Gabriel estava envolvido, não foi muito difícil ligar as coisas. Enquanto eles me batiam, fui xingado de vários nomes que não queria ter ouvido. Foi muita sorte o Fernando e o Daniel não terem sido atacados também.

— Por que não me contou isso antes? — Lucas perguntou.

— Sofrer preconceito não é algo que eu queira contar para os meus amigos, já estava sofrendo demais sem ninguém saber.

— Vou falar com o meu pai, ele não vai deixar isso passar assim.

— Que diferença vai fazer? — Igor questionou. — Você disse que os bandidos já estão presos. Aliás, como você conseguiu fugir?

— Eles cometeram o erro de algemar só um dos meus braços em uma barra de ferro e eu estava com dois celulares. Deixei o meu desligado até estar sozinho, depois liguei para o meu pai. Acabaram pegando o seu, sinto muito. Mas sobre a diferença, é que milhares de crimes assim acontecem e ninguém tem coragem de denunciar, nem de fazer nada a respeito. Sei que isso não vai mudar o mundo, nem

trazer as pessoas que eles mataram de volta, mas precisamos começar em algum lugar, fazer justiça.

— Queria ter a sua coragem — Igor disse. — E não me importo com o celular, pelo menos você está bem.

— Se quiser, peço para não colocarem o seu nome nisso, porque todos vão acabar descobrindo.

— Não, você está fazendo a coisa certa, chega de me esconder. Eu não tenho que ter vergonha de quem eu sou, não sou nenhum assassino, nunca fiz nada de errado. E as pessoas que importam me aceitam e amam do jeito que sou.

— Vou falar com o meu pai, depois eu volto — disse Lucas. — Você devia ligar para o Fernando, ele vai ficar feliz em saber que está arriscando tudo por ele. Vou deixar meu celular com você.

— Farei isso, obrigado.

Lucas entrou novamente no elevador e desceu. Não foi difícil encontrar o pai conversando com os policiais no meio daquela bagunça, tentando entender cada detalhe do que tinha acontecido. Os homens estavam presos, mas ainda precisaria fazer um relatório completo e burocrático para o julgamento.

— Filho, como está o Igor? — perguntou o homem.

Fortes estava ao lado do delegado, observando de perto tudo o que ele fazia.

— Está bem. Pai, posso falar com você um minuto?

O homem foi para perto do filho, abraçou seu ombro e o levou para uma parte mais afastada, onde ninguém ouviria a conversa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Hernandes.

— O motivo dos crimes, de terem matado todas aquelas pessoas, de terem batido no Igor e me sequestrado...

— Você sabe qual é o motivo? — perguntou o delegado.

— É meio óbvio agora que pensei nisso, mas não tinha percebido antes. O que eu e o Igor temos em comum? Aposto que as pessoas assassinadas também eram assim.

— Não sei se entendi — disse o homem.

— São todos membros da comunidade LGBTQIAP+. Eu vi nas notícias que mataram uma mulher trans, um casal de lésbicas, aposto que todos aqueles homens eram gays ou bissexuais. Eles estavam cometendo crime de ódio.

— Tem certeza disso?

— Absoluta, o Gabriel tinha ameaçado o Igor antes, mas ele só me contou agora — disse Lucas.

— Isso não é nada bom, as autoridades parecem ignorar esse tipo de coisa — respondeu o pai dele. — Pensando agora, eu até percebi, mas não queria acreditar.

— O que vai fazer?

— A coisa certa, mesmo que isso me dê dor de cabeça — respondeu o homem. — Faço tudo para proteger o meu filho.

— Obrigado — Lucas respondeu.

— Já contou para o professor?

— Ainda não.

— Deixa que eu conto, você já passou por muita coisa e ele pode acabar ficando nervoso por causa disso — disse Hernandes. — Ele me ouviu bastante, acho que seria um bom genro, afinal.

— Sério? — Lucas perguntou, com os olhos arregalados.

— Por que não? Sei que aquele homem se importa de verdade contigo e ele não é tão mais velho que você. Fala com o Igor para se preparar, porque as próximas semanas vão ser bastante cansativas para vocês dois. Depois cuida desse pulso e vá para casa, durma um pouco. Vou mandar o professor ir contigo, para ficar de olho em você.

— Obrigado, pai, você é o melhor — disse o garoto, abraçando o pai com força.

Quando chegou em casa, Lucas adormeceu quase instantaneamente. Sabia que as coisas ainda não estavam totalmente acabadas, mas podia dormir tranquilo, porque tinha certeza de que naquele dia e em todos os outros as pessoas que o amavam fariam tudo para que ficasse bem.



CAPÍTULO 42



Durante as semanas seguintes, a rotina de Lucas se resumia a escola e delegacia. A cada dia, o pai aparecia com mais perguntas, e todo o interrogatório tinha que ser feito oficialmente, na frente de um escrivão e com um gravador em mãos. Igor também não tinha se livrado das perguntas e os oficiais passavam horas com ele no hospital. Quando o garoto finalmente foi para casa, ainda recebia visitas de policiais.

Lucas sabia que aquelas coisas ajudariam nas investigações, mas estava cansado de tantos questionamentos. Fortes sempre o acompanhava, mas as coisas entre eles andavam meio frias, porque todo aquele cansaço psicológico não dava muito espaço para que pudessem namorar.

Quando a notícia da morte do pai de Gabriel chegou, as coisas pareceram tomar proporções ainda maiores, dando um choque de realidade em todos os envolvidos. O garoto havia sido transferido para um centro de recuperação de menores e não seria liberado nem para ir ao enterro do próprio pai. As investigações estavam intensas e as provas encontradas na *Cabana da Serra* seriam suficientes para deixar aqueles homens por muito tempo na cadeia.

O delegado passava horas e horas na delegacia, e parecia que nunca teria uma folga. A rotina de Lucas na escola tinha voltado ao normal, mas Igor ainda ficaria um tempo em casa se recuperando, o que fazia com que pegasse as matérias com Fernando. Por um lado, Lucas não queria ser obrigado a ir para a aula, porque era difícil se concentrar com tanta coisa acontecendo, mas até que a distração servia de fuga. As pessoas estavam curiosas e o colégio parecia um interrogatório, como a delegacia. Daniel não fazia muitas perguntas por respeito ao amigo, mas era óbvio que queria saber tudo o que tinha acontecido.

Na hora do intervalo, Daniel, Bernardo e Fernando sentavam junto com Lucas, o que fez alguns garotos chamarem a mesa em que estavam de mesa dos gays. Mesmo com pessoas na cadeia por causa do que tinha ocorrido, parecia que o preconceito nunca ia acabar.

Cada dia um dos amigos acompanhava Lucas até em casa, para que ele não ficasse sozinho.

— Você parece fora de órbita — disse Daniel em um desses dias.

— Como assim?

— Não sei, as coisas começaram a finalmente dar certo, mas você ainda não parece totalmente feliz.

— Ainda não acabou — Lucas explicou. — Meu pai e o Mateus parecem estar se dando bem ultimamente, mas não sei o que vai acontecer quando ele lembrar que meu namorado é meu professor. Acho que as coisas vão voltar para o ponto em que estávamos antes e não poderemos mais nos ver até a formatura.

— O professor vai voltar para a escola, isso é bom, não é?

— Talvez, mas isso vai fazer as coisas ficarem ainda mais difíceis, porque se alguém descobrir...

— É, nem queira pensar no escândalo que isso causaria — concordou Daniel. — Já conversaram depois de tudo?

— Não muito, é meio difícil pensar no futuro quando ele não é certo.

— O futuro nunca é certo, deviam conversar, os três, seu pai também. É bom que resolvam isso logo.

— Acho que tem razão, vou tentar reunir os dois hoje à noite — Lucas disse. — E você e o Bernardo? Como estão?

— Ele é legal e gosta de mim, o que é um avanço considerando os últimos caras que eu pensava que tinham química comigo, mas não me quiseram. Ainda não sei se ele é a pessoa certa, mas também gosto dele, então vou dar uma chance. De vez em quando, ele é lento e tenho que dar uns empurrõezinhos para entender as coisas, mas depois de passar um tempo comigo, ele vai ficar mais esperto.

— Você é a pessoa mais doce que conheço, Dani, merece ser feliz.

— Você também, Lu. Acho que agora esses apelidos vão ficar, né?

— Enquanto formos amigos — Lucas concordou.

— Vão durar muito tempo então — concluiu Daniel.

Ao chegar em casa, Lucas ligou para o pai, para saber se ele iria para casa à noite e, depois de confirmar, ligou para Fortes e o convidou para que fizesse o mesmo. Ficou o dia todo pensando no que ia falar quando os dois chegassem, mas não conseguiu descobrir a forma adequada de dizer tudo o que sentia. Havia esperado tempo demais por aquilo e, agora que o momento havia chegado, teria que

improvisar.

O pai foi o primeiro a chegar e foi direto para o banheiro tomar um banho. Não demorou muito para que a campainha tocasse, anunciando a chegada de Mateus. Lucas estava abrindo a porta, quando o pai começou a descer as escadas, parecendo que tinha cronometrado o relógio com o do professor.

— Quem é, filho? — o homem perguntou.

— O Mateus — disse Lucas.

— Boa noite, delegado Hernandes.

— Isso está parecendo uma armadilha — disse o pai do garoto.

— Se importam de explicar o que está acontecendo?

— Eu também não sei de nada — Fortes respondeu.

— Acho melhor a gente se sentar, precisamos conversar — Lucas disse.

Os três foram para a sala e cada um sentou em um canto. Fortes e Hernandes encaravam Lucas quando ele começou a falar.

— Pai, sei que tinha proibido eu e o Mateus de namorarmos, mas depois do sequestro, as coisas entre nós mostraram que não são fáceis de quebrar. Sei também que vocês estão se dando bem agora. Não vou desistir de ficar com ele e vou te desobedecer, se for preciso, mas queria a sua permissão para ficarmos juntos. Oficialmente.

— Delegado, minhas intenções com seu filho são as melhores — disse Fortes.

— Eu sei que tem boas intenções, — disse Hernandes — sei que meu filho faria de tudo para ficarem juntos, esse garoto é teimoso igual a mãe era. Mas as coisas não são tão simples assim. Mesmo que eu saiba que estão juntos, isso causaria um transtorno imenso na escola se alguém descobrisse. O Lucas ainda é seu aluno e as coisas ficariam mais sérias.

— Pai, ninguém precisa saber por enquanto — Lucas explicou.

— Tenho medo de que acabem descobrindo na escola, adolescentes são muito curiosos — disse Hernandes.

— E se eu não fosse mais o professor do Lucas? — perguntou Fortes.

— Como assim?

— Você disse que eu seria um bom policial e venho considerando isso desde o dia do resgate. Como policial, eu poderia continuar ajudando as pessoas. O que importa de verdade para mim é isso.

— Não é tão simples assim, precisaria fazer um concurso e

depois o treinamento na capital — disse o homem. — Sei que é um homem inteligente e teria capacidade de passar, mas essas coisas não acontecem de uma hora para a outra. Nem sempre surge uma vaga para esta cidade.

— Você poderia pedir mais policiais depois do que aconteceu, não podia? — perguntou Fortes. — A cidade tinha poucos, porque não acontecia nada, mas agora há um motivo.

— As coisas não funcionam dessa forma, rapaz, mas posso ver se consigo fazer alguma coisa. Mas mesmo se der certo, a possibilidade de transferirem alguém de outro lugar ainda é maior.

— Eu espero o tempo que for preciso, dinheiro não é um problema — Fortes disse. — Desde que eu possa ficar com o Lucas, faço qualquer coisa. Quero casar com esse garoto, constituir uma família ao lado dele.

— Ei, vai com calma — pediu o delegado. — Ele nem se formou no ensino médio ainda, é meio cedo para pensar em abandonar esta casa.

— Pai, não estou te abandonando e concordo que é cedo para esse tipo de plano — disse Lucas, olhando para Mateus. — Só estamos pedindo uma oportunidade de ficarmos juntos. O futuro vai dizer o resto.

— E eu conseguiria impedir vocês? — perguntou o homem. — Não sei o tamanho e a intensidade do que sentem, mas, no fim, vão sempre ser arrastados um para o outro. Não tenho escolha a não ser permitir essa loucura. É melhor fazerem isso de um jeito que eu possa ficar de olho nos dois, para que não façam nenhuma besteira. Mas essa coisa de casamento vai ter que esperar uns bons anos e, por favor, esperem até a formatura para mudar os status nas redes sociais.

— Obrigado, pai, eu te amo — Lucas disse, abraçando o homem.

— Não vou te decepcionar, delegado — disse Fortes.

— Por favor, rapaz, me chame de Hernandes.

— Tudo bem, Hernandes, meu sogro — Mateus disse sorrindo.

— Menos, ainda vai ter que conquistar esse nível de intimidade — o delegado respondeu. — E por falar em intimidade, nada de sexo nesta casa.

— Pai! — disse Lucas, envergonhado.

— Agora saiam da minha frente e vão logo para o quarto se beijar, eu sei que querem fazer isso desde que se viram. Mas só beijar, por enquanto, nada de porta fechada.

Lucas levou Mateus para o quarto e fechou a porta antes de

jogar o outro na cama e se deitar sobre ele. Começaram um beijo calmo, mas logo já estavam se beijando intensamente, matando a saudade, acabando com o tempo perdido e comemorando um momento de felicidade. Sabiam que aquele era só o começo de sua trajetória juntos, mas agora tinham aliados para lutar suas batalhas com eles. Lucas começou a desabotoar a camisa de Fortes, mas ele segurou sua mão.

— Seu pai disse que não — ele falou sem fôlego.

— Eu estou pronto — disse Lucas. — Sei que quero fazer isso com você. Mas estamos na minha casa e você não vai querer desagradar o sogrão, né?

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Você enfrentou o mundo por mim, enfrentou meu pai, que é bem assustador, até foi armado em uma missão de resgate. Então sim, eu tenho certeza de que quero fazer isso e muito mais coisas com você.

— Tudo bem — disse Mateus. — Eu deveria tentar resistir, mas essa história é antiga e a gente sabe muito bem que eu não resisto a você. Seu pai disse que as portas do seu quarto devem ficar abertas, mas não falou nada sobre as portas da minha casa ou do quarto na *Sociedade*, que é mais perto. Ainda está cedo, trago você de volta depois.

— Vou falar com ele.

Os dois saíram da casa com a promessa de que não demorariam a voltar, mas a única coisa que havia em suas mentes era o que estava por vir. Aquela era uma cena que se repetiria por muitas e muitas vezes.



CAPÍTULO 43



Quando estacionaram perto da sede da *Sociedade*, Fortes trancou o carro e guiou Lucas até o local. A vizinhança estava completamente deserta, porque não havia nenhuma atividade naquele dia e o lugar era cercado por empresas que não funcionavam à noite. Assim que fecharam a porta atrás de si, o professor começou a beijar Lucas com vontade. Fazia muito tempo que desejava aquilo e vinha se controlando. Agora que tinha a oportunidade de tomá-lo em seus braços, sem precisar se preocupar com o que o delegado Hernandez iria pensar, não ignoraria seus instintos.

O beijo continuava enquanto Fortes tirava a camisa de Lucas e depois a própria. Há muito tempo, queria arrancar as roupas daquele garoto atrevido e o momento finalmente tinha chegado. Sabia que o ato teria consequências e que deveria assumir responsabilidades pelo que estava fazendo, mas, no momento, não se importava, tudo o que queria era amar Lucas de maneira intensa.

Fortes separou seus lábios dos do garoto e começou a passar a língua pelo seu pescoço, até chegar a um mamilo. Começou a chupar aquela parte macia e sem pelos do garoto, que ainda estava de olhos fechados. Tudo o que ele queria era ficar assim para sempre, com Lucas em seus braços. Queria que aquele moleque nunca mais fosse embora de sua vida.

Fortes parou o que estava fazendo por um momento e foi caminhando na frente.

— Aonde vai, Mateus? — Lucas quis saber.

— Me chama de professor, posso mudar de profissão em breve.

— Tudo bem, mas o que está fazendo?

— Só quero ter certeza de que está preparado para o que estamos prestes a fazer e que não vai se arrepender depois — Mateus explicou.

— Passei muito tempo pensando nisso, tenho certeza, sim.

— Lucas, isso não é uma brincadeira.

— Eu sei, juro que estou preparado — falou o garoto.

— Vamos para o quarto, então.

O professor trancou a porta da *Sociedade* e guiou Lucas até o quarto, no andar de cima. Entrou e fechou a porta atrás deles. Lucas não sabia bem o que fazer, então ficou parado em pé, esperando.

— Tira a calça — disse Fortes, em tom quase manhoso.

Lucas rapidamente tirou os sapatos, as meias e a calça jeans que vestia, deixando tudo em um canto do quarto. Quando se virou, o professor também se encontrava só de cueca, desta vez vermelha. Viu que ele estava excitado, por causa da grande protuberância por baixo do tecido, e não conseguiu conter a ereção diante da cena que via. Fortes foi se aproximando e, novamente, começou a beijar Lucas. Os beijos agora continham uma fúria indomada e as mãos do professor apertavam fortemente a bunda de seu pupilo.

Os dois foram para a cama, onde continuaram com os toques. Lucas timidamente começou a passar as mãos pelo corpo de Mateus, sentindo cada pedacinho firme de seus músculos. Cada pequena parte do corpo de Fortes era rígida, como se ele passasse horas de seu dia malhando. Entregando-se ao calor do momento, o garoto colocou a mão sobre a cueca do professor e sentiu seu membro pulsante. Era uma sensação diferente, mas não sentia mais vergonha por gostar de outro homem. Fortes soltou um gemido de prazer e abaixou a cueca, para que Lucas pudesse fazer melhor o que queria.

No início, ele ficou apenas segurando aquele membro quente e grande em sua mão, mas logo começou a fazer movimentos subindo e descendo. Enquanto isso, Fortes abaixou sua cueca, e começou a fazer o mesmo com seu pau. Lucas estava entregue ao prazer e acelerou os movimentos que fazia com a mão.

— Desse jeito, não vou aguentar muito tempo — disse Fortes.

Lucas parou de masturbar Mateus e voltaram a se beijar intensamente. O professor então foi subindo suas pernas, de maneira que eles ficassem encaixados. Os pênis dos dois se encostavam enquanto se beijavam e se apertavam daquela forma. Os olhos de Lucas mostravam medo e excitação enquanto Fortes o conduzia, mas ele não hesitou em nenhum momento, nem pensou em desistir.

Quando pararam de se beijar, Fortes levantou ainda mais as pernas de Lucas, deixando seus corpos em posição. Olhou para baixo e viu aquela bunda branca, com poucos pelos ruivos, esperando para ser tomada. O buraco rosado de Lucas parecia piscar, aguardando ansiosamente a entrada do membro de Fortes. O professor apertou a bunda do aluno com as mãos fortes e começou a se esfregar sobre o

garoto.

Depois de um tempo naquela posição, esticou o braço até o criado mudo, abrindo uma gaveta, tirando lá de dentro um pacote de camisinha e um pote com lubrificante. Deslizou rapidamente o preservativo em seu membro e passou quantidades generosas do líquido. Também passou bastante lubrificante nos dedos e começou a passar a mão sobre o buraco de Lucas. O gel frio e pegajoso facilitou um pouco a entrada, mas ele podia ver que o garoto estava apreensivo. Passou mais um pouco de lubrificante e ficou enfiando e tirando o dedo, para que Lucas se acostumassem.

— Como está se sentindo? — o homem perguntou.

— Pronto para você — respondeu o mais novo. — Quero te sentir de verdade, quero isso há muito tempo.

— Podemos inverter as posições, se quiser.

— Não, eu preciso ter você em mim.

Fortes enfiou outro dedo dentro de Lucas e começou a massagear. Pressionou um músculo que ele sabia que daria prazer ao aluno e logo ouviu um gemido de excitação. Lucas estava gemendo e suspirando com a massagem que recebia de Mateus, então ele percebeu que já estava na hora. Tirou os dedos de dentro do garoto e posicionou a cabeça do pênis naquela entrada que fez parte de todos os seus sonhos nos últimos meses.

— Por favor, vai com calma — pediu Lucas.

Firme e lentamente, Fortes começou a colocar, sentindo a resistência, mas forçando os músculos do garoto a se renderem a ele. A cabeça de seu pênis entrou com alguma dificuldade, rompendo as defesas do aluno. Lucas segurava as pernas, abrindo-se ao máximo para receber o membro tão desejado. Fortes parou por alguns instantes, para que o outro se acostumassem; sentia o corpo do garoto se apertar ao seu redor. Quando viu que Lucas já estava relaxado, começou a pressionar de novo.

Lucas era muito apertado e Fortes estava encontrando resistência para entrar. Fez outra parada e começou a beijar o garoto, para que relaxasse mais uma vez. Quando Lucas pareceu estar novamente calmo, ele começou a deslizar o seu membro. Desta vez, não eram permitidas pausas e ele continuou empurrando até que tudo estivesse dentro e suas bolas estivessem batendo contra aquela pele branca. Lucas arregalou um pouco os olhos, que estavam voltados para Fortes, em total devoção. Agora ele estava entregue ao homem.

— Está doendo? — Mateus perguntou.

— Não muito, isso é perfeito.

— Você que é perfeito, moleque abusado. Não percebeu isso ainda?

O pênis de Fortes estava completamente enterrado no corpo de Lucas, que continuava parado, sem reação. Mateus parou por um momento e ficou observando o rosto do garoto, que agora estava completamente submisso a ele. Agarrou o pênis de Lucas e começou alguns movimentos leves, para que o prazer dele não fosse consumido pela dor que devia estar sentindo, mesmo que não admitisse. Seu próprio aluno estava sendo empalado por seu membro rígido, mas ele não se sentia arrependido. Beijou Lucas mais uma vez, com paixão, e então tirou um pouco do seu pênis de dentro do garoto, para em seguida enfiar mais uma vez, com força.

Fortes começou a tirar um pouco e enfiar novamente em Lucas. A cada estocada, ele aumentava a intensidade e também ia afastando seus corpos cada vez mais. Suas mãos continuavam sobre Lucas, explorando cada pedacinho daquele garoto maravilhoso que era só dele. Mateus ia aumentando o ritmo e invadindo o buraco de Lucas. O garoto estava respondendo bem e parecia querer cada vez mais do professor.

Os músculos de Lucas iam relaxando mais a cada investida de Fortes, como se quisessem dar espaço para que o membro entrasse. Mateus sentia aquele buraco acolhendo seu pau e não podia deixar de sentir prazer com isso. Ele então aumentou o ritmo dos movimentos, batendo fortemente seu corpo contra o de Lucas, fazendo a cabeceira da cama entrar em atrito com a parede. O corpo do garoto parecia pedir por mais e ele deu o máximo de si, penetrando com força, arrancando gemidos de seu aluno. Fortes começou a morder um mamilo de Lucas no ápice do prazer, enquanto uma de suas mãos masturbava o pênis do garoto. Ele apertava as bolas do menino e enfiava cada vez mais fundo nele, sentindo todo o calor que emanava.

— Você gosta? — perguntou o mais velho.

— Me fode, Mateus, fala que eu sou seu aluno preferido.

— O professor vai ter que te castigar depois da aula, porque esse aluno fingia que era o mais quieto da sala.

— Me castiga agora, mete mais fundo — quase implorou.

Lucas começou a arranhar as costas de Fortes, o que fez ele acelerar o ritmo da masturbação e das estocadas que dava. Sabia que ambos não podiam aguentar por muito mais tempo, porque aquilo estava intenso demais. Lucas deu um grito de prazer e seu corpo todo se contraiu. Mateus sentiu um forte aperto em seu pênis enquanto Lucas gozava, contraindo os músculos da bunda e inundando o peito de ambos com sêmen. Também sentia o pênis do garoto pulsar em sua

mão, enquanto lançava vários jatos daquele líquido.

O professor continuou a afundar seu pau no garoto, cada vez mais rápido, até que sentiu seu próprio gozo se aproximar. Sentiu dormência primeiro na região da virilha e, logo em seguida, seu corpo ficou elétrico, enquanto os jatos de sêmen saíam de seu membro. Segurou com força o corpo de Lucas enquanto seu pau pulsava dentro dele, até que se esvaziou completamente.

Fortes encarou Lucas e encontrou seus olhos ainda mais arregalados. Ficou preocupado por um momento, com medo de ter machucado o garoto, mas percebeu que ele sorria. Tirou o pênis de dentro dele com cuidado e arrancou a camisinha cheia, amarrando a ponta e jogando ao lado da cama.

— Isso foi incrível — disse finalmente.

— Acho que fui bem para a minha primeira vez — falou Lucas.

— Você foi perfeito. O que achou da experiência?

— Não tenho nem palavras para descrever.

— Só tenho uma coisa a dizer — disse Mateus, esfregando seu nariz no pescoço de Lucas.

— Então fala.

— Quando te vi pela primeira vez, uma coisa acendeu dentro de mim. Sei que posso ter sido um monstro no início, mas estava com medo dos meus sentimentos por você. Só que valeu a pena te esperar.

— Isso ainda é meio confuso para mim e não acredito no que a gente acabou de fazer — Lucas admitiu. — Mas não posso mais imaginar minha vida sem o que nós temos.

Fortes puxou o garoto para perto de si e começou um beijo cheio de carinho, mais calmo que os anteriores. Lucas era tudo o que sempre quis e não podia deixá-lo agora. Sabia que era loucura, mas estava de fato amando aquele garoto.

— O que faremos? — Lucas perguntou.

— Não tenho certeza, mas sei que agora você é meu e não tem mais jeito de te perder.

Lucas deitou a cabeça no ombro de Fortes e ficou ali, como se aquele fosse seu pedacinho de paraíso. Sabia que o futuro era incerto e que haveria dificuldades, mas, naquele momento, só queria aproveitar um pouco da imensa felicidade que sentia.



CAPÍTULO 44



Passou algum tempo e as coisas pareciam finalmente estar voltando ao normal. Igor já tinha voltado para a escola e andava orgulhosamente de mãos dadas com Fernando na hora do intervalo. No início, as coisas foram um pouco difíceis, principalmente por parte da família de Fernando, mas agora conseguiam sentir liberdade para agir como queriam.

As investigações haviam sido concluídas e todos os suspeitos estavam presos, esperando o julgamento, que poderia demorar anos, mas pelo menos estavam longe das ruas. Mesmo sendo menor de idade, Gabriel estava detido em um centro para menores e seria transferido quando fizesse dezoito anos. Isso fazia com que todos sentissem que a justiça estava sendo feita, que havia luz no fim do túnel e que aquelas pessoas pagariam pelos crimes que cometeram. O mundo podia ser cruel, isso talvez nunca fosse mudar, mas, desde que estivessem juntos, lutando por uma sociedade melhor, as coisas iriam começar a dar certo.

Fortes e Lucas se encontravam sempre que podiam, o que era quase todos os dias depois da aula, porque Lucas havia começado a trabalhar ativamente na *Sociedade do Urso Negro*. Vários garotos e garotas da escola conversaram com ele depois do ocorrido, falando que também estavam descobrindo sua sexualidade, então eles logo foram recrutados para participar das reuniões. Até Bruno, um dos antigos amigos de Gabriel, virou um membro assíduo, escondido de sua família.

O delegado Hernandes chegou a ir ao local das reuniões para conhecer e ofereceu apoio à ideia de que jovens precisavam de um guia para passar por momentos de dificuldade. Ele e a mãe de Igor estavam começando a sair, alegando que não tinham feito isso antes por pensar que os filhos namoravam e que isso seria estranho. Agora, os dois garotos tinham que aguentar o romance meloso em que os pais se envolviam.

O ano não estava muito longe de acabar e Diego, amigo de Fortes na *Sociedade*, ia embora da cidade, indo finalmente para a casa

dos pais. O garoto era o braço direito de Mateus, então Lucas teria que trabalhar bastante para conseguirem manter o local funcionando. Igor e Fernando também ajudavam o máximo que podiam, e Daniel também havia começado a frequentar as reuniões com Bernardo.

Lucas e Fortes tiveram a ideia de fazer uma festa de despedida para Diego e estavam todos esperando que o garoto chegasse, para fazer a surpresa.

— Você é mesmo o pior gay de todos os tempos — disse Lucas para Daniel, enquanto esperavam.

— Por que diz isso?

— Primeiro, você tentou me beijar e levou um fora.

— Mas acertei que você era gay, ponto para mim — Daniel riu.

— Depois, você achou que nosso professor era um psicopata, quando ele, além de ser gay, era fundador de um grupo que ajuda as pessoas que estão se descobrindo.

— Justo, e o que mais?

— Seu ex melhor amigo resolveu sequestrar e matar homossexuais na cidade e nem pensou em você, sendo que já tentou conquistar ele também.

— Essa foi a pior, mas fico grato por ele não ter feito nada comigo — disse Daniel. — A mãe do Gabriel me ligou um dia desses e disse que ele se afastou de mim para me proteger do pai dele. Acho que tinha um pouco de consideração à nossa antiga amizade, afinal.

— Sente falta dele? — Lucas quis saber.

— Sinto pena, na verdade. Tenho vocês que são meus amigos agora e gostam de mim do jeito que sou, então não vou sentir falta de alguém que me julgava. Na verdade, acredito um pouco na teoria de que quem é preconceituoso demais tem medo de si mesmo.

— Acho que também acredito nisso, porque demorei a me aceitar, mesmo no fundo sabendo quem eu era. Acho que meu subconsciente bloqueava isso de alguma forma, porque na verdade eu não queria ver. Não acredito que o Gabriel seja gay, mas ele tinha medo de se impor e enfrentar o pai.

— Isso acontece com milhares de pessoas, acho que é normal — Daniel disse de modo prático. — Tem gente que bloqueia a própria sexualidade por tanto tempo, que chega a casar, ter filhos e construir uma vida, só para depois descobrir o que já estava bem debaixo do nariz.

— Ainda bem que isso não aconteceu comigo. De certa forma, você me ajudou a abrir os olhos.

— De nada — Daniel respondeu, batendo com o ombro no de

Lucas.

— Quando começamos a falar sobre coisas sérias assim? Pensei que o ensino médio seria mais aquela coisa de problemas bobos de adolescentes.

— Pessoas como nós precisam amadurecer rápido demais e quase não têm tempo para bobeira de adolescente. A vida é tão dura com a gente... Queria que não fosse assim, queria que minha única preocupação fosse saber que garoto vou levar ao baile da escola, como naqueles filmes de clichê adolescente.

— Baile? — Lucas perguntou, rindo. — Acho que você anda vendo muitos filmes mesmo, no Brasil não tem baile.

— E por que não? Podíamos fazer um baile aqui quando a gente formar. Transformar isso numa tradição, afinal, os gays merecem sonhar também.

— A *Sociedade* oferecendo baile para garotos que estão formando? — Lucas ponderou. — Até que pode ser divertido, sabia?

— Fala com o Fortes, garanto que ele vai gostar.

— Pode chamá-lo de Mateus se quiser, já tem intimidade para isso.

— Não, Fortes é bem mais sexy, pensar que você me esnobou por alguém chamado Mateus seria muito comum — o garoto disse, rindo.

— Você e o Bernardo estão bem?

— Estamos ótimos, parece que vamos ficar para sempre naquela fase romântica, como se fosse uma eterna lua de mel.

— Espera um pouco, isso significa que meu amigo está apaixonado? — Lucas perguntou, fazendo uma expressão exagerada de espanto.

— Talvez — ele confessou. — Se contar isso para alguém, corto sua cabeça.

Os dois estavam rindo, quando Diego entrou pela porta e todos começaram a gritar para anunciar a surpresa. O garoto levou um susto, deu alguns passos para trás e depois caiu na gargalhada. Bernardo se juntou a Daniel e Lucas no sofá e os três ficaram conversando, enquanto Fortes fazia o papel de anfitrião da festa. Igor e Fernando estavam em algum lugar no andar de cima, provavelmente se agarrando, porque os dois não conseguiam ficar um minuto com as mãos longe um do outro.

Depois de um tempo, Diego foi para perto deles e chamou Lucas para conversar.

— Vai ser difícil me despedir de tudo isso aqui — disse.

— O Mateus está arrasado com a sua partida. Ele tenta parecer forte, mas você é o melhor amigo dele.

— Vou sentir muita falta do urso, mas isso vai ser o melhor para mim.

— Queria me falar alguma coisa? — Lucas perguntou, curioso.

— Sim, só quero ter certeza de que não pensa que eu e o Mateus tivemos alguma coisa, porque sempre fomos apenas amigos. Não quero ir embora deixando um clima estranho.

— Nunca pensei nada assim, pode ficar tranquilo.

— Ele falou que a festa foi ideia sua, obrigado — disse Diego.

— Não foi nada.

— Desde o momento em que te vi pela primeira vez, entrando por aquela porta, tive certeza de que você era o motivo do Mateus estar tão feliz ultimamente. Eu nunca tinha visto ele daquele jeito, pelo contrário, parecia sempre de mau humor.

— Lembro bem de como ele era — Lucas disse.

— Você é a pessoa certa para ele, Lucas, é uma pena que eu tenha te conhecido tão pouco, porque sei que seríamos bons amigos.

— Nós já somos amigos e as portas sempre estarão abertas quando quiser nos visitar. Você morando em São Paulo ou em qualquer lugar, estamos torcendo por você. Eu estou torcendo por você.

— Obrigado e cuida bem do grandão — Diego disse, olhando para Fortes, que conversava com algumas pessoas perto dali. — Quando vocês ficaram afastados, pensei que ele fosse morrer, ainda bem que se acertaram antes de eu ir embora, porque enquanto estão juntos, sei que ele vai ficar bem. Considero o Mateus como irmão, então cuida bem dele, cunhado.

— Pode deixar, não vou permitir que nada ruim aconteça com ele novamente, mesmo que, para isso, eu precise enfrentar os pais dele pessoalmente — Lucas garantiu.

— Boa sorte com isso, você vai precisar.

Os dois conversaram por mais um tempo, mas Diego não demorou muito a ir embora, porque viajaria cedo no dia seguinte. Lucas sabia que Fortes ficaria triste por algum tempo, mas sabia a fórmula perfeita para deixá-lo animado. Os dois ficaram limpando a bagunça no local e os outros acabaram indo embora. Quando finalmente estavam sozinhos, Lucas deu um abraço em Mateus.

— Você está bem? — perguntou o garoto.

— Sim, porque tenho você para me fazer companhia.

— Que bom que disse isso, porque estava pensando em uma coisa.

— O quê? — Mateus perguntou, olhando em seus olhos.

— Eu, você, o quartinho no andar de cima...

— Está tentando me provocar?

— Estava, mas já que você não quer, acho melhor ir para casa então — o garoto disse e começou a caminhar na direção da porta.

— Vou trancar tudo aqui e te encontro lá em cima em dois minutos — Mateus garantiu.

Lucas saiu correndo e já não usava mais nenhuma peça de roupa quando alcançou o topo da escada.



CAPÍTULO 45



Ao entrar no pequeno quarto localizado no segundo andar da sede da *Sociedade*, Fortes encontrou Lucas sobre a cama, totalmente nu. O garoto não tinha mais vergonha de mostrar o próprio corpo e se mostrava completamente para o outro. Aquela era uma cena que Mateus poderia ver todos os dias de sua vida, sem nunca se cansar.

O homem fechou a porta do quarto e foi até um aparelho de som que estava a um canto, ligando em uma sintonia romântica. Depois disso, ele se posicionou na frente da cama, de onde o garoto observava atentamente cada movimento. Então começou um strip-tease sensual, tirando primeiro a gravata que vestia, deixando que o tecido esfregasse em seu pescoço. Em seguida, desabotoou o primeiro botão da camisa social, deixando ver alguns pelos de seu peitoral, para então começar a tirar os sapatos. Depois de tirar as meias e jogar a um canto, Fortes acabou de desabotoar a camisa, virando-se de costas ao terminar.

O homem arrancou o cinto com um único puxão, então começou a abaixar a calça lentamente. Lucas via o formato da bunda de Mateus através do tecido branco da cueca boxer. O homem acabou de tirar a calça e ficou só de cueca e com a camisa aberta. Quando ele virou para a cama, o garoto já estava praticamente voando em sua direção, então ele deu um sorriso.

— Espera, a melhor parte está por vir — disse.

Então ele voltou a ficar de costas e retirou a camisa. A cueca subia e descia com os movimentos de suas mãos ao lado do corpo. Depois de um tempo fazendo aquilo, ele finalmente disse:

— Estou tendo alguns problemas com essa parte, acho que vou precisar de ajuda.

Lucas saltou da cama ao ouvir aquilo e, em uma fração de segundo, o garoto já estava com a mão no tecido que o separava do que tanto queria. Abaixou a cueca com as mãos firmes e foi girando o corpo de Fortes, colando seus lábios. O garoto olhou para baixo e se admirou mais uma vez com o que via. Tudo aquilo, aquele símbolo de

potência e de poder, era só para ele se deleitar.

Lucas sentou na beira da cama e segurou com firmeza aquilo que lhe dava tanto prazer. Abriu a boca e começou a massagear cada centímetro com a língua. Ainda tinha dificuldade, por causa do tamanho, mas talvez nunca se acostumassem. Ia enfiando cada pedaço dentro da boca, chegando a engasgar, mas não podia parar, aquilo era bom demais.

O garoto lambia cada centímetro, passando a língua da cabeça até a base. Também dedicava um tempo ao saco, sentindo os pelos ásperos roçando em seus lábios. Fortes segurou sua cabeça em certo momento e começou a fazer movimentos rápidos, indo até o fundo de sua garganta e voltando.

Quando parou, o garoto ficou olhando para cima, como se quisesse mais, mas sabia que o que vinha depois era muito melhor. Lucas subiu na cama e se posicionou, segurando as pernas no alto. Sentiu a língua do outro em seu ânus antes que pudesse dizer qualquer coisa. Gemia descontroladamente ao sentir o prazer que lhe era proporcionado.

O garoto já estava bastante lubrificado, então Mateus saiu de cima dele, levantando da cama.

— Aonde vai? — perguntou Lucas.

— Pegar uma camisinha no bolso da calça.

— Não, eu quero sentir você. Já fizemos isso antes e acredito que, de agora para frente, a gente não vai precisar mais de preservativo.

— Tem certeza disso? — Mateus quis garantir.

— Absoluta.

Mateus Fortes voltou para a cama e se posicionou na frente do garoto. Beijou sua boca e então começou a guiar seu pênis para dentro do garoto que tanto amava. Além do prazer que sentir aquilo proporcionava, também havia o prazer de saber que não fazia sexo, fazia amor com a pessoa com a qual queria viver para sempre.

Com movimentos inicialmente lentos, o homem mais velho tomava posse daquele pedaço que seria eternamente seu. Era impossível para ele visualizar Lucas com qualquer outra pessoa e sentia que sua semente marcaria o garoto como seu, como se aquilo fosse a maior prova de amor que pudesse dar. Nunca pensou em fazer sexo sem camisinha com nenhum cara, porque sempre teve medo das consequências desse ato, mas agora que consumia seu sentimento, sabia que aquilo era a coisa certa e que podia confiar toda a sua vida a Lucas, porque ele nunca trairia sua confiança.

Quando gozou, Fortes sentiu literalmente que estava para sempre conectado ao rapaz. Mais do que antes, suas almas estavam marcadas de uma forma que não compreendiam, mas sentiam no fundo de si.

Depois de fazer Lucas gozar em sua boca, os dois estavam deitados na cama daquele quartinho no segundo andar da sede da *Sociedade*. O homem nunca tinha usado aquele local para transar com ninguém antes de Lucas, mas agora que tinham criado esse hábito, sabia que a cena ia se repetir inúmeras vezes.

Tudo tinha sido sublime. Cada toque, cada movimento, tudo havia sido perfeito. Porque eles não tinham apenas feito sexo, tinham feito amor. Ele já sabia que amava Lucas há algum tempo, mas não tinha certeza de que era recíproco. Quer dizer, ele suspeitava de que o garoto se sentia da mesma forma, mas ainda não tinham conversado profundamente sobre isso.

Bastante tempo tinha passado desde o sequestro e eles estavam cada vez mais próximos. Com a aprovação do delegado, os dois tinham tempo para ficar juntos e se conhecer melhor. E Mateus estava se apaixonando por cada coisa nova que descobria sobre Lucas. E agora que tinham feito amor, estava tudo completo em sua mente.

— Como isso foi acontecer? — perguntou.

— O quê? — Lucas disse, ainda um pouco entorpecido por conta do que tinham acabado de fazer.

— Nós dois, juntos...

— Não sei, mas estou feliz por ter acontecido.

— Eu também — Mateus falou. — Nunca imaginei que pudesse me apaixonar por um aluno. Acho que isso sempre vai ser a coisa mais louca que já fiz na vida.

— Não serei mais seu aluno em pouco tempo — Lucas lembrou.

— Eu sei, e vou sentir a dor de não ver sua carinha de medo todos os dias pela manhã.

— Você sentia prazer em me torturar?

— Tesão, na realidade — ele confessou.

— Cretino, eu ficava assustado de verdade — Lucas disse, dando uma cotovelada nele.

— Eu sei, desculpa.

— Tudo bem, pelo menos ficava excitado. Sabe, podemos brincar de aluno e professor sempre que quiser, não precisa ficar triste. Eu te levo até uma maçã de presente.

— Não pode estar falando sério, você era uma pessoa quieta e tímida quando te conheci — Mateus disse, rindo. — E eu prefiro maçã

verde.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida, professor Fortes — o garoto falou, fazendo uma voz sensual.

— Vou me lembrar disso, porque você tem sido um aluno muito mau — Mateus respondeu, entrando na brincadeira.

— Credo, que tipo de pornô de quinta você assiste? — riu Lucas.

— O mesmo tipo que você, já que reconheceu.

— Não assisto a esse tipo de coisa.

— Desde que apareceu na minha vida, não assisti mais nada também — Fortes admitiu. — Bastava pensar em você, mas agora tenho você todinho para mim, não preciso ficar apenas com a minha imaginação.

— Seu pervertido. Será que todos os dias vão ser assim agora?

— Bem que eu queria, mas a vida continua, Lucas. Você vai ter provas no colégio, precisa estudar para o vestibular, vai arrumar um emprego. Não quero que sua vida pare por minha causa.

— Como vai ser quando eu for para a faculdade? — Lucas perguntou. — Não tem o curso que eu quero aqui.

— Vou te seguir até o fim do mundo, se for preciso.

— Isso não parece muito lucrativo.

— Já consegui meu maior tesouro, não preciso de mais nada — Mateus disse, beijando o pescoço de Lucas.

— O que quer dizer com isso?

— Não sei se ainda não percebeu isso, mas teria que ser burro para não enxergar que eu te amo, Lucas. Não precisa responder nada agora e nem estou dizendo isso porque fizemos amor. Tive certeza do que sentia quando você desapareceu e parecia que meu mundo estava desmoronando. Se os acontecimentos daquele dia tivessem sido diferentes, não sei o que seria de mim.

— Eu estou aqui — Lucas respondeu. — E não pretendo ir para longe de você por um bom tempo. Você me fez descobrir coisas sobre mim que eu nunca senti antes. E eu também não poderia deixar de amar uma pessoa que se dedica a mim como você. A cada dia que passa, percebo que fiz a coisa certa ao te dar uma chance. Nós somos diferentes, viemos de mundos completamente distintos, mas sinto que as coisas se encaixam entre nós. Porque eu também te amo. Muito.

— Você sabe o que isso significa, não é? — Mateus perguntou.

— O quê?

— Você vai ter que conhecer meus pais.

— Ah, pensei que você queria o segundo round — Lucas respondeu, decepcionado.

Fortes começou a rir e se deitou por cima do garoto, olhando bem no fundo de seus olhos. Não demorou muito para que a paixão despertasse com aquele olhar. Ele nunca seria capaz de resistir a tudo o que Lucas significava para ele. E agora que tinha certeza de que ele também o amava, uma sensação imensa de alívio invadia seu peito. Queria poder trancar aquele quarto e ficar ali para sempre, isolado de todo o mundo lá fora. Tudo o que queria estava ali, junto com ele.

Infelizmente o tempo parecia passar rápido demais e o delegado começaria a suspeitar se demorassem muito. Foi difícil largar Lucas, mas quando conseguiu, disse o que estava na ponta de sua língua:

— Acho que essa foi a melhor noite da minha vida, seria perfeita se a gente ficasse agarradinho até amanhã de manhã.

— Isso foi lindo, mas preciso mesmo voltar para casa — Lucas respondeu.

— Vou te levar de volta para o seu pai por enquanto. Em breve, teremos nossa própria casa e o único lugar para o qual vai ter que voltar vai ser os meus braços.

— Está romântico hoje.

— Estou apaixonado, devia experimentar de vez em quando — Mateus disse, cutucando as costelas de Lucas.

— Desculpa, não sou bom com essas coisas, nunca tinha me apaixonado por alguém antes — disse Lucas. — Mas garanto que sinto o dobro do que está sentindo.

— Duvido.

— Quer apostar? Sei que consigo ganhar.

— Seu pai está esperando — Mateus lembrou.

— É por uma boa causa, ele vai entender.

Lucas e Fortes ficaram na cama por mais alguns minutos, namorando e trocando carícias. Não precisavam apenas de sexo para mostrar que se amavam, aqueles momentos pequenos de ternura eram os mais importantes.

Depois de se vestirem, entraram outra vez na caminhonete de Mateus e ele dirigiu tranquilamente até a casa de Lucas. Ficou parado na porta, esperando até que entrasse em casa e trancasse tudo, para só então dar a partida no carro e ir embora.

Lucas deixou as chaves no aparador, perto da porta, e começou a andar lentamente até a cozinha. Toda aquela ação tinha lhe dado fome, mas ele não queria fazer muito barulho, para não chamar a

atenção do pai. Seu plano foi por água abaixo quando bateu o joelho em uma cadeira que estava fora do lugar, o que causou um alvoroço imenso. O pai tinha mania de tirar as cadeiras da mesa e não colocar de volta.

— Filho, é você? — perguntou Hernandes.

— Sou eu, pai, estou na cozinha.

Não demorou muito para que o homem aparecesse na porta. Lucas estava fazendo um sanduíche com tudo o que encontrava na geladeira.

— Chegou tarde em casa — disse o delegado.

— É, todo mundo gosta muito do Diego, então a despedida se estendeu mais do que a gente tinha planejado.

— Não tinha comida nessa festa? Por que precisa de um sanduíche tão grande? Você só come assim quando chega do treino de handebol.

— Não tive muito tempo para comer, porque estava organizando as coisas — mentiu Lucas novamente.

— E seu cabelo está completamente bagunçado — o homem continuou. — Parece que você estava fazendo outra coisa. Mas eu vou sair daqui, tem coisas que um pai não precisa saber. Toma banho antes de deitar na cama, você está suado e eu troquei os lençóis hoje de manhã.

— Tá bom, pai.

— E eu espero que vocês estejam usando proteção — disse o homem, saindo do cômodo.

Lucas engasgou com o sanduíche e começou a tossir. Nunca tinha conseguido mentir para o pai, mas não imaginava que ele ia perceber tão fácil que ele e Mateus tinham transado. E o que descobriu é que, apesar de estar com vergonha, não sentia mais medo de seus sentimentos. Sabia quem era e quem amava, então nada mais deveria importar.



CAPÍTULO 46



Com o fim do ano se aproximando, Lucas estava no quarto de Fortes, enquanto ele trocava de roupa em outra parte da casa. Não entendeu muito bem o motivo de ter que colocar aquela fantasia específica, mas preferiu não contestar. Fazia bastante tempo que o outro tinha saído e já estava começando a ficar preocupado. Não teve nenhuma dificuldade em vestir aquilo e não podia imaginar a razão de tanta demora.

A roupa que usava era um pouco engraçada, mas não podia deixar de se sentir sexy. Portava uma calça de estilo medieval, daquelas que fazem um balão na coxa. Sobre ela vinha uma bota de cano longo, que ia até o joelho. Usava uma camisa branca, simples, com um suspensório preto. Mas o mais incrível era a capa de veludo vermelho que cobria toda a região das costas e arrastava no chão. Também tinha um capuz, que saía da capa e ficava grande em sua cabeça, mas que devia vestir, segundo o bilhete que Fortes tinha deixado.

Parecia uma espécie de mago, ou cavaleiro antigo, e imaginava que Mateus vestiria alguma roupa do mesmo estilo, para que combinassem. A festa de dia das bruxas de Igor seria bem legal, mas tinha certeza de que ninguém entenderia sua fantasia, já que nem ele entendia. Ficou em pé no quarto, para que a capa não amassasse, até que finalmente ouviu um barulho na porta.

O garoto não acreditou no que via na sua frente quando Mateus Fortes apareceu do outro lado. Ele estava com os cabelos arrepiados e sobre eles havia grandes orelhas, que deviam estar presas em algum arco escondido. Os dentes caninos tinham sido transformados em presas e todo o rosto era coberto de maquiagem que fazia sua feição parecer feroz. O peitoral era um pouco visível, porque a camisa que ele usava estava bastante rasgada. A calça também tinha muitos rasgos e uma cauda saía da parte traseira. Os sapatos tinham sido substituídos por algo que parecia um pé de cachorro, com imensas garras.

— O que significa isso? — perguntou Lucas.

— Eu sou um lobo — Mateus respondeu.

— Isso eu percebi, mas não entendi o que isso faz de nós dois.

— Não é óbvio? Eu sou o Lobo Mau e você é a Chapeuzinho Vermelho.

— Isso é ridículo, eu sou homem — o garoto protestou.

— Na verdade, você ainda é um garoto, o meu garoto, e está bem irresistível com essa roupa. Estou com vontade de tirar você de dentro dela e fazer o lobo comer a Chapeuzinho.

— Sabe que a história não termina assim, né?

— Podemos reescrever as histórias o tempo todo — argumentou Fortes.

— Essa fantasia é idiota.

— Não, você está ótimo, acredite. Vamos logo, ou chegaremos atrasados.

— Tem certeza de que quer mesmo ir? — quis saber Lucas. — É uma festa boba de garotos do ensino médio, nem vai ninguém além da gente.

— Se não vai ninguém, o que poderia dar errado?

— Tem razão. Então vamos.

Os dois foram para o lado de fora da casa de Fortes e entraram na caminhonete preta que já estava pronta para sair. Mateus arrancou com o carro e os dois partiram na direção da casa de Igor. A mãe do amigo estaria no hospital, de plantão, então teriam uma festa só para eles, com a casa liberada. Não seria uma festa de verdade, porque não tinham chamado muitas pessoas; era mais uma reunião de amigos mais íntimos.

Quando chegaram, Fortes estacionou o carro e eles desceram. Lucas ficou com um pouco de vergonha, por causa das fantasias, mas sabia que os amigos não iam julgá-lo. O problema era que a roupa era um pouco apertada e sentia que sua bunda estava sendo marcada. É claro que Fortes devia gostar bastante daquilo, já que não tirava os olhos daquela região por um segundo sequer, mas ele podia olhar o quanto quisesse; não era a mesma coisa com os amigos. Apertaram a campainha e logo Igor abriu a porta.

— Gostosuras ou travessuras? — perguntou Lucas.

— Uau, vocês estão selvagens! — disse o amigo. — Entrem.

Igor vestia uma roupa clássica de vampiro, com as presas cheias de sangue. Também estava com uma camisa branca, igual a Lucas, mas por cima havia um colete vinho, bem ajustado ao corpo, e sobre ele uma imensa capa preta, de cetim. O cabelo estava branco no topete, por causa de algum tipo de talco, e era bem legal.

Fernando apareceu logo em seguida, trazendo algumas coisas da cozinha. Estava com as roupas um pouco rasgadas, os pés descalços e toda sua pele estava meio verde. Do pescoço saíam dois parafusos e o rosto tinha algumas marcas de costura, o que fez Lucas logo deduzir que ele era o Monstro do livro Frankenstein. Os dois tinham escolhido fantasias de livros clássicos e estavam muito bem juntos.

— Querem tomar alguma coisa? — perguntou Fernando.

— Um refrigerante seria legal — disse Lucas.

— Temos álcool — argumentou Igor.

— Vocês não têm idade para bebidas alcoólicas — falou Fortes.

— E você não tem idade para transar com um aluno de ensino médio — disse Lucas. — Vou querer a bebida mais forte que tiverem.

Mateus revirou os olhos e viu Lucas virar um copo cheio de ponche com vodca. Nunca tinha visto o garoto beber, mas sabia que aquilo não poderia ter um final muito bom. Ele não quis beber nada, porque além de estar dirigindo, deveria se responsabilizar por Lucas se alguma coisa acontecesse, afinal, era o único adulto presente.

— Vem mais alguém? — perguntou Lucas.

— Chamei o Daniel e o Bernardo, mas eles não disseram se iam aparecer — explicou Igor. — Não quis chamar muita gente, porque queria privacidade para fazer o que eu quero.

— Fez bem — disse Fortes.

— O que todo mundo ia pensar ao descobrir que você faz do seu aluno a garota da relação? — perguntou Fernando.

— Como assim? — questionou Lucas.

— Ele está falando das nossas fantasias — disse Fortes.

Lucas corou por causa daquilo. Ainda se sentia envergonhado por ser o passivo no sexo, mas muita gente já presumia aquilo quando olhava para ele e para Fortes. Eles eram o estereótipo mais clichê que existia. Um magro e pequeno, com um corpo que não apresentava quase nenhum sinal de pelos, enquanto o outro era grande, cheio de músculos e com o peitoral peludo. Sabia que muitas vezes isso não queria dizer nada em uma relação, mas, para eles, o estereótipo era real, o que não deixava Lucas nada confortável.

Depois de alguns copos de bebida, o ambiente ficou bem mais animado. Igor colocou uma música agitada e logo começaram a dançar. Não apareceu mais ninguém e ficaram só os quatro na casa. Fortes estava jogado em uma poltrona da sala, porque não tinha muito pique para toda aquela animação adolescente. E também porque era o único que não tinha bebido nada.

Quando deu meia noite, os três garotos já estavam

completamente bêbados e ele resolveu intervir, escondendo a garrafa de vodca. Igor e Fernando começaram a se beijar em um sofá e Lucas queria fazer o mesmo, mas ele não estava muito confortável para ficar beijando na frente dos outros. E também não sabia se ia conseguir se controlar e ficar apenas nos beijos, porque Lucas estava extremamente sexy naquela roupa.

A casa estava em completo silêncio, então um barulho alto se fez na parte dos fundos, como se alguém estivesse tentando entrar. Igor interrompeu o beijo e olhou assustado para os lados.

— Mãe? — chamou.

Mas não obteve nenhuma resposta. Foram todos para o corredor, para ver se alguma coisa tinha caído, mas também não encontraram nada. A janela de um quarto estava aberta e a cortina balançava com o vento da noite.

— Você não fechou as janelas? — perguntou Fernando.

— Sim, todas elas.

— Tem certeza disso? — perguntou Fortes.

— Absoluta, minha mãe falou que poderia chover hoje, então fiquei com medo de molhar a casa e fechei tudo.

— Igor, isso é muito sério. Tem certeza de que não é uma pegadinha? — disse Mateus, assumindo sua postura de professor.

— É claro que tenho. E além do mais, todos estavam na sala quando o barulho aconteceu, quem poderia ter feito?

Fortes ponderou por alguns instantes, mas sabia que o garoto tinha razão. Nunca acreditou em nada sobrenatural, mas era dia das bruxas e ele tinha certeza de que tinha ouvido o barulho. Ou tinha mais alguém dentro daquela casa, ou algo muito estranho estava acontecendo. Lucas estava escorado em seu corpo, sem dizer nada, e ele se arrependeu de ter deixado o garoto beber. O garoto já tinha sofrido um trauma por causa do sequestro e Mateus não queria que nada fosse gatilho para que ele se lembrasse daquilo. Ainda estavam parados no corredor, quando todas as luzes da casa se apagaram.

— Merda, quem fez isso? — perguntou Lucas, que agora começava a ficar alerta.

— Vamos sair de casa — disse Fortes.

— Tudo bem, mas eu tranquei a porta, a chave está na cozinha — falou Igor.

Foram todos correndo, juntos, mas, quando chegaram, não encontraram nada.

— Onde exatamente deixou a chave? — perguntou Fernando.

— Em cima da mesa.

— Não está aqui — ele disse, desesperado.

— Eu vi, deve estar com alguém.

— Quem pegaria essa chave? — Lucas perguntou, com a voz algumas oitavas acima do normal.

Todos se entreolharam, temendo qual seria a resposta para aquela pergunta.

— Vamos sair pela janela — disse Fortes.

— Não adianta, todas as janelas do andar de baixo têm grade — disse Igor.

— Como a gente sai daqui? — o homem quis saber.

— Tem uma chave reserva que fica escondida para quando esqueço a minha, mas é do lado de fora, então não adianta muita coisa. Não dá para pular do andar de cima, a não ser que alguém queira se machucar. Acho que estamos presos.

— Vamos ficar todos juntos — disse Fortes. — Se a gente se separar, podemos ser pegos desprevenidos.

— Pegos por quem? — perguntou Igor.

— Será que algum daqueles caras fugiu da cadeia? — perguntou Lucas, morbidamente.

— Tem alguma lanterna aqui? — Fortes tentou mudar de assunto.

— Acho que tem uma em alguma gaveta por aqui, mas não sei se tem pilhas.

— Vamos olhar.

Começaram a revirar as gavetas da cozinha, procurando, mas estava difícil encontrar algo no escuro. Tentaram usar a luz do celular para ajudar, mas não estava adiantando muito.

— Encontrei uma vela — disse Fernando.

— Vou procurar fósforo então — disse Igor.

— Lucas, por que está tão parado? — perguntou Fortes.

— Gente, acabei de ver alguém passando na frente da porta — disse o garoto, com os olhos arregalados.

— Tem certeza disso? — Mateus perguntou, com um olhar sério.

— Absoluta, não estou tão bêbado mais.

— Eu vou ligar para a polícia — disse Mateus. — Era a primeira coisa que a gente devia ter feito depois de tudo o que aconteceu com vocês.

Ao dizer isso, ouviram novamente um barulho de algo caindo.

Também ouviam passos agora, que ficavam cada vez mais fortes, como se alguém estivesse correndo pela casa e batendo com força no chão de madeira.

Fortes estava com o celular na mão, começando a digitar o número da polícia, quando aquela criatura apareceu na porta. As luzes começaram a acender e apagar em alta velocidade e puderam ver o monstro que parecia uma múmia, com faixas enroladas em todo o corpo. Na mão, havia uma serra elétrica que a criatura começava a ligar, dando um contraste entre seus trapos e o objeto metálico.

Mateus largou o celular na bancada, não daria tempo de fazer aquela ligação, precisava de uma ação mais rápida. Colocou-se na frente dos outros, porque tinha que proteger os alunos, principalmente Lucas. Se conseguisse distrair a criatura por tempo suficiente, poderiam tentar fugir de algum jeito.

O som da serra era ensurdecedor dentro da cozinha e o pânico estava estampado nos olhos de cada um. Fernando e Igor se abraçavam, enquanto Lucas estava apenas encolhido atrás do professor. Fortes tentou falar alguma coisa, mas sua voz foi abafada pelo imenso barulho. Estavam todos parados, quando o som acabou de repente, da mesma maneira que tinha começado.

— Vocês precisavam ver as suas caras — disse a criatura com a serra.

Todos ficaram parados, olhando, enquanto o monstro tirava as ataduras que tampavam seu rosto, dando altas gargalhadas. Demorou um pouco para que conseguisse tirar tudo, mas então viram quem era a pessoa por trás daquilo.

— Daniel? — perguntou Lucas.

— Quem mais poderia ser? Um monstro?

— Mas como? Por quê? E as luzes?

— Oi, gente — disse Bernardo, aparecendo atrás de Daniel.

Ele estava com um uniforme de futebol meio rasgado, e o rosto estava todo pintado, como se fosse um zumbi.

— Acharam que eu estava sozinho? — perguntou Daniel.

— Como entrou na casa? — perguntou Igor.

— Não é muito difícil achar aquela sua chave reserva, que por sinal deveria esconder melhor. Eu não poderia aparecer aqui sem fazer uma brincadeira com vocês.

— Brincadeira? Eu quase me mijeí todo — disse Fernando.

— Onde arrumou essa motosserra? — perguntou Fortes, que estava sério o tempo todo.

— Meu tio costumava cortar lenha para a lareira, então tinha

essa velharia. Mas pode ficar tranquilo, está sem a lâmina, só tem o motor e o suporte.

— Você é um babaca — disse Lucas.

— Não se faz esse tipo de brincadeira com pessoas que foram atacadas por psicopatas — Mateus disse, mal humorado.

— Entrei na casa e estavam todos na sala sem fazer nada, ou se beijando em um canto — Daniel argumentou. — Precisava animar um pouco a festa.

— Depois dessa, vou até beber mais uma dose — disse Igor, indo direto até o local onde Fortes tinha escondido a garrafa.

Voltaram todos para a sala e começaram a beber e conversar. Apesar do susto, aquilo serviu para acordar a todos, o que fez o ambiente ficar mais animado. Até Fortes se misturou melhor depois daquilo, participando de algumas brincadeiras e dançando com Lucas. Eram cerca de duas da manhã, quando sentou novamente na poltrona e Lucas sentou na sua perna.

— Quer ir para a minha casa? — perguntou o homem.

— Falei com o meu pai que dormiria aqui.

— Eu trago você de volta quando amanhecer.

— Tudo bem, vou avisar o Igor — Lucas disse.

Estavam no carro, andando pelas ruas escuras da cidade em completo silêncio e uma chuva fina começava a cair. Lucas, que até então não tinha dito nada, falou uma coisa que já estava querendo falar desde o início da noite.

— Sabe, eu gostei das nossas fantasias.

— Sério? — Fortes perguntou, olhando para ele.

— Sim, de verdade.

— Não, foi uma péssima ideia colocar essas roupas — Mateus discordou.

— Por quê?

— Estou em uma situação meio delicada aqui — disse ele, apontando para o volume que aparecia em sua calça.

— Perverso.

— Você não tem noção de como está gostoso com essa roupa.

— Vou começar a me vestir assim mais vezes — Lucas provocou.

— Não precisa disso para me deixar louco, você sabe. Mas hoje, essa excitação está fora do comum, não estava aguentando mais ficar lá na casa do Igor, queria ter você de qualquer jeito.

— O que quer dizer? — o mais novo perguntou, com os olhos arregalados.

— Está na hora de o Lobo Mau comer a Chapeuzinho Vermelho — o homem explicou.

Mateus estacionou o carro na frente de casa e entraram. Aquela noite do dia das bruxas serviria para ensinar a Lucas como se usa uma varinha mágica e como se esconde o coelho na cartola.



CAPÍTULO 47



O grande dia finalmente havia chegado, Lucas estava se formando no ensino médio, para alegria do pai, dos amigos e de Mateus Fortes. Depois do casamento surpresa de Hernandes e Flora, Lucas havia se mudado para uma casa maior e seu quarto ficava ao lado do quarto de Igor, que além de seu melhor amigo, era agora um verdadeiro irmão. E como bons irmãos, um sempre ajudava o outro a sair escondido para encontrar com o namorado e, quando ocorria a coincidência de os pais trabalharem no mesmo horário, os dois acabavam fazendo alguma coisa em casa.

O grande problema era que Fortes queria mesmo entrar para a polícia e estava passando bastante tempo com o delegado. Lucas estava feliz que os dois tinham se tornado amigos, mas aquilo atrapalhava de vez em quando. Sempre que tinha um tempo disponível, Mateus estava estudando para o concurso. Ultimamente, não aconteciam muitas coisas na cidade, mas sempre tinha a preocupação de que o pai pudesse estar correndo perigo, por causa da profissão. E agora Mateus queria ir pelo mesmo caminho.

O garoto havia decidido fazer o curso de letras, porque queria continuar o legado de Fortes, ajudando meninos e meninas do ensino médio que estavam se descobrindo. Além disso, a literatura sempre foi sua paixão. Ele e Fortes ficavam horas discutindo livros depois de sessões insaciáveis de sexo. Outra vantagem é que podia fazer o curso na cidade vizinha, que ficava a cerca de meia hora de distância, então sempre poderia voltar para casa.

Igor e Fernando iam fazer engenharia, também na cidade vizinha. Os dois sempre gostaram das áreas de exatas e pareciam afobados demais para estudar em salas separadas. Sabiam que o curso era bastante preconceituoso, mas queriam quebrar o estereótipo de que homens gays não fazem cursos assim, ou que não vão para a faculdade. Daniel estava indo para longe, mas Bernardo prontamente iria junto com ele, ficando pela primeira vez longe de seu irmão gêmeo. Aquilo talvez fosse difícil para o garoto, mas aqueles dois estavam cada vez mais apaixonados.

Lucas estava na escola, acabando de vestir a beca. Seus melhores amigos estavam com ele e não podia imaginar um momento mais feliz. Dentro de algum tempo, cada um estaria vivendo sua própria vida, alguns bem longe dali. Apesar de todas as reviravoltas, o ensino médio tinha sido a melhor época da sua vida e sentiria falta de andar por aqueles corredores.

— Preparado? — perguntou Daniel.

— Mais ou menos — respondeu, um pouco inseguro.

— Em poucos minutos, vamos estar livres disso aqui, isso não é excitante?

— Acho que sim.

— Qual é, Lucas, você devia estar feliz — Daniel repreendeu.

— Acho que estou um pouco nervoso, é só isso.

— Depois ainda temos a festa, vai ser o primeiro baile de formatura da *Sociedade* e vai ser épico.

— Pena que não vai ficar muito tempo — disse Lucas. — Afinal, a ideia foi sua.

— Eu sei, mas eu e o Bernardo viajamos amanhã cedo para o Havaí. Vai ser bom para nós dois, uma espécie de lua de mel, já que começaremos a morar juntos quando formos para a faculdade. Em breve, serei um homem casado.

— Logo você, nunca imaginei.

— Eu também não, mas estou extremamente feliz — Daniel disse, com um sorriso bobo no rosto.

— Fico contente por você, amigo.

— O Igor e o Nando ainda estão fazendo muito barulho ao lado do seu quarto?

— A cada dia mais, aqueles dois não param por um minuto, já estou ficando traumatizado — Lucas comentou, colocando as mãos na cabeça.

— Pelo menos eles não precisam mais fazer no vestiário da escola.

— Preferia quando faziam aqui, pelo menos eu não era obrigado a ouvir.

— Acho que vão chamar nossos nomes a qualquer hora, é melhor a gente ir para a fila.

Os dois se encaminharam para a parte em que ficava a fila, que era feita em ordem alfabética. Lucas ficou entre pessoas com quem não tinha tanta afinidade e acabou ficando em silêncio até chamarem seu nome. Quando Daniel entrou, deu uma piscada de olho para ele.

Aquele era o fim do ensino médio, o fim de uma era, e ele nunca ia esquecer de todas as coisas que haviam acontecido, boas e ruins. Naquela fase, havia descoberto coisas sobre si mesmo, descoberto o amor e a esperança. Agora só havia o futuro, pronto para ser desenhado. E ele tinha certeza de que venceria todos os obstáculos, mesmo que fosse difícil. Porque, apesar de o mundo não ser um lugar fácil, ele tinha ganas de viver e de ser feliz. No final, só isso importava.

Ao entrar no palco, não conseguia identificar muitas pessoas na plateia, por causa das luzes e flashes em seu rosto. Ouvia algumas vozes indistintas gritando seu nome, mas sem saber realmente o que estava fazendo. Não pôde conter uma lágrima quando lembrou de tudo o que havia feito, como se a vida passasse na frente dos seus olhos. O garoto sentou no local onde deveria e não viu muita coisa ao decorrer das solenidades. Quando chamaram seu nome, para fazer uma homenagem aos pais, depois que Daniel fez o discurso de orador da turma, foi cambaleando até o palanque.

— Boa noite a todos os presentes — começou a dizer. — É com muito orgulho que estou aqui para falar de pessoas que são tão importantes nas nossas vidas, os nossos pais. Perdi minha mãe quando ainda era pequeno e isso foi um choque imenso em minha vida, algo que nenhuma criança merece passar. Mas sempre tive alguém que estava ali por mim, me ajudando sempre a crescer, vencer obstáculos, sobreviver aos momentos de tristeza. Além de delegado e pai, ele sempre foi um amigo e me apoiou em momentos em que nem eu tinha certeza do que estava fazendo. Hoje, se sou uma pessoa realizada, é por causa de todo o apoio e amor incondicional que recebi em casa, mesmo que, de vez em quando, eu me sentisse um pouco sufocado por isso. Sei que todos aqui tiveram pais maravilhosos, mães espetaculares, ou aquela pessoa especial, que serviu de pai e mãe ao mesmo tempo. Vivemos em uma época em que se fala muito de família, mas muitos não enxergam que existem famílias de todos os tipos, com apenas um dos pais, pais de cores diferentes das nossas, pais de mesmo gênero, pais solteiros ou pais adotivos. Não importa o tipo de família que você tem, o que importa de verdade é todo o amor que essas pessoas dedicam a nós, filhos. E por isso estou aqui hoje, em nome de todos os alunos, agradecendo a todos os tipos de famílias que sempre estiveram ali por nós, nos momentos de alegria, de tristeza, de estresse e de deleite. Obrigado por fazerem parte de nossas vidas e por nos ensinarem o caminho certo. Sem o apoio de vocês, nenhum de nós estaria aqui hoje.

Quando Lucas acabou seu discurso, foi ovacionado de pé pelas pessoas da plateia. Voltou para seu lugar, enquanto algumas pessoas ainda comentavam sobre o que tinha falado. Em seguida, ouviu uma

colega de classe fazendo o agradecimento aos amores. Ele não sabia até a última hora o que ia dizer e resolveu ouvir seu coração, para que não fizesse mais um discurso ensaiado. Na hora em que chamaram seu nome para que pegasse o diploma, ainda não entendia de onde todas aquelas palavras tinham saído.

A solenidade acabou e Lucas desceu do palco para cumprimentar os parentes e amigos. Ainda não tinha visto o pai em lugar nenhum, mas sabia que ele estava ali. Ouviu Igor chamando seu nome e foi na direção da voz, onde o garoto se encontrava com o delegado Hernandez e a própria mãe.

— O que disse foi lindo, obrigado — disse o pai.

— Você provou mais uma vez que delegados podem chorar — falou a mãe de Igor.

— O que eu disse também serve para você — disse o garoto. — Tem me tratado como uma verdadeira mãe e te amo de verdade.

— Eu também amo você — disse a mulher. — Eu nunca poderia ter pedido por filhos melhores.

— Lucas, acho que tem mais alguém esperando você — disse o pai.

O garoto virou para trás e encontrou Fortes parado, olhando a cena. Ele estava vestindo uma roupa social, porque tinha sido o professor homenageado da turma. Em suas mãos, estava o buquê de flores que havia recebido. Mateus Fortes parecia um sonho em forma de homem, um verdadeiro príncipe saído direto dos contos mais fantásticos. Um príncipe musculoso que Lucas amava de um modo que nunca imaginou.

— Parabéns pela formatura — falou ele.

— Obrigado — disse Lucas, dando um abraço em Fortes.

— Aquilo que você disse sobre todos os tipos de famílias era real?

— Sim, por quê?

— Porque quero constituir minha família ao seu lado — Fortes concluiu. — Lucas, quero ficar com você para sempre, quero me casar contigo. Sei que é cedo para pensar nisso, mas, por enquanto, você aceita oficialmente ser meu namorado?

O homem tirou do bolso uma caixa com um par de alianças, deixando os familiares do garoto de boca aberta. Lucas olhou para o pai, mas ele apenas sorriu. Daniel e Bernardo apareceram na hora e também ficaram olhando, enquanto Igor e Fernando secavam escondido as lágrimas que teimavam em cair dos olhos.

— É claro que eu aceito — disse Lucas. — Seu bobo, não

precisava disso, a gente já namorava de verdade.

— Eu sei, mas seu pai disse que depois da formatura a gente podia mudar os nossos status — disse ele, piscando o olho para o delegado.

Quando foram para o estacionamento, Fortes deu um beijo apaixonado no garoto. Não importava mais quem estava vendo, não importava mais nada. A única coisa importante naquele momento é que Lucas havia dito sim e ele queria gritar para todo mundo o quanto amava aquele garoto.

Depois de colocar as alianças e de receber os parabéns das pessoas que estavam observando, os dois foram para a sede da *Sociedade*, onde poderiam comemorar e dançar sua primeira valsa juntos. Ao chegarem, foram recebidos na porta por um garoto do primeiro ano, que tinha redescoberto a vida depois de se aceitar como era.

— Vou lá no andar de cima trocar de roupa — disse Fortes.

— Acho que não precisa, você fica bem sexy com esse terno — Lucas argumentou.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. E é um baile de formatura, devemos ficar bem vestidos.

Mateus deu um sorriso contente, porque sabia que, enquanto estivesse perto de Lucas, seu mundo pareceria completo. Aquela noite seria o começo do resto de suas vidas, vidas que ele desejava que fossem conjuntas. Sabiam que as coisas poderiam ser difíceis e que aquilo ainda estava bem longe de ser o final de verdade, mas o importante é que estavam dispostos a lutar todos os dias pela felicidade.



EPÍLOGO



Lucas estava na cozinha desde que tinha acordado, preparando para que tudo fosse perfeito. O Natal era seu feriado preferido no ano, mas, desta vez, tudo seria ainda mais especial. Era o primeiro ano em que a família passaria a data na casa onde ele agora vivia com seu marido, Mateus Fortes. Quando terminou a faculdade, o homem fez o pedido e ele obviamente aceitou. Eles eram o primeiro amor um do outro e pretendiam passar o resto da vida juntos.

Algumas semanas antes, Lucas tinha ido à casa do pai, com a desculpa de que ia vê-lo, mas já estava arquitetando seu plano. Foi um pouco difícil encontrar o que procurava, mas agora o caderno de receitas da mãe estava sobre a mesa da cozinha. Fazia questão de seguir cada passo, porque, se ele bem se lembrava, ela era uma cozinheira e tanto.

— O cheiro está bom — disse Mateus pela milésima vez.

Enquanto Lucas temperava e colocava as coisas no forno, Fortes picava os legumes e ajudava a arrumar a casa. Geralmente, era ele que cozinhava, mas Lucas fez questão de ele mesmo colocar a mão na massa.

— Você parece mais ansioso que eu — disse para Mateus.

— É óbvio que estou, minha mãe está vindo e você sabe como ela é — respondeu o homem.

Ele realmente sabia, a mulher podia ser um pesadelo quando queria. No dia em que se conheceram, ela olhou para ele como se fosse inferior apenas por existir, mas, aos poucos, conseguiu conquistá-la e agora ela parecia realmente gostar dele.

— Não estou tão preocupado assim com ela, é seu pai que me assusta — Lucas confessou.

— É claro que você não está preocupado — Mateus respondeu, revirando os olhos. — De todas as decisões que tomei na vida, casar com você foi a única certa, na opinião dela. Minha faculdade foi um erro, ser um policial é pior ainda, mas o docinho do Lucas nunca decepciona.

— Docinho? — ele perguntou, rindo.

— É como ela te chama quando não está perto, mas não diga que eu te contei.

Lucas deu uma risada e os dois continuaram cozinhando. Estavam juntos há quase seis anos, mas aquela imagem nunca ficava velha. Os dois continuavam apaixonados, vivendo a vida como se fosse um eterno conto de fadas. Os traumas do passado foram superados e ficaram para sempre enterrados. Agora, tudo o que queriam era viver essa união. Tinham tirado a sorte grande por encontrar um relacionamento tão saudável em um lugar tão improvável.

Quando tudo estava praticamente pronto, decidiram tomar um banho juntos. Em alguns instantes, a casa estaria cheia e eles estavam felizes em poder reunir a família em volta da mesa, agradecendo por mais um ano de união e felicidade. Sabiam que muitas pessoas não tinham a mesma sorte de ter com quem contar e isso era realmente lamentável. No dia seguinte, fariam um almoço na sede da *Sociedade do Urso Negro*, que era seu segundo lar, e era onde muitos dos garotos sem sorte comemorariam o dia. O local tinha sido oficializado como ONG, agora abrigava pessoas que tinham sido expulsas de casa e já tinha sedes em mais duas cidades. E todas as pessoas que trabalhavam para seu funcionamento eram antigos membros.

— Nossos convidados não devem demorar — disse Mateus quando saíam do banho.

— Eu sei, é uma pena que o Daniel não possa vir, porque viajou para esquiar com o Bernardo e o cunhado, mas pelo menos o Diego e o namorado saíram de São Paulo para passar o dia com a gente. Eu sei que o Diego é como seu irmão, igual o Igor é para mim, e ele sempre vai ser bem vindo na nossa casa. Seria uma besteira ele ir para um hotel, se temos um quarto de hóspedes tão grande.

— Obrigada, amor, isso é muito importante para mim.

Depois de se vestir com uma calça vermelha, camisa social branca e um gorro de Papai Noel, Lucas foi olhar o forno, para ver se o peru já tinha acabado de assar. Queria surpreender o pai com a receita, então tudo devia ficar no ponto. A mãe ainda fazia muita falta para os dois, mas Lucas estava feliz pelo pai ter encontrado uma nova companheira em Flora, porque não via pessoa melhor para ficar com ele.

A campainha tocou e Fortes foi recebendo os convidados, enquanto Lucas acabava de arrumar as coisas na sala de jantar. Quando Lucas chegou à sala, Diego e o namorado já estavam sentados no sofá. Sua família entrava pela porta.

— Filho, o cheiro está ótimo — cumprimentou o pai.

— Obrigado.

— O que aconteceu no pulso? — disse Hernandez, apontando os braços vermelhos de Mateus. Nada passava despercebido aos olhos do delegado.

— Não é nada, deve ser só uma alergia — respondeu ele, corando. A realidade é que ele e Lucas tinham usado suas alergias para inovar a relação na noite anterior.

— É melhor cuidar disso, antes que piore — disse Flora, dando um beijo em seu rosto.

Lucas foi cumprimentar Diego, fazendo questão de deixar o rapaz à vontade em sua casa. Não se viam há muito tempo e, mesmo mantendo algum contato pela internet, não havia nada melhor do que um abraço e palavras calorosas ditas pessoalmente. E Lucas queria fazer da noite a ocasião perfeita, mostrando que sua casa era um lugar onde as pessoas sempre se sentiriam confortáveis. Igor e Fernando ajudaram e estavam se enturmando com o namorado de Diego. Tudo parecia estar ficando bem.

A família Fortes chegou algum tempo depois. Mateus engoliu em seco antes de abrir a porta, mas fez uma expressão de calma quando eles entraram, como se nada o abalasse. Como sempre, a mãe dele fez questão de falar a primeira coisa que veio à sua cabeça:

— Vocês já deram uma olhada no site de adoção que eu mandei para vocês?

— Adoção? — Lucas perguntou, assustado.

— Já está passando da hora de vocês me darem netos — a mulher respondeu de modo prático, enquanto beijava os dois lados de seu rosto. — Ser gay não é desculpa para não ter filhos, existem milhares de métodos diferentes.

— Ainda não conversamos sobre isso, mãe — Fortes tratou logo de cortar o assunto. — A gente mal fez um ano de casamento.

— Pois deveriam pensar — ela disse, sem se convencer. — Sua prima já está grávida pela quarta vez e você está ficando para trás.

Após conversarem por mais um tempo na sala, foram todos para a mesa, onde começaram a ceia. O delegado se emocionou com o cardápio e todos elogiaram a comida. A noite estava indo de acordo com o planejado, mesmo com os comentários ácidos da mãe de Mateus. Lucas estava em silêncio, com os olhos marejados, olhando para todos ao redor da mesa.

— O que foi? — cochichou Mateus, que estava ao seu lado.

— Nada, só estou feliz — disse, emocionado.

— É, eu também estou — o homem respondeu, apertando sua mão por cima da mesa.

Os dois se aconchegaram mais perto um do outro e continuaram comendo. As pessoas ao redor da mesa comiam e conversavam, rindo e se divertindo. E eles não precisavam mais esconder seu amor perto delas. Eram uma grande família feliz e não havia nada de diferente do tradicional, porque o amor, o sentimento mais antigo, estava presente ali. Lucas havia sonhado com um momento daqueles durante toda sua vida e, agora que tinha chegado, não trocava aquilo por nada no mundo.



AGRADECIMENTOS

Comecei a escrever quando era bem novo, ganhei meu primeiro concurso literário em 2002, aos 11 anos. Mas foi com o livro *A Sociedade Secreta*, escrito em 2013, que eu descobri que era de fato um escritor. Esse livro foi o segundo romance gay que escrevi, o segundo livro desse gênero a ser postado na plataforma Wattpad Brasil, e o primeiro que narrava uma história entre um professor e um aluno. Na época, a história ultrapassou o número de 450 mil leituras.

De lá para cá, o livro passou por numerosas revisões, reedições e reescritas. Foi publicado em forma física, esteve duas vezes no Wattpad e chega à Amazon também pela segunda vez. É uma história extremamente importante para mim, que carrega anos da minha existência, então é um imenso prazer publicá-la.

Por isso, tenho que agradecer a todos os leitores que leram esse livro em algum momento, seja em 2013 ou em 2023. São mais de 10 anos de existência de *A Sociedade Secreta*, então fico imensamente grato por ter tocado a vida de tanta gente com esse livro.

A história do Lucas e do Mateus surgiu como uma brincadeira, mas logo se tornou o segundo livro que terminei. Na cronologia de tudo o que já escrevi, esse livro é o que tem a história que se passa há mais tempo, porque um dos personagens do primeiro livro que terminei se chama Bruno e apareceu brevemente nessa história aqui.

A Sociedade Secreta aborda temas bem pesados, como a violência e a homofobia. Sei que esse tipo de assunto nem sempre é retratado na literatura, mas, como devem ter percebido, gosto de trazer algumas discussões importantes nos meus livros. A literatura também pode ter a função de conscientizar e para mim isso é muito importante. Obrigado então aos amigos que leram essas partes com leitura sensível, para que eu pudesse trazer algo importante de forma leve.

Eu comecei a escrever esse livro porque, na época, a literatura brasileira era escassa de livros com representatividade LGBTQIAP+. As histórias que existiam geralmente tinham finais tristes, então eu queria escrever as minhas próprias, com finais felizes. Hoje, temos centenas de autores brasileiros que escrevem sobre esses temas e agradeço também a cada um deles. Não é fácil ser autor desse tipo de literatura no Brasil, mas estamos juntos, obrigado por continuarem abrindo tantas portas para nós.

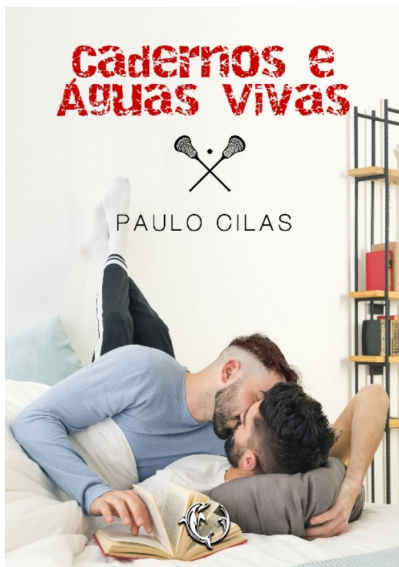
Por fim, agradeço a você, leitor, mesmo que esteja me conhecendo agora, através dessa história. Não sou um autor novo, como alguns pensam, mas a literatura se renova a cada dia. E são os

livros que me dão vida, então muito obrigado por apoiar meu trabalho.

Um grande abraço a todos e um tchauzinho de miss.

Paulo Cilas.

CONHEÇA TAMBÉM



Cadernos e Águas Vivas:

Jared Cameron só quer se dedicar a seus estudos. Entrar em uma das melhores faculdades do país não foi uma tarefa fácil, então tudo o que ele quer é ser um dos melhores alunos do curso de direito, porque esse é o primeiro passo em seu grande plano de carreira.

Hunter Taylor é a estrela do time de lacrosse da faculdade. Sempre foi um aluno dedicado em sua antiga escola e suas notas foram as responsáveis pela aprovação na faculdade, mas a rotina de jogos e de treinos fez com que seu desempenho universitário ficasse bem abaixo do esperado.

Quando as notas vermelhas de Hunter ameaçam sua estadia no time, a solução é encontrar um tutor para ajudá-lo na matéria. E quem melhor que o melhor aluno da sala? Jared pode ser meio nerd e silencioso, mas, com o incentivo correto, as coisas podem acabar dando certo.

O grande problema é que Jared não vai nem um pouco com a cara de Hunter. O jogador famosinho e irresponsável não é a companhia que ele chamaria de ideal, então esse arranjo tem tudo para terminar em desastre.

Leia em: <https://a.co/d/0ibdVQ3>



Operação Resgate de Emergência:

O Cabo Cesário Santi não é o tipo de pessoa que se abre muito com os outros, nem mesmo com Mendes, seu parceiro na polícia, então ele próprio se surpreende quando aceita sair com aquele bombeiro que conheceu na cena de um acidente.

Sargento Evandro Godoy é o modelo de homem que vai atrás do que quer, então não perde tempo antes de convidar aquele policial sexy para tomar uma bebida em seu dia de folga.

Os dois homens possuem gostos parecidos e são apaixonados por suas carreiras militares, então logo começam a se dar bem, tanto na cama quanto no dia-a-dia. Mas então são surpreendidos por aquela tragédia.

Uma operação emergencial de resgate, com muitas possíveis vítimas, vai unir ainda mais ou quebrar o que esses homens construíram?

Leia em: <https://a.co/d/5xBRWAQ>



Tudo por um Lance:

Raí não era fã de nenhum tipo de esporte, mas sua melhor amiga, Carine, acabou arrastando o rapaz para assistir a um jogo de futebol americano, ou rúgbi, ele não sabia bem. Além de não entender nada de esportes, nem sabia que aquele era praticado no Brasil.

O primo de Carine, Douglas, era jogador de um dos times e pediu para a garota espiar o vestiário dos rivais, para ver se descobria algumas estratégias que seriam usadas. Por causa de

sua estatura baixa, a garota acabou não alcançando a janela e foi Raí que teve que espiar. Mas o que viu no lado de dentro foi algo totalmente diferente do que esperava.

O homem mais bonito que Raí já tinha visto estava só de toalha e se preparava para o jogo. O corpo, os músculos e o rosto de Gael, o jogador, ficaram gravados na mente do rapaz. Na perspectiva de encontrá-lo mais uma vez, Raí começou a se interessar pelo esporte. Talvez Gael nem fosse gay, mas ele precisava ver aquele homem mais uma vez, mesmo que não tivesse a mínima chance de ficar com ele.

Leia em: <https://a.co/d/d79Hmj>

Me acompanhe nas redes sociais para saber das novidades e dos futuros lançamentos:



<https://www.instagram.com/autorpaulocilas/>



<https://www.wattpad.com/user/PauloCilas>



<https://twitter.com/PauloCilas>